Flórion

O DOMÍNIO DA CONSCIÊNCIA

ENSINAMENTOS DE JUAN MATUS NA OBRA DE CASTAÑEDA

Compilação do conhecimento
dos mestres-feiticeiros toltecas
sobre a totalidade do ser
e a manipulação da consciência

RESUMO

Este trabalho de compilação dos ensinamentos transmitidos pelo antropólogo Carlos Castañeda, com base em um de seus personagens principais, o mestre-feiticeiro Juan Matus, destila elementos aprimorados da doutrina dos toltecas do México antigo sobre a *consciência* e a *percepção*: as *mestrias* da *consciência* e do *espírito* e as *artes* de *espreitar* e de *sonhar*. Enfatiza *a recapítulação* de eventos existenciais, a parada no *diálogo interno* e a morte, como recursos especiais no *caminho do conhecimento*, e as facetas do *homem de conhecimento* na sua busca pela *liberdade total*: o *caçador* que busca o *conhecimento*, o *guerreiro* que luta por ele, o *feiticeiro* que o manipula, o *vidente* que o percebe. O modelo cognitivo-comportamental, revelado por Juan Matus, de maneira fragmentada (no tempo e no espaço), e aqui unificado (no tempo e no espaço), está embasado na *manipulação* do *ponto de aglutinação* e na *consciência* da *totalidade do ser* . Esta nova organização da feitiçaria dos toltecas foi um dos segredos "guardados por si mesmos" durante anos, nas obras de CASTAÑEDA, e se destina ao novo ciclo de *feiticeiros-videntes,* guerreiros ou caçadores de poder.

Palavras-chave: xamanismo - feiticeiros - guerreiros - consciência - percepção - comportamento - auto-disciplina

Não somos aquilo que somos capazes de escolher,
mas aquilo que temos capacidade de atingir.[7:72]

Juan Matus

SUMÁRIO

PRÓLOGO

1 A obra de Castañeda

Carlos Cesar Castañeda Aranha (25/12/1935-27/04/1998), mestre e doutor em antropologia, nasceu em Juqueri (município do Estado de São Paulo, próximo à capital), filho de adolescentes, sendo criado por sua tia Ângela, que veio a falecer quando tinha seis anos. Viveu com os pais e com a avó Noha, dois ou três anos, após o que decidiram enviá-lo a um internato em Buenos Aires (Argentina), e, mais tarde, aos Estados Unidos. Tinha 15 anos quando chegou a São Francisco, em 1951, para viver com uma família adotiva, enquanto completava seus estudos na *Hollywood High School* - onde conheceu Bill que, anos depois, apresentou-lhe Juan Matus.

De 1955 a 1959, assistiu a vários cursos profissionalizantes no *City College de Los Angeles* sobre criação literária, jornalismo e psicologia. Em 1959, decidiu naturalizar-se americano, adotando o nome de Carlos CASTAÑEDA (sobrenome da mãe, peruana) e ingressando na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, onde se graduou em antropologia três anos mais tarde.

Em 1960, na condição de estudante de antropologia na Universidade da Califórnia (Los Angeles), havia iniciado uma pesquisa sobre plantas medicinais utilizadas pelos índios do sudoeste americano, como objeto de pesquisa para sua tese de mestrado. Foi nessa época o encontro com o índio *yaqui* chamado Juan Matus, que durante cinco anos lhe ensinou conhecimentos secretos sobre as plantas alucinógenas e o iniciou nos mistérios dos novos videntes.

Dessa fase resultaram um trabalho não publicado, sob o título *Os Ensinamentos de Dom Juan: Um método Yaqui do Conhecimento,* mencionado em *Uma Estranha Realidade* (p. 11) e uma interrupção no aprendizado. Nos anos seguintes, Castañeda plenamente integrado ao mundo acadêmico, continuou seus estudos de antropologia na Universidade de Los Angeles e publicou, em 1968, o seu primeiro livro *The Teaching of Don Juan* (*A Erva do Diabo,* no Brasil, 1974), sua dissertação de mestrado.

Ao receber os primeiros exemplares da publicação, Castañeda sentiu-se na obrigação de mostrar a Don Juan o que havia feito com seus ensinamentos. O livro não causou nenhuma emoção em Don Juan, que apenas o folheou "como se fosse um baralho" e o devolveu; entretanto, deu início a um novo ciclo de aprendizagem, ainda reforçado no uso de plantas e misturas alucinógenas, que levariam o aprendiz a novos conceitos sobre a realidade e o comportamento de guerreiro, cujas instruções preliminares terminaram em fins de 1970, transformando-se, no ano seguinte, no livro *A Separate Reality* (*Uma estranha realidade*, no Brasil, em 1974).

Alguns meses depois dessa nova interrupção do aprendizado, Castañeda passou a reexaminar seu trabalho naqueles últimos dez anos, abandonando sua suposição original de que as plantas alucinógenas eram essenciais para uma nova descrição do mundo. Em 1972, após três tentativas, aquelas partes desprezadas pelo escritor, que não pertenciam ao uso de plantas ou misturas, foram incorporadas no âmbito total dos ensinamentos de Don Juan, e reunidas no livro *Journey to Ixtlan* (*Viagem a Ixtlan*, no Brasil, 1974), que se tornou sua tese de doutorado, em 1973, ano da morte de seu mestre.

Em 1974, ainda sob profunda desordem emocional, provocada pelo desaparecimento de Juan Matus, Castañeda reune os últimos ensinamentos do mestre e apresenta o segredo dos seres luminosos no livro *Tales of Power* (*Porta para o infinito*, no Brasil, 1975).

Passaram-se alguns anos, antes que Castañeda voltasse a escrever. Nesse tempo, dedicou-se a esclarecer pontos obscuros e conflitantes de seu aprendizado, procurando os outros aprendizes de Don Juan, aos quais foram deixados partes do conhecimento sobre o domínio da consciência. A partir de um conflituoso reencontro dos aprendizes, cujos eventos inspiraram um novo livro, publicado em 1977: *The Second Ring of Power* (*O segundo círculo do poder*, no Brasil, 1978), Castañeda foi avaliado para ser o líder do grupo – formado por outros nove aprendizes: Soledad; Maria Helena (Gorda); Lídia, Rosa e Josefina (as irmanzinhas), Elígio, Benigno, Nestor e Pablito (os Genaros) – o que não foi aceito pela maioria, que preferiu viver suas vidas livremente.

Até essa época, Castañeda era um professor acessível, fazia palestras, ministrava cursos, concedia entrevistas e era dado a festas universitárias. Após os sucessivos reencontros tumultuados com os aprendizes, com os quais tinha uma missão indesviável, Castañeda entrou de corpo inteiro na "feitiçaria" e tornou-se inacessível, guiado apenas pelo sistema de crenças de Juan Matus, por sua visão do mundo e pelos ideais dos novos videntes.

Decepcionado com a separação do grupo, Castañeda voltou a Los Angeles e fez uma revisão completa de tudo o que havia aprendido, iniciando um novo livro, publicado em 1981, *Eagle's gift* (*O presente da Águia,* no Brasil*,* no mesmo ano*),* a partir do qual passaria a registrar os eventos à medida em que eles fossem acontecendo. Na primeira parte, a separação do grupo; na segunda, o reencontro com Maria Helena (Gorda), que lhe ajudou na revisão e, por fim, na tarefa de lembrar dos guerreiros do grupo de Don Juan e de seu regulamento, quando se começa delinear a história desse sistema de crenças milenar com as informações de Florinda Matus, encarregada de completar a última parte do treinamento, ensinando-o a recapitular.

Durante três anos, Castañeda trabalhou na recapitulação dos ensinamentos e técnicas aprendidos com os guerreiros do grupo de Juan Matus, lançando mais luzes sobre as raizes desse sistema de crenças, com ênfase para a elucidação do domínio da consciência. Em 1984, um novo livro foi publicado: *The fire from within* (*O Fogo interior*, no Brasil, 1985).

O trabalho de recapitulação continuava, levando Castañeda a uma revisão intelectual do pensamento xamânico do México antigo, em seus aspectos mais abstratos, estimulando-o a publicar, em 1987, o livro *The power of silence* (*O poder do silêncio*, no Brasil, 1989), contendo os primeiros oito dos 21 *cernes abstratos*, que compõem, em seus três conjuntos, os ensinamentos sobre o *conhecimento silencioso* ou do *espírito*.

Durante quinze anos (1973 a 1988), Castañeda dedicou seu tempo a recapitular os ensinamentos de Don Juan, procurando preencher os vazios ainda existentes em seu aprendizado. Com essa finalidade, reordenou todas as lições de Don Juan sobre o *sonhar*, publicando o que faltava, em 1993, sob o título *The art of dreaming* (*A arte de sonhar*, no Brasil, no mesmo ano). Nesse livro, Castañeda apresenta quatro dos sete portões do sonhar, o emissário do sonho, os batedores, o desafiador da morte; menciona o seu próprio grupo, ou seja, o segundo grupo de aprendizes, formado por Florinda Donner, Taisha Abelar e Carol Tiggs, até então, mantido em segredo.

Os aspectos práticos e funcionais (exercícios) da destreza e flexibilidade de um guerreiro saudável, foram revelados ao público em 1998, no livro *Magical Passes* (*Passes mágicos*, no Brasil, 1998).

Por essa época, Castañeda concluiu também um novo processo de refinamento das lições de Don Juan, revisitando suas próprias obras, até 1987, para recolher citações sobre a vida, a morte e o universo. Elas constam do livro lançado em 1998: *The wheel of time* (*A roda do tempo*, no Brasil, 2000), que apresenta ainda comentários sobre essas publicações.

Em uma entrevista a Carmina Fort, publicada em 1991 *(Conversando com Carlos Castañeda),* este revelava que para completar os ensinamentos de Don Juan, ainda faltavam dois volumes, a serem publicados. Realmente, em 1993, foi publicado *The art of dreaming* (*A da arte de sonhar),* enquanto o outro esperaria o momento certo.

Possivelmente, prevendo seu desaparecimento e sendo o último da linhagem de Don Juan, Castañeda preparou o que veio a ser seu último livro, concluído antes de sua morte em 27 de abril de 1998, aos 72 anos. Um livro que apresenta uma coleção de eventos memoráveis de sua existência como preparação para enfrentar a *viagem definitiva*, que se faz ao final da vida. Essa preparação, que era um aspecto dos ensinamentos ainda não plenamente elucidados, foi relatada no livro *The Active side of infinity*, 1998 (*O lado ativo do infinito*, no Brasil, 2001).

Segundo o jornal Los Angeles Times, Castañeda faleceu na sua casa em Westwood, Califórnia, padecendo de câncer no fígado. Coerente com seu modo de vida, morreu como viveu "em meio à calma, o segredo e o mistério". Sua morte só foi anunciada algumas semanas depois, pelo advogado encarregado da execução de seu testamento, em que exprimia seu ultimo desejo; que o corpo fosse cremado e as cinzas espalhadas num deserto mexicano, onde os guerreiros do conhecimento um dia se encontraram.

2 Os ensinamentos de Juan Matus

Juan Matus (1891-1973), mestre-feiticeiro, agricultor, nascido em Yuma, no Arizona, era filho de um índio *yaqui* de Sonora (México) e de uma índia *yuma* do Arizona (EUA). Aos dez anos, em meio às guerras endêmicas de *yaquis* contra mexicanos, sua mãe foi brutalmente assassinada e seu pai capturado pelo exército mexicano, quando se dirigiam a Sonora. Ele e o pai foram levados para uma reserva no extremo sul, no Estado de Yucatan, onde cresceu, trabalhando nas plantações de tabaco.

Um dia, já aos vinte anos de idade, entrou numa briga com um colega, por causa de dinheiro, e acabou levando um tiro no peito, que poderia tê-lo matado, não fosse o cuidado que lhe foi dispensado por um velho índio. Foi assim que ele conheceu o mestre-feiticeiro Julian Osório, que lhe ensinou o sistema cognitivo dos antigos xamãs toltecas e a mestria da consciência dos novos videntes, que, por sua vez, havia recebido de outro mestre-feiticeiro, Elias Ulloa. O domínio da arte de manipular a consciência e suas práticas e técnicas milenares foram revistas e expurgadas pelo *nagual* Sebastian, em meados do séc. XVIII, sob orientação de um desconhecido mestre-feiticeiro tolteca, o desafiador do morte. Os ensinamentos de Juan Matus são o resultado de um refinamento cognitivo-comportamental desse antigo conhecimento de mais de 25 gerações.

> "Séculos antes da chegada dos espanhóis ao México, havia extraordinários videntes toltecas, homens capazes de feitos inconcebíveis. Eram o último elo de uma cadeia de conhecimento que se estendia por milhares de anos."

> "Os videntes toltecas eram homens extraordinários: poderosos feiticeiros, homens sombrios e determinados que desvendaram mistérios e possuíam um conhecimento secreto que usavam para influenciar e dominar pessoas, fixando a consciência de suas vítimas no que quer que escolhessem."

"Os videntes toltecas conheciam a arte de manipular a consciência."

"O modo como os toltecas começaram a seguir a trilha do conhecimento foi consumindo plantas de poder. Motivados pela curiosidade, pela fome ou pelo erro, eles as comiam. Depois que as plantas de poder produziram seus efeitos sobre eles, foi apenas uma questão de tempo alguns deles começarem a analisar suas experiências." (Matus *apud* Castañeda, *O fogo interior,* 1985, p. 14-16)

Segundo Dom Juan, esses homens de conhecimento viviam em extensa área geográfica, ao norte e ao sul do vale do México, trabalhando em linhas específicas, como as de curar, enfeitiçar, contar histórias, dançar, atuar como oráculos, preparar comida e bebida. Esclareceu que alguns daqueles homens, com a ajuda das plantas de poder, haviam aprendido o significado de *ver* e passaram a propagar esse conhecimento, ampliando o número de videntes. Obcecados pelo que viam, cheios de reverência e temor, eram capazes de ver e de exercer grande controle sobre suas contemplações, mas de nada adiantava, pois se desviavam do caminho do conhecimento.

"[...] os videntes que podiam apenas *ver* eram um fiasco, e quando a terra em que viviam foi invadida por um povo conquistador, ficaram tão indefesos como todos os demais.

"Aqueles conquistadores tomaram o mundo tolteca, apropriaram-se de tudo, mas nunca aprenderam a *ver.* Porque eles copiaram os procedimentos dos videntes toltecas sem possuírem seu conhecimento interior. Até o dia de hoje, há muitos feiticeiros por todo o México, descendentes daqueles conquistadores [outros índios], que seguem os modos toltecas, mas não sabem o que estão fazendo ou sobre o que estão falando, porque não são videntes.

"Depois que o mundo dos primeiros toltecas foi destruido, os videntes que sobreviveram retiraram-se e começaram um exame sério de suas práticas. A primeira coisa que fizeram foi estabelecer que a *espreita,* o *sonho* e a *intenção* eram os procedimentos-chave, e reduziu-se a importância do uso de plantas de poder...

"O novo ciclo estava justamente começando afirmar-se quando os conquistadores espanhóis devastaram a terra. Felizmente, por essa época os novos videntes estavam criteriosamente preparados para enfrentar esse perigo. Eram já praticantes consumados da arte de *espreitar*." (Matus *apud* Castañeda, *O fogo interior,* 1985, p. 17-18)

Os tempos de subjugação espanhola, paradoxalmente, proporcionaram circunstâncias favoráveis para o aperfeiçoamento da arte de manipular a consciência, enquanto tomavam precauções para evitar que fossem exterminados. Assim, ao final do século XVI, surgiram as diversas linhagens individuais, voltadas para aspectos específicos do conhecimento. Segundo Juan Matus, sua linhagem, que enfatizava a *espreita*, a *intenção* e o *sonho*, consistia de 14 mestres-feiticeiros e 126 videntes e se tornara excepcional a partir de 1723. Nos anos seguintes, o mestre-feiticeiro Sebastian, sob a influência de um desconhecido velho tolteca, revisou as práticas bizarras dos antigos videntes, relegadas ao esquecimento, revelando uma nova perspectiva sobre elas e o conhecimento detalhado de cada uma, desenvolvidas pelos mestres-feiticeiros Santisteban, Lujan e Rosendo.

Outro personagem importante na consolidação dessa fase, foi o índio Elias Ulloa, criado por um padre jesuíta (com quem aprendeu a ler e escrever), então seduzido por uma feiticeira, Amália, e levado ao misterioso mestre-feiticeiro Rosendo, que o introduziu no caminho do conhecimento pela prática do *sonhar.*

Como mestre-feiticeiro, Elias também teve seus aprendizes, entre os quais se destacou o ator Julian. Este se tornou mestre de Juan, Genaro Flores, Florinda Matus e outros, que, por sua vez, ensinaram ao escritor e antropólogo Carlos Castañeda a mestria da consciência, tornando-o o último mestre-feiticeiro desse ciclo.

3 Uma aprendizagem paralela

O autor desta *compilação* não é nenhum especialista na obra de Castañeda e muito menos nos ensinamentos de Juan Matus. O que pretende, neste estudo, é reproduzir aspectos centrais do pensamento dos *novos videntes*, relacionados aos domínios da *consciência*, da *espreita*, do *espírito* e do *comportamento do guerreiro*, experimentados no cotidiano de uma vida urbana. É o resultado de um aprendizado solitário, sem uso de plantas alucinógenas, que começou em 1974 com os livros *Uma estranha realidade,* seguido pelo *Viagem a Ixtlan* e pelo *Erva do Diabo.* As experiências que se seguiram mudaram a minha visão do mundo e da realidade, então influenciadas por conhecimentos esotéricos hindu, chinês e japonês, numerologia, sufismo, alquimia, tarô etc.

Nessa época, eu andava a procura de um mestre que pudesse me conduzir a outras dimensões espirituais e saciar minha sede de *conhecimento*. Diziam os antigos que, estando pronto o discípulo o mestre aparece, de alguma forma. E foi nos livros de Castañeda que reconheci o meu instrutor de uma nova consciência, Juan Matus, que me levou a *ver* o mundo sob outra abordagem. Esse *conhecimento* ampliou minhas concepções do *caminho do guerreiro* e da *totalidade do ser*, já vislumbrados em outras obras, dando-lhe um sentido prático, que até então desconhecia.

Em 1975, foi lançado no Brasil o livro *Porta para o infinito*, em que Juan Matus revelava o segredo do *tonal* e o *nagual* e se despedia de seus aprendizes. Seu desaparecimento trouxe uma certa ansiedade, que só teve fim, em 1978, quando, misteriosamente, numa livraria, encontrei o livro *O segundo círculo do poder*, que me deu o impulso necessário para continuar estudando os *ensinamentos* de Don Juan, e, a partir da *recapitulação* de Castañeda, elaborar uma síntese desse *conhecimento*.

Cada livro publicado tinha uma conotação especial. Chegava na hora certa, em meio a acontecimentos marcantes, de modo inusitado, e me conduzia sempre a uma outra etapa do aprendizado. Foi assim que, a partir de *O presente da Águia* (1981) resolvi fazer a minha própria *recapitulação*, seguindo os *ditames do poder*.

Em 1985, após o estudo de *O fogo interior*, iniciei o fichamento dos *ensinamentos* de Don Juan, que julgava essencial para compreender seu sistema cognitivo, reunindo suas citações e os comentários explicativos de Castañeda e dos outros membros do grupo. Esta fase terminou em 1989, com *O poder do silêncio,* em que são apresentados alguns princípios *abstratos* e uma noção específica sobre o *intento*. Este livro trouxe uma concordância com o que estava fazendo, dando as primeiras diretrizes desta *compilação*:

> "É claro que você não é um escritor, portanto terá de usar de feitiçaria. Primeiro, precisa visualizar suas experiências como se estivesse revivendo-as e então deve *ver* o texto em seu *sonhar.* Para você, escrever não será um

exercício literário, mas antes um exercício de feitiçaria." (Matus *apud* CASTAÑEDA, *O poder do silêncio,* 1989, p. 15)

Um ano depois de encerrado o fichamento, na verdade, um emaranhado de fichas com citações e comentários, foi realizado um esforço de sistematização, numa tarefa orientada, sempre, pelos *impulsos do poder*. O lento trabalho de seleção e organização dos pensamentos, que se adequassem a uma continuidade discursiva regular, resultou num esboço do conteúdo teórico das práticas de Juan Matus, dividido em partes complementares. Como haviam inúmeras lacunas com as quais não sabia lidar, paralisei os trabalhos e pacientemente esperei por mais dois anos, até que o *intento* de Juan Matus se manifestasse novamente, como aconteceu com *A arte de sonhar* (1993) e com o livro *Sonhos Lúcidos,* de Florinda DONNER (companheira de Castañeda e membro de seu grupo, ligada a Florinda Matus), que enfatizava o processo da *atenção sonhadora* na sondagem do *desconhecido* em busca de concepções alternativas da realidade.

Desse ano em diante, fiquei sem saber o que fazer com aquele material. Aguardava um *insight* ou uma *indicação do poder*, o que não ocorreu com a publicação de *Passes mágicos* (no início de 1998), ainda que trouxesse novos ensinamentos. Continuei na espera, pois algo em mim dizia que fatos posteriores elucidariam a minha tarefa, de modo que pudesse conclui-la. Tinha convicção de que ainda faltavam dois livros para completar os *ensinamentos* de Juan Matus, e nesses talvez encontrasse o *sinal do poder* e o caminho a seguir.

O sinal veio com a notícia da morte de Castañeda, em abril de 1998, trazendo consigo um certo vazio e a expectativa de que, por ser um mestre-feiticeiro impecável, teria tomado providências para que um livro final sobre seu aprendizado com Don Juan e sua linhagem fosse publicado. Nesse ano, pelos jornais, fiquei sabendo que dois livros novos foram lançados nos Estados Unidos e na Europa, um antes de sua morte e outro depois.

A espera pela *indicação do poder* durou mais dois anos, até o lançamento de *A roda do tempo* no Brasil (2000) – um trabalho de seleção semelhante ao empregado por este *compilador*, recebido como uma concordância com o que estava sendo feito. Mas como faltava o livro final, esperei mais um tempo, até o lançamento de *O lado ativo do infinito* (2001, no Brasil), que veio como estímulo para continuidade do trabalho, pois tratava-se também de uma *coleção de eventos memoráveis* sobre o aprendizado – enfatizando a existência de uma *instalação alienígena* na mente humana, já esboçado em *Passes mágicos*.

Nos dois anos seguintes, fiz várias tentativas de sistematização, sem sucesso, pois ainda não conseguia vislumbrar o modo de fazer, que não dependia só de minha *vontade*. Estava nesse impasse, quando me veio à mente o livro *Bringers of the Dawn (Mensageiros do amanhecer)*, de Barbara MARCINIAK (1992)* que adquiri em 1996 e não li com profundidade à época, constatando apenas que aqueles ensinamentos "pleiadianos" se ajustavam perfeitamente à *totalidade do ser* apresentada por Don Juan, na faixa de outros mundos.

Voltei à obra, e já na *Introdução*, percebi como seria o procedimento a seguir. Estava lá descrito, com todas as letras – o mesmo processo que tinha empregado durante os 19 anos de estudos sobre o *conhecimento* de Juan Matus – assim definido pelos "pleiadianos" com os quais MARCINIAK havia trabalhado:

---

* MARCINIAK, Barbara. *Mensageiros do amanhecer: ensinamento das Plêiades*. Trad. Cláudia Silveira Corrêa. São Paulo: Ed. Ground, 1996.

"[...] Você vai compreender a importância do livro, porque terá uma experiência individual ao criar para outras pessoas um caminho dentro da realidade delas baseado na mudança de sua própria realidade, permitindo que sentenças e contextos diferentes sejam movimentados através de você para formar uma nova ordem. Isto é muito difícil para quem não confia. Confiança é a chave absoluta. Não há nada mais que você possa procurar nesse processo. [...] Tudo acontecerá de acordo com as suas intenções.

"A sua parte nisso é estipular o que deseja e simplesmente deixar as informações fluírem. Esse livro fará a sua própria ordem [...] Você sentirá um sopro em sua mente". (*Marciniak*, 1996, pp. 13-14)

Satisfeito com o achado, logo tratei de iniciar a obra, confiante nos *desígnios do poder*, mas o trabalho não prosperou. Em setembro de 2003, ainda sem saber como fazer com as centenas de fichas, em que anotava suas citações (diretas e indiretas), e com o espírito envolto em grande angústia e ansiedade, *intentei*, num *sonho*, mandar um *batedor* ao mundo dos *seres inorgânicos* para saber das instruções. E elas vieram. A nova tarefa de *feitiçaria* consistia em realinhar os *ensinamentos* contidos nas fichas numa ordem sistêmica, executada em *consciência intensificada*, ao nível da *terceira atenção,* com a participação do velho índio *desafiador da morte*, a supervisão de Juan Matus e assistência dos outros mestres-feiticeiros, especialmente Carlos Castañeda. Gastei quase um ano para entender o que isso significava, mas quando finalmente percebi, tudo se iluminou, e a tarefa de seleção e digitação desenvolveram-se ininterruptamente em pouco mais de sessenta dias, em novembro/dezembro de 2004.

4 Da compilação

A *compilação* reune o pensamento, a doutrina e a prática de um modelo cognitivo-comportamental capaz de atuar para além dos limites da mente comum, a partir da auto-disciplina, do conhecimento da *totalidade do ser* e do domínio da *consciência*. Os *ensinamentos* de Juan Matus foram extraídos de vários momentos relatados nos livros de CASTAÑEDA e sistematizados em subtemas, enfatizando os aspectos mais importantes, sem perder em originalidade, autenticidade e estilo. Em resumo, esta *compilação* é o coroamento de um *trabalho de feitiçaria*, de quase vinte anos, cujo objetivo principal é destilar e reunir o *conhecimento* transmitido pelo mestre-feiticeiro, conforme ele mesmo delineou.

No *corpus* desta *compilação* foram adotados alguns dispositivos e critérios, tendo em vista os objetivos do *trabalho.* As citações diretas (texto endentado) e indiretas (texto normal) estão acompanhadas de referências bibliográficas (indicando os números da obra e da página utilizadas, em sobrescritos) e de paráfrases entre colchetes, em alguns casos, para melhor ajustamento do contexto, mas sem alterar seu conteúdo. Como nos títulos e subtítulos, nas paráfrases foram utilizadas termos e expressões constantemente empregados por Dom Juan. Em alguns ensinamentos foram feitas mudanças no tempo do verbo para adequá-los ao presente, mas sempre respeirtando a literalidade dos extratos.

Outro aspecto que se destaca, a título de esclarecimento, é a normalização de termos e expressões diversamente empregados ao longo do tempo, de forma a torná-los mais definitivos e precisos. Nesta *compilação* a palavra *nagual* não é empregada para qualificar/identificar o praticante de feitiçaria – nagual tal, o tal nagual – um apelido para o ser duplo com seu *corpo energético* bem desenvolvido, que lidera um grupo de feiticeiros ou conduz os aprendizes. Nesses casos, utilizou-se a expressão *mestre-feiticeiro,* resguardando a concepção original do termo, que significa a parte indescritível do ser humano que contém tudo o que há no universo.

Quatro propósitos, pelo menos, justificam a realização deste *trabalho*: • reunir os elementos essenciais da doutrina de Juan Matus, destilando seus *ensinamentos* e revelações, num todo coerente, linear e normalizado; • oferecer um modelo de auto-disciplina e uma visão não-comum da *totalidade do ser*, que pode alçar uma pessoa para além dos limites da mente racional; • disponibilizar, àqueles que conhecem a obra de CASTAÑEDA, uma releitura direta do pensamento de Juan Matus, sem que se percam o estilo, a poesia e a ulteridade do texto original; e aos pesquisadores, uma referência bibliográfica para seus estudos. • proporcionar *conhecimento* àqueles que buscam sentido para suas vidas, explicações para a existência e a magia de viver, a partir do que podem fazer os *feiticeiros* e *videntes* de hoje em dia.

Os conceitos, formulações, procedimentos funcionais, filosofia, crenças, elucidações, técnicas e explicações, apesar de espalhados pelos doze livros de Castañeda (em função de seu aprendizado e do momento crucial da sua linhagem de *feiticeiros*), foram reunidos em uma seqüência apropriada à *primeira atenção*, surpreendentemente, com o mínimo de esforço mental e o máximo de eficiência física, devo registrar.

A obra de CASTAÑEDA permite várias leituras, podendo ser olhada como uma obra de ficção sobre aprendizado em *feitiçaria*; como um relato de experiências xamânicas – envolvendo plantas alucinógenas (cuja ênfase foi menosprezada por Don Juan), a arte corporal dos *passes mágicos* e outras experiência sensoriais – ou como um estudo antropológico de xamanismo... estas as mais comuns.

Este trabalho de *compilação*, entretanto, descortina duas leituras novas, resultantes da vivência dos mesmos *ensinamentos* em contextos e circunstâncias culturais e sociais diferentes dos vividos por CASTAÑEDA, os mestres-feiticeiros e os aprendizes. Os *conhecimentos de* Juan Matus sobre a existência humana, conteúdo essencial da obra, são apresentados como doutrina do *domínio da consciência* e como um conjunto de regras, normas e recursos comportamentais, adequados às várias facetas mágicas que um *homem de conhecimento* pode adotar ou acumular, dependendo das circunstâncias e de suas necessidades: ora se é o *caçador* que busca o *conhecimento*, ora o *guerreiro* que luta por ele, ora o *feiticeiro* que o manipula, ora o *vidente* que o percebe (todos eles *sonhando* ou *espreitando*).

O modelo cognitivo-comportamental, revelado por Juan Matus, de maneira fragmentada (no tempo e no espaço), e aqui unificado (no tempo e no espaço), é capaz de alterar a interpretação comum da realidade e induzir um comportamento impecável e digno em quem se propõe a, sinceramente, buscar o desenvolvimento de suas forças superiores ou das habilidades cognitivas. Essas novas leituras foram alguns dos segredos "guardados por si mesmos" durante anos, na obra de CASTAÑEDA.

A seleção de citações de Juan Matus não é novidade no mundo editorial. O próprio CASTAÑEDA, como vimos, em 1998, antes de morrer, ensaiou uma coletânea delas em seu livro *A Roda do Tempo*, sobre a vida, a morte e o universo. Segundo ele,

> "... as citações estavam em si mesmas imbuídas com um ímpeto extraordinário [...] revelavam uma seqüência oculta de pensamento que antes nunca ficara evidente para mim."

É o que aconteceu com este *trabalho*. A força do *intento* de Juan Matus e do velho *desafiador da morte* facilitou a tarefa de selecionar e sistematizar os elementos básicos dos três *níveis de consciência*, de forma que, pessoas especiais escolhidas pelo *intento*, entre os milhões de leitores de CASTAÑEDA, ao lerem e *recapitularem* seus *ensinamentos*, entenderiam seus significados maiores.

"... não importa o que se revela e o que se guarda para si. Tudo o que fazemos, tudo o que somos, reside em nosso poder pessoal. Se temos o suficiente, uma palavra que nos for pronunciada pode ser suficiente para mudar o rumo de nossas vidas. Mas, se não tivermos o suficiente, o fato de sabedoria mais magnífico nos poderá ser revelado sem que tal revelação faça a menor diferença. (Juan Matus, *Portas para o infinito)*.

5 A manifestação do *nagual*

Um fato que merece destaque, por seu caráter de concordância com o que está sendo feito, são as inquietações que me assaltaram na fase final do *trabalho*, e que foram elucidadas por um *aliado* (uma bola de plástico com faixas coloridas que circulava livremente pelas dependências da casa). Se a *compilação* de citações de Juan Matus e Castañeda não é novidade no mundo editorial, será que não existem outras semelhantes? Que provas tenho eu de que a nossa *compilação* tem a concordância dos mestres-feiticeiros desta linhagem? O que fazer com esta compilação, que resultou de um aprendizado solitário iniciado já na *segunda atenção*, nos domínios do *nagual*, mas em circunstâncias diferentes das de seus aprendizes? Qual o meu *script* nessa história de *feitiçaria*, já que não sou mestre-feiticeiro e nem especialista na obra de CASTAÑEDA, e tenho apenas a pretensão de ser um simples *homem de conhecimento*, consciente do *lado ativo do infinito*, dando cambalhotas pelo *desconhecido*?

Na segunda-feira, 23 de novembro, à noite, pressionado por essas dúvidas, o *aliado* me levou em *sonho* a sintonizar as *emanações da Web*, conduzindo-me numa inusitada navegação de busca pela internet à procura de compilações semelhantes. Encontramos algumas, mas não da mesma amplitude e conectividade, como sugerida pelo *intento* de Juan Matus – o que, de certa forma, me restaurou o *poder* para prosseguir no trabalho. Em um dos *sites* visitados, um acontecimento me chamou a atenção e entrei nele, descobrindo com certa euforia que Florinda Donner, Taisha Abelar e Carol Tiggs poderiam estar participando de um evento numa cidade brasileira. Ainda que fosse apenas estratégia de *marketing,* para reunir praticantes de *Tensegridade (Passes mágicos),* naquele momento era o sinal que precisava e que me levaria a reorganizar o meu fazer.

No dia seguinte, retomando o trabalho, renovado em meu entusiasmo e disposição, obtive outra resposta que procurava. O *intento* de Don Juan esclarecia que meu papel era o de *compilador* – assim como o do velho tolteca *desafiador da morte* era zelar pela continuidade do *conhecimento essencial* na condição de *inquilino* – e que deveria realinhar o *conhecimento* transmitido por ele a Castañeda e aos outros aprendizes. A *voz* informava que a *compilação da tradição* inicia um novo período na história dos *feiticeiros*, que enfatiza o *aprendizado solitário* como opção de vida. *Disse* ainda para eu não me preocupar com o destino da *compilação*, porque ela tem seu *intento* próprio, e representa não o fim da linhagem de *feiticeiros toltecas*, como se acreditava, mas um ajuste para novos tempos.

E para completar, nessa mesma manhã luminosa, ao acercar-se, um conhecido *emissário* do *sonho* sugeriu que eu levasse uma correspondência para ser encaminhada a Florinda, Taisha e Carol, dando notícias do *intento* de Juan Matus, e que não acordasse nesse *sonho*. Deveria apenas observar quatro atributos do *guerreiro* e *espreitar* o momento de fazer a entrega, porque elas não estavam abertas a este tipo de comunicação. Também não importava o fato delas estarem ou não presentes, pois o *fato energético* era a *manifestação do intento* como um *ato de guerra* memorável, que navegaria por si só no *mar escuro da consciência* até seu destino final.

A viagem de quase 590 quilômetros transcorreu sem problemas, no sábado 27, durante todo o dia. Quando havia dúvidas sobre o trajeto, naquele instante mesmo havia pessoas prontas para dar indicações. Cheguei à reserva da Serra do Japi, por volta das 16h, juntamente com as chuvas, acampando, em seguida, nas proximidades do hotel-fazenda onde ocorreria o Seminário sobre *Tensegridade*. As chuvas intermitentes não permitiram nenhum contato naquela noite, e elas só estiaram de manhã.

Esperei quase o domingo inteiro, sem chuva mas nublado, até que o *espírito* concluísse os preparativos para entrega da *notícia*, que começaram de manhã com a abordagem de uma senhora que, informada de minha tarefa naquele Seminário, prontificou-se a traduzir o teor da mensagem para o inglês. Eu disse então que esperaria o *sinal do nagual* para fazer a entrega do envelope.

Esperei até o entardecer, ao final do seminário, seguindo o *impulso da terra*. Entrando na tenda dos praticantes, logo *vi* um lugar especial no tablado, sinalizado por um pedaço de barbante preto, que serviu para amarrar o envelope verde, e lá me postei esperando a *manifestação do poder*. Foi quando uma outra senhora se acercou e me indagou sobre minha presença ali. Mencionei-lhe a tarefa de *feitiçaria* e resumi o teor da correspondência, entregando-lhe o envelope amarrado para que passasse a uma jovem que conduzia o seminário, no palco, juntamente com uma menina, chamada de *testemunha*. Também apontei a senhora que faria a tradução, e, de longe, ela acenou afirmativamente.

Naquele instante, o tempo começou a mudar. Ventos fortes circularam pelo interior da tenda, seguidos de uma chuva torrencial com relâmpagos e trovões, obrigando fechar as portas de entrada e saída. Aproveitando um breve estio, deixei o local, discretamente, voltando à barraca, a tempo de me esconder de nova torrente que duraria a noite toda até o amanhecer.

De manhã, com o tempo firme, nublado mas sem chuva, iniciei o caminho de volta, mudando a rota para que passasse por meu *lugar de poder* e ali acordasse do *sonho* e avaliasse o feito. A *manifestação do poder*, barulhenta, aquosa e cálida, assustadora mas não perigosa, foi um bom augúrio. Mostrou que esta *compilação* está conectada ao *intento* de Juan Matus, e que, por ocorrer durante um seminário de *Tensegridade*, pode alcançar outra dimensão. Mostrou que os *requisitos do infinito* estão preenchidos, e a linhagem dos *novos videntes* não terminou, apenas deu uma cambalhota no *desconhecido*, evoluindo, para continuar com os *videntes de hoje* em um novo ciclo pelo *mar escuro da consciência.*

6 Agradecimentos e dedicatórias

Esta *compilação* é um trabalho de gratidão aos mestres-feiticeiros toltecas do antigo México e de todas as épocas, especialmente ao *desafiador da morte*, que me deu alguns dons de poder, e a Juan Matus e Florinda Matus, Genaro Flores, Carlos Castañeda, Maria Helena La Gorda, Soledade e todos os aprendizes, enfim, que, de várias maneiras, contribuíram com o primeiro registro autêntico do conhecimento em meio físico.

Esta *compilação* é dedicada àqueles que sabem da *instalação forânea* em nossas mentes e querem afastá-la do *ser total*. É dedicada aos praticantes de Tensegridade, para que não transformem novamente a arte dos *passes mágicos* em atos rituais. É dedicada ainda aos *videntes de hoje*, praticantes do *conhecimento* dos antigos toltecas, que vislumbraram novas possibilidades para o *domínio da consciência* na prática solitária, em que o mestre-feiticeiro é o *espírito*, o *intento* do infinito.

Flórion

COMENTO

Como um *gesto* para o *espírito*, os *feiticeiros* trazem o melhor de si e em *silêncio* oferecem-no ao *abstrato*.[8:230]

> Ser um *feiticeiro* não significa praticar bruxaria, ou trabalhar para afetar as pessoas, ou ser possuído por demônios. Ser um *feiticeiro* significa alcançar um *nível de consciência* que dá acesso a coisas inconcebíveis. O termo *feitiçaria* é inadequado para expressar o que os *feiticeiros* fazem, como também é o termo *xamanismo*. As ações dos *feiticeiros* existem exclusivamente no reino do *abstrato*, do impessoal. Os *feiticeiros* lutam para alcançar uma meta que nada tem a ver com as buscas do homem comum. As aspirações dos *feiticeiros* são alcançar o *infinito*, e ser conscientes dele.[12:92]

> A grande tarefa dos *feiticeiros* é trazer a idéia de que, para evoluir, o homem deve primeiro libertar sua *consciência* das amarras da ordem social. Uma vez que a *consciência* estiver livre, o *intento* irá redirecioná-la para um novo caminho evolucionário.[9:197]

> Não se apoquente se você não conseguir fazer sentido do que vou lhe dizer. Considerando seu temperamento, receio que você possa esgotar-se, tentando compreender. Não faça isso! O que vou dizer só pretende mostrar uma direção.[4:108]

> Não terei tempo de ensinar tudo o que desejo. Só terei tempo de pô-lo no caminho e esperar que você procure da mesma maneira que eu.[2:108]

> A convicção que os *novos videntes* têm é de que uma vida de *impecabilidade* leva inevitavelmente ao sentido de *sobriedade*, e este por sua vez leva ao *deslocamento do ponto de aglutinação*.[7:170]

Os *novos videntes* acreditavam que o *ponto de aglutinação* pode ser *deslocado* de dentro. Eles deram mais um passo e afirmaram que homens impecáveis não necessitam de ninguém para guiá-los, e sozinhos, através da economia de sua energia, podem fazer tudo que os *videntes* fazem. Tudo o que necessitam é de uma chance mínima, a de terem *conhecimento* das possibilidades que os *videntes* desvendaram.[7:170]

> *Liberdade* é uma aventura sem fim, onde arriscamos nossas vidas e muito mais por alguns momentos e alguma coisa além dos mundos, além de pensamentos ou sentimentos.[9:98]

INTRODUÇÃO

AS TRÊS ÁREAS DE HABILIDADE

[Vou organizar] um conjunto de conceitos que sob nenhuma condição deverão ser tomados como teorias de *feiticeiros*, porque é um conjunto formulado pelos *feiticeiros* [toltecas] do México antigo como resultado de *ver a energia diretamente enquanto ela flui no universo*. [Vou dispor esse conjunto em unidades] sem qualquer tentativa de classificá-las ou categorizá-las por qualquer padrão determinado.[12:184]

> Não estou interessado em classificações. As classificações têm o seu mundo próprio. Depois que você começa a classificar as coisas, as classificações se tornam vivas e dominam. Porém, como as classificações nunca começam como assuntos *doadores de energia*, sempre permanecem como troncos mortos. Não são árvores; são meramente toras de madeira.[12:184]

No esquema de ensino, desenvolvido por *feiticeiros* de tempos antigos, existem duas categorias de instrução. Uma é chamada de *ensinamentos para o lado direito*, desenvolvida no estado normal de consciência. A outra é chamada *ensinamentos para o lado esquerdo*, posta em prática apenas em estados de *consciência intensificada*.[8:15] [Essas duas categorias permitem compreender as três áreas de habilidades:] a mestria da *consciência*, a arte da *espreita* e a mestria do *intento.*[8:15]

Essas três áreas de habilidade são os três enigmas que os *feiticeiros* encontram em sua busca ao *conhecimento*. A *mestria da consciência* é o *enigma da mente*; a perplexidade que os *feiticeiros* experimentam quando reconhecem o espantoso mistério e propósito da *consciência* e da *percepção*. A *arte da espreita* é o *enigma do coração*; o desconcerto que os *feiticeiros* sentem ao se tornarem conscientes de duas coisas: primeiro, que o mundo parece para nós inalteravelmente objetivo e factual, por causa das peculiaridades de nossa *consciência* e *percepção*; segundo, que se diferentes peculiaridades de *percepção* entram em jogo, as próprias coisas do mundo que parecem tão inalteravelmente objetivas e factuais mudam. A *mestria do intento* é o *enigma do espírito*, ou o paradoxo do *abstrato* – os pensamentos e ações dos *feiticeiros* projetados além de nossa condição humana.[8:16]

---

* Nota do *compilador*: Os *ensinamentos* de Juan Matus se destinam, indistintamente, a homens e mulheres interessados em buscar o desenvolvimento de suas forças superiores ou das habilidades cognitivas. Foram a presentados a Carlos Castañeda, durante os anos de seu aprendizado, e por isso dirigem-se ao gênero masculino. Não é uma exclusividade, são impessoais.

A instrução quanto à *arte da espreita* e à *mestria do intento* depende da instrução sobre a *mestria da consciência*, que é a pedra fundamental dos ensinamentos, que constam das seguintes premissas básicas:

1. O universo é uma aglomeração infinita de *campos de energia*, semelhantes a filamentos de luz.

2. Esses *campos de energia*, chamados de [*mar escuro da consciência*], irradiam de uma fonte de proporções inconcebíveis, metaforicamente denominada *Águia*.

3. Os seres humanos também são compostos de um número incalculável dos mesmos *campos de energia* filamentosos. Essas *emanações da Águia* são uma aglomeração encapsulada que se manifesta como uma bola de luz do tamanho do corpo da pessoa com os braços estendidos lateralmente, como um *ovo luminoso* gigante.

4. Apenas um grupo muito pequeno de *campos de energia* no interior dessa bola luminosa são acesos por um ponto de intenso brilho localizado na superfície da bola.

5. A percepção ocorre quando os *campos de energia* desse pequeno grupo imediatamente ao redor do ponto de brilho estendem sua luz para iluminar *campos de energia* idênticos no exterior da bola. Uma vez que os únicos *campos de energia* percepptíveis são aqueles iluminados pelo ponto brilhante, esse ponto é chamado *o ponto onde a percepção é aglutinada* ou simplesmente *o ponto de aglutinação.*

6. O *ponto de aglutinação* pode ser movido de sua posição usual sobre a superfície da bola luminosa para outra posição na superfície ou no interior. Uma vez que o brilho do *ponto de aglutinação* pode iluminar qualquer *campo de energia* com o qual entrar em contato, quando se move para uma nova posição ilumina de imediato novos *campos de energia*, tornando-os perceptíveis. Esta percepção é conhecida como *ver*.

7. Quando o *ponto de aglutinação* se *desloca*, torna possível a *percepção* de um modo inteiramente diferente – tão objetivo e factual como aquele que normalmente percebemos. Os *feiticeiros* entram nesse outro mundo para obter energia, *poder*, soluções para problemas gerais e particulares, ou para encarar o inimaginável.

8. *Intento* penetrante que nos faz perceber. Não nos tornamos conscientes porque percebemos; antes, percebemos como resultado da pressão e intrusão do *intento*.

9. O objetivo dos *feiticeiros* é atingir um estado de *consciência total* de modo a experimentar todas possibilidades de *percepção* disponíveis ao homem. Esse *estado de consciência* implica mesmo uma maneira alternativa de *morrer*.[8:16-17]

CAPÍTULO 1

O ENIGMA DA MENTE

1.1 O conhecido, o desconhecido e o incognoscível

Existiam uma série de verdades que os *videntes*, antigos e novos, haviam descoberto sobre a *consciência*, e essas verdades foram dispostas em uma seqüência específica, objetivando melhor compreensão. O *domínio da consciência* consistia em internalizar a seqüência total de tais verdades.[7:42]

O *desconhecido* é algo que se apresenta velado ao homem, embalado talvez por um contexto terrificante, mas que, apesar disso, está a seu alcance. O *desconhecido* torna-se o *conhecido* em um dado momento. O *incognoscível*, por outro lado, é o indescritível, o impensável, o inconcebível. É algo que jamais será conhecido por nós, e ainda assim está ali, fascinando e ao mesmo tempo horrorizando em sua vastidão.[7:43]

> Diante do *desconhecido*, o homem é aventureiro. Dar-nos uma sensação de esperança e felicidade é uma qualidade do *desconhecido*. O homem sente-se robusto, jovial. Mesmo a apreensão que o *desconhecido* desperta é muito gratificante. Os *novos videntes* descobriram que o homem fica em sua melhor forma diante dele.[7:43]

Sempre que o que é tomado como sendo o *desconhecido* revela-se como o *incognoscível*, os resultados são desastrosos. O *incognoscível* não tem qualquer efeito energizante. Não está ao alcance do homem, e por isso não deveria ser invadido totalmente ou mesmo com prudência.[7:43]

Delimitar o *desconhecido*, de modo a separá-lo do *incognoscível*, através do uso controlado de *ver*, significa torná-lo acessível à nossa *percepção*. O *desconhecido* e o *conhecido* estão realmente na mesma base, porque ambos estão ao alcance da percepção humana. Tudo o que esteja além de nossa capacidade de perceber é o *incognoscível*.[7:44]

> A primeira verdade sobre a *consciência* é que o mundo lá fora não é realmente como pensamos. Achamos que é um mundo de objetos, mas não é.[7:45] Não é tão sólido e real como nossa *percepção* foi levada a crer, mas também não é uma miragem. O mundo é uma ilusão, como tem sido dito; ele é real por um lado, e irreal por outro. Preste muita atenção nisso, pois isso deve ser compreendido, e não simplesmente aceito. Nós percebemos. Isto é um

fato concreto. Mas o que percebemos não é um fato concreto, porque aprendemos o que perceber.

Algo lá fora afeta nossos sentidos. Esta é a parte que é real. A parte irreal é o que eles dizem estar lá. Tome uma montanha, por exemplo. Nossos sentidos dizem-nos que se trata de um objeto. Ela tem tamanho, corpo, forma. Nós temos até várias categorias de montanhas, extremamente precisas. Não há nada de errado com isso; a falha está simplesmente em que nunca nos ocorreu que nossos sentidos desempenham apenas um papel superficial. Eles percebem do modo como o fazem porque uma qualidade específica de nossa *consciência* força-os a atuar desse modo.[7:46]

Os *videntes* dizem que pensamos que há um mundo de objetos apenas por causa de nossa *consciência*. Mas o que existe realmente são as *emanações da Águia*, fluídas, sempre em movimento e, no entanto, inalteráveis, eternas.[7:46]

Nossa racionalidade não pode por si só responder sobre a razão de nossa existência. Todas as vezes que tentamos fazê-lo, a resposta transforma-se em matéria de fé. Os *antigos videntes* tomaram outro caminho, e encontraram uma resposta que não envolve apenas a fé. Eles *viram*.[7:47]

1.2 O mar escuro da consciência

Um dos legados mais dramáticos que os *antigos videntes* nos deixaram foi a descoberta de que a razão da existência de todos os seres sencientes é o desenvolvimento da *consciência*. Os *antigos videntes*, arriscando-se a perigos inimagináveis, *viam* realmente a força indescritível que é a fonte de todos os seres sencientes. Chamaram-na de *Águia*, porque nos pequenos vislumbres que podiam suportar, *viam*-na como algo que se parecia com uma águia branca e preta, de tamanho infinito. *Viram* que é a *Águia* que concede *consciência*. A *Águia* cria os seres sencientes para que estes vivam e enriqueçam a *consciência* que ela lhes proporciona com a vida. [7:47] As *emanações da Águia* [também denominadas *mar escuro da consciência*] são uma coisa em si imutável, que engloba tudo o que existe, do *conhecido* ao *incognoscível*.[7:49] Eles também *viram* que é a *Águia* que devora essa mesma *consciência* enriquecida, depois de fazer com que os seres sencientes a abandonem no momento da morte.[7:47] Seria mais correto dizer que existe uma força que atrai nossa *consciência*, como o ímã atrai limalha de ferro. No momento da morte, todo nosso ser se desintegra sob a atração dessa força imensa. [7:51]

Não se trata apenas de uma idéia. Trata-se de um fato. A *Águia* é tão real para os *videntes* como a gravidade e o tempo são reais para você, e exatamente tão abstrata e incompreensível. (A *Águia* e suas emanações são igualmente comprováveis e a disciplina dos *novos videntes* é dedicada a fazer exatamente isso.)[7:49]

> Não há maneira de descrever em palavras o que são realmente as *emanações da Águia*. Um *vidente* precisa testemunhá-las. São uma presença, quase uma espécie de massa, uma pressão que cria uma sensação de deslumbramento. Só pode se captar um vislumbre delas, assim como só se pode captar um vislumbre da própria *Águia* – a fonte das emanações.[7:49]

> A *Águia* não tem nada de visual. O corpo inteiro do *vidente* sente a *Águia*. Há alguma coisa em todos nós que pode fazer-nos testemunhar com nosso corpo inteiro. Os *videntes* explicam o ato de *ver* a *Águia* em termos muito simples: o homem é composto das *emanações da Águia*, e assim precisa apenas reverter aos seus componentes originais. O problema surge com a *consciência* do homem; é a sua *consciência* que se torna emaranhada e confusa. No momento crucial, no que deveria ser um simples caso de emanações dando conta de si mesmas, a *consciência* do homem é compelida a interpretar. O resultado é uma visão da *Águia* e das emanações. Mas não existe *Águia* nem emanações. O que existe é algo que nenhuma criatura viva pode compreender.[7:50] Os *videntes* que *vêem* as *emanações da Águia* dão-lhes geralmente o nome de *ordens*.[7:51]

Apenas uma pequena porção daquelas emanações está ao alcance da *consciência* humana, e essa pequena porção é reduzida ainda mais, a uma fração diminuta, pelas exigências de nossas vidas diárias. Essa fração diminuta das *emanações da Águia* é o *conhecido*; a pequena porção ao alcance possível da *consciência* humana é o *desconhecido*, e o incalculável restante é o *incognoscível*.[7:52]

Todas as criaturas vivas são forçadas a empregar as *emanações da Águia* sem sequer saber o que são. Os organismos são construidos de modo a captar certas faixas dessas emanações, e cada espécie tem uma faixa definida. As emanações exercem grandes pressões sobre os organismos, e através dessa pressão eles constroem seu mundo perceptível.[7:52]

> Em nosso caso, como seres humanos, empregamos essas *emanações*, que interpretamos como realidade. Mas o que o homem percebe é uma porção tão pequena das *emanações da Águia* que é ridículo confiar muito em nossas percepções. Entretanto, não podemos ignorá-las.[7:52]

> Desejo que você esteja muito consciente do que estamos fazendo. Estamos discutindo o *domínio da consciência*. As verdades que estamos discutindo são os princípios deste *domínio*.[7:52]

1.2.1 Aglomerados de emanações

As *emanações da Águia* estão sempre reunidas em *aglomerados*. Os *antigos videntes* chamavam esses *aglomerados* de grandes faixas de emanações. Não são realmente faixas, mas o nome pegou.

Por exemplo, há um *aglomerado* incomensurável que produz *seres orgânicos*. As emanações daquela faixa têm uma espécie de leveza. São transparentes e têm uma luz própria única, uma energia peculiar. São conscientes e saltam. Esta é a razão pela qual todos os *seres orgânicos* estão cheios de uma energia particular consumidora. As outras faixas são mais escuras, menos leves. Algumas delas não têm qualquer luz, mas uma qualidade opaca. [7:153]

Pense nela como uma faixa enormemente larga de filamentos luminosos; cordões luminosos sem fim. Os *seres orgânicos* são bolhas que crescem ao redor de um grupo de filamentos luminosos. Imagine que nessa faixa de vida orgânica algumas bolhas são formadas ao redor de filamentos luminosos no centro da faixa, e outras são formadas perto das margens; a faixa é suficientemente larga para acomodar todo tipo de *seres orgânicos*, com espaço de sobra. Em tal arranjo, as *bolhas* que estão próximas das margens da faixa não recebem as *emanações* que estão no centro, presentes apenas nas *bolhas* que estão alinhadas com o centro. Da mesma forma, as *bolhas* do centro não recebem as *emanações* das margens.

Como você pode compreender, todos os *seres orgânicos* estão ligados às *emanações* de uma faixa; entretanto, os *videntes vêem* que no interior dessa faixa orgânica os seres são tão diferentes quanto possível.[7:154]

Existem muitas dessas grandes faixas...[7:154]

Tantas quanto o próprio infinito. Os *videntes* descobriram que na Terra existem apenas 48 de tais faixas. Significa que há 48 tipos de organizações na Terra, 48 tipos de feixes ou estruturas. A vida orgânica é um deles.

Os *antigos videntes* contaram sete faixas que produziam *bolhas* inorgânicas de *consciência*; em outras palavras, há 40 faixas que produzem *bolhas* sem *consciência*; são faixas que geram apenas organização.

Pense nas grandes faixas como em grandes árvores. Todas elas produzem frutos; produzem invólucros cheios de *emanações*: entretanto, apenas oito dessas árvores produzem frutos comestíveis, isto é, *bolhas de consciência*. Sete produzem frutos amargos, mas de qualquer forma comestíveis; e apenas uma tem o fruto mais suculento e saboroso que existe.[7:154]

Os *seres inorgânicos* não são tão numerosos como os *orgânicos*, mas isso é compensado pelo número maior de faixas de *consciência inorgânica*. As diferenças entre os próprios *seres inorgânicos* são muito mais vastas do que as diferenças entre os organismos, porque os organismos estão ligados apenas a uma faixa, enquanto os *seres inorgânicos* estão ligados a sete.[7:158]

> Além disso, os *seres inorgânicos* vivem infinitamente mais tempo que os *orgânicos*. Esse aspecto é que estimulava os *antigos videntes* a concentrarem sua *visão* sobre os *aliados*.[7:158]

Os *antigos videntes* também chegaram a perceber que é a alta energia dos organismos e o subseqüente alto desenvolvimento de sua *consciência* que faz deles bocados deliciosos para a *Águia*. Na visão dos *antigos videntes*, a gulodice era a razão pela qual a *Águia* produzia o maior número possível de organismos.[7:158]

O produto das outras 40 grandes faixas não é *consciência*, mas uma configuração de energia inanimada. Os *antigos videntes* resolveram chamar de *vasilhas* o produto dessas faixas. Enquanto os casulos e recipientes são *campos de consciência energética*, o que concorre para sua luminosidade independente, as *vasilhas* são receptáculos rígidos que prendem emanações sem serem *campos de consciência energética*. Sua luminosidade provém apenas da energia das *emanações* aprisionadas.[7:158]

> Você precisa ter em mente que tudo o que existe na Terra está aprisionado. Tudo o que percebemos é construido de partes de casulos ou *vasilhas* com emanações. Geralmente, não percebemos de maneira alguma os receptáculos dos *seres inorgânicos*.
>
> O mundo total é feito de 48 faixas. O mundo que nosso *ponto de aglutinação* aglomera para nossa percepção normal é construido de duas faixas; uma é a faixa orgânica, a outra é somente uma faixa que tem apenas estrutura, mas não *consciência*. As outras 46 grandes faixas não fazem parte do mundo que percebemos normalmente.[7:159]

> Existem outros mundos completos que nossos *pontos de aglutinação* podem aglomerar. Os *antigos videntes* contaram sete de tais mundos, um para cada faixa de *consciência*. Dois desses mundos, ao lado do mundo da vida cotidiana, são fáceis de concatenar. Os outros cinco são outra coisa.[7:157]

> O *desconhecido* está sempre presente, mas fora das possibilidades de nossa *consciência* normal. O *desconhecido* é a parte supérflua do homem comum. E é supérflua porque o homem comum não tem energia livre suficiente para captá-la.[7:84]

> Os *novos videntes* ficaram simplesmente aterrorizados pelo *conhecimento* que os *antigos* haviam acumulado ao longo dos anos. É

compreensível. Os *novos videntes* sabem que aquele *conhecimento* leva apenas à destruição total. Entretanto, também são fascinados por ele; especialmente pelas práticas.[7:85]

Elas são um legado dos antigos toltecas. Os *novos videntes* aprendem sobre elas à medida que progridem. Dificilmente chegam a usá-las, mas essas práticas são parte de seu *conhecimento*.[7:85]

São fórmulas muito obscuras, encantamentos, procedimentos demorados que têm a ver com o manuseio de uma força muito misteriosa. Ao menos era misteriosa para os antigos toltecas, que a mascararam e tornaram-na mais aterrorizante do que realmente é.[7:85]

É uma força que está presente em tudo o que existe. Os *antigos videntes* nunca tentaram desvendar o mistério da força que os fez criar suas práticas secretas; eles simplesmente aceitavam-na como algo sagrado. Mas os *novos videntes* olharam-na de perto e chamaram-na de *vontade*, a *vontade* das *emanações da Águia*, ou *intento*.[7:85]

1.2.2 Faixas de consciência

Quando os videntes *vêem* que a *Águia* confere *consciência* através de suas emanações, eles *vêem* uma coloração.[7:155]

A *Águia* confere *consciência* através de oito grandes faixas. Esses feixes são bastante peculiares, porque fazem os *videntes* sentirem uma coloração. Um feixe dá a sensação de ser bege-rosado, algo semelhante ao brilho de lâmpada de sódio; outro dá a sensação de ser cor de pêssego, como luzes de *neon* desfocadas; e o terceiro feixe dá a sensação de ser âmbar, como mel claro.[7:155]

O homem, por exemplo, está ligado ao feixe âmbar, mas outros seres também estão. Detalhes como esse você terá que descobrir sozinho, através de sua própria *visão*. Não há nenhuma vantagem em dizer-lhe quais são esses seres; você estará apenas fazendo outro *inventário*. É suficiente dizer que descobrir isso por si mesmo será uma das coisas mais excitantes que você irá fazer.[7:155]

O feixe âmbar de *consciência* tem uma infinidade de variantes sutis, que sempre denotam diferenças na qualidade da *consciência*. O âmbar rosado e o verde-pálido são as tonalidades mais comuns. Âmbar azulado é mais incomum, mas âmbar puro é de longe o mais raro.[7:156]

Os *videntes* dizem que é a quantidade de energia que uma pessoa poupa e armazena [o que determina as diferentes tonalidades de âmbar]. Números incontáveis de *guerreiros* começaram com uma tonalidade âmbar rosada comum e terminaram com o mais puro de todos os âmbares.[7:156]

> Os três feixes, com todas as suas tonalidades, entremeiam as oito faixas. Na faixa orgânica, o feixe cor-de-rosa está ligado principalmente às plantas, o cor de pêssego aos insetos, e o âmbar ao homem e outros animais. A mesma situação prevalece nas faixas inorgânicas. Os três feixes de *consciência* produzem tipos específicos de *seres inorgânicos* em cada uma das sete grandes faixas. Esta é outra coisa que você precisa *ver* por si mesmo. Há sete faixas e o que produzem são, com efeito, inacessíveis à razão humana, mas não à *visão* humana.[7:156]

As grandes faixas não são achatadas nem redondas, mas indescritivelmente entrelaçadas, como um feixe de feno que fosse mantido coeso em pleno ar pela força da mão que o juntou. Assim, não há ordem para as *emanações*; dizer que existe uma parte central ou que há margens é enganoso, mas necessário à compreensão.[7:157]

Os *seres inorgânicos* produzidos pelas outras sete faixas de *consciência* são caracterizados por terem um invólucro que não possui movimento; é mais como um receptáculo disforme, com baixo grau de luminosidade. Não se parece com o casulo dos *seres orgânicos*. Falta-lhe a tensão, a qualidade inflada que faz os *seres orgânicos* parecerem *bolhas luminosas* repletas de energia.[7:157]

A única semelhança entre os *seres inorgânicos* e os *orgânicos* é que todos possuem as *emanações* cor-de-rosa, pêssego ou âmbar, que conferem *consciência*.[7:157]

> Essas *emanações*, sob certas circunstâncias, tornam possível a comunicação mais fascinante entre os seres das oito grandes faixas.[7:157]

Geralmente os *seres orgânicos*, com seus *campos de energia* maiores, são os iniciadores da comunicação com os *seres inorgânicos*, mas a continuação desse relacionamento, sutil e sofisticada, é sempre conduzida por *seres inorgânicos*. Quando a barreira é quebrada, os *seres inorgânicos* mudam e tornam-se o que os *videntes* chamam de *aliados*. A partir desse momento, os *seres inorgânicos* podem prever os mais sutis pensamentos, estados de espírito ou temores do *vidente*.[7:157]

1.2.3 Seres vivos não-orgânicos

Os antigos toltecas dividiram seu *conhecimento* secreto em cinco conjuntos de duas categorias cada: a terra e as regiões escuras, o fogo e a água, o acima e o abaixo, o sonoro e o silente, o movente e o estacionário. Devem ter existido milhares de técnicas diferentes, que se tornaram mais e mais intrincadas à medida que o tempo passava.[7:85]

> O *conhecimento* secreto da Terra tinha a ver com tudo o que existia sobre o solo. Havia conjuntos particulares de movimentos, palavras, ungüentos, poções que eram aplicadas a pessoas, animais, insetos, árvores, pequenas plantas, rochas, solo.

> Eram técnicas que transformavam os *antigos videntes* em seres horrorosos. E seu *conhecimento* secreto da Terra era empregado para aprimorar ou para destruir o que quer que estivesse sobre o solo.
>
> A contrapartida da Terra era o que eles conheciam, como as regiões escuras. Essas práticas eram, de longe, as mais perigosas. Lidavam com entidades sem vida orgânica. Criaturas vivas que estão presentes na Terra e povoam-na juntamente com todos os *seres orgânicos*.
>
> Sem dúvida, uma das descobertas mais valiosas dos *antigos videntes*, especialmente para eles, foi a descoberta de que a vida orgânica não é a única forma de vida presente nesta Terra. Os *seres orgânicos* não são as únicas criaturas que têm vida.[7:86]
>
> Para os *videntes*, estar vivo significa estar consciente. Para o homem comum, estar consciente significa ser um organismo. É aí que os *videntes* são diferentes. Para eles, estar consciente significa que as *emanações* que causam a *consciência* estão encerradas dentro de um receptáculo.
>
> Os *seres* vivos *orgânicos* têm um casulo que encerra as *emanações*. Mas existem outras criaturas cujos receptáculos não aparecem como um casulo para o *vidente*. Ainda assim, têm eles as *emanações* da *consciência* e características de vida diferentes da reprodução e do metabolismo. [7:86] Como dependência emocional, tristeza, alegria, ira e assim por diante. Esqueci ainda o melhor: amor; uma espécie de amor que o homem não pode sequer conceber.[7:87]

As chamas possuem uma qualidade muito peculiar; podem transportar o homem corporalmente, exatamente como faz a água. Há leis básicas da física que provariam ser isso impossível. [Deve-se então] controlar a racionalidade excessiva, porque esta constantemente afeta os estados de *consciência intensificada*.[7:88]

Os antigos toltecas, embora obviamente *vissem*, não compreendiam o que *viam*. Limitavam-se a usar suas descobertas sem preocupar-se em relacioná-las a um quadro mais amplo. No caso de sua categoria de fogo e água, dividiam o fogo em calor e chama e a água em umidade e fluidez. Correlacionaram calor e umidade, e chamavam-nos de propriedades menores. Consideravam as chamas e a fluidez como propriedades mais elevadas, mágicas, e usavam-nas como meio de transporte corpóreo ao reino de vida não-orgânica. Entre seu *conhecimento* desse tipo de vida e as suas práticas de fogo e água, os *antigos videntes* ficaram atolados em um pântano sem saída.[7:88]

Os *novos videntes* concordam que a descoberta de seres vivos não-orgânicos é realmente extraordinária, mas não do modo como os *antigos videntes* acreditavam. Encontrar-se numa relação face a face com outro tipo de vida dava aos *antigos viden-*

tes uma falsa sensação de invulnerabilidade, o que provocou sua ruína. Esse *conhecimento* dos antigos é tão intrincado quanto inútil [e deve ser] apenas delienado.[7:88]

O acima lida com o *conhecimento* secreto sobre o vento, a chuva, relâmpagos, nuvens, trovão, a luz do dia e o sol. O *conhecimento* do abaixo tem a ver com o nevoeiro, água de fontes subterrâneas, pântanos, raios, terremotos, a noite, o luar e a lua.[7:88-89] O sonoro e o silente é uma categoria de *conhecimento* secreto que tem a ver com a manipulação do som e da quietude.[7:89] O movente e o estacionário são práticas que lidam com aspectos misteriosos do movimento e da mobilidade.[7:89]

1.3 O brilho da consciência

Os *novos videntes*, imbuídos de uma natureza prática, são capazes de *ver* um fluxo de *emanações* e *ver* como o homem e os outros seres vivos utilizam-nas para construir seu mundo perceptível. [7:54]

Normalmente, o *brilho da consciência* é visto na superfície do casulo de todos os seres conscientes. Depois que o homem desenvolve a *atenção*, entretanto, o *brilho da consciência* adquire profundidade. Em outras palavras, é transmitido da superfície do casulo a um certo número de *emanações* no interior do mesmo.[7:113]

> É tão simples que parece tolice. Para um *vidente*, os homens são *seres luminosos*. Nossa luminosidade é feita daquela porção das *emanações da Águia* que está englobada em nosso casulo ovóide. Essa porção particular, essa porção de *emanações* que está englobada, é o que nos torna homens. Percebê-lo é compatibilizar as *emanações* contidas dentro de nosso casulo com as que se encontram do lado de fora. São como filamentos de luz.[7:54]

> O que é incompreensível à *consciência* normal é que os filamentos têm *consciência* de si mesmos, são vivos e vibram. Existem tantos deles que o número não tem qualquer significado. Cada um deles é uma eternidade em si mesmo.[7:54]

> Os *videntes* podem *ver*, por exemplo, as *emanações* no interior de qualquer criatura viva e podem dizer qual das *emanações* externas irá compatibilizar-se com elas. [7:54]

> A *consciência* dá origem a *percepção*, uma condição de *alinhamento*: as *emanações* no interior do casulo ficam *alinhadas* com as exteriores, que se adaptam a elas. O *alinhamento* é aquilo que permite que a *consciência* seja cultivada por toda a criatura viva – um ser luminoso que parece *bolha de luz* esbranquiçada.[7:57]

> Os seres sencientes são diminutas bolhas feitas desses filamentos, microscópicos ponto de luz, ligados às *emanações* infinitas.[7:57]

A luminosidade dos seres vivos é constituída pela porção particular das *emanações da Águia* que sucede estar dentro de seus casulos luminosos. A luminosidade das *emanações da Águia* no exterior do casulo aumenta a luminosidade das *emanações* em seu interior. A luminosidade externa atrai a interna; ela a aprisiona, por assim dizer, e a *fixa*. Essa *fixação* é a *consciência* de cada ser específico.[7:57] Essa pressão determina o grau de *consciência* que cada ser vivo tem.[7:58]

> As *emanações da Águia* são mais do que filamentos de luz. Cada uma delas é uma fonte de energia ilimitada. Procure pensar assim: uma vez que algumas das *emanações* exteriores ao casulo são as mesmas que as *emanações* interiores, suas energias são como uma pressão contínua. Mas o casulo isola as *emanações* que estão dentro de sua trama, e dessa maneira dirige a pressão.[7:58]

> Disse a você que os *antigos videntes* eram mestres da arte de manipular a *consciência*. O que posso acrescentar agora é que eram os mestres dessa arte porque aprenderam a manipular a estrutura do casulo e desvendaram o mistério de estar *consciente*. A *consciência* é um brilho no casulo dos seres vivos – o *brilho da consciência*.[7:58]

A *consciência* do homem é um brilho de luminosidade ambarina mais intenso do que o resto do casulo. Esse brilho está em uma faixa estreita e vertical no lado extremo direito do casulo, correndo por todo seu comprimento. O talento dos *antigos videntes* consistia em mover esse brilho, em fazê-lo espalhar-se, a partir de seu ponto original, na superfície do casulo, para dentro, por toda a sua largura.[7:58]

A pressão que as *emanações* externas ao casulo, chamadas de *emanações livres*, exercem sobre as *emanações* no interior é a mesma em todos os seres conscientes. Entretanto, os resultados de tal pressão são imensamente diferentes de um para outro, porque seus casulos reagem a ela de todos os modos concebíveis. Existem, entretanto, graus de uniformidade, dentro de certos limites.[7:62]

> Quando os *videntes vêem* que a pressão das *emanações livres* se aplica às *emanações* do interior, que estão sempre em movimento, e faz com que parem de mover-se, sabem que o ser luminoso naquele momento está *fixado* pela *consciência*.[7:63]

> Dizer que as *emanações livres* se aplicam às de dentro do casulo e fazem-nas parar de mover-se significa que os *videntes vêem* algo indescritível, cujo significado conhecem sem sombra de dúvida. Isto significa que a *voz de ver* lhes diz que as *emanações* de dentro do casulo estão completamente em descanso, e combinam-se com algumas das que estão no exterior.[7:64]

> O grau de *consciência* de cada ser senciente depende do grau ao qual ele é capaz de deixar a pressão das *emanações livres* levá-lo.[7:64]

Os *videntes* afirmam que *consciência* sempre vem de fora de si mesmos, que o mistério real está dentro de nós. Já que, por sua própria natureza, as *emanações livres* são feitas para *fixar* o que está dentro do casulo, o que a *consciência* faz é deixar as *emanações fixadoras* fundirem-se com o que está dentro de nós. Os *videntes* acreditam que, se permitirmos que isso aconteça, tornamo-nos como realmente somos: fluidos, sempre em movimento, eternos.[7:64]

1.3.1 As alternativas e possibilidades humanas

O perigo das definições é que simplificam os temas para torná-los compreensíveis; nesse caso, ao definir a *atenção*, corre-se o risco de transformar uma realização mágica, miraculosa, em algo banal. A *atenção* é a maior realização singular do homem. Desenvolve-se a partir da simples *consciência* animal até cobrir toda a gama de alternativas humanas. Os *videntes* aperfeiçoam-na ainda mais até que cubra todo o alcance das possibilidades humanas.[7:71]

As *alternativas* humanas são tudo o que somos capazes de escolher como pessoas. Elas têm a ver com o nível de nossa atuação cotidiana, o *conhecido*; e, devido a esse fato, são bastante limitadas em número e alcance. As *possibilidades* humanas pertencem ao *desconhecido*. Não somos aquilo que somos capazes de escolher, mas aquilo que temos capacidade de atingir. Um exemplo das *alternativas* humanas é nossa opção de acreditar que o corpo humano é um objeto entre objetos. Um exemplo das *possibilidades* humanas é o feito dos *videntes* ao *verem* o homem como um *ser luminoso* de forma oval. Com o corpo como objeto aborda-se o *conhecido*, com o corpo como *ovo luminoso* aborda-se o *desconhecido*; as *possibilidades* humanas têm, portanto, um alcance quase inesgotável.[7:72]

A *consciência* começa com a pressão permanente que as *emanações livres* exercem sobre as aprisionadas no interior do casulo. Essa pressão produz o primeiro ato de *consciência*; ela detém o movimento das *emanações aprisionadas*, que estão lutando para quebrar o casulo, lutando para morrer.[7:78]

> Para o *vidente,* a verdade é que todos os seres vivos estão lutando para morrer. O que detém a *morte* é a *consciência*.[7:78]

Os *novos videntes* ficaram profundamente perturbados pelo fato de que a *consciência* evita a *morte* e ao mesmo tempo a induz, sendo alimento para a *Águia*. Uma vez que não conseguiram explicá-lo, pois não há maneira racional para compreender a existência, os *videntes* notaram que seu *conhecimento* é composto de proposições contraditórias.[7:78]

> [Não significa que eles desenvolveram um sistema de contradições.] Eles não desenvolveram nada. Encontraram verdades inquestionáveis, modelos de sobriedade, e ao mesmo tempo tinham de abrir mão de todas essas qualidades para poderem ser completamente livres e abertos às maravilhas e mistérios da existência.[7:78]

> Apenas o sentimento de suprema sobriedade pode estender uma ponte por sobre as contradições.[7:78]
>
> Você pode chamar a ponte entre as contradições da maneira que quiser... arte, afeição, sobriedade, amor, e mesmo gentileza.[7:79]

1.3.2 Três níveis de consciência

Nosso *ser total* consiste em dois segmentos perceptíveis. O primeiro é o corpo físico conhecido que todos nós podemos perceber; o segundo é o *corpo luminoso*, um casulo que só os videntes conseguem perceber, um casulo que nos dá a aparência de *ovos luminosos* gigantescos.[* 6:20]

A fim de explicar esses conceitos, [divide-se a *consciência* em três partes desiguais]: a menor, *primeira atenção*, é a *consciência* que toda pessoa normal desenvolve a fim de lidar com o mundo diário; ela abrange o *conhecimento* do corpo físico. A outra parte maior, *segunda atenção*, é o *conhecimento* de que precisamos para perceber nosso casulo luminoso e para agir como *seres luminosos*. A *segunda atenção* permanece como pano de fundo durante toda a nossa vida, a não ser que seja transportada através de treinamento deliberado ou por um trauma acidental, e abrange o *conhecimento* do nosso corpo luminoso. A última parte, a maior, *terceira atenção*, é uma *consciência* incomensurável que envolve aspectos indefiníveis do *conhecimento* dos corpos físico e luminoso.[6:20]

> Os *videntes* dizem que há três tipos de *atenção*. Quando dizem isso, referem-se somente aos seres humanos, não a todos os seres conscientes que existem. Mas não são somente tipos de *atenção*; são antes, três níveis de realização.[7:72]

Depois de muito labutar, os *videntes* chegaram à conclusão de que a *consciência* dos seres humanos adultos, amadurecida pelo processo de crescimento, é modificada, tornando-se algo mais intenso e complexo, que os videntes chamam de *atenção*. Em dado momento do crescimento dos seres humanos, uma faixa das *emanações interiores* de seus casulos torna-se muito intensa; à medida que seres humanos acumulam experiência, ela começa a brilhar. Em certos casos, o brilho dessa faixa de *emanações* aumenta tão dramaticamente que se funde com as *emanações* do exterior. Os *videntes*, testemunhando uma evolução desse tipo, tiveram que concluir que a *consciência* é a matéria-prima, enquanto a *atenção* é o produto final do amadurecimento.[7:71]

> Dizem que a *atenção* é o controle e a intensificação da *consciência* através do processo de estar vivo.[7:71]

1.3.2.1 Primeira atenção

[A *primeira atenção* é, como já disse,] a *consciência* que toda pessoa normal desenvolve a fim de lidar com o mundo diário; ela abrange o *conhecimento* do corpo físico. [6:20]

> A *primeira atenção* é o que somos como homens comuns. Por força de um controle tão absoluto sobre nossas vidas, a *primeira atenção* é o bem mais valioso que o homem comum possui. Talvez seja mesmo seu único bem.
>
> Levando em conta seu valor real, os *novos videntes* começaram um rigoroso exame da *primeira atenção* através de *ver*. Suas descobertas moldaram sua *visão* global e a *visão* de todos os seus descendentes, embora muitos deles não compreendam o que aqueles *videntes* realmente *viam*.[7:72]

As conclusões do rigoroso exame feito pelos *novos videntes* tinham muito pouco a ver com a *razão* ou a racionalidade, porque para examinar e explicar a *primeira atenção* é preciso *vê*-la. Só os *videntes* podem fazer isso. Mas examinar o que *vêem* na *primeira atenção* é essencial. É o que permite à *primeira atenção* a única oportunidade que jamais terá de compreender seu próprio funcionamento.[7:72]

> Em termos do que os *videntes vêem,* a *primeira atenção* é o *brilho da consciência* desenvolvido a um ultrabrilho. Mas é um brilho *fixado* na superfície do casulo, por assim dizer. É um brilho que cobre o *conhecido*.[7:72]

O inventário da primeira atenção

Ao examinar a *primeira atenção*, os *novos videntes* descobriram que todos os *seres orgânicos*, exceto o homem, acalmam suas *emanações prisioneiras* agitadas, de modo que possam alinhar-se com as *emanações* externas que lhes correspondem. Os seres humanos não procedem assim; em lugar disso, sua *primeira atenção* faz um *inventário* das *emanações da Águia* no interior de seus casulos.[7:79]

> Os seres humanos notam as *emanações* que têm dentro de seus casulos. Nenhuma outra criatura faz isso. No momento em que a pressão das *emanações livres fixa as emanações do interior*, a *primeira atenção* começa a observar a si mesma. Nota tudo a respeito de si mesma, ou ao menos tenta, mesmo das maneiras mais aberrantes. Este é o processo que os *videntes* chamam de fazer um *inventário*.

> Não quero dizer que seres humanos escolheram fazer *inventários*, ou que podem recusar-se a fazê-los. Fazer um *inventário* é a *ordem da Águia*. O que está sujeito à *vontade*, entretanto, é a maneira como a *ordem* é obedecida.[7:79]

Embora não [me] agrade chamar as *emanações* de *ordens*, é isso o que elas são: *ordens* a que ninguém pode desobedecer. E, contudo, a maneira de fugir à obediência às *ordens* está em obedecer-lhes.[7:79]

> No caso do *inventário da primeira atenção*, os *videntes* fazem-no porque não podem desobedecer. Mas depois de completá-lo, atiram-no fora. A *Águia* não nos *ordena* que veneremos nosso *inventário*; ela só *ordena* que o façamos.[7:79]
>
> As *emanações* no interior do casulo do homem não são acalmadas com o propósito de serem combinadas com as externas. Isto é evidente depois que se *vê* o que as outras criaturas fazem. Ao acalmar-se, algumas delas chegam realmente a fundir-se com as *emanações livres*, e movem-se com elas. Os *videntes* podem *ver*, por exemplo, a luz das *emanações* dos escaravelhos expandindo-se a um tamanho imenso.[7:79]
>
> Mas os seres humanos acalmam suas *emanações* e então refletem sobre elas. As *emanações* focalizam-se em si mesmas.[7:80]

Os seres humanos levam ao extremo lógico o comando de fazer um *inventário*, e dispensam todo o restante. Uma vez que estão profundamente envolvidos no *inventário*, duas coisas podem acontecer. Podem ignorar os impulsos das *emanações livres*, ou usá-las de um modo muito especializado.[7:80]

A *razão* humana aparece ao *vidente* como um brilho opaco incomumente homogêneo, que raramente reage; quando chega a fazê-lo, à pressão constante das *emanações livres*, [*vê*-se] um brilho que faz a concha ovóide ficar mais forte, porém mais quebradiça.[7:80]

Auto-reflexão

A *razão* na espécie humana deveria ser abundante, mas na realidade é muito rara. A maioria dos seres humanos volta-se para a *auto-absorção*.[7:80]

A *consciência* de todos os seres vivos tem um grau de *auto-reflexão*, para permitir que interajam. Mas nenhuma, exceto a *primeira atenção* do homem, possui tal grau de *auto-absorção*. Contrariamente aos homens de razão, que ignoram os impulsos das *emanações livres*, os indivíduos *auto-absorvidos* usam cada impulso e transformam-nos a todos em uma força para agitar as *emanações* aprisionadas no interior de seus casulos.[7:80]

Observando tudo isso, os *videntes* chegaram a uma conclusão prática. *Viram* que os homens de razão são destinados a viver mais tempo, porque, ao ignorar o impulso das *emanações livres*, aquietam a natural agitação do interior de seus casulos. Os indivíduos *auto-absorvidos*, por outro lado, usando o impulso das *emanações livres* para criar mais agitação, encurtam suas vidas.[7:80]

> A *primeira atenção* trabalha [com o *conhecido* e] muito bem com o *desconhecido*. Ela o bloqueia; ela nega-o tão ferozmente que, no final, o *desconhecido* não existe para a *primeira atenção*.
>
> Fazer um *inventário* torna-nos invulneráveis; é por isso que o *inventário* começou a existir.[7:81]

1.3.2.2 Segunda atenção

[Uma parte maior da *consciência*, a *segunda atenção* abrange] o *conhecimento* de que precisamos para perceber nosso casulo luminoso e para agir como *seres luminosos*. A *segunda atenção* [como lhe disse] permanece como pano de fundo durante toda nossa vida, a não ser que seja transportada através de treinamento deliberado ou por um trauma acidental.[6:20]

O campo de batalha dos *guerreiros* é a *segunda atenção* – uma espécie de campo de treinamento para atingir a *terceira atenção*. É um estado bem difícil de se chegar, mas muito frutificante quando atingido.[6:20]

> A *segunda atenção* é um estado mais complexo e especializado do *brilho da consciência*. Tem a ver com o *desconhecido*. Sobrevém quando *emanações não comuns* dentro do casulo do homem são utilizadas.
>
> A razão pela qual disse que a *segunda atenção* é especializada é que, para se utilizar essas *emanações incomuns*, são necessárias táticas inusuais, elaboradas, que requerem muita *disciplina* e concentração.[7:72]

A concentração necessária para se estar consciente de um *sonho* é o prenúncio da *segunda atenção*. A concentração é a forma de *consciência* que não está na mesma categoria que a *consciência* necessária para lidar com o mundo cotidiano.[7:73]

A *segunda atenção* é também chamada de *consciência do lado esquerdo*, e é o campo mais vasto que se pode imaginar, tão vasto que, na verdade, parece não ter limites.[7:73]

> Não gostaria de perder-me nela por nada neste mundo. É um pântano tão complexo e bizarro que os *videntes* sóbrios somente en-

> tram nela sob as mais estritas condições. A grande dificuldade é que a entrada para a *segunda atenção* é muito simples, e sua atração quase irresistível.[7:73]

Os *antigos videntes*, mestres da *consciência*, aplicavam sua habilidade em seus próprios *brilhos da consciência* e faziam com que se expandissem a limites inconcebíveis. Na verdade, aspiravam acender todas as *emanações* dentro de seus casulos, uma faixa por vez. Conseguiram, mas, de modo bastante estranho: o fato de acender uma faixa de cada vez determinou seu aprisionamento no pântano da *segunda atenção*.[7:73]

> Os *novos videntes* corrigiram aquele erro. Deixaram o *domínio da consciência* desenvolver-se no sentido de seu fim natural, que é o de estender o *brilho da consciência* além dos limites do casulo luminoso em uma única pulsação.[7:73]

[O desenvolvimento da *segunda atenção*] começa com a idéia que nos vem mais como uma curiosidade do que como uma possibilidade real; transforma-se em algo que só pode ser sentido, como uma sensação; e finalmente evolui para um estado de ser, ou uma região de praticidades, ou uma força superior que nos abre mundos além de nossas fantasias mais desvairadas.[9:35]

Os *feiticeiros* têm duas opções para explicar a *feitiçaria*. Uma é falar em termos metafóricos, e contar sobre um mundo de dimensões mágicas. Outra é explicar suas atividades em termos abstratos, próprios da *feitiçaria*.[9:34]

Ao descrever metaforicamente a *segunda atenção* como um desenvolvimento [significa] que, sendo um subproduto do *deslocamento do ponto de aglutinação*, a *segunda atenção* não é algo que aconteça naturalmente: deve ser intencional, vendo-a de início como uma idéia e terminando por percebê-la como uma *consciência fixa* e controlada do *deslocamento do ponto de aglutinação*.[9:36]

1.3.2.3 Terceira atenção

[Última parte da *consciência* e a maior, a *terceira atenção*] é uma *consciência* incomensurável que envolve aspectos indefiníveis do *conhecimento* dos corpos físico e luminoso.[6:20]

> A *terceira atenção* é atingida quando o *brilho da consciência* se transforma no *fogo interior*: o brilho que acende não uma faixa de cada vez, mas todas as *emanações da Águia* no interior do casulo do homem.[7:73]

Para os *novos videntes*, entrar na *terceira atenção* é um *presente da Águia*, mas [com] um significado diferente. É mais como uma recompensa por uma realização.[7:73]

No momento de *morrer*, todos os seres humanos entram no *incognoscível*, e alguns deles atingem a *terceira atenção*, embora por um tempo muito breve e apenas para purificar o *alimento da Águia*.[7:74]

> A realização suprema dos seres humanos é atingir aquele nível de *atenção* enquanto retém a força da vida, antes de se tornarem uma *consciência* desencarnada movendo-se como uma cintilação de luz na direção do bico da *Águia* para ser devorada.[7:74]

1.3.4 A CONSCIÊNCIA INTENSIFICADA

O *brilho da consciência* [provocado por um impacto] pode ser chamado de *atenção* temporariamente *intensificada*, porque ele enfatiza emanações que estão tão próximas das habituais que a mudança é mínima. Ainda assim, produz um aumento da capacidade de compreender e concentrar-se e, acima de tudo, um aumento da capacidade de esquecer. Os *videntes* sabem exatamente como usar essa mudança na escala de qualidade. Eles *viam* que apenas as *emanações* que cercam as que usamos no cotidiano subitamente ficam brilhantes [com um impacto]. As mais distantes permanecem intocadas, o que significa que, enquanto se encontram num estado de *atenção intensificada*, os seres humanos podem trabalhar como se estivessem no mundo da vida cotidiana.[7:114]

> As *emanações* que provocam o aumento da clareza deixam de ser enfatizadas depois que os *guerreiros* não estão mais com a *consciência intensificada*. Sem essa ênfase, aquilo que experimentem ou testemunhem desaparece.[7:114]

Um estado de *consciência intensificada* é visto não apenas como um brilho que aparece numa região mais profunda da forma ovóide dos seres humanos, mas também como um brilho mais intenso na superfície do casulo. Embora não seja nada em comparação com o brilho produzido em estados de *consciência total*, visto como uma explosão de incandescência no *ovo luminoso* inteiro. É uma explosão de luz de tal magnitude que os limites da concha ficam difusos e as *emanações* do interior estendem-se além de qualquer coisa imaginável.[7:115]

> Acontecem apenas com *videntes*. Nenhum outro homem ou nenhuma outra criatura vivente se ilumina dessa maneira. *Videntes* que atingem deliberadamente a *consciência total* são uma visão para se guardar. Esse é o momento em que queimam de dentro para fora. O *fogo interior* os consome. Em *consciência total*, fundem-se com as *emanações livres*, e deslizam para a eternidade.[7:115]

1.4 Os seres luminosos

Enquanto você pensar que é um corpo sólido, não pode conceber o que estou falando.[4:88]

Somos os percebedores. Somos uma *consciência*; não somos objetos; não temos solidez. Somos ilimitáveis. O mundo dos objetos e solidez é um modo de tornar cômoda nossa passagem pela Terra. É apenas uma descrição que foi criada para nos ajudar. Nós, ou antes, nossa *razão*, nos esquecemos de que a descrição é apenas uma descrição e assim encerramos a totalidade de nós num círculo vicioso do qual raramente emergimos em nossa vida.[4:88]

Somos percebedores. O mundo que percebemos, porém, é uma ilusão. Foi criado por uma descrição que nos foi contada desde o momento em que nascemos. Nós, os *seres luminosos*, nascemos com dois *círculos de poder*, mas só usamos um para criar o mundo. Esse *círculo*, que é preso logo depois que nascemos, é a *razão*, e seu companheiro é *falar.* Entre eles, inventam e mantêm o mundo. Assim, em essência, o mundo que sua *razão* quer sustentar é o mundo criado por uma descrição e suas regras dogmáticas e invioláveis, que a *razão* aprende a aceitar e defender. O segredo dos *seres luminosos* é que têm um outro *círculo de poder* que nunca é usado, a *vontade*.[4:90]

O truque do *feiticeiro* é o mesmo truque do homem normal. Ambos têm uma descrição; um, o homem normal, a sustenta com sua *razão*; o outro, o *feiticeiro*, a sustenta com sua *vontade.* Ambas as descrições têm suas regras e essas regras são percebíveis, mas a vantagem do *feiticeiro* é que a *vontade* é mais absorvente do que a *razão*.[4:90]

A sugestão que quero fazer aqui é que de hoje em diante você se deixe perceber se a descrição é mantida pela sua *razão* ou a sua *vontade*. Acho que é esse o único meio de você usar seu mundo de todo dia como desafio e veículo para acumular suficiente *poder pessoal* a fim de chegar à *totalidade de seu ser*.[4:91]

1.5 O ponto de aglutinação

A *percepção* tem lugar porque existe em cada um de nós um agente chamado *ponto de aglutinação*, que seleciona as *emanações* internas e externas para *alinhamento*. O *alinhamento* particular que percebemos como mundo é produto da posição específica em que nosso *ponto de aglutinação* está localizado em nosso casulo.[7:110]

Para nossa *primeira atenção* colocar em foco o mundo que percebemos, ela deve enfatizar certas *emanações* selecionadas na estreita faixa de *emanações* em que está localizada a *consciência* do homem. As *emanações* descartadas continuam dentro de nosso alcance, mas permanecem inativas, ignoradas por nós pela duração de nossas vidas.[7:111]

Os *novos videntes* chamam as *emanações enfatizadas do lado direito*, a *consciência* normal, o *tonal*, este mundo, o *conhecido*, a *primeira atenção*. O homem médio chama-as de realidade, racionalidade, senso comum.[7:111]

As *emanações* enfatizadas compõem uma larga porção da faixa de *consciência* do homem, mas uma parte muito pequena do espectro total de *emanações* presente no interior do casulo humano. As *emanações* negligenciadas na faixa do homem são consideradas como uma espécie de preâmbulo ao *desconhecido*, e o próprio *desconhecido* consiste em todas as *emanações* que não são parte da faixa humana e que nunca são enfatizadas. Os *videntes* chamam-nas de *consciência do lado esquerdo*, *nagual*, o outro mundo, o *desconhecido*, a *segunda atenção*.[7:111]

Os *antigos videntes* descobriram que o *ponto de aglutinação* não está no corpo físico, mas no invólucro luminoso, no próprio casulo.[7:112]

> Todo ser vivo tem um *ponto de aglutinação* que seleciona emanações para enfatizar.[7:118]

Os seres humanos escolhem sempre as mesmas *emanações* para perceber, por duas razões. Primeira e mais importante: porque fomos ensinados que essas *emanações* são perceptíveis; a segunda: porque nossos *pontos de aglutinação* selecionam e preparam essas *emanações* para serem usadas.[7:118]

Uma das conquistas mais importantes para os *novos videntes* foi descobrir que a área onde esse *ponto* está localizado no casulo de todas as criaturas vivas não é uma característica permanente, mas está estabelecida por hábito naquela região específica. Daí a tremenda importância que os *novos videntes* atribuem a novas ações, novas práticas. Desejam desesperadamente chegar a novos usos, novos hábitos.[7:119]

Os *novos videntes* afirmam que, no curso de nosso crescimento, depois que o *brilho da consciência* se focaliza sobre a faixa de *emanações* humanas e seleciona algumas delas para ênfase, entra em um círculo vicioso. Quanto mais enfatiza certas *emanações*, mais estável fica o *ponto de aglutinação*. Isso equivale a afirmar que a nossa *ordem* torna-se a *ordem da Águia*. Não é preciso dizer que, quando nossa *consciência* se desenvolve em *primeira atenção*, a *ordem* é tão forte que quebrar esse círculo e fazer o *ponto de aglutinação mover*-se é um verdadeiro triunfo.[7:123]

> O que é mais importante é a compreensão apropriada das verdades sobre a *consciência*, de modo a perceber que aquele *ponto* pode ser *deslocado* a partir do interior. A infeliz verdade é que os seres humanos sempre perdem por omissão. Simplesmente não conhecem suas possibilidades.[7:119]

> Os *novos videntes* dizem que a compreensão é a técnica. Dizem que, antes de tudo, é preciso ficar consciente de que o mundo que percebemos é o resultado da localização dos nossos *pontos de aglutinação* em uma área específica do casulo. Depois que isto é compreendido, o *ponto de aglutinação* pode *mover*-se quase por força da *vontade*, como conseqüência de novos hábitos.[7:119]

> O *ponto de aglutinação* do homem aparece em uma área definida do casulo porque a *Águia* assim *ordena*. Mas a área precisa é determinada pelo hábito, pelos atos repetitivos. Primeiro aprendemos que ele pode ser localizado ali, e então nós mesmos ordenamos que fique naquele lugar. Nossa *ordem* torna-se a *ordem da Águia*, e o *ponto* se *fixa* naquela posição. Reflita sobre isto com muito cuidado; nossa *ordem* torna-se a *ordem da Águia*.[7:119]

O *ponto de aglutinação* também é responsável por fazer a *primeira atenção* perceber em termos de *aglomerados*. Um exemplo de *aglomerado* de *emanações* que recebem ênfase ao mesmo tempo é o corpo humano tal como nós o percebemos. Outra parte de nosso ser total, nosso casulo luminoso, nunca recebe ênfase e é relegado ao esquecimento, pois o efeito do *ponto de aglutinação* não é apenas fazer-nos perceber certos *aglomerados* de *emanações*, mas também fazer-nos ignorar outras *emanações*.[7:124]

O *ponto de aglutinação* irradia um brilho que reúne feixes de *emanações* aprisionadas. Esses feixes então se alinham com as *emanações livres*. Os *aglomerados* se formam mesmo quando os *videntes* lidam com *emanações* que nunca são usadas. Sempre que são enfatizadas, podemos percebê-las exatamente como percebemos os *aglomerados* da *primeira atenção*.[7:124]

> Um dos maiores momentos que os *novos videntes* tiveram foi quando descobriram que o *desconhecido* é simplesmente as *emanações* descartadas pela *primeira atenção*. É vasto, mas a *aglomeração* ainda pode ser feita. Já o *incognoscível*, por sua vez, é uma eternidade onde nosso *ponto de aglutinação* não tem condição alguma de *aglomerar*.[7:124]

O *ponto de aglutinação* é como um magneto luminoso que escolhe *emanações* e as agrupa sempre que se *move* dentro dos limites da faixa de *emanações* do homem. Essa descoberta foi a glória dos *novos videntes*, pois lançou nova luz sobre o *desconhecido*. Os *novos videntes* perceberam que algumas das visões obsessivas dos *videntes*, aquelas que são quase inconcebíveis, coincidem com a mudança do *ponto de aglutinação* para a região da faixa do homem que é diametralmente oposta àquela onde ele está ordinariamente localizado.[7:124]

> São *visões* do lado escuro do homem, porque é sombrio e ameaçador. Não é apenas o *desconhecido*, mas o que não se quer conhecer.[7:124]

> [As *emanações* que estão dentro do casulo, mas fora dos limites da faixa do homem, podem ser percebidas] mas de maneiras indescritíveis. Não são o *desconhecido* humano, como é o caso das *emanações* não utilizadas na faixa do homem, mas o *desconhecido* quase incomensurável, onde não há nenhum traço. É de fato uma área de uma vastidão tão gigantesca que o melhor dos *videntes* dificilmente conseguiria descrevê-la.[7:124]

> O mistério está fora de nós. Dentro de nós há apenas *emanações* tentando romper o casulo. E esse fato nos desvia da verdade de um modo ou de outro, sejamos homens comuns ou *guerreiros*. Apenas os *novos videntes* superaram esse ponto. Eles lutam para *ver*. E por meio das mudanças de seus *pontos de aglutinação* conseguem sentir que o mistério é perceber. Não tanto o que percebemos, mas o que nos faz perceber.
>
> Já lhe disse que os *novos videntes* acreditam que os nossos sentidos são capazes de detectar qualquer coisa. Acreditam nisso porque *vêem* que a posição do *ponto de aglutinação* é o que dita o que nossos sentidos percebem. Se o *ponto de aglutinação* alinha *emanações* no interior do casulo em uma posição diferente da normal, os sentidos humanos percebem de maneiras inconcebíveis.[7:125]

Há uma distinção significativa entre um *movimento* e um *deslocamento* do ponto de aglutinação. O *movimento* é uma profunda mudança de posição, tão extrema que o *ponto de aglutinação* pode mesmo alcançar outras faixas de energia no interior de nossa massa total luminosa. Cada faixa de energia representa um universo completamente diferente a ser percebido. Um *deslocamento*, entretanto, é um movimento pequeno no interior da faixa de campos de energia, que percebemos como um mundo da vida cotidiana.[8:212]

O aspecto do *alinhamento* que mantém o *ponto* [*de aglutinação*] estacionário é a *vontade*; e o aspecto que o faz mudar é a *intenção* [o *intento*]. Um dos mistérios mais assombrosos é como a *vontade*, a força impessoal do *alinhamento*, se transforma em *intenção*, a força personalizada, a serviço de cada indivíduo.[7:206]

> A parte mais estranha deste mistério é que a mudança é tão fácil de realizar. Mas o que não é tão fácil é convencer a nós mesmos que isso é possível. É aí que reside nossa segurança. Temos de ser convencidos. E nenhum de nós quer sê-lo.[7:206]

CAPÍTULO 2

A TOTALIDADE DO SER

Nosso ser total consiste em dois segmentos perceptíveis. O primeiro é o corpo físico conhecido que todos nós podemos perceber; o segundo é o *corpo luminoso*, um casulo que nos dá a aparência de *ovos luminosos*.[6:20]

> Os homens parecem diferentes quando você *vê*. [São] como fibras de luz, como teias de aranhas brancas. Fios muito finos que circulam da cabeça ao umbigo. Assim, o homem parece um ovo de fibras circundantes. E seus braços e pernas são como espinhos luminosos, espocando em todas as direções.[2:26]

> Além disso, todos os homens estão em contado com tudo o mais, não por suas mãos, mas por meio de um punhado de fibras compridas que saem do *centro* de seu abdômen. Essas fibras ligam o homem a seu ambiente; mantêm seu equilíbrio; dão-lhe estabilidade. Assim, como algum dia você poderá *ver*, o homem é um *ovo luminoso*, quer ele seja mendigo ou rei, e não há jeito de modificar nada, ou melhor, o que poderia ser modificado naquele *ovo luminoso*? O que?[2:27]

> Quando os *feiticeiros* dos tempos antigos estavam examinando minuciosamente o corpo com seu olho de *visão*, notaram a presença de *vórtices*. Ficaram muito curiosos a esse respeito e fizeram um mapa deles.[10:101]

> Cada *centro de energia* no corpo mostra uma concentração de energia; uma espécie de *vórtice de energia*, como um funil, que, da perspectiva do *vidente,* parece realmente girar no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio. A força de um determinado *centro* depende do vigor do movimento. Se ele mal se move, o centro fica exaurido, esvaziado de energia.

> Existem centenas [desses *centros*], se não milhares! Pode-se dizer que um ser humano não é mais que um conglomerado de milhares de *vórtices* giratórios, alguns deles tão minúsculos que são, vamos dizer, como furinhos de alfinete, mas furinhos muito importantes. A maioria dos *vórtices* são *vórtices de energia.* A energia flui livremente através deles ou fica presa neles. No entanto existem seis tão enormes que merecem tratamento especial. São *centros* de vida e vitalidade. Neles a energia nunca fica presa, mas às vezes o suprimento de energia é tão escasso que o *centro* mal gira.[10:101]

Estes pontos representam um ser humano e podem ser traçados de qualquer jeito que se queira. A forma exterior não tem importância. [4:88] São oito pontos nas fibras de um ser luminoso. O ser humano é, antes de tudo, a *vontade*, porque a *vontade* é diretamente ligada a três pontos: *sentir*, *sonhar* e *ver*; depois o ser humano é *razão.* Esta, propriamente, é um centro menor do que a *vontade*; só está ligada a *falar*. [4:88]

Podemos dizer que cada um de nós traz ao mundo oito pontos [essenciais]. Dois deles, *razão* e *falar*, são conhecidos de todos. *Sentir* é sempre vago, mas meio conhecido. Mas somente, no mundo dos *feiticeiros* é que a gente vem a conhecer plenamente *sonhar*, *ver* e *vontade*. E, por fim, na extremidade desse mundo encontramos dois outros [que] nunca cederão a *falar* nem a *razão*: [o *tonal* e o *nagual*]. Somente a *vontade* pode manobrá-los. A *razão* está tão distante deles que é inteiramente inútil tentar entendê-los. Essa é uma das coisas mais difíceis de compreender; afinal de contas, o forte da *razão* é conceber tudo. [4:88-89]

Ao que eu saiba, só há oito pontos que o homem seja capaz de manejar. Talvez os homens possam ir além disso. Eu disse manejar, não compreender, reparou?[2:238]

2.1 Ver

O verdadeiro é quando o corpo entende que pode *ver*. Só então ele é capaz de saber que o mundo para o qual olhamos todo dia é apenas uma descrição. A fim de *ver* a gente tem de aprender como é que os *feiticeiros* olham para o mundo.[3:237]

Para ser *feiticeiro*, o homem tem de ser apaixonado. Um homem apaixonado tem bens terrenos e coisas queridas... se nada mais, o simples caminho em que anda.[3:246]

Existem perigos inomináveis no *caminho do conhecimento* para aqueles que não possuem uma compreensão sóbria. Estou delineando a *ordem* na qual os *novos videntes* colocaram a verdade sobre a *consciência*, de modo que lhe sirva como um mapa, um mapa que deverá comprovar com sua *visão*, mas não com seus olhos.[7:61]

---

* Um diagrama de oito pontas ligadas entre si por linhas, com dois epicentros; um chamado de "razão", o outro de "vontade". "Razão" está interligado diretamente a um ponto que se chama "falar". Por meio de "falar" a razão é ligada indiretamente a três outros pontos, "sentir", "sonhar" e "ver". O outro epicentro, "vontade", está ligado diretamente a "sentir", "sonhar" e "ver"; mas só indiretamente a "razão" e "falar". [4:88] Os outros pontos misteriosos [*tonal* e *nagual*] só estão ligados à "vontade", muito afastados de "sentir", "sonhar" e "ver" e muito mais afastados de "falar" e "razão". Estão isolados do resto e entre si.[4:88]

Os oito pontos correspondem a zonas e a certos órgãos nos seres humanos: a cabeça é o centro da *razão* e *falar*. A ponta do esterno é o centro de *sentir*. A zona abaixo do umbigo é da *vontade*. *Sonhar* fica do lado direito, contra as costelas. *Ver* é à esquerda. Às vezes, *ver* e *sonhar* são do lado direito.[4:89]

Vejo de dois jeitos. Quando quero olhar para o mundo, vejo-o da maneira que você vê. Depois, quando desejo *vê*-lo, olho para ele do jeito que eu sei e percebo-o de maneira diferente.[2:39] As coisas não mudam. A gente é que muda a maneira de olhar, só isso.[2:40]

Sempre que você olha para as coisas, não a *vê*. Apenas olha para elas, suponho que para se certificar de que há alguma coisa ali. Como não está preocupado em *ver*, as coisas parecem as mesmas cada vez que olha para elas. Mas quando aprende a *ver*, por outro lado, uma coisa nunca é a mesma cada vez que você a *vê*, e no entanto é a mesma. [2:40]

Quando o homem aprende a *ver*, ele se encontra sozinho no mundo, apenas com a *loucura*. Seus atos, bem como os atos de seus semelhantes em geral, parecem-lhe importantes porque aprendeu a pensar que são importantes.[2:27]

Certas coisas em sua vida lhe importam porque são importantes; seus atos certamente são importantes para você, mas, para mim, não há mais nenhuma coisa importante, nem os meus atos nem os de meus semelhantes. Mas continuo a viver porque tenho minha *vontade*. Porque temperei minha *vontade* em toda a minha vida, até ela se tornar limpa e sadia, e agora não mais me importa o fato de nada importar. Minha *vontade* controla a *loucura* de minha vida.[2:78]

Aprendemos a pensar sobre tudo e depois exercitamos nossos olhos para olharem como pensamos a respeito das coisas que olhamos. Olhamos para nós mesmos já pensando que somos importantes. E, por isso, temos de *sentir-nos* importantes! Mas quando o homem aprender a *ver*, entende que não pode mais pensar a respeito das coisas que ele olha, e se não pode mais pensar a respeito das coisas que ele olha, tudo fica sem importância.[2:79]

Eu não disse sem valor. Falei sem importância. Tudo é igual, e dessa forma sem importância. Por exemplo, não há meio de eu dizer que meus atos sejam mais importantes do que os seus, ou que uma coisa seja mais importante do que outra; e, portanto, todas as coisas são iguais, e sendo iguais são sem importância.[2:80]

[Outro exemplo:] precisamos olhar com nossos olhos para rir, porque só quando olhamos para as coisas é que pegamos o lado engraçado do mundo. Por outro lado, quando os nossos olhos *vêem*, tudo é tão igual que nada é engraçado.[2:81]

Nossos olhos olham, de modo que podemos rir, ou chorar ou regozijar-nos, ou ficar tristes, ou felizes. Pessoalmente não gosto de ficar triste, de modo que sempre que presencio alguma coisa que normalmente me entristeceria, limito-me a mudar meus olhos e *vejo* a coisa, em vez de simplesmente olhar para ela. Mas quando encontro alguma coisa engraçada, eu olho e rio.[2:81]

O mundo, quando você o *vê*, não é o que pensa que é agora. É antes um mundo veloz, que se move e modifica.[2:108]

Somos homens e nosso destino é aprender e sermos lançados em novos mundos inconcebíveis. *Ver* é para *homens impecáveis*.[2:145]

Se um homem *vê*, não tem de viver como um *guerreiro*, nem como coisa alguma, pois pode *ver* as coisas como elas são realmente e dirigir sua vida de acordo. [2:142] Ao aprender a *ver*, o homem torna-se tudo, tornando-se nada. Por assim dizer, desaparece, e no entanto continua ali. Eu diria que essa é a ocasião em que o homem pode ser ou conseguir tudo o que deseja. Mas não deseja nada, e em vez de brincar com seus semelhantes como se fossem brinquedos, ele os encontra no meio da *loucura* deles. A única diferença entre eles é que o homem que *vê* controla sua *loucura*, enquanto que seus semelhantes não o conseguem. Um homem que *vê* não tem mais um interesse ativo por seus semelhantes. *Ver* já o desprendeu de tudo o que conhecia antes.[2:145]

Todas as pessoas são presas do engano de que *ver* é função dos olhos.[7:61]

Ver não é questão de olhar e ficar quieto. *Ver* é uma técnica que a gente tem de aprender. Ou talvez seja uma técnica que alguns de nós já conhecemos.[2:155]

2.1.1 A *VOZ DE VER*

Ver é um eufemismo para o *deslocamento do ponto de aglutinação*.[7:210]

Ver é um *conhecimento corporal*. A predominância do sentido visual em nós influencia esse *conhecimento corporal* e lhe dá um sentimento de ser orientado visualmente.[6:35] *Ver* é o alinhamento. O *alinhamento* das *emanações* usadas rotineiramente é a *percepção* do mundo do dia-a-dia, mas o *alinhamento* de *emanações* que nunca são usadas ordinariamente é *ver*. Quando tal *alinhamento* ocorre, a pessoa *vê*. *Ver*, portanto, sendo produzida por um *alinhamento* fora do comum, não pode ser algo para que alguém possa meramente olhar.[7:61-62]

Ver é uma sensação peculiar de saber, de saber alguma coisa sem resquício de dúvida. [7:16] Não importa o que você *vê*. O que você *sente* é o importante. [3:62]

Quando os *videntes vêem*, algo explica tudo que aconteceu à medida que o novo *alinhamento* ocorre. É uma *voz* que lhes conta no ouvido o que é o quê. Se essa *voz* não está presente, aquilo em que o *vidente* está engajado não é *ver*.[7:62]

É errado afirmar que *ver* é ouvir, porque é infinitamente mais do que isso, mas os *videntes* optaram por usar o som como a medida de um novo *alinhamento* – a *voz de ver*, muito misteriosa e inexplicável.[7:62]

> As declarações são feitas com muita certeza, e a gente não sabe como acontece.[4:123]

> Minha conclusão pessoal é que a *voz de ver* pertence apenas ao homem. Isto pode acontecer porque só os homens falam. Os *antigos videntes* acreditavam que fosse a *voz* de uma entidade todo-poderosa intimamente relacionada com a humanidade, um protetor do homem. Os *novos videntes* descobriram que essa entidade, à qual deram o nome de *molde do homem*, não possui uma *voz*. A *voz de ver* para os *novos videntes* é algo praticamente incompreensível; dizem que é o *brilho da consciência* tangendo as *emanações da Águia*, como um harpista toca uma harpa.[7:62]

O processo de *ver* consiste de um intervalo de verdadeiro *silêncio interior*, seguido por um alongamento exterior do ser, um alongamento que se encontra e funde com o outro corpo, ou com qualquer coisa dentro de nosso campo de *consciência*. Fundir [é como] uma coisa que o corpo *sente* ou faz quando posto em contato observacional com outros corpos.[4:124]

> *Ver* deve ser direto, pois um *guerreiro* não pode usar seu tempo para descobrir o que ele mesmo está *vendo*. *Ver* é *ver* porque elimina todas as tolices. No princípio *ver* é confuso, e é fácil a gente perder-se nisso. Mas à medida que o *guerreiro* vai ficando mais compacto, seu *ver* se torna o que deve ser, um *conhecimento* direto.[4:138]

> Um *guerreiro* faz perguntas e através de seu *ver* obtém uma resposta, mas a resposta é simples, nunca embelezada ao ponto de *poodles* franceses voadores.[4:139]

> *Ver* só acontece quando a gente se esqueira entre os mundos, o mundo das pessoas comuns e o mundo dos *feiticeiros*.[3:235]

2.2 Vontade

A *vontade* pode ser descrita como o controle máximo da luminosidade do corpo como um *campo de energia*, ou como um nível de eficiência, ou um estado de ser que surge abruptamente na vida diária de um *guerreiro* a um dado momento. Ela é experimentada como uma força que se irradia da parte média do corpo, depois de um instante do mais absoluto *silêncio*, ou um instante de pleno terror, ou de tristeza profunda; mas não depois de um instante de alegria, pois a alegria é muito envolvente para permitir ao *guerreiro* a concentração necessária para usar a luminosidade do corpo e levá-lo ao *silêncio*.[7:118]

[A *vontade*] é uma coisa muito especial. Acontece misteriosamente. Não há um meio certo de se dizer como é que se a usa, a não ser que os resultados de se usar a *vontade* são extraordinários. Talvez a primeira coisa que se deve fazer é saber que a gente a pode desenvolver. O *guerreiro* sabe disso e passa a esperar isso.[2:138]

A *vontade* é uma coisa muito clara e poderosa, que pode dirigir os nossos atos. A *vontade* é uma coisa que o homem usa, por exemplo, para vencer uma batalha que ele, por todos os cálculos, devia perder.[2:139]

O que o feiticeiro chama de *vontade* é um *poder* dentro da gente. Não é uma idéia, nem um objeto, nem um desejo. A *vontade* é o que pode fazê-lo vencer quando seus pensamentos lhe dizem que você está vencido. A *vontade* é o que torna invulnerável. A *vontade* é o que faz o *feiticeiro* atravessar uma parede; o espaço; ir até à Lua, se ele quiser.[9:119]

O que você chama de vontade é caráter e uma disposição forte. O que um *feiticeiro* denomina *vontade* é uma força que vem de dentro e se agarra ao mundo exterior. Sai pela barriga, bem onde estão as fibras luminosas.[2:140]

A coragem é outra coisa. Os homens de coragem são homens de confiança, nobres, constantemente rodeados por pessoas que ficam em volta deles e os admiram; no entanto, muito poucos homens de coragem, têm *vontade*. Geralmente são homens destemidos, que são dados a praticar atos audaciosos de bom senso; a maioria das vezes, um homem corajoso é também atemorizador e temido. A *vontade*, por outro lado, trata de façanhas surpreendentes, que desafiam nosso bom senso. [2:139]

A *vontade* é um *poder*. E como é um *poder*, tem de ser controlada e afinada, e isso leva tempo. Nossa *vontade* opera apesar de nossa indulgência. Por exemplo, sua *vontade* já está abrindo sua *brecha*, pouco a pouco.[2:139]

Há uma *brecha* em nós, no lugar das fibras luminosas. Como a moleira de uma criança, que se fecha com a idade, essa *brecha* se abre à medida que a pessoa desenvolve sua *vontade*.[2:139] É uma abertura. Dá um espaço para a *vontade* disparar, como uma flecha.[2:140]

A *vontade* é como uma força que é o verdadeiro elo entre os homens e o mundo – tudo o que nós percebemos, de qualquer maneira que desejamos perceber. Perceber o mundo acarreta um processo de apreender tudo o que se apresenta a nós. Essa *percepção* especial é efetuada com nossos sentidos e nossa *vontade*.[2:140]

Um homem comum só pode "agarrar" as coisas do mundo com as mãos, ou com os olhos, ou os ouvidos, mas um *feiticeiro* pode agarrá-las também com o nariz, ou a língua ou a *vontade*, especi-

almente a *vontade*. Não posso descrever como isso é feito, mas nem você me pode descrever, por exemplo, como é que ouve. Acontece que eu também sou capaz de ouvir, de modo que podemos falar sobre o que ouvimos, mas não sobre como ouvimos. Um *feiticeiro* usa a sua *vontade* para perceber o mundo. Essa *percepção*, contudo, não é como ouvir. Quando olhamos para o mundo, ou quando o ouvimos, temos a impressão de que já está lá e que é real. Quando percebemos o mundo com nossa *vontade*, sabemos que não está tão ali, ou que não é tão real quanto pensamos.[2:141]

A *vontade* é uma força, um *poder*. *Ver* não é uma força, e sim uma maneira de se penetrar nas coisas. Um *feiticeiro* pode ter uma *vontade* muito forte e, no entanto, pode não *ver*; o que significa que somente um *homem de conhecimento* percebe o mundo com seus sentidos e com sua *vontade*, e também *vendo*.[2:141]

Aquilo que o poderia ajudar a desenvolver sua *vontade* está no meio de todas as pequeninas coisas que você faz.[2:141]

2.3 Sonhar

O nosso *primeiro círculo de poder* aparece muito cedo em nossas vidas e vivemos sob a impressão de que aquilo é só o que há em nós. O nosso *segundo círculo de poder*, a *atenção* do *nagual*, permanece oculto para a grande maioria de nós, e só no momento de nossa morte é que ele nos é revelado. Porém há um caminho para chegar a ele, que todos podemos seguir, mas que somente os *feiticeiros* seguem, e esse caminho é por meio de *sonhar*.[5:202]

Sonhar é, em essência, a transformação de sonhos comuns em assuntos que envolvem a *vontade*. Os *sonhadores*, aplicando a sua *atenção do nagual* [sua *segunda atenção*] e focalizando-a sobre os fatos e acontecimentos de seus sonhos normais, transformam esses sonhos em *sonhar*.[5:202]

O *sonho* é intrinsecamente o *não fazer* de dormir.[6:24]

Cada *guerreiro* tem seu modo próprio de *sonhar*. Cada modo é diferente. A única coisa que todos temos em comum é que fazemos truques para nos obrigar a abandonar a busca. O antídoto é insistir, apesar de todos os obstáculos e desapontamentos.[4:19]

Sonhar só pode ser experimentado. *Sonhar* não é apenas ter sonhos; nem devaneios ou desejos ou imaginação. *Sonhando* podemos perceber outros mundos, que certamente podemos descrever; mas não podemos descrever o que nos faz percebê-los. No entanto podemos *sentir* de que modo o *sonhar* abre essas outras regiões. *Sonhar* parece uma sensação; um processo em nossos corpos, uma percepção em nossas mentes.[9:9]

A arte de *sonhar* é a capacidade de utilizar os sonhos comuns da pessoa e transformá-los numa *conscientização controlada*, em virtude de uma forma especializada de *atenção*, a *segunda atenção*.[6:157]

Uma das metas mais importantes da *feitiçaria* é alcançar o casulo luminoso; uma meta que é conseguida pelo uso sofisticado do *sonho* e por um empreendimento rigoroso e sistemático de *não fazer* – um ato pouco familiar, que envolve todo o nosso ser ao forçá-lo a se tornar consciente do seu segmento luminoso.[6:20]

2.3.1 O corpo energético

O corpo e o *corpo energético* são dois conglomerados de campos energéticos comprimidos juntos por alguma estranha força aglutinante. A força que liga esse grupo de campos energéticos é, segundo os *feiticeiros* [de antigamente], a força mais misteriosa do universo. É pura essência do cosmo como um todo, a soma total de tudo o que existe.[12:264]

O corpo físico e o *corpo energético* [*luminoso*] são as únicas configurações energéticas contrabalançadas no nosso domínio como seres humanos. [Não há], portanto, nenhum outro dualismo além do existente entre esses dois. O dualismo entre o corpo e a mente, o espírito e a carne, é mera concatenação da mente, emanando desta sem qualquer base energética.[12:264]

Por meio da disciplina é possível para uma pessoa trazer o *corpo energético* para mais perto do corpo físico. Normalmente, a distância entre os dois é enorme. Uma vez que o *corpo energético* esteja a uma certa distância, que varia para cada um de nós individualmente, qualquer pessoa, através da *disciplina*, pode forjá-lo em uma réplica exata do seu corpo físico [menor, mais compacto, mais pesado do que a esfera luminosa do corpo físico] – ou seja, um ser sólido, tridimensional.[12:264]

Da mesma forma, através dos mesmos processos de disciplina, qualquer um pode forjar seu corpo físico sólido e tridimensional, para ser uma réplica perfeita de seu *corpo energético* – ou seja, uma carga etérea de energia invisível ao olho humano, como toda energia é.[12:264]

> Os *antigos videntes* concentraram parte de seus esforços em desvendar e explorar o *corpo sonhador [energético]*. E foram bem sucedidos usando-o como um corpo mais prático, o que quer dizer que recriavam-se de maneiras cada vez mais estranhas.[7:171]

Os *novos videntes* sabem que muitos dos antigos *feiticeiros* nunca voltaram após despertar em uma *posição de sonho* de seu agrado. Provavelmente todos morre-

ram naqueles mundos inconcebíveis, ou podem ainda estar vivos hoje, em uma forma ou maneira retorcida.[7:171]

> Os *antigos videntes* estavam procurando uma réplica perfeita do corpo. E quase conseguiram. A única coisa que nunca conseguiram copiar foram os olhos. Em lugar de olhos, o *corpo sonhador* tem simplesmente o *brilho da consciência*.[7:173]

> Os *novos videntes* não podiam importar-se menos com uma réplica perfeita do corpo; na realidade não estão interessados sequer em copiar o corpo. Mas mantiveram o nome *corpo sonhador*, significando uma sensação, uma onda de energia que o transportava, pelo movimento do *ponto de aglutinação*, a qualquer lugar neste mundo, como a qualquer lugar nos sete mundos alcançáveis pelo homem.[7:173]

O procedimento para se chegar ao *corpo sonhador* começa com um ato inicial que, pelo fato de ser continuado, desenvolve uma *intenção inflexível*. A *intenção inflexível* leva ao *silêncio interior*, e o *silêncio interior* à *força interior* necessária para fazer o *ponto de aglutinação* se *deslocar* nos *sonhos* para posições adequadas. [Esta seqüência é o] alicerce. O desenvolvimento do controle vem após ter sido completado o alicerce; consiste em manter sistematicamente a *posição de sonho* agarrando-se com tenacidade à visão do *sonho*. A prática constante resulta numa grande facilidade em manter novas *posições de sonho* com novos *sonhos*, não tanto porque a pessoa obtém controle deliberado com a prática, mas porque cada vez que esse controle é exercido a *força interior* sai enriquecida. A *força interior*, por sua vez, faz o *ponto de aglutinação* se *deslocar* para posições de *sonho*, que são cada vez mais apropriadas para proporcionar *sobriedade*; em outras palavras, os próprios *sonhos* se tornam cada vez mais controláveis, e até mesmo ordenados.[7:173-174]

> O desenvolvimento dos *sonhadores* é indireto. É por isso que os *novos videntes* acreditavam que podemos *sonhar* sozinhos. Uma vez que *sonhar* usa um *deslocamento* natural, intrínseco, do *ponto de aglutinação*, não deveríamos precisar de ninguém para ajudar-nos.
>
> O que precisamos desesperadamente é de *sobriedade*, e só nós mesmos podemos consegui-la. Sem ela, o *deslocamento do ponto de aglutinação* é caótico, como são caóticos nossos sonhos comuns.
>
> Assim, em tudo e por tudo, o procedimento para se chegar ao *corpo sonhador* é a *impecabilidade* em nossa vida diária.[7:174]

Depois que a *sobriedade* é adquirida e as *posições de sonho* se tornam cada vez mais fortes, o passo seguinte é acordar em alguma *posição de sonho*. A manobra, embora soe tão simples, é na realidade um assunto muito complexo – tão complexo que requer não apenas *sobriedade* mas também todos os atributos do *guerreiro*, especialmente a *intenção*.[7:174]

A *intenção*, sendo o mais sofisticado controle da *força de alinhamento*, é o que mantém, através da *sobriedade* do *sonhador*, o *alinhamento* de quaisquer *emanações* que tenham sido acesas pelo *deslocamento do ponto de aglutinação*.[7:174]

Há mais uma armadilha formidável em *sonhar*: a própria força do *corpo sonhador*. Por exemplo, é muito fácil para o *corpo sonhador fixar* ininterruptamente as *emanações da Águia* por longos períodos de tempo. Mas também é muito fácil para o *corpo sonhador* ser totalmente consumido por elas no final. *Videntes* que *fixaram* as *emanações da Águia* sem seus *corpos sonhadores* morreram, e aqueles que as *fixaram* com seus *corpos sonhadores* queimaram-se com o *fogo interior*. Os *novos videntes* resolveram o problema *vendo* em grupo. Enquanto um *vidente fixava* as *emanações*, outros ficavam ao lado, prontos para encerrar a *visão*.[7:174]

> Eles *sonham* juntos. Como você mesmo sabe, é perfeitamente possível para um grupo de *videntes* ativar as mesmas *emanações* inusuais. E também nesse caso, não há passos estabelecidos. Simplesmente acontece; não há técnica a seguir.[7:175]

Ao *sonharmos* juntos, algo em nós assume o controle e subitamente encontramo-nos dividindo a mesma *visão* com outros *sonhadores*. O que acontece é que nossa condição humana faz-nos focalizar o *brilho da consciência* automaticamente nas mesmas emanações que outros seres humanos estão usando; ajustamos a posição de nossos *pontos de aglutinação* para combinar com os outros ao nosso redor. Fazemo-lo no lado direito, em nossa percepção ordinária, e também o fazemos do lado esquerdo, enquanto *sonhamos* juntos.[7:175]

Como o *não fazer* de dormir, o *sonho* dá aos praticantes a utilização daquela porção de suas vidas gastas no cochilo. É como se os *sonhadores* não mais dormissem. Mesmo assim, não há mal nisso. Os *sonhadores* não sentem falta de sono, mas o efeito de *sonhar* parece ser o aumento do tempo através do uso de um pretenso corpo extra, o *corpo sonhador*.[6:24]

> Todos nós, *seres luminosos*, temos um *sósia*. Todos nós! Um *guerreiro* aprende a ter noção disso, mais nada. Existem barreiras aparentemente intransponíveis protegendo essa noção. Mas isso é de se esperar; são essas barreiras que tornam a conquista dessa noção um desafio tão raro.[4:54]

> O *corpo sonhador* é conhecido por nomes diferentes. O nome de que mais gosto é "o outro". Era o termo usado pelos *antigos videntes* e era o sentido que eles davam. É misterioso e proibido. Exatamente como os *antigos videntes*, ele me dá a sensação de trevas, de sombras. Os *antigos videntes* diziam que *o outro* sempre chega envolto em vento.[7:255]

[Também] *o corpo sonhador* é às vezes chamado de "o *sósia*", porque é uma réplica perfeita do corpo do *sonhador*. É basicamente a energia de um ser luminoso, um esbranquiçado, uma *emanação* fantasmagórica, que é projetada pela *fixação* da *segunda atenção* numa imagem tridimensional do corpo. O *corpo sonhador* não é um fantasma; é tão real quanto qualquer coisa com que lidamos no mundo.[6:24]

> Você está pensando que o *sósia* é o que a palavra está dizendo, um duplo, ou outro você. Escolhi essas palavras a fim de descrevê-lo. O *sósia* é o próprio ser e não pode ser encarado de outro modo.[4:54]

> O *sósia* é uma coisa simples para um *feiticeiro* porque ele sabe o que está fazendo.[4:49]

Não há passos definidos e padronizados para se alcançar esse *sósia*, como não há passos definidos para alcançarmos a nossa *consciência* diária. Nós fazemos isso simplesmente praticando. No ato de empenhar a nossa *atenção do nagual*, encontramos esses passos.[5:203]

> O *sósia* não é questão de escolha pessoal.[4:252] O segredo do *sósia* está na *bolha da percepção*. O *aglomerado* de *sentimentos* pode ser obrigado a unir-se instantaneamente em qualquer lugar. Em outras palavras, podemos perceber o *aqui* e o *ali* ao mesmo tempo.[4:241]

> O *sósia* é a *consciência* de nosso estado como *seres luminosos* [*energéticos*]. Pode fazer qualquer coisa, e no entanto prefere ser discreto e delicado.[4:57]

A *segunda atenção* é inevitavelmente levada a focalizar sobre nosso *ser total* como um *campo de energia*, e transforma essa energia em qualquer coisa apropriada. A coisa mais fácil é, naturalmente, a imagem do corpo físico com o qual já estamos perfeitamente familiarizados em nossa vida diária, através do uso da nossa *primeira atenção*. O que canaliza a energia do nosso *ser total* a produzir qualquer coisa que esteja dentro dos limites de possibilidades é conhecido como *vontade*. A energia de um ser humano pode ser transformada, através da *vontade*, em qualquer coisa.[6:24]

O *corpo sonhador* e a *barreira da percepção* são posições do *ponto de aglutinação*, e esse *conhecimento* é tão vital para os *videntes* quanto saber ler e escrever para o homem moderno. Ambas são capacidades conquistadas depois de anos de prática.[7:255]

A lembrança da principal viagem do *corpo sonhador* deixa o *ponto de aglutinação* em condições de romper a *barreira da percepção* para poder *aglomerar* outro mundo.[7:255]

2.4 O *TONAL*

Todos os seres humanos têm dois lados, duas entidades separadas, dois complementos que começaram a funcionar na hora do nascimento: uma chama-se *tonal* e a outra *nagual* (pronuncia-se naual).[4:110]

> Os feiticeiros têm um interesse especial e único nesse conhecimento. Eu diria que o *tonal* e o *nagual* estão no domínio exclusivo dos *homens de conhecimento*.[4:110]

> O *tonal* é a pessoa social. O *tonal* é, de direito, um protetor, um guardião; um guardião que geralmente se transforma em guarda.[4:111]

> O *tonal* é o *organizador* do mundo. Talvez o melhor meio de descrever seu trabalho monumental seja dizer que sobre seus ombros repousa o trabalho de dar ordem ao caos do mundo. Não é exagero afirmar, como dizem os *feiticeiros*, que tudo quanto sabemos e fazemos como homens é obra do *tonal*. Neste momento, por exemplo, aquilo que está empenhado em fazer sentido dessa nossa conversa é o seu *tonal*: sem ele só haveria sons estranhos e caretas e você nada compreenderia do que estou falando. Eu diria então que o *tonal* é um guardião que protege algo de precioso, o nosso próprio ser. Portanto, uma qualidade inerente do *tonal* é ser astucioso e zeloso do que faz. E como seus atos são de longe a parte mais importante de nossas vidas, não admira que no fim ele se transforme, em todos nós, de guardião em guarda.
>
> Um guardião tem vistas largas e é compreensivo. Um guarda, ao contrário, é vigilante, intolerante e, a maior parte do tempo, despótico. Digo, pois, que o *tonal* em todos nós foi transformado num guarda mesquinho e despótico, quando deveria ser um guardião de larga visão.[4:111]

> O *tonal* é tudo o que somos. Qualquer coisa. Tudo que tem um nome é o *tonal*. E como o *tonal* é seus próprios atos, então tudo, obviamente, terá de cair sob seu domínio.[4:111]

> O *tonal* é tudo o que conhecemos, tudo o que sabemos. E não inclui apenas nós, como pessoas, mas tudo em nosso mundo. Pode-se dizer que o *tonal* é tudo o que aparece à vista. Começamos a cultivá-lo no momento do nascimento. No momento em que aspiramos a primeira golfada de ar também aspiramos o *poder* para o *tonal.* Assim, é válido dizer que o *tonal* de um ser humano está intimamente ligado a seu nascimento. É preciso lembrar esse ponto. É de grande importância para se compreender tudo isso. O *tonal* começa no nascimento e termina com a morte. [4:112]

> O *tonal* é o que faz o mundo, num modo de dizer. Não pode criar nem modificar coisa alguma, e no entanto faz o mundo porque testemunha e avalia de acordo com as regras do *tonal*. De um modo

muito estranho, o *tonal* é um criador que nada cria. Em outras palavras, o *tonal* faz as regras pelas quais apreende o mundo. Assim, de certo modo, cria o mundo.[4:113]

O *tonal* é uma ilha. O melhor meio de descrevê-lo é dizer que o *tonal* é como o tampo de uma mesa [num salão de restaurante]. E nesta ilha temos tudo. Esta ilha, de fato, é o mundo.[4:113]

Existe um *tonal* pessoal para cada um de nós, e existe um coletivo para todos nós em dado momento, que podemos chamar de *tonal dos tempos*. Olhe! Todas as mesas [de um restaurante] têm a mesma conformação. Há certos itens que estão presentes em todas elas. No entanto, elas são individualmente diferentes umas das outras; algumas estão mais cheias do que outras; sobre elas há alimentos diferentes, pratos diferentes, um ambiente diferente, e no entanto temos de admitir que todas as mesas deste restaurante são muito parecidas. O mesmo sucede com o *tonal*. Podemos dizer que o *tonal dos tempos* é o que nos torna iguais, a todos, do mesmo modo que torna iguais todas as mesas [desse] restaurante. Não obstante, cada mesa separadamente é um caso individual, tal como o *tonal* pessoal de cada um de nós. Mas o importante a manter em mente é que tudo o que sabemos a respeito de nós mesmos e do nosso mundo está na ilha do *tonal*.[4:114]

De um modo geral, há dois aspectos em cada *tonal*. Um é a parte externa, a franja, a superfície da ilha. Essa é a parte relacionada à ação e a agir, o lado duro. A outra parte é a decisão e o julgamento, o *tonal* interior, mais suave, mais delicado e mais complexo. O *tonal* conveniente é um *tonal* em que os dois planos estão em perfeito equilíbrio e harmonia.[4:130]

2.5 O NAGUAL

A mente, a alma, os pensamentos, um estado de graça, o céu, o intelecto puro, a psique, energia, força vital, imortalidade, o princípio da vida, o Ser Supremo.. [Tudo é *tonal*, até Deus].[4:114-115]

Deus é parte do nosso *tonal* pessoal e do *tonal dos tempos*. O *tonal*, como já disse, é tudo o que pensamos que compõe o mundo, inclusive Deus, é claro. Deus não tem outra importância a não ser a de ser parte do *tonal* de nosso tempo.[4:115]

Deus é apenas tudo em que você pode pensar, e portanto, a bem dizer, é apenas mais um artigo na ilha. Deus não pode ser visto à vontade, só pode ser mencionado. O *nagual*, ao contrário, está às ordens do *guerreiro*. Pode ser visto, mas não pode ser mencionado.[4:115]

O *nagual* está ali, onde paira o *poder*, rodeando a *ilha*. Sentimos, desde o momento em que nascemos, que existem duas partes em nós.

No momento do nascimento, e durante algum tempo depois, somos todos *nagual*. Depois sentimos que, a fim de funcionar, precisamos de um complemento ao que temos. Falta o *tonal* e isso nos dá, desde início, uma sensação de deficiência. Aí o *tonal* começa a se desenvolver e torna-se muito importante para o nosso funcionamento, tão importante que ofusca o brilho do *nagual*, dominando-o.[4:115] Desde o momento em que nos tornamos completamente *tonal*, não fazemos outra coisa senão incrementar aquele antigo *sentimento* de deficiência que nos acompanha desde o momento de nosso nascimento, e que nos diz incessantemente que há uma outra parte para completar-nos. Desde o momento em que nos tornamos completamente *tonal*, começamos a fazer pares. Sentimos nossos dois lados, mas sempre os representamos com elementos do *tonal*. Dizemos que nossas duas partes são a alma e o corpo. Ou o espírito e a matéria. Ou o bem e o mal. Deus e Satanás. Nunca compreendemos, porém, que estamos apenas juntando as coisas na *ilha*, assim como se junta café e chá, ou pão e *tortillas*, ou *chili* e mostarda. Estou lhe dizendo, somos uns bichos estranhos. Somos transportados e em nossa *loucura* acreditamos que estamos fazendo *sentido*.[4:116]

Explicar tudo isso não é assim tão simples. Por mais espertos que sejam os pontos de verificação do *tonal*, o fato é que o *nagual* vem à tona. Sua emersão, porém, é sempre inadvertida. A grande arte do *tonal* é reprimir qualquer manifestação do *nagual* de tal modo que, mesmo que sua presença seja a coisa mais óbvia do mundo, não seja notada (pelo *tonal*).[4:120]

O meu *tonal* se está utilizando a fim de compreender a informação que quero que fique clara para o seu *tonal*. Digamos que o *tonal*, como sabe bem como é difícil falar de si, criou os termos *eu*, *eu mesmo*, e assim por diante, como equilíbrio, e graças a eles pode conversar com outros *tonais*, ou consigo mesmo, sobre si mesmo. Ora, quando digo que o *tonal* nos obriga a fazer alguma coisa, não estou afirmando que aí existe uma terceira parte. Obviamente, ele se obriga a obedecer às suas próprias opiniões. Em certas ocasiões, porém, ou em circunstâncias especiais, algo no próprio *tonal* toma *consciência* de que há mais alguma coisa em nós. É como uma voz que vem das profundezas, a *voz do nagual.*

Entenda, a totalidade de nós é uma condição natural que o *tonal* não consegue obliterar completamente, e há momentos, especialmente na vida de um *guerreiro*, em que a totalidade se torna aparente. Nesses momentos, pode-se supor e avaliar o que se é, realmente. Nesses momentos, o *nagual* toma consciência da *totalidade do ser*. É sempre um choque porque essa consciência perturba a calma. Chamo a isso a *consciência de totalidade do ser* que vai morrer. A idéia é que no momento da *morte* o outro membro do par verdadeiro, o *nagual*, se torna plenamente ativo e a *consciência* e as recordações e *percepções* guardadas em nossas pernas e coxas, nossas costas e nossos ombros e pescoço, começam a expandir-se e a desintegrar-

se. Como as contas de um colar sem fim arrebentado, elas caem por todos os lados, sem a força aglutinante da vida.[4:120-121]

O *nagual* é a parte de nós com a qual não lidamos de todo. É a parte de nós para a qual não existe descrição – nem palavras, nem nomes, sem sensações, nem *conhecimento*.[4:114]

O *nagual* não é experiência, nem intuição, nem *consciência*. Esses termos e tudo o mais que você possa dizer são apenas itens na ilha do *tonal*. O *tonal* começa ao nascer e termina na morte, mas o *nagual* nunca termina. O *nagual* não tem limites. Já disse que o *nagual* está onde paira o *poder*; isto foi apenas um meio de me referir ao assunto. Por causa de seu efeito, talvez o *nagual* possa ser mais bem compreendido em termos de *poder*. [4:127]

As coisas do *nagual* só podem ser presenciadas pelo corpo [*energético*], não pela *razão*. Essa é a nossa natureza, como *seres luminosos*.[4:142] Quando o *nagual* se encolhe, coisas extraordinárias são possíveis. Mas só são extraordinárias para o *tonal*. Para o *nagual* é uma coisa à-toa.[4:142]

Pode-se dizer que o *nagual* explica a criatividade. O *nagual* é a única parte de nós que consegue criar.[4:127] O *nagual* é capaz de feitos inconcebíveis.[4:141]

Digamos que um *guerreiro* aprende a sintonizar sua *vontade*, a dirigi-la para um certo ponto, a focalizá-la onde quer. É como se sua *vontade*, que vem da parte média de seu corpo, fosse uma única fibra luminosa, fibra que ele pode apontar para qualquer lugar concebível. Aquela fibra é o caminho para o *nagual*. Ou então eu poderia dizer que o *guerreiro* se afunda dentro do *nagual* por aquela única fibra. Uma vez afundado, a expressão do *nagual* é coisa de seu temperamento pessoal.[4:159]

O *nagual*, depois que aprende a emergir, pode causar grandes danos ao *tonal*, aparecendo sem qualquer controle.[4:143]

Aqui temos uma pergunta estranha. O que está sendo conduzido ao *nagual*? [A resposta é: a *percepção*.][4:221]

2.6 A BOLHA DA PERCEPÇÃO

A *explicação dos feiticeiros* é mais um dos artifícios dos *feiticeiros*. Você *verá* isso por si mesmo. Mas vamos continuar. Os *feiticeiros* dizem que estamos dentro de uma *bolha*. É uma *bolha* em que somos colocados no momento de nosso nascimento. A princípio a *bolha* está aberta, mas depois começa a fechar-se, até nos ter trancafiado dentro dela. Essa *bolha* é a nossa *percepção*. Vivemos dentro dessa *bolha* toda a nossa vida. E o que presenciamos em suas paredes redondas é o nosso próprio reflexo.[4:222]

Se o que presenciamos em suas paredes é o nosso próprio reflexo, então o que está sendo refletido deve ser o real?![4:222]

O que está refletido é nossa visão do mundo. Essa visão é a primeira descrição, que nos é dada desde o momento de nosso nascimento até que toda nossa *atenção* é apanhada por ela e a descrição se torna uma visão.[4:222]

O trabalho do [*guerreiro*] é reorganizar essa visão, preparar o *ser luminoso* para o tempo em que [um] benfeitor abrir a *bolha* do lado de fora.[4:222]

A *bolha* abre-se a fim de permitir ao *ser luminoso* uma *visão* de sua totalidade. Naturalmente isso de chamar a coisa de uma *bolha* é apenas uma maneira de dizer, mas nesse caso é uma maneira precisa. A delicada manobra de conduzir um *ser luminoso* para a totalidade de seu ser exige que o [*guerreiro*] trabalhe de dentro da *bolha* e o *benfeitor* de fora. O [*guerreiro*] reorganiza a visão do mundo: a ilha do *tonal*.

Já disse que tudo o que somos se encontra naquela ilha. A *explicação dos feiticeiros* diz que a *ilha* do *tonal* é feita por nossa *percepção*, que foi treinada para focalizar-se em certos elementos; cada um desses elementos e todos juntos constituem nossa visão do mundo. O trabalho do [*guerreiro*], no que se refere [ao aprendizado], consiste em reorganizar todos os elementos da *ilha* [na metade da *bolha*].

A essa altura você já deve ter compreendido que limpar e reorganizar a *ilha* do *tonal* significa reagrupar todos os seus elementos do lado da *razão*.[4:223]

É esse o lado do *tonal*. O mestre [por exemplo] sempre se dirige para esse lado, e apresentando ao aprendiz de um lado o *caminho do guerreiro*, obriga-o à *[sobriedade]* e a ser razoável, à força de caráter e de corpo; e apresentando-lhe de outro lado situações inimagináveis mas reais, com as quais o aprendiz não pode lidar, obriga-o a compreender que sua *razão*, embora seja uma coisa maravilhosa, só pode abranger uma área pequena. Uma vez que o *guerreiro* enfrenta sua incapacidade de raciocinar tudo, ele se dará ao trabalho de fortalecer e defender sua *razão* vencida, e para isso convocará tudo o que possui em torno dela. O mestre consegue isso martelando-o impiedosamente, até que sua visão do mundo seja a metade da *bolha*.

A outra metade da bolha, a que foi limpa, pode então ser reivindicada por algo que os feiticeiros chamam de *vontade*. Podermos explicar isso melhor dizendo que o trabalho do [*guerreiro*] é limpar uma metade da *bolha* e reorganizar tudo na outra metade. O trabalho do *benfeitor* será então abrir a bolha do lado limpo. Uma vez rompido o selo, o *guerreiro* nunca mais será o

> mesmo. Ele tem então o comando de sua totalidade. A metade [direita] da *bolha* é o centro final da *razão*, o *tonal*. A outra metade é o centro final da *vontade*, o *nagual*. É esta a ordem que deve prevalecer; qualquer outra disposição é tolice e mesquinha, pois contraria nossa natureza; rouba-nos nossa herança mágica e nos reduz a zero.[4:223]

Os *videntes* descrevem a *forma humana* como a força compulsória de *alinhamento das emanações* acesas pelo *brilho da consciência*, no lugar preciso em que normalmente está *fixado* o *ponto de aglutinação* do homem. É a força que nos torna pessoas. Assim, ser uma pessoa é ser compelido a aderir a essa *força de alinhamento* e, conseqüentemente, a aderir ao lugar exato onde ela se origina.[7:210]

Em virtude de suas atividades, em dado momento o *ponto de aglutinação* dos *guerreiros* deriva para a esquerda. É uma mudança permanente, que resulta em uma incomum sensação de indiferença, ou controle, ou mesmo de desenvoltura. Esse *deslocamento do ponto de aglutinação* provoca um novo *alinhamento de emanações*. É o começo de uma série de mudanças maiores. Os *videntes* chamam muito apropriadamente essa mudança inicial de *perda da forma humana*, porque ela marca um movimento inexorável do *ponto de aglutinação* para fora de sua posição original, o que resulta na perda irreversível de nossa adesão à força que nos faz sermos pessoas.[7:210]

> Não há meio de se chegar à *explicação dos feiticeiros* a não ser que se tenha usado o *nagual* de boa vontade, ou melhor, a não ser que se tenha usado de boa vontade o *tonal* para fazer nossos atos terem sentido no *nagual*. Outro meio de esclarecer tudo isso é dizer que a visão do *tonal* deve prevalecer se se pretende utilizar o *nagual* do modo como utilizam os *feiticeiros*.[4:238]

> A ordem em nossa *percepção* é o reino exclusivo do *tonal*; somente ali podem os atos ter uma seqüência; somente ali são eles como escadas em que se podem contar os degraus. Não há nada disso com o *nagual*. Portanto, a visão do *tonal* é um instrumento, e como tal é não somente o melhor instrumento, mas o único que temos.[4:239]

> As *asas* de sua *percepção* foram feitas para tocar sua totalidade. E sua *percepção* estende suas *asas* quando algo em você percebe sua verdadeira natureza. Você é um *aglomerado*. Esta é a *explicação dos feiticeiros*.[4:239]

> O *nagual* é indescritível. Todos os sentimentos e seres e eus possíveis flutuam nele como barcaças, pacatas, inalteradas, para sempre. Aí a cola da vida liga algumas delas.

> Quando a cola da vida junta esses sentimentos, um ser é criado, um ser que perde o senso de sua verdadeira natureza e fica ofus-

cado pela claridade e barulho da zona onde as coisas pairam, o *tonal*. O *tonal* é onde existe toda organização unificada. Um ser entra no *tonal* uma vez que a força vital juntou todos os *sentimentos* necessários.

Eu lhe disse que o *tonal* começa no nascimento e termina na morte; disse isso porque sei que assim que a força vital deixa o corpo todas essas *consciências* isoladas se desintegram e voltam para o lugar de onde vieram, o *nagual*.[4:239]

Não há meio de nos referirmos ao *desconhecido*. Só podemos presenciá-lo. A *explicação dos feiticeiros* diz que cada um de nós tem um centro do qual se pode presenciar o *nagual*, que é a *vontade*. Assim, um *guerreiro* pode aventurar-se no *nagual* e deixar que seu *aglomerado* se arrume e rearrume de qualquer maneira que for possível. Já lhe disse que a expressão do *nagual* é um assunto pessoal. Quis dizer que cabe ao próprio *guerreiro* individual dirigir a arrumação e rearrumações daquele *aglomerado*. A forma humana ou o *sentimento* humano é o original, talvez seja a forma mais doce de todas para nós; no entanto, existe um número incontável de formas alternativas que o *aglomerado* pode adotar. Já lhe disse que um *feiticeiro* pode adotar qualquer forma que quiser. Isso é verdade. Um *feiticeiro* que tenha a posse da *totalidade de si mesmo* pode dirigir as partes de seu conglomerado para se unirem de qualquer maneira concebível. Uma vez exaurida a força vital, não há mais meio de se reunir esse *aglomerado*. Chamei esse *aglomerado* de *bolha da percepção*. Também disse que ela está selada, hermeticamente fechada e que nunca se abre até o momento de nossa *morte*. No entanto, poderia ser forçada a abrir-se. Os *feiticeiros* obviamente aprenderam esse segredo e, embora nem todos cheguem à totalidade de seus seres, sabem a respeito dessa possibilidade. Sabem que a *bolha* se abre somente quando a pessoa mergulha no *nagual*.[4:240]

2.6.1 O *tonal* e o *nagual* são indescritíveis

Este é o último dos artifícios dos feiticeiros. Digamos que o que vou revelar-lhe seja o último pedacinho da *explicação dos feiticeiros*.[4:241]

Fazer a *razão sentir*-se segura é sempre a tarefa do mestre. Ludibriei sua *razão*, fazendo-a crer que o *tonal* é responsável e previsível. Temos esforçado para lhe dar a impressão de que somente o *nagual* está além do âmbito da explicação; a prova de que tivemos êxito nisso é que neste momento lhe parece, a despeito de tudo o que você passa, que ainda existe um centro que você pode chamar de seu, a sua *razão*. Isso é uma miragem.[4:243]

Sua preciosa *razão* é apenas um centro de montagem, um espelho que reflete alguma coisa que está fora dela. O último capítulo da

explicação dos feiticeiros diz que a *razão* apenas reflete uma ordem exterior, e que a *razão* nada sabe a respeito dessa ordem; não pode explicá-la, do mesmo modo como não pode explicar o *nagual*. A *razão* só pode presenciar os efeitos do *tonal*, mas nunca poderia compreendê-lo, nem desemaranhá-lo. O simples fato de estarmos pensando e falando mostra uma ordem que seguimos sem nunca saber como o fazemos, nem o que a ordem será.[4:243]

Os *feiticeiros* fazem a mesma coisa com a *vontade*. Dizem que através da *vontade* podem presenciar os efeitos do *nagual*. Agora, posso acrescentar que, através da *razão*, não importa o que fizermos com ela, ou como o fizermos, estaremos simplesmente presenciando os efeitos do *tonal*. Em ambos os casos não há esperança jamais de entender ou explicar o que é que estamos presenciando.[4:243]

Um *feiticeiro* pode usar as *asas* da *percepção* para tocar outras sensibilidades, a de um corvo, por exemplo, a de um coiote, de um grilo, ou a ordem de outros mundos naquele espaço infinito. As *asas* da *percepção* podem levar-nos aos últimos confins do *nagual* ou a mundos inconcebíveis do *tonal*.[4:243]

Chegamos afinal à última parte da *explicação dos feiticeiros*. Um dia eu lhe disse que [o *nagual* e o *tonal*, que perfazem a totalidade do homem], ficavam fora de nós, e no entanto não ficavam. É este o paradoxo dos *seres luminosos*. O *tonal* de cada um de nós não é mais que o reflexo daquele *desconhecido* indescritível cheio de ordem; o *nagual* de cada um de nós não é mais que um reflexo daquele vazio indescritível que contém tudo.[4:244]

A tarefa [agora] é mergulhar no *desconhecido* sozinho. Sente-se aqui e desligue seu *diálogo interno*. Você pode conseguir o *poder* necessário para abrir as *asas* da sua *percepção* e voar para aquele *infinito*.[4:244]

2.6.2 Dois corpos funcionais completos

O conceito de que um ser humano é composto de dois corpos funcionais completos, um à esquerda e outro à direita, é fundamental para os seus esforços como *feiticeiros*.[10:149]

Quando o corpo humano é percebido como energia, fica absolutamente patente que ele é composto não de duas partes, mas de dois tipos diferentes de energia: duas correntes diferentes de energia, duas forças opostas e ao mesmo tempo complementares que coexistem lado a lado, espelhando dessa forma a estrutura dual de todas as coisas no universo como um todo.[10:149]

[Os *feiticeiros antigos*] concediam a cada um desses dois tipos diferentes de energia a estatura de um corpo completo e falavam exclusivamente em termos do

corpo esquerdo e do *corpo direito*. A ênfase deles era no *corpo esquerdo*, porque o consideravam como sendo o mais eficaz, em termos da natureza da sua configuração energética, para os objetivos definitivos da *feitiçaria*.

Os [*feiticeiros antigos*], que retrataram os dois corpos como correntes de energia, descreviam a corrente esquerda como sendo mais turbulenta e agressiva, movendo-se em ondulações e projetando ondas de energia. [Como ilustração basta visualizar] uma cena em que o *corpo esquerdo* é como metade do sol e que todos os raios solares acontecem [nessa] metade. As ondas de energia projetadas do *corpo esquerdo* são como [esses] raios solares, sempre perpendiculares à superfície arredondada da qual se originavam.[10:150]

A corrente de energia do *corpo direito* [não é], de modo algum, turbulenta na superfície. Move-se como a água dentro de um tanque que está sendo ligeiramente inclinado para frente e para trás. Não há ondulações nela, mas um contínuo movimento de balanço. Contudo, em um nível mais profundo, ela gira em círculos rotacionais na forma de espirais. [Como ilustração basta imaginar] um rio tropical muito largo e de aparência tranqüila no qual a água da superfície parece quase não se mover, mas que tem correntezas destruidoras abaixo da superfície. No mundo da vida cotidiana, essas duas correntes estão amalgamadas em uma única unidade: o corpo humano como o conhecemos.[10:150]

Entretanto, aos olhos do *vidente*, [se] a energia do corpo como um todo é circular, isso significa que o *corpo direito* é a força predominante.[10:150]

> A divisão da energia entre os dois corpos não é mensurada por destreza ou falta dela. A predominância do *corpo direito* é uma predominância energética, [aliás] um fato que poderá ser mudado. Porque o movimento circular predominante da energia do *corpo direito* é enfadonho demais! Com certeza, [esse] movimento circular toma conta de qualquer acontecimento do mundo diário, mas o faz circularmente, se você sabe o que quero dizer.[10:151]

> Todas as situações na vida são encontradas nessa forma circular. Continuamente, continuamente, continuamente. É um movimento circular que parece extrair a energia interna e dar voltas e voltas com ela em um movimento centrípeto. Nessas condições, não há nenhuma expansão. Nada pode ser novo. Não há nada que não possa ser explicado internamente. Que tédio![10:151]

> É tarde demais [para se mudar essa situação]. O dano está feito. A qualidade espiral está aqui para ficar. Mas isso não precisa ser contínuo. Sim, nós andamos da maneira como o fazemos; não podemos mudar isso, mas também gostaríamos de correr ou de andar para trás ou de subir em uma escada. Apenas andar e an-

dar e andar e andar é muito útil, mas sem sentido. A contribuição do *corpo esquerdo* tornaria aqueles *centros de vitalidade* mais flexíveis. Se, apenas por um instante, eles pudessem ondular em vez de movimentar-se em espirais, uma energia diferente entraria neles com resultados desconcertantes.[10:151]

2.6.2.1. O tédio e a violência

A sensação que os seres humanos têm de estarem absolutamente entediados consigo mesmos é devida à predominância do *corpo direito.* Em um sentido universal, a única coisa deixada para os seres humanos fazerem é encontrar maneiras de se livrarem do tédio. O que eles acabam fazendo é encontrar maneiras de matar o tempo: a única mercadoria da qual ninguém tem o suficiente. Mas o pior é a reação a essa distribuição desequilibrada de energia. As reações violentas das pessoas são devidas a essa distribuição desequilibrada. Parece que de tempos em tempos a impotência cria correntes furiosas de energia dentro do corpo humano que explodem em comportamento violento. Para os seres humanos, a violência parece ser uma outra maneira de matar o tempo.[10:152]

A *percepção* é a única avenida que os seres humanos têm para a evolução, e alguma coisa extrínseca a nós, algo que tem a ver com a condição predatória do universo, interrompeu nossa possibilidade de evoluirmos apossando-se da nossa *percepção*. Os seres humanos caíram vítimas de uma f*orça predatória* que, por sua própria conveniência, lhe impôs a passividade que é característica da energia do *corpo direito*.[10:152]

A nossa possibilidade evolucionária [é] como uma *viagem* que a nossa *percepção* faz através de algo que os [*feiticeiros antigos*] chamavam de *mar escuro da consciência* [ou *emanações da Águia*]: algo que eles consideravam ser uma verdadeira característica do universo, um elemento incomensurável que permeia o universo como nuvens de matéria ou luz.[10:152]

A predominância do *corpo direito* nessa fusão desequilibrada dos *corpos direito* e *esquerdo* marca a interrupção da nossa *viagem* de *percepção*. O que, para [o homem médio], parece ser a dominância natural de um lado sobre o outro é, para os *feiticeiro*s, uma aberração [que se deve corrigir].[10:152]

[Os *feiticeiros*] acreditam que, para estabelecer uma divisão harmoniosa entre os *corpos esquerdo* e *direito*, o praticante precisa *intensificar* sua [*consciência*]. Entretanto, qualquer *intensificação* da *percepção* humana precisa ser reforçada pela mais exigente *disciplina*. De outro modo, essa *intensificação*, dolorosamente alcançada, transformar-se-á em obsessão, resultando em qualquer coisa desde uma aberração psicológica até um dano energético.[10:152]

2.7 Centros de vitalidade

[Conforme lhe disse, os] *centros de vitalidade* estão localizados em seis áreas do corpo. O primeiro, na área do fígado e da visícula biliar [na borda direita da caixa toráxica]; o segundo, na área do pâncreas e do baço [na borda esquerda da caixa toráxica]; o terceiro, na área dos rins e das glândulas supra-renais [nas costas, logo atrás de outros dois centros]; e o quarto, no ponto côncavo na base do pescoço na parte frontal do corpo [o *centro para decisões*, o *ponto V*]. O quinto, ao redor do útero, e o sexto, no topo da cabeça .[10:25;101;4:89]

O quinto *centro*, pertinente apenas às mulheres, tem um tipo especial de energia que dá aos *feiticeiros* a impressão de *liquidez*. É uma característica que somente algumas mulheres têm. Parece servir como um filtro natural que peneira as influências supérfluas.[10:101]

O sexto *centro*, localizado no topo da cabeça, é algo mais que uma anormalidade... possuindo não um *vórtice* circular de energia, como os outros, mas o movimento de um lado para o outro, como um pêndulo, que, de certo modo, lembra a pulsação de um coração.[10:101]

2.7.1 O Centro para decisões

> O quarto *centro [da vitalidade]* tem um tipo especial de energia que aparece ao olho do *vidente* como possuindo uma extraordinária transparência, algo que poderia ser descrito como semelhante à água: energia tão fluida que parece líquida. A aparência líquida dessa energia especial é a marca de uma qualidade do próprio *centro para decisões* parecida com um filtro que peneira qualquer energia que chega até ele e extrai dela apenas o seu aspecto que é parecido com líquido. Essa qualidade de liquidez é uma característica uniforme e consistente desse *centro*. Os *feiticeiros* também o chamam de o *centro aquoso*.[10:102]
>
> A rotação da energia no *centro para decisões* é a mais fraca de todas elas. É por essa razão que o homem raramente decide alguma coisa. Os *feiticeiros vêem* que, após praticarem determinados *passes mágicos*, esse *centro* torna-se ativo e eles podem, com certeza, tomar decisões que satisfaçam os seus corações, enquanto que, antes, não conseguiam sequer dar um primeiro passo.[10:102]

2.7.2 A instalação alienígena

> Cada um de nós, seres humanos, tem duas mentes. Uma é totalmente nossa, e é como uma voz fraca que sempre nos traz ordem,

integridade, propósito. A outra mente é uma *instalação forânea* [ou] *alienígena*. Nos traz conflito, auto-afirmação, dúvidas, desesperança.[12:21]

[Em outras palavras] uma é a nossa *mente verdadeira*, o produto de todas as experiências de nossa vida, aquela que raramente fala porque foi vencida e relegada à obscuridade. A outra, a mente que nós usamos diariamente para tudo o que fazemos, é uma *instalação forânea*.[12:23]

[Esse] *centro de energia* não pertence inteiramente ao homem. Entenda, nós seres humanos estamos, por assim dizer, sob *estado de sítio*. Esse *centro* foi assumido por um invasor, um *predador invisível*. E a única maneira de dominar esse *predador* é fortificando todos os outros *centros*.[10:102]

Eu *vejo* a energia e *vejo* que a energia sobre o *centro no topo da cabeça* não flutua como a energia dos outros *centros*. Ela tem um movimento de um lado para o outro muito desagradável e muito estranho. Também *vejo* que, em um *feiticeiro* que foi capaz de dominar a mente, que os *feiticeiros* chamam de uma *instalação alienígena*, a flutuação desse *centro* torna-se exatamente como a flutuação de todos os outros.[10:102]

Nossas mesquinharias e contradições, na verdade, são o resultado de um conflito transcendental que aflige cada um de nós, mas somente os *feiticeiros* são dolorosa e irremediavelmente conscientes dele: o conflito entre nossas duas mentes.[12:23]

2.7.2.1 Um predador das profundezas

Há inúmeras forças externas controlando você nesse momento. O controle a que estou me referindo é algo fora do domínio da linguagem. É o seu controle e ao mesmo tempo não é. Não pode ser classificado, mas pode ser experimentado. E acima de tudo, pode certamente ser manipulado. Lembre-se disso: pode ser manipulado para a sua total vantagem; claro que, novamente, não é a sua vantagem, mas a vantagem do *corpo energético* [do *sonhador*]. Entretanto, o *corpo energético* é você, portanto poderemos continuar eternamente, como um cachorro correndo atrás de seu próprio rabo, tentando descrever isso. A linguagem é inadequada. Todas essas experiências estão além da sintaxe.[12:265]

Esse é o universo em liberdade, incomensurável, não-linear, fora do reino da sintaxe. Os *feiticeiros* [*antigos*] foram os primeiros a *ver* [umas] sombras fugazes [cruzando o campo visual], então começaram a segui-las. Eles as viam como você as *vê*, e eles as *viam* como energia fluindo no universo. E descobriram algo transcendental.[12:266]

Descobriram que possuímos um companheiro por toda a vida. Possuímos um *predador* que veio das profundezas do cosmo, e assumiu o controle dos preceitos de nossa vida. Os seres humanos são seus prisioneiros. O *predador* é nosso senhor e mestre. Nos faz dóceis, indefesos. Se queremos protestar, ele suprime nossos protestos. Se queremos agir independentemente, exige que não o façamos.[12:266]

[Este é] o tópico dos tópicos [para os *feiticeiros antigos*:] somos mantidos prisioneiros! Esse é um *fato energético*.

Há uma explicação [para o controle do *predador* sobre nós], que é a explicação mais simples do mundo. Eles assumiram o controle porque somos alimentos para eles, e eles nos esmagam sem piedade porque somos seu sustento. Assim como criamos galinhas em capoeiras, *gallineros*, os predadores nos criam em *humaneros.* Portanto seu alimento está sempre disponível a eles.[12:267]

2.7.2.2 Sistemas de crenças e suposições

Quero apelar para sua mente analítica. Pense por um momento, e diga-me como você explicaria a contradição entre a inteligência do homem, o engenheiro, e a estupidez de seus sistemas de crenças, ou a estupidez de seu comportamento contraditório. Os *feiticeiros* acreditam que os *predadores* nos deram nossos sistemas de crenças, nossas idéias do bem e do mal, nossos costumes sociais. Eles são os que causaram nossas esperanças e expectativas, e sonhos de sucesso ou fracasso. Nos deram ganância, avareza e covardia. São os *predadores* que nos tornam complacentes, rotineiros e egomaníacos.[12:268]

Para nos manter obedientes, submissos e fracos, os *predadores* se envolvem numa estupenda manobra, estupenda, claro, do ponto de vista de um lutador estrategista. Uma manobra horrenda do ponto de vista daqueles que a sofrem. Eles nos deram as suas mentes! Você está me ouvindo? Os *predadores* nos dão as mentes deles, que se tornam nossas mentes. A mente dos *predadores* é barroca, contraditória, morosa, cheia de medo de ser descoberta a qualquer momento.[12:269]

Através da mente, que afinal é a mente deles, os *predadores* injetam nas nossas vidas de seres humanos o que lhes é conveniente. E dessa maneira garantem um grau de segurança que age como um amortecedor contra o seu medo.[12:269]

2.7.2.3 A sombra voadora do predador

Os *feiticeiros* [*antigos*] *viram* o *predador*. Chamaram-no de *voador* porque ele salta através do ar. Não é uma visão agradável. É uma

enorme sombra, impenetravelmente escura, uma sombra preta, que pula através do ar. Então, aterriza plana no chão. Os *feiticeiros* [*antigos*] ficaram muito incomodados com a idéia de quando aparecia na Terra. Eles raciocinavam que o homem deve ter sido um ser completo a um certo ponto, com *insights* incríveis, façanhas de *consciência* que hoje em dia são lendas mitológicas. E depois parece que tudo desapareceu, e agora somos homens sedados.[12:272]

O que estou dizendo é que o que nós temos contra nós não é um simples *predador*. Ele é muito esperto e organizado. Segue um sistema metódico para nos tornar inúteis. O homem, o ser mágico que ele está destinado a ser, não é mais mágico. É um mero pedaço de carne. Não há mais sonhos para o homem, mas sonhos de um animal que está sendo criado para se tornar um pedaço de carne: banal, convencional, imbecil.[12:273]

Esse *predador*, que, claro, é um *ser inorgânico*, não nos é totalmente invisível, como são os outros *seres inorgânicos*. Acho que quando crianças o vemos e decidimos que isso é tão horroroso que não queremos pensar sobre isso. As crianças, claro, poderiam insistir em focalizar essa perspectiva, mas todos à sua volta as convencem de não fazê-lo.[12:273]

2.7.2.4 A capa brilhante de consciência

Os feiticeiros *vêem* bebês humanos como estranhas *bolas luminosas* de energia, cobertas de cima a baixo com uma *capa brilhante*, algo como um casaco de plástico que é ajustado e bem apertado sobre seu casulo de energia. Essa *capa brilhante de consciência* é o que os *predadores* consomem [sem saber o que é]. Quando o ser humano alcança a idade adulta, tudo o que sobra dessa *capa brilhante* é uma *franja* estreita que vai do chão até acima dos dedos dos pés. Essa *franja* permite à humanidade continuar vivendo, mas apenas vivendo.[12:269]

Até onde eu sei, o homem é a única espécie que tem a *capa brilhante de consciência* fora daquele casulo luminoso. Portanto, se tornou uma presa fácil para uma *consciência* de uma ordem diferente, tal como a *consciência pesada* de um *predador*.[12:270]

[Como] essa *franja* estreita de *consciência* é o epicentro da *auto-reflexão*, que é o único ponto de *consciência* que nos sobrou, os *predadores* criaram *lampejos de consciência* que eles passaram a consumir de forma implacável e predatória. Nos deram problemas fúteis que forçam esses *lampejos de consciência* a surgir, e dessa forma eles nos mantêm vivos em boa condição para que possam se alimentar com o *lampejo* energético de nossas pseudopreocupações.[12:270]

> Não há nada que você ou eu possamos fazer sobre isso. Tudo o que podemos fazer é nos disciplinarmos ao ponto de não deixar que eles nos toquem.[12:271]

2.8 O molde do homem

Um dos aspectos mais inflexíveis de nosso *inventário* é nossa idéia de Deus. Esse aspecto é como uma cola poderosa que prende o *ponto de aglutinação* à sua posição original. [Para] aglutinar outro mundo verdadeiro com outra grande faixa de *emanações*, [é preciso] dar um passo obrigatório a fim de afrouxar todos os laços do *ponto de aglutinação*.[7:243]

> Esse passo é *ver* o *molde do homem*. O *molde do homem* é um imenso feixe de *emanações* na grande faixa da vida orgânica. É chamado de *molde do homem* porque esse feixe aparece apenas no interior do casulo do homem.
>
> O *molde do homem* é a porção das *emanações da Águia* que os *videntes* podem *ver* diretamente sem qualquer perigo para si mesmos.[7:244]

[O *molde do homem* é] um padrão de energia que serve para estampar as qualidades de humanidade em uma *bolha* amorfa de matéria biológica. [Por uma analogia mecânica descreve-se o *molde* como] uma matriz gigantesca que imprime os seres humanos continuamente como se chegassem a ela pela correia transportadora de uma linha de produção em massa.[7:246]

Cada espécie tem um *molde* próprio, e cada indivíduo de cada espécie, *moldada* pelo processo, mostra características particulares ao seu próprio tipo.[7:246]

Os *antigos videntes*, assim como os místicos de nosso mundo, têm uma coisa em comum – foram capazes de *ver* o *molde do homem*, mas não de compreender do que se trata. Os místicos, através dos séculos, proporcionam-nos relatos comoventes de suas experiências. Mas esses relatos, embora belos, são prejudicados pelo grosseiro e desesperador engano de acreditarem que o *molde do homem* seja um criador onipotente e onisciente; e assim era a interpretação dos *antigos videntes*, que chamavam o *molde* dos seres humanos de *espírito amigável*, protetor do homem.[7:246]

Os *novos videntes* são os únicos que têm a *sobriedade* de *ver* o *molde do homem* e compreender o que é. O que chegaram a perceber é que ele não é um criador, mas o padrão de cada atributo humano sobre o qual podemos pensar e de alguns que não podemos sequer conceber. O *molde* é nosso Deus porque somos aquilo com que nos estampa, e não porque nos criou do nada e nos fez à sua imagem e semelhança. Cair de joelhos na presença do *molde do homem* chega à arrogância e ao egocentrismo humanos.[7:246]

[A crença de que Deus existe] é baseada na fé, e, como tal, uma convicção de segunda mão que não soma nada; a crença na existência de Deus é, como a de todas as pessoas, baseada em ouvir dizer e não no ato de *ver*.[7:247]

[Ainda que você seja capaz de *ver*] está destinado a cometer o mesmo engano que os místicos cometeram. Todos os que vêem o *molde do homem* automaticamente presumem que se trata de Deus.[7:247]

A experiência mística é uma visão casual, um acontecimento fortuito que não tem significação, mesmo porque é o resultado de um movimento ao acaso do *ponto de aglutinação*. Os *novos videntes* são de fato os únicos que podem emitir um julgamento honesto sobre esse assunto, porque eliminaram as visões casuais e são capazes de *ver* o *molde do homem* com a freqüência que lhe apetecer.[7:247]

Viram, portanto, que aquilo que chamamos Deus é um protótipo estático de humanidade destituído de qualquer *poder*. Pois o *molde do homem* não pode, sob quaisquer circunstâncias, ajudar-nos intervindo em nosso favor, ou punir nossos erros ou recompensar-nos de qualquer maneira. Somos simplesmente o produto de sua estampa; somos sua impressão. O *molde do homem* é exatamente o que seu nome nos diz, um padrão, uma fôrma, uma matriz que dá forma a um certo punhado de elementos semelhantes a fibras, que chamamos homem.[7:247]

2.9 A barreira da percepção

> Agora, a única coisa que ainda lhe resta fazer para completar a explicação do *domínio da consciência* é quebrar sozinho a *barreira da percepção*. Você deve deslocar seu *ponto de aglutinação* sem ajuda de ninguém. E alinhar outra grande faixa de emanações.
>
> Não fazê-lo é transformar tudo o que você aprendeu e fez comigo em mera conversa, simples palavras. E as palavras não valem quase nada.[7:241]

Quando o *ponto de aglutinação* está-se *movendo* para fora de sua posição costumeira e atinge certa profundidade, rompe uma barreira que momentaneamente destrói sua capacidade de *alinhar emanações*. Experimentamos isso como uma lacuna perceptiva. Os *antigos videntes* chamavam esse momento de *muro de névoa*, porque uma barreira de névoa aparece sempre que o *alinhamento* das *emanações* falha.[7:241]

Existem três maneiras de lidar com isso. Podemos considerá-lo abstratamente como uma *barreira da percepção*; pode ser sentido como o ato de atravessar com o corpo inteiro um painel de papel esticado; ou pode ser visto como uma *parede de névoa*.[7:242]

Os exercícios de aglutinar outros mundos permitem ao *ponto de aglutinação* ganhar experiência em *deslocar*-se. A *intenção* [o *intento*] é o que faz o *ponto de aglutinação deslocar*-se.[7:243]

> O *domínio da consciência* é o que dá impulso ao *ponto de aglutinação*. Afinal, nós seres humanos somos na realidade bem pouco; somos, em essência, um *ponto de aglutinação fixo* em certa posição. Nosso inimigo e ao mesmo tempo nosso amigo é nosso *diálogo interno*, nosso *inventário*.
>
> Seja um guerreiro; desligue seu *diálogo interno*; faça seu *inventário* e depois atire-o fora. Os *novos videntes* fazem apurados *inventários* e depois riem deles. Sem, o *inventário*, o *ponto de aglutinação* torna-se livre.[7:243]

2.10 O lugar do *conhecimento silencioso*

> Nossa tendência é ponderar, questionar, esclarecer. E não há como fazer isso na *disciplina* da *feitiçaria*. Ela é o ato de atingir o lugar do *conhecimento silencioso*, e o *conhecimento silencioso* não pode ser raciocinado. Pode ser apenas experimentado.[8:233]

É muito fácil, no *caminho do conhecimento*, perder-se na confusão e na morbidez. Os *videntes* defrontam-se com grandes inimigos que podem destruir seu propósito, minar seus objetivos e torná-los fracos; inimigos criados pelo próprio *caminho do guerreiro* juntamente com as *sensações* de indolência, preguiça e *vaidade* que são partes integrantes de nosso mundo diário. Os enganos que os *antigos videntes* cometeram como resultado da indolência, preguiça e *vaidade* eram tão grandes, tão graves, que os *novos videntes* não tiveram escolha senão maldizer e rejeitar sua própria tradição.[7:162]

> A coisa mais importante que os *novos videntes* precisavam eram passos práticos para *deslocar* seus *pontos de aglutinação*. Como não tinham nenhum, começaram a desenvolver um intenso interesse por *ver* o *brilho da consciência*, e assim desenvolveram três conjuntos de técnicas que se tornaram sua pedra angular.[7:162]

Com esses três conjuntos, os *novos videntes* executaram um feito extraordinário e difícil. Conseguiram fazer o *ponto de aglutinação deslocar*-se sistematicamente de sua posição costumeira. Reconheceram que os *antigos videntes* também haviam realizado esse feito, mas por meio de manobras caprichosas, idiossincráticas.[7:163]

A *visão* que os *novos videntes* tiveram do *brilho da consciência* resultou na seqüência em que organizaram as verdades dos *antigos videntes* sobre a *consciência*. Isto é conhecido como o *domínio da consciência*. A partir daí, desenvolveram os três

conjuntos de técnicas. O primeiro é o domínio da *espreita*, o segundo, o domínio do *intento*, e o terceiro, o domínio do *sonho*.[7:163]

2.11 A energia do alinhamento de emanações

O *domínio do intento*, juntamente com o *domínio da espreita* são as duas obras primas dos *novos videntes*, que marcam o advento dos *videntes dos dias de hoje*. Em seus esforços para obter uma vantagem sobre seus opressores os *novos videntes* perseguiam cada possibilidade. Sabiam que seus predecessores haviam executado feitos extraordinários, manipulando uma força misteriosa e miraculosa que só podiam descrever como *poder*. Os *novos videntes* tinham muito pouca informação sobre essa força, de modo que foram obrigados a examiná-la sistematicamente através da *visão*. Seus esforços foram amplamente recompensados quando descobriram que a *energia de alinhamento* é essa força.[7:165]

Começaram por *ver* como o *brilho da consciência* aumenta em tamanho e intensidade quando as *emanações* no interior do casulo são alinhadas com as *emanações livres*. Usaram essa observação como trampolim, exatamente como haviam feito com a *espreita*, e passaram a desenvolver uma complexa série de técnicas para manejar esse *alinhamento* de *emanações*.[7:165]

Inicialmente, referiram-se a essas técnicas como o *domínio do alinhamento*. Perceberam então que o que estava em jogo era muito mais do que o *alinhamento*; era a energia produzida pelo *alinhamento* de *emanações*. A essa energia chamaram *vontade*. A *vontade* tornou-se a segunda base. Os *novos videntes* compreenderam-na como uma explosão cega, impessoal e incessante de energia que nos faz agir do modo como o fazemos. A *vontade* responde por nossa *percepção* do mundo dos eventos comuns e, indiretamente, através da força dessa *percepção*, responde pela localização do *ponto de aglutinação* em sua posição costumeira.[7:165]

Os *novos videntes* examinaram como tem lugar a *percepção* do mundo da vida cotidiana e *viram* os efeitos da *vontade*. *Viram* que o *alinhamento* é incessantemente renovado, de maneira a dar um sentido de continuidade à *percepção*. Para sempre renovar o *alinhamento* com o frescor de que este necessita para produzir um mundo vivo, a explosão de energia que sai desses mesmos *alinhamentos* é automaticamente redirecionada para reforçar alguns *alinhamentos especiais*.[7:165]

Essa nova observação serviu aos *novos videntes* como outro trampolim, que os ajudou a atingir a terceira base do conjunto. Chamaram-na *intento* (intenção), e descreveram-na como a orientação proposital da *vontade*, a energia do *alinhamento*.[7:165]

CAPÍTULO 3

O ENIGMA DO CORAÇÃO

Os *feiticeiros*, num esforço para se protegerem do avassalador efeito do *conhecimento silencioso*, desenvolveram a *arte de espreitar*. A *espreita* move o *ponto de aglutinação* diminuta mas firmemente, propiciando, desse modo, tempo aos *feiticeiros* e, portanto, a possibilidade de se escorarem.[8:233]

A *espreita* teve origens muito humildes e acidentais. Partiu da observação feita pelos *novos videntes* de que, quando os *guerreiros* se comportam por algum tempo de modo fora do habitual, as *emanações* não usadas no interior de seus casulos começam a brilhar. E seus *pontos de aglutinação* se *deslocam* de maneira suave, harmoniosa, muito pouco perceptível.[7:163]

Estimulados por essa observação, os *novos videntes* começaram a praticar o controle sistemático do comportamento. Chamaram a essa prática *arte da espreita* – [um nome apropriado], porque a *espreita* envolve um tipo específico de comportamento diante das pessoas, um comportamento que pode ser categorizado como sub-reptício.[7:164]

> *Espreitar* é um procedimento, um procedimento muito simples. *Espreitar* é comportamento especial que segue certos princípios. É um comportamento secreto, furtivo, enganoso, designado a provocar um *choque*. E quando você *espreita* a si mesmo, você *choca* a si mesmo, usando seu próprio comportamento de um modo implacável e astucioso.[8:115]

Os *novos videntes*, armados com essa técnica, sondaram o *conhecido* de uma maneira sóbria e frutífera. Pela prática contínua, fizeram seus *pontos de aglutinação* se *deslocar* constantemente.[7:164]

> Alguns *feiticeiros* têm objeção ao termo *espreita*, mas o nome surgiu porque implica comportamento sub-reptício.
>
> É chamada também a *arte da furtividade*, mas esse termo é igualmente desafortunado. Nós mesmos, por causa do nosso temperamento não-militante, o chamamos *arte da loucura controlada*. Você pode chamá-lo como quiser. Entretanto, iremos continuar com o termo *espreita* uma vez que é tão fácil dizer *espreitador* e tão estranho dizer *fazedor de loucura controlada*.[8:93]

> A *espreita* é uma das maiores realizações dos *novos videntes*. Eles decidiram que deveria ser ensinada ao *[mestre-feiticeiro]* dos dias modernos quando seu *ponto de aglutinação* já se tivesse *deslocado* bem profundamente para o *lado esquerdo*. O motivo desta decisão é que um *[mestre-feiticeiro]* precisa aprender os princípios da *espreita* sem o incômodo do *inventário* humano. Afinal, o *[mestre-feiticeiro* pode ser*]* o líder de um grupo, e para liderá-lo deve agir rapidamente, sem ter que pensar primeiro.
>
> Outros *guerreiros* podem aprender a *espreitar* em sua *consciência* normal, embora seja aconselhável que o façam em *consciência intensificada*... não tanto por causa do valor da *consciência intensificada*, mas porque isto imbui a *espreita* de um mistério que ela na verdade não possui; *espreitar* é meramente um comportamento diante das pessoas.[7:164]
>
> A *espreita* foi desenvolvida exclusivamente pelos *novos videntes*. São os únicos *videntes* que tiveram de lidar com pessoas. Os *antigos* estavam tão enredados em seu sentido de *poder* que só foram perceber que as pessoas existiam quando elas começaram a bater-lhes nas cabeças.[7:164]

3.1 Uma arte aplicável a tudo

A arte de *espreitar* é um conjunto de procedimentos e atitudes que permitem à pessoa conseguir tirar o melhor proveito possível de qualquer situação concebível.[6:9] *Espreitar* é uma arte aplicável a tudo, e há quatro passos para aprendê-la: implacabilidade (não rudeza), esperteza (não crueldade), paciência (não negligência) e doçura (não tolice). Esses quatro passos devem ser praticados e aperfeiçoados até que estejam tão suaves que passem despercebidos.[8:80] *Seja implacável mas encantador; seja esperto mas simpático; seja paciente mas ativo; seja doce mas letal.*[8:81]

Para os *feiticeiros*, a *espreita* é o alicerce sobre o qual tudo o mais que fazem é construido.[8:93] De modo muito sucinto, a *espreita* é a arte de usar o comportamento de maneiras novas para propósitos específicos. O comportamento humano normal no mundo da vida cotidiana é rotina. Qualquer comportamento que escape à rotina causa um efeito incomum em nosso *ser total*. Esse efeito incomum é o que os *feiticeiros* buscam, porque é cumulativo.[8:90]

Os *feiticeiros videntes* dos tempos antigos, através de sua *visão*, primeiro haviam notado que o comportamento incomum produzia um tremor no *ponto de aglutinação*. Breve descobriram que se o comportamento incomum era praticado sistematicamente e dirigido com sabedoria, forçava no final o *movimento do ponto de aglutinação*.[8:90]

O desafio real para aqueles *feiticeiros videntes* era encontrar um sistema de comportamento que não fosse mesquinho nem caprichoso, mas que combinasse a moralidade e o senso de beleza que diferencia os *videntes feiticeiros* das bruxas comuns.

Qualquer um que tenha sucesso em *mover* seu *ponto de aglutinação* para uma nova posição é um *feiticeiro*. E a partir dessa nova posição, pode fazer todos os tipos de coisas boas e más aos seus semelhantes. Ser um *feiticeiro*, portanto, pode ser o mesmo que ser um sapateiro, ou um padeiro. A causa dos *feiticeiros videntes* é ir além dessa posição. E para fazê-lo necessitam de moralidade e beleza.[8:93]

3.2 A essência da espreita

Seria maravilhoso se você pudesse usar as quatro disposições da *espreita* como instrumento para levá-lo à *recordação total*.[8:81]

A *implacabilidade*, *esperteza*, *paciência* e *docilidade* são a essência da *espreita.* São o básico que com todas as suas ramificações precisa ser [aprendido] em passos cuidadosos e meticulosos.[8:90] [Aprender] a *espreitar* é uma das coisas mais difíceis que os *feiticeiros* fazem, e a *impecabilidade* é que dita os seus atos.[8:90]

Um ponto muito importante a considerar é que, para um observador, o comportamento dos *feiticeiros* pode parecer malicioso, quando na realidade seu comportamento é sempre *impecável*.[8:90]

Atos maliciosos são executados por pessoas pelo ganho pessoal. Os *feiticeiros*, no entanto, têm um propósito ulterior para seus atos, que nada tem a ver com ganho pessoal. O fato de que se divertem com seus atos não conta como ganho. Antes, trata-se de uma condição de seu caráter. O homem comum age apenas se há oportunidade de lucro. Os *guerreiros* dizem que agem não pelo lucro mas pelo *espírito*.[8:90]

As palavras são muito poderosas e importantes e são a propriedade mágica de quem quer que as tenha.

Os *feiticeiros* têm uma regra básica: dizem que quanto mais profundamente se *move* o *ponto de aglutinação*, tanto maior a sensação que um indivíduo tem *conhecimento* mas não as palavras para explicá-lo. Às vezes o *ponto de aglutinação* de pessoas comuns pode *mover*-se sem uma causa conhecida e sem eles estarem conscientes disso, exceto que ficam com a língua presa, confusos e evasivos.[8:92]

O primeiro princípio da *espreita* é que um *guerreiro espreita* a si mesmo. *Espreita* a si mesmo implacavelmente, com esperteza, paciência e docilmente.[8:92]

3.3 O lugar da não-piedade

[Uma] sensação de estar arrolhado é experimentada por todo ser humano. É um lembrete da existência de nossa *conexão* com o *intento*. Para os *feiticeiros* essa sensação é ainda mais aguda, precisamente porque seu objetivo é sensibilizar seu *elo de conexão* até que possam fazê-lo funcionar à vontade.

Quando a pressão de seu *elo de conexão* é grande demais, os *feiticeiros* aliviam-na *espreitando* a si mesmos.[8:114]

É isto que é *implacabilidade*: uma total falta de piedade [quando] o *ponto de aglutinação* [atinge] a posição chamada o *lugar da não-piedade*.[8:137]

O problema que os *feiticeiros* têm a resolver é que o *lugar da não-piedade* deve ser alcançado com o mínimo de ajuda possível. O *[mestre-feiticeiro]* prepara o cenário, mas é o aprendiz que faz seu *ponto de aglutinação* se *mover*.[8:146]

3.4 Na ausência da auto-importância

Os *espreitadores* que praticam a *loucura controlada* acreditam que, em questão de personalidade, a raça humana inteira entra em três categorias. Os *espreitadores* acham que não somos tão complexos como pensamos ser e que todos pertencemos a uma das três categorias.[8:234]

As pessoas da primeira classe são os secretários perfeitos, assistentes, companheiros. Têm uma personalidade muito fluida, mas sua fluidez não é nutritiva. São, entretanto, serviçais, preocupados, totalmente domésticos, dispõem de recursos dentro de certos limites, são bem-humorados, têm boas maneiras, são doces e delicados. Em outras palavras, são as pessoas mais simpáticas que alguém pode encontrar, mas têm uma enorme falha: não conseguem funcionar sozinhas. Estão sempre necessitadas de alguém para dirigi-las. Com direção, são perfeitas, não importando quão difícil ou antagônica essa direção possa ser. Entregues a si mesmas, perecem.[8:234]

As pessoas da segunda classe não são nem um pouco simpáticas. São mesquinhas, vingativas, invejosas, ciumentas, autocentradas. Falam exclusivamente sobre si mesmas e em geral esperam que as pessoas se enquadrem em seus padrões. Sempre tomam a iniciativa mesmo quando não se sentem confortáveis com ela. Ficam profundamente desconfortáveis em qualquer situação e nunca relaxam. São inseguras e nunca conseguem ser agradadas; quanto mais inseguras se tornam, mais desagradáveis ficam. Sua falha fatal é que matariam para ser líderes.[8:235]

Na terceira categoria estão as pessoas que não são simpáticas nem desagradáveis. Não servem e não se impõem a ninguém. Antes, são indiferentes. Têm uma idéia exaltada acerca de si mesmas derivada unicamente de divagações de pensamento desejoso. Se são extraordinárias em alguma coisa, é em esperar que as coisas aconteçam. Estão esperando ser descobertas e conquistadas e têm uma maravilhosa facilidade para criar a ilusão de que têm grandes coisas em suspenso, que sempre prometem liberar mas nunca fazem porque, na verdade, não dispõem de tais recursos.[8:233]

> O problema conosco é que nos tomamos a sério. Independente da categoria na qual se encaixa nossa *auto-imagem*, isto só importa por causa de nossa *auto-estima*. Se não fôssemos tão *auto-importantes*, não importaria nem um pouco em qual categoria entraríamos.[8:236]

Na ausência da *auto-importância*, o único modo de um *guerreiro* lidar com o meio social é em termos de *loucura controlada*: a única ponte entre a *loucura* das pessoas e a finalidade dos *ditames da Águia*.[8:170]

3.5 A TÉCNICA DA LOUCURA CONTROLADA

> Na arte de *espreitar* há uma técnica que os *feiticeiros* usam muito: *loucura controlada*. Segundo eles, a *loucura controlada* é a única maneira que têm de lidar consigo mesmos, em seu estado de *consciência* e *percepção* expandidas, e com todos e tudo no mundo dos afazeres diários.[8:233]

A *loucura controlada* é a arte do *engano controlado* ou a arte de fingir estar profundamente imerso na ação – fingindo tão bem que ninguém possa distingui-lo da coisa real. A *loucura controlada* não é um engano direto, mas um modo sofisticado, artístico, de estar separado de tudo permanecendo ao mesmo tempo uma parte de tudo.[8:233]

> A *loucura controlada* é uma arte. Uma arte que causa muitas preocupações, e muito difícil para se aprender. Muitos *feiticeiros* não suportam isso, não porque haja alguma coisa inerentemente errada com a arte, mas porque é preciso muita energia para exercê-la.[8:233]

> Na época em que chegamos à *feitiçaria*, nossa personalidade já está formada, e tudo que podemos fazer é praticar a *loucura controlada* e rir de nós mesmos.[8:234]

CAPÍTULO 4

O ENIGMA DO ESPÍRITO

No universo há uma força imensurável e indescritível que os *feiticeiros* chamam *intento*, e que absolutamente tudo o que existe no cosmo inteiro está ligado ao *intento* por um *elo de conexão*. *Feiticeiros*, ou *guerreiros*, preocupam-se em discutir, compreender e utilizar este *elo de conexão*. Estão especialmente empenhados em limpá-lo dos efeitos atordoantes causados pelas preocupações comuns de suas vidas cotidianas. A *feitiçaria* a este nível pode ser definida como um procedimento de limpar o *elo de conexão* de um indivíduo ao *intento*.[8:14]

> *Intento* – a força que muda e reordena as coisas ou as mantém como são.[8:31] A única maneira de conhecê-lo é diretamente através de uma *conexão* viva que existe entre o *intento* e todos os seres sencientes. Os *feiticeiros* chamam de *intento* o indescritível, o *espírito*, o *abstrato*, o *nagual.* [8:31]

Este processo de limpeza é extremamente difícil de compreender, ou aprender a executar. Os *feiticeiros*, por isso, dividem sua instrução em duas categorias. Uma é a instrução para o estado de *consciência* da vida cotidiana, no qual o processo de limpeza é apresentado de modo disfarçado. A outra é a instrução para os estados de *consciência* intensificados, tais como o que [nós experimentamos] no momento, nos quais os *feiticeiros* obtêm o *conhecimento* diretamente do *intento*, sem a intervenção perturbadora da linguagem falada.[8:14]

4.1 A ordem subjacente do abstrato

> Quero que compreenda a *ordem subjacente* do que lhe ensino. Minha objeção é quanto ao que você pensa ser a *ordem subjacente*. Para você, esta significa procedimentos secretos ou uma consistência oculta. Para mim, significa duas coisas: tanto o *edifício* que o *intento* constrói num piscar de olhos e coloca diante nós para penetrá-los, e os sinais que nos dá de modo a que não nos percamos quando estamos dentro.[8:46]

> Obviamente, o que os *feiticeiros* reconhecem como um *cerne abstrato* é algo que lhe escapa nesse momento. Essa parte que lhe escapa os *feiticeiros* conhecem como o *edifício do intento*, ou a *voz silenciosa do espírito*, ou o *arranjo ulterior do abstrato*.[8:48]

Segundo a regra, os *cernes abstratos* e as histórias de *feitiçaria* devem ser contatos neste ponto. E algum dia o *arranjo ulterior do abstrato* que é *conhecimento* sem palavras ou o *edifício do intento* inerente às histórias, será revelado a você pelas próprias histórias.

O *arranjo ulterior do abstrato* não é apenas a ordem na qual os *cernes abstratos* [são] apresentados a você, ou o que estes têm em comum, ou mesmo a teia que os reúne. Em lugar disso, é conhecer o *abstrato* diretamente, sem intervenção da linguagem.[8:48]

O ponto crucial de nossa dificuldade em voltar ao *abstrato* é nossa recusa em aceitar que podemos saber sem palavras ou mesmo sem pensamentos.[8:54]

Aceitar essa proposição não é fácil como dizer que você a aceita. A totalidade da humanidade se afastou do *abstrato*, embora em alguma época [estivéssemos] estado perto dele. Este deve ter sido nossa fonte sustentadora. Então alguma coisa aconteceu e puxou-nos para longe do *abstrato*. Agora não conseguimos voltar a ele. São necessários anos para que um aprendiz seja capaz de voltar ao *abstrato*, isto é, saber que o *conhecimento* e a linguagem podem existir independentemente um do outro. *Conhecimento* e linguagem são separados.[8:54]

Não há maneira de falar sobre o *espírito* porque o *espírito* pode apenas ser experimentado. Os *feiticeiros* tentam explicar essa condição quando afirmam que o *espírito* não é nada que você possa *ver* ou *sentir*. Mas está pairando sobre nós o tempo todo. Às vezes vem para algum de nós. Durante a maior parte do tempo parece indiferente.[8:54-55]

O seu problema é que você considera apenas a sua própria idéia do que é *abstrato*. Por exemplo, a essência interior do homem, ou o princípio fundamental, são *abstratos* para você. Ou talvez um pouco menos vago, tal como caráter, volição, coragem, dignidade, honra. O *espírito*, naturalmente, pode ser descrito em termos de todas as essas coisas. E é isso que é tão confuso, é que é todas essas coisas e nenhuma delas.[8:55]

O que se considera abstrações são ou os opostos de todas as praticidades sobre as quais se pode pensar ou coisas que se decide não ter existência concreta.[8:55]

Para um *feiticeiro* um *abstrato* é algo sem paralelo na condição humana. Para um *feiticeiro*, o *espírito* é um *abstrato* simplesmente porque ele o conhece sem palavras ou mesmo pensamentos. É um *abstrato* porque não pode conceber o que seja o *espírito*. E, no entanto, sem a menor chance ou desejo de compreendê-lo, um *feiticeiro* manipula o *espírito*. Reconhece-o, acena-lhe, convida-o, familiariza-se com ele, e expressa-o através de seus atos.

A raiz de sua concepção errônea é que usei o termo "abstrato" para descrever o *espírito*. Para você, *abstrato*s são palavras que descrevem *status* da intuição. Um exemplo é a palavra "espírito", que não descreve a razão ou a experiência pragmática, e a qual, naturalmente, não tem utilidade para você senão a de estimular sua imaginação.[8:55]

4.1.1 Uma visão sistemática do passado

Apenas os feiticeiros podem transformar seus sentimentos em *intento*. O *intento* é o *espírito*, logo é o *espírito* que move seus *pontos de aglutinação.*

A parte enganosa de tudo isso é que apenas os *feiticeiros* sabem a respeito do *espírito*; o *intento* é de domínio exclusivo deles. Isto não é verdadeiro de modo algum, mas, na prática, é assim que se apresenta. A contradição real é que os *feiticeiros* são mais conscientes de sua *conexão* com o *espírito* do que o homem comum, e lutam para manipulá-la. Isso é tudo. Já expliquei que o *elo de conexão* com o *intento* é o particular universal partilhado por tudo o que existe.[8:214-215]

Estou tentando introduzir as *histórias de feitiçaria* como tema. Nunca falei a você de modo específico sobre esse tópico porque tradicionalmente é deixado oculto. É o último artifício do *espírito*. [8:28]

É necessário começar a tirar conclusões baseadas numa *visão* sistemática do passado, conclusões tanto sobre o mundo dos afazeres diários quanto sobre o mundo dos *feiticeiros*.[8:24]

Os *feiticeiros* são vitalmente preocupados com o seu passado, mas não me refiro a seu passado pessoal. Para os *feiticeiros*, seu passado é o que os outros *feiticeiros* fizeram em dias passados. E o que vamos fazer agora é examinar esse passado.

O homem comum também examina seu passado. Mas é principalmente seu passado pessoal que examina, e o faz por motivos pessoais. Os *feiticeiros* fazem praticamente o oposto; consultam seu passado de modo a obter um ponto de referência.[8:24]

O homem comum mede-se contra o passado, seja seu passado pessoal ou o conhecimento passado de seu tempo, de modo a encontrar justificações para o seu comportamento presente e futuro, ou para estabelecer um modelo para si mesmo. Apenas os *feiticeiros* buscam de modo genuíno um ponto de referência no seu passado.[8:24]

Para os *feiticeiros*, estabelecer um ponto de referência significa obter uma oportunidade de examinar o *intento*. O que é exatamente o objetivo desse tópico final de instrução. E nada pode dar aos *feiticei-*

> *ros* uma *visão* melhor do *intento* do que examinar histórias de outros *feiticeiros*, esforçando-se para compreender a mesma força.[8:24]

4.2 Os cernes abstratos

Usando a *consciência intensificada* durante milhares de anos de doloroso esforço, os *feiticeiros* obtiveram *percepções* específicas do *intento*, e passaram esse precioso *conhecimento* direto de geração em geração, até o presente. A tarefa da *feitiçaria* é tomar esse *conhecimento* aparentemente incompreensível e torná-lo compreensível pelos padrões da *consciência* da vida cotidiana.[8:14]

> Em *feitiçaria* há 21 *cernes abstratos* – arranjados num nível crescente de complexidade – e então, baseadas nesses *cernes abstratos*, há grande quantidade de *histórias de feitiçaria* sobre os *[mestres-feiticeiros]* de nossa linhagem, lutando para compreender o *espírito*. É tempo de contar-lhe sobre os *cernes abstratos* e as *histórias de feitiçaria*.[8:24]

Lida-se aqui com o primeiro [e segundo dos seis conjuntos de *cernes abstratos*], que são compostos dos seguintes: [as *manifestações do espírito*, o *assalto do espírito*, as *artimanhas do espírito*, a *descida do espírito*, os *requisitos do intento, a decisão do espírito*, a *manipulação do intento e os desígnios do abstrato.*][8:19]

Por meios além da compreensão, cada detalhe de cada *cerne abstrato* recorre para cada aprendiz de *[mestre-feiticeiro]*. O processo pelo qual cada aprendiz de *[mestre-feiticeiro]* encontra os *cernes abstratos* cria uma série de histórias tecidas ao redor desses *cernes abstratos*, incorporando os detalhes particulares da personalidade de cada aprendiz e das circunstâncias. Quando o aprendiz compreende os *cernes abstratos* é como colocar a pedra que encima e sela uma pirâmide.[8:28]

4.2.1 As manifestações do espírito

> A primeira história de *feitiçaria* que vou lhe contar é chamada as *manifestações do espírito*, mas não deixe que o título o mistifique. As *manifestações do espírito* são apenas o primeiro *cerne abstrato* ao redor do qual a primeira *história de feitiçaria* está construída.
>
> Esse primeiro *cerne abstrato* é uma *história* em si mesma. A *história* diz que tempos atrás houve um homem, um homem comum sem quaisquer atributos especiais. Era, como todos os demais, um conduto para o *espírito*. E em virtude disso, como todos os demais, era parte do *espírito*, parte do *abstrato*. Mas não sabia disso. O mundo mantinha-o tão ocupado que ele realmente não tinha o tempo nem a inclinação para examinar o assunto.

> O *espírito* tentou, sem sucesso, revelar sua *conexão*. Usando uma *voz interior*, o *espírito* revelou seus segredos, mas o homem era incapaz de compreender as revelações. Naturalmente, ouvia a *voz interior*, mas acreditava que fossem seus próprios *sentimentos* que estava *sentindo* e seus próprios pensamentos que estava pensando.
>
> O *espírito*, para sacudi-lo de sua modorra, deu-lhe três sinais, três manifestações sucessivas. O *espírito* cruzou fisicamente o caminho do homem da maneira mais óbvia. Mas o homem estava alheio a qualquer coisa a não ser a preocupação consigo mesmo.[8:27]
>
> Acabei de contar-lhe o primeiro *cerne abstrato*. A única coisa que poderia acrescentar é que por causa da absoluta relutância do homem em compreender, o *espírito* foi forçado a usar de *artimanhas*. E as *artimanhas* tornaram-se a essência do *caminho dos feiticeiros*. Mas isso é outra *história*.[8:27]

Os *feiticeiros* compreendem este *cerne abstrato* como uma *planta dos acontecimentos*, ou um padrão recorrente que aparece todas as vezes em que o *intento* estiver dando uma indicação de algo significativo. *Cernes abstratos*, assim, são plantas de cadeias completas de eventos.[8:27]

4.2.1.1 Presságios e augúrios

Todo ato executado por *feiticeiros*, em especial pelos *[mestres-feiticeiros]*, é executado ou como um modo de reforçar seu *elo* com o *intento* ou como uma resposta desencadeada pelo próprio *elo*. Os *feiticeiros*, e especialmente os *[mestres-feiticeiros]*, têm portanto de estar viva e permanentemente atento às *manifestações do espírito*. Tais *manifestações* são chamadas *gestos do espírito* ou, de modo mais simples, indicações ou presságios.[8:28]

> O homem pode obter concordância de tudo que o cerca.[3:23]
>
> O mundo se adapta a nós. Isso não é uma cena arrumada. É um augúrio, um ato de *poder*. O mundo sustentado pela *razão* faz de tudo isso um acontecimento que podemos observar por um momento, a caminho de coisas mais importantes. O mundo sustentado pela *vontade* torna isso um ato de *poder*, que podemos *ver*.[4:104]

Quando um *feiticeiro* interpreta um presságio, sabe seu significado exato sem ter qualquer noção de como sabe. Este é um dos efeitos desconcertantes do *elo de conexão* com o *intento*. Os *feiticeiros* têm um senso de saber coisas diretamente. A medida de sua certeza depende da força e clareza de seu *elo de conexão*.[8:34]

A sensação que todos conhecem como "intuição" é a ativação de nosso *elo* com o *intento*. E desde que os *feiticeiros* perseguem com deliberação a compreensão e o fortalecimento desse *elo*, pode-se dizer que intuem tudo infalível e acuradamente. Interpretar presságios é lugar comum para *feiticeiros* – os enganos acontecem apenas quando sentimentos pessoais intervêm e turvam o *elo de conexão* dos *feiticeiros* com o *intento*. De outro modo o seu *conhecimento* direto é totalmente acurado e funcional.[8:34]

O *espírito* manifesta-se a um *feiticeiro*, em especial a um *[mestre-feiticeiro]*, a todo momento. Entretanto, esta não é a verdade completa. A verdade completa é que o *espírito* se revela a todos com a mesma intensidade e consistência, mas apenas os *feiticeiros*, e os *[mestres-feiticeiros]* em particular, estão sintonizados a tais revelações.[8:35]

O *intento* cria *edifícios* à nossa frente e convida-nos a penetrá-los. Este é o modo pelo qual os *feiticeiros* compreendem o que está acontecendo ao se redor.[8:46]

4.2.2 O assalto do espírito

O segundo *cerne abstrato* das *histórias de feitiçaria* é chamado de o *assalto do espírito*. O primeiro *cerne*, as *manifestações do espírito*, é o edifício que o *intento* constrói e coloca diante de um *feiticeiro*, convidando-o então a entrar. É o *edifício do intento visto* por um *feiticeiro*. O *assalto do espírito* é o mesmo *edifício visto* pelo iniciante que é convidado, ou melhor, forçado a entrar.[8:57]

Este segundo *cerne abstrato* poderia ser uma *história* em si mesma. Segundo a *história*, depois que o *espírito* se manifestou àquele homem sobre o qual conversamos e não obteve resposta, o *espírito* armou uma armadilha para o homem. Era um subterfúgio final, não porque o homem fosse especial, mas porque a incompreensível *cadeia de eventos do espírito* tornou aquele homem disponível no exato momento em que o *espírito* bateu à porta.

Não é preciso dizer que seja o que for que o *espírito* revelou àquele homem não fez sentido para ele. Com efeito, ia de encontro a tudo o que o homem sabia, tudo que era. O homem, naturalmente, recusou-se de imediato, e não em termos incertos, a ter qualquer coisa a ver com o *espírito*. Não ia deixar-se cair por tal rematada besteira. Sabia melhor o que fazer. O resultado foi um beco sem saída total.

Posso dizer que essa é uma *história* idiota, e que o que lhe dei é o *pacificador* para aqueles que se sentem desconfortáveis com o *silêncio do abstrato*.[8:56]

> Após uma vida inteira de prática, os *feiticeiros*, em particular os *[mestres-feiticeiros]*, sabem se o *espírito* os está convidando a entrar no *edifício* que está sendo exibido à sua frente. Aprenderam a disciplinar seus *elos de conexão* ao *intento*. Assim, são sempre prevenidos, sempre sabem o que o *espírito* tem reservado para eles.[8:58]

4.2.2.1 Elo de conexão com o *intento*

O progresso ao longo do *caminho dos feiticeiros* é, em geral, um processo drástico cujo propósito é colocar em ordem esse *elo de conexão*. O *elo de conexão* do homem comum com o *intento* está praticamente morto, e os *feiticeiros* começam com um *elo* que é inútil, porque não responde voluntariamente. Para reavivar esse *elo*, os *feiticeiros* necessitam de um propósito rigoroso, feroz – um estado mental especial chamado *intento inflexivo.* A parte mais difícil do aprendizado da *feitiçaria* é aceitar que o *[mestre-feiticeiro]* é o único ser capaz de proporcionar *intento inflexivo.*

A tarefa de *feitiçaria*, do ponto de vista do *espírito*, consiste em limpar nosso *elo de conexão* com ele. O *edifício* que o *intento* exibe diante de nós é, então, uma casa de limpeza, dentro da qual encontramos tanto os procedimentos para limpar nosso *elo de conexão* quanto o *conhecimento silencioso* que permite que o processo de limpeza tenha lugar. Sem estes *conhecimentos silenciosos* nenhum processo pode funcionar, e tudo o que teremos será uma indefinida sensação de necessitar de algo.[8:62]

Os eventos desencadeados pelos *feiticeiros* como resultado do *conhecimento silencioso* são tão simples e no entanto tão abstratos que os *feiticeiros* decidiram há muito tempo falar sobre esses eventos apenas em termos simbólicos. As *manifestações* e o *assalto do espírito* são o exemplo.[8:63]

Cada um de nós é impedido do *conhecimento silencioso* por barreiras naturais, específicas a cada indivíduo.[8::63]

Nós, como seres comuns, não sabemos, nem jamais iremos saber, que há algo inteiramente real e funcional – nosso *elo de ligação* com o *intento* – que nos dá nossa preocupação hereditária com o destino. Durante nossas vidas ativas nunca temos a chance de ir além do nível da mera preocupação, porque desde tempos imemoriais a rotina dos afazeres diários nos entorpeceu. É apenas quando nossas vidas quase se encontram por terminar que nossa preocupação com o destino começa a assumir um caráter diferente. Começa a fazer-nos *ver* através da neblina das ocupações diárias. Infelizmente, esse despertar sempre vem de mãos dadas com a perda de energia causada pelo envelhecimento, quando não temos mais força para transformar nossa preocupação em descoberta pragmática e positiva. Nesse ponto, tudo que é deixado é uma angústia amorfa e penetrante, um desejo por algo indescritível, e simples raiva por ter errado o alvo.[8:64]

4.2.3 As artimanhas do espírito

Vamos conversar agora sobre o terceiro *cerne abstrato*. É chamado as *artimanhas do abstrato*, ou *espreitar* a si mesmo, ou limpar o *elo*. E outra vez, como com o primeiro e segundo *cernes*, esta poderia ser uma *história* em si mesma.[8:67]

A história conta que depois de bater à porta daquele homem sobre o qual estivemos falando e não tendo obtido sucesso com ele, o *espírito* usou o único meio disponível: as *artimanhas*. Afinal, o *espírito* havia resolvido impasses prévios através de *artimanhas*. Era óbvio que, se pretendia causar um impacto nesse homem, teria de seduzi-lo. Portanto, o *espírito* começou a instruir o homem sobre os mistérios da *feitiçaria*. E o aprendizado de *feitiçaria* tornou-se o que é: um caminho de artifícios e subterfúgios.

De acordo com a *história*, o *espírito* seduziu o homem fazendo-o mudar para a frente ou para atrás entre *níveis de consciência* a fim de mostrar-lhe como economizar energia necessária para reforçar seu *elo de conexão*.[8:68]

4.2.4 A descida do espírito

O quarto *cerne abstrato* é o ímpeto total da *descida do espírito*, ou ser movido pelo *intento*.[8:100] É um ato de revelação. O *espírito* revela-se a nós. Os *feiticeiros* o descrevem como o *espírito* postado em emboscada e depois baixando sobre nós, sua presa. Os *feiticeiros* dizem que a *descida do espírito* é sempre oculta. Acontece, e no entanto parece não ter acontecido de maneira nenhuma.[8:98]

Os *feiticeiros* acreditam que, até o próprio momento da *descida do espírito*, qualquer um de nós pode afastar-se do *espírito*; mas não depois.[8:98]

Há uma passagem que uma vez cruzada não permite regresso. Ordinariamente, desde o momento em que o *espírito* assalta, passam-se anos antes que o aprendiz atinja essa passagem. Às vezes, entretanto, a passagem é atingida quase que de imediato.[8:98]

Todo *feiticeiro* deve ter uma memória clara dessa passagem de modo que possa lembrar do seu novo potencial de *percepção*. Não é necessário ser aprendiz de *feitiçaria* para alcançar essa passagem, e a única diferença entre um homem comum e um *feiticeiro*, em tais casos, é o que cada um enfatiza. Um *feiticeiro* enfatiza o cruzamento dessa passagem e usa a lembrança do fato como ponto de referência. Um homem comum não atravessa a passagem e faz o máximo para esquecer tudo a seu respeito.[8:99]

Os *feiticeiros* dizem que o quarto *cerne abstrato* ocorre quando o *espírito* corta nossas *cadeias de auto-reflexão*. Cortar nossas *ca-*

deias é maravilhoso, mas também muito indesejável, pois ninguém deseja ser livre.[8:99]

Uma vez que nossas correntes são cortadas, não estamos mais presos pelas preocupações do mundo cotidiano. Permanecemos num mundo cotidiano, mas não pertencemos mais a ele. Para isso ocorrer, devemos partilhar das preocupações das pessoas, e sem correntes não conseguimos.[8:100]

Segundo a *história*, para deixar os mistérios da *feitiçaria* se revelarem ao homem sobre o qual estivemos conversando, foi necessário para o *espírito descer* sobre aquele homem. O *espírito* escolheu o momento quando o homem estava distraído, desprotegido e, demonstrando nenhuma piedade, o *espírito* deixou sua presença por si mesma *mover* o *ponto de aglutinação* do homem para uma posição específica. Esse ponto passou a ser conhecido para os *feiticeiros* dali por diante como o *lugar da não-piedade*. A *implacabilidade* tornou-se, desse modo, o primeiro princípio da *feitiçaria*.

O primeiro princípio não deve ser confundido com o primeiro efeito do aprendizado de *feitiçaria*, o qual é a mudança entre a *consciência* normal e a *intensificada*.

O que quero dizer é que, aparentemente, ter o *ponto de aglutinação movido* é a primeira coisa que realmente acontece a um aprendiz de *feitiçaria*. Assim, é apenas natural que um aprendiz assuma que este seja o primeiro princípio da *feitiçaria*. Mas não é. A *implacabilidade* é o primeiro princípio da *feitiçaria*. [8:124]

Misterioso como é o movimento para a *consciência intensificada*, tudo o que alguém necessita para realizá-lo é a *presença* do *espírito*. A única coisa real de importância é compreender que o mero contato com o *espírito* pode provocar qualquer movimento do *ponto de aglutinação*.[8:124]

Expliquei-lhe que o *[mestre-feiticeiro]* é o conduto do *espírito*. Uma vez que ele gasta uma vida inteira redefinindo de modo impecável seu *elo de conexão* com o *intento*, e uma vez que tem mais energia que o homem comum, pode permitir que o *espírito* se expresse através de si. Assim, a primeira coisa que o *aprendiz de feiticeiro* experimenta é uma mudança em seu *nível de consciência*, uma mudança provocada simplesmente pela *presença* do *[mestre-feiticeiro]*. E o que quero que você saiba é que realmente não há procedimento envolvido em fazer o *ponto de aglutinação mover*-se. O *espírito* toca o aprendiz, e seu *ponto de aglutinação* se *move*. É simples como isso.[8:125]

O que precisamos fazer para permitir que a magia tome conta de nós é banir a dúvida de nossas mentes. Uma vez que as dúvidas são banidas, tudo é possível.[8:125]

> Você tem possibilidades das quais ainda não está consciente. Uma vez que você é realmente descuidado, pode pensar que tudo o que percebe é apenas percepção sensória comum.[8:157]

> Ensinei-lhe todos os tipos de coisa para prender sua *atenção*. Você irá jurar, entretanto, que esse *ensinamento* foi a parte importante. Há muito pouco valor na instrução. Os *feiticeiros* afirmam que *mover* o *ponto de aglutinação* é tudo o que importa. E esse *movimento*, como você bem sabe, depende de acúmulo de energia e não de instrução.[8:159]

Qualquer ser humano que siga uma seqüência específica e simples de ações pode aprender a *mover* seu *ponto de aglutinação*.[8:159]

> No mundo dos *feiticeiros* há apenas contradições de termos. Na prática não há contradições. A seqüência de ações sobre a que estou falando é uma que se origina de estar consciente. Para tornar-se consciente dessas seqüências você necessita de um *[mestre-feiticeiro]*. É por isso que falei que o *[mestre-feiticeiro]* proporciona uma chance mínima, mas essa chance mínima não é instrução, como a que você necessita para aprender a operar uma máquina. A chance mínima consiste em se tornar consciente do *espírito*.[8:159]

A seqüência especifica [exige] estar consciente de que a *auto-estima* é a força que mantém o *ponto de aglutinação* fixo. Quando a *auto-estima* é podada, a energia que requer não é mais gasta. Essa energia aumentada serve então como trampolim que lança o *ponto de aglutinação*, automaticamente e sem premeditação, para uma *viagem* inconcebível.[8:159]

Uma vez que o *ponto de aglutinação* se *moveu*, o próprio movimento implica afastar-se da *auto-reflexão*, e isto, por sua vez, assegura um *elo de conexão* limpo com o *espírito*. Afinal, é a *auto-reflexão* que desconectou o homem do *espírito* em primeiro lugar.[8:160]

> Os *feiticeiros* não se encontram mais no mundo dos afazeres diários porque não são mais presas de sua *auto-reflexão*.[8:100]

> Estive tentando deixar claro para você que o único curso válido de ação, seja para *feiticeiros* ou homens comuns, é para restringir nosso envolvimento com nossa *auto-imagem*. O que um *[mestre-feiticeiro]* objetiva com seus aprendizes é o estilhaçamento de seu *espelho da auto-reflexão*.[8:158]

> Cada um de nós tem um grau diferente de ligação à sua *auto-reflexão*. E essa ligação é sentida como necessidade. Mas há exemplo de pessoas, *feiticeiros* ou homens comuns, que não necessitam de ninguém. Obtêm paz, harmonia, alegria e *conhecimento* diretamente do *espírito*. Não necessitam de intermediários. [8:159]

4.2.5 Os requisitos do *intento*

Os *feiticeiros* têm uma tendência peculiar. Vivem exclusivamente ao crepúsculo de um *sentimento* melhor descrito pelas palavras "e no entanto...". Quando tudo está desmoronando ao redor deles, os *feiticeiros* aceitam que a situação é terrível, e então de imediato escapam para o crepúsculo do "e no entanto...".[8:188]

A *feitiçaria* é uma *viagem* de retorno. Voltamos vitoriosos ao *espírito*, tendo descido ao inferno. E do inferno trazemos troféus. O entendimento é um de nossos troféus.[8:160]

Nossa dificuldade com essa progressão simples é que a maior parte de nós é relutante em aceitar que necessitamos de tão pouco para ir em frente. Estamos preparados para esperar instrução, ensino, guias, mestres. E quando nos dizem que não precisamos de ninguém, não acreditamos. Ficamos nervosos, depois desconfiados e por fim zangados e desapontados. Se necessitamos de ajuda, não é em métodos, mas em ênfase. Se alguém nos torna conscientes de que devemos restringir nossa *auto-estima*, essa ajuda é real.[8:160]

Segundo os *feiticeiros*, não devemos depender de ninguém para convencer-nos de que o mundo é infinitamente mais complexo que as nossas fantasias mais selvagens. Assim, por que somos dependentes? Por que precisamos de alguém para guiar-nos quando podemos fazê-lo nós próprios? Interessante pergunta, hem?[8:161]

Não há procedimentos em *feitiçaria*. Não há métodos, nem passos. A única coisa que importa é o *movimento do ponto de aglutinação*. E nenhum procedimento pode causar isso. É um efeito que acontece inteiramente por si mesmo.[8:161]

Acabo de explicar que o *movimento do ponto de aglutinação* acontece por si mesmo. Mas falei também que a *presença* do *[mestre-feiticeiro] move* o *ponto de aglutinação* de seu aprendiz e que a maneira pela qual o *[mestre-feiticeiro]* mascara sua *implacabilidade* ou ajuda ou atrapalha esse movimento. [8:162]

O que parece uma contradição é na realidade os dois lados da mesma moeda. O *[mestre-feiticeiro]* atrai o *ponto de aglutinação* ao *movimento* ajudando a destruir o *espelho da auto-reflexão*. Mas isso é tudo o que o *[mestre-feiticeiro]* pode fazer. Quem *move* de fato é o *espírito*, o *abstrato*; algo que não pode ser *visto* ou *sentido*; algo que não parece existir, e no entanto existe. Por essa razão, os *feiticeiros* afirmam que o *ponto de aglutinação move*-se inteiramente por conta própria. Ou dizem que o *[mestre-feiticeiro]* o *move*. O *[mestre-feiticeiro]*, sendo o conduto do *abstrato*, tem permissão de expressá-lo através de suas ações.[8:162]

O *[mestre-feiticeiro] move* o *ponto de aglutinação*, e no entanto não é ele próprio quem provoca realmente o *movimento*. Ou talvez

> seja mais apropriado dizer que o *espírito* se expressa de acordo com a *impecabilidade* do *[mestre-feiticeiro]*. O *espírito* pode *mover* o *ponto de aglutinação* com a simples *presença* de um *[mestre-feiticeiro]* impecável.[8:162]

Porque o *espírito* não tem essência perceptiva, os *feiticeiros* lidam de preferência com as instâncias e modos específicos pelos quais são capazes de estilhaçar o *espelho da auto-reflexão*.[8:162]

O mundo de nossa *auto-reflexão* ou de nossa mente é muito inconsistente e é mantido coeso por algumas poucas idéias-chave que servem como sua ordem subjacente. Quando essas idéias falham, a ordem subjacente para de funcionar.

> A *continuidade* é uma idéia-chave. A idéia de somos um bloco sólido.[8:164]
>
> Em nossas mentes, o que sustenta o nosso mundo é a certeza de que somos imutáveis. Podemos aceitar que nosso comportamento pode ser modificado, que nossas reações e opiniões podem ser modificadas, mas a idéia de que somos maleáveis a ponto de mudar de aparência, a ponto de ser alguma outra pessoa, não é parte da ordem subjacente de nossa *auto-reflexão*. Sempre que um *feiticeiro* interrompe essa ordem, o mundo da *razão* pára.[8:164]
>
> A *continuidade* é tão importante em nossas vidas que quando se quebra é sempre instantaneamente reparada. No caso dos *feiticeiros*, entretanto, uma vez que seu *ponto de aglutinação* atinge o *lugar da não-piedade*, a *continuidade* nunca é a mesma.[8:168]
>
> A sua incerteza é para ser esperada. Afinal, você está lidando com um novo tipo de *continuidade*. Leva tempo para ficar acostumado a ele. Os *guerreiros* passam anos no limbo, onde não são homens comuns nem *feiticeiros*.[8:170]
>
> Eles não têm escolha. Todos tornam-se conscientes do que já são: *feiticeiros*. A dificuldade é que o *espelho da auto-reflexão* é plenamente poderoso e só deixa suas vítimas irem depois de uma luta feroz.[8:170]

4.2.5.1 A IMPLACABILIDADE

O homem antigo sabia, da maneira mais direta, o que *fazer* e como fazê-lo melhor. Mas, porque procedia tão bem, começou a desenvolver o senso do *eu*, que lhe deu a sensação de que podia predizer e planejar as ações que estava acostumado a realizar. E assim a idéia de um *eu individual* apareceu. Um *eu individual* que começou a ditar a natureza e o escopo das ações do homem.[8:150-151]

À medida que a sensação de *eu individual* se tornava mais forte, o homem perdeu sua *conexão* natural ao *conhecimento silencioso*. O homem moderno, sendo herdeiro desse desenvolvimento, encontra-se portanto tão desesperançadamente removido da fonte de tudo que só lhe resta expressar seu desespero em atos violentos e cínicos de autodestruição. A razão do cinismo e desespero do homem é a quantidade de *conhecimento silencioso* deixado nele, o qual faz duas coisas: primeiro, dá ao homem um vislumbre de sua antiga *conexão* à fonte de tudo; e segundo, faz o homem *sentir* que sem essa *conexão* não tem esperança de paz, de satisfação, de realização.[8:151]

Os *feiticeiros* [descobriram] que qualquer *movimento* do *ponto de aglutinação* significa um *movimento* afastando-se da excessiva preocupação com aquele *eu individual* que é a marca do homem moderno. Eles acreditam que é a posição do *ponto de aglutinação* que faz do homem moderno um homicida egoísta, um ser totalmente envolvido com sua *auto-imagem*. Tendo perdido a esperança de jamais retornar à fonte de tudo, o homem busca consolo na sensação de si mesmo. E, ao fazê-lo, termina por *fixar* seu *ponto de aglutinação* na posição exata necessária para perpetuar sua *auto-imagem*. Portanto, é seguro dizer que qualquer *movimento do ponto de aglutinação* para fora de sua posição costumeira resulta num *movimento* afastando-se da *auto-reflexão* do homem e de sua concomitante *auto-estima*.[8:151]

Os *feiticeiros* estão absolutamente convencidos de que, ao *mover* nossos *pontos de aglutinação* para fora de sua posição costumeira, adquirimos um estado de ser que poderia apenas ser chamado *implacabilidade*. Os *feiticeiros* sabem, por meio de suas ações práticas, que assim que seus *pontos de aglutinação* se *movem*, sua *auto-estima* desmorona. Sem a posição costumeira de seus *pontos de aglutinação*, sua *auto-imagem* não pode mais ser sustentada. E sem o pesado foco sobre essa *auto-imagem*, perdem sua autocompaixão e, com ela, sua *auto-estima*. Os *feiticeiros* estão certos, portanto, em afirmar que essa *auto-estima* é apenas autopiedade disfarçada.[8:152]

> A posição da *auto-reflexão* força o *ponto de aglutinação* a agrupar um mundo de falsa compaixão, mas de crueldade muito real e autocentrismo. Naquele mundo, os únicos *sentimentos* reais são aqueles que convêm para quem os *sente*.
>
> Para um *feiticeiro*, a *implacabilidade* não é crueldade, e sim o oposto da autopiedade ou *auto-estima*. *Implacabilidade* é *sobriedade*.[8:155]

> A *implacabilidade* de um *[mestre-feiticeiro]* tem muitos aspectos. É como uma ferramenta que se adapta a muitos usos. *Implacabilidade* é um estado de ser. É um nível de *intento* que o *[mestre-feiticeiro]* atinge.[8:165]

> O *[mestre-feiticeiro]* usa-o para atrair o movimento de seu próprio *ponto de aglutinação* ou o de seus aprendizes. Ou o usa para *espreitar*.[8:166]

4.2.6 A DECISÃO DO ESPÍRITO

> A *decisão do espírito* é outro *cerne básico*. As *histórias de feitiçaria* são construídas ao redor deste cerne.[8:189]

O *conhecimento silencioso* é uma posição geral do *ponto de aglutinação*, que eras atrás havia sido a posição normal do homem, mas por razões que seriam impossíveis de determinar, o *ponto de aglutinação* do homem *moveu*-se daquela localização específica e adotou uma nova, chamada *razão*.[8::193]

Nem todo ser humano é o representante dessa nova posição. Os *pontos de aglutinação* da maioria de nós não estão localizados exatamente no local da própria *razão* mas em sua vizinhança imediata. O mesmo ocorre no caso do *conhecimento silencioso:* nem todos os *pontos de aglutinação* dos seres humanos estão exatamente naquela localização também.[8::193]

O *lugar da não-piedade*, sendo outra posição do *ponto de aglutinação*, é o predecessor do *conhecimento silencioso*. Outra posição ainda do *ponto de aglutinação*, chamada o *lugar da concernência*, é o predecessor da *razão*.[8::193]

> A idéia do *abstrato*, do *espírito*, é o único fator importante. Abstrair significa fazer você mesmo disponível ao *espírito*, estando consciente dele. [8::211]

Uma das coisas mais dramáticas a respeito da condição humana é a *conexão* macabra entre a estupidez e a *auto-reflexão*. É a estupidez que nos força a descartar qualquer coisa que não se conforme com nossas expectativas *auto-reflexivas*. Por exemplo, como homens comuns, somos cegos à mais crucial peça de *conhecimento* disponível ao ser humano: a existência do *ponto de aglutinação* e o fato de que este pode *mover*-se.[8:211]

> Para um homem racional é impensável que haja um *ponto* invisível onde a *percepção* é *aglutinada*. É ainda mais impensável que tal *ponto* não esteja no cérebro, caso ele fosse meditar sobre sua existência.[8:211]

O homem racional agarra-se firmemente à sua *auto-imagem* devido a sua ignorância abismal. Ignora, por exemplo, o fato de que a *feitiçaria* não são encantações e truques, mas a liberdade de *perceber*, não apenas o mundo aceito como é, mas tudo mais que seja humanamente possível.[8:211]

> A estupidez do homem comum é mais perigosa. Ele tem medo de *feitiçaria*. Ele treme diante da possibilidade de liberdade. E a liberdade está na ponta de seus dedos. É chamada de *terceiro ponto* [de referência] e pode ser alcançada tão facilmente quanto *deslocar* o *ponto de aglutinação*.[8:211]

Não precisamos ser estudantes de *feitiçaria* para *mover* nosso *ponto de aglutinação*. Algumas vezes devido a circunstâncias naturais, embora dramáticas, tais como a guerra, as privações, o *stress*, a fadiga, a tristeza, a impotência, os *pontos de aglutinação* dos homens empreendem profundos *movimentos*.[8:219]

> Esta é outra contradição dos *feiticeiros*: apesar de muito difícil, é a coisa mais simples do mundo. Já lhe falei que uma febre alta pode mover o *ponto de aglutinação*. Fome, ou medo, ou amor, ou ódio podem fazê-lo; o misticismo também, e assim como o *intento inflexivo*, que é o método preferido dos *feiticeiros*.[8:212]

> Se os homens que se encontram em tais circunstâncias fossem capazes de adotar uma ideologia de *feiticeiro*, seriam capazes de maximizar aquele *movimento* natural sem problemas. E iriam procurar e encontrar coisas extraordinárias em vez de fazerem o que os homens fazem em tais circunstâncias: ansiarem pelo retorno à normalidade.[8:219]
>
> Quando o *movimento* do *ponto de aglutinação* é maximizado, tanto o homem comum quanto o *aprendiz de feiticeiro* se tornam um *feiticeiro*, porque, ao maximizar aquele *movimento*, a *continuidade* é desmantelada além da reparação.[8:219]

4.2.7 A manipulação do intento

O *intento inflexivo* é uma espécie de obstinação exibida pelos seres humanos; um propósito extremamente bem definido não controvertido por quaisquer interesses ou desejos conflitantes. *Intento inflexivo* também é a força engendrada quando o *ponto de aglutinação* se mantém *fixo* numa posição que não é a usual.[8:212]

Os *feiticeiros vêem* o *intento inflexivo* como um catalizador para desencadear suas decisões imutáveis, ou como o inverso: suas decisões imutáveis são o catalizador que propele seus *pontos de aglutinação* a novas posições, as quais geram o *intento inflexivo*.[8:212]

> O mundo da vida cotidiana consiste de dois pontos de referência. Temos, por exemplo, aqui e ali, dentro e fora, em cima e embaixo, bem e mal, e assim por diante. Assim propriamente falando, a *percepção* de nossas vidas é bidimensional. Nada do que percebemos a nós mesmos fazendo tem profundidade.[8:212]

> Um *feiticeiro* percebe suas ações com profundidade. Suas ações são tridimensionais para ele. Eles têm um *terceiro ponto* de referência.
>
> Nossos *pontos de referência* são obtidos primariamente de nossa *percepção* dos sentidos. Nossos sentidos percebem e diferenci-

> am o que é imediato e o que não é. Usando essa distinção básica, nós concluímos o resto.
>
> Para atingir o *terceiro ponto* de referência é preciso *perceber* dois lugares ao mesmo tempo.[8:213]

A *percepção* normal tem um eixo. *Aqui* e *ali* são os perímetros desse eixo, e somos parciais à clareza do *aqui*. Em *percepção* normal, apenas *aqui* é percebido, completa, instantânea e diretamente. Ao seu referente gêmeo, *ali*, falta o senso de imediato. É inferido, deduzido, esperado, mesmo assumido, mas não é apreendido diretamente com todos os sentidos. Quando percebemos dois lugares ao mesmo tempo, a clareza total é perdida, mas a percepção imediata do *ali* é ganha.[8:213-214]

Estar em dois lugares ao mesmo tempo é um marco usado pelos *feiticeiros* para anotar o momento em que o *ponto de aglutinação* alcança o lugar do *conhecimento silencioso*. Percepção dividida, se realizada por meios do próprio indivíduo, é chamado o *movimento livre do ponto de aglutinação*. Esse esforço total é criticamente chamado *estendendo-se para o terceiro ponto*.[8:215]

> O *terceiro ponto* de referência é liberdade de *percepção*; é o *intento*; é o *espírito*; a *cambalhota do pensamento* para o miraculoso; o ato de nos estendermos além de nossas fronteiras e tocarmos o inconcebível.[8:216]
>
> Descobrir a possibilidade de estar em dois lugares ao mesmo tempo é muito excitante. Uma vez que nossas mentes são nossa racionalidade, e nossa racionalidade é nossa *auto-reflexão*, tudo além de nossa *auto-reflexão* ou nos apavora ou nos atrai, dependendo do tipo de pessoas que somos.[8:216]
>
> Descrevi para você, de muitas maneiras, os diferentes estágios pelos quais passa o *guerreiro* ao longo da *trilha do conhecimento*. Em termos de sua *conexão* com o *intento*, um *guerreiro* passa por quatro estágios. O primeiro é quando tem um *elo* enferrujado, não confiável, com o *intento*. O segundo, quando consegue limpá-lo. O terceiro, quando aprende a manipulá-lo. E o quarto estágio é quando aprende a aceitar os *desígnios do abstrato*.[8:217]

4.2.8 Os desígnios do abstrato

A desvantagem no mundo dos *feiticeiros* é a falta de familiaridade com esse mundo. Nele é preciso relacionar-se a tudo de uma maneira nova, o que é muito mais infinitamente difícil, porque tem pouco a ver com a continuidade da vida cotidiana.[8:218]

> Nenhum de nós resolve coisa alguma. O *espírito* ou o resolve por nós ou não o faz. Se o faz, o *feiticeiro* encontra-se agindo no mundo

dos *feiticeiros*, mas sem saber como. Esta é a razão pela qual tenho insistido que a *impecabilidade* é tudo o que conta. Um *feiticeiro* vive uma vida impecável, e isto parece atrair a solução. Por que? Ninguém sabe.

Impecabilidade não é moralidade. Apenas se parece à moralidade. A *impecabilidade* é simplesmente o melhor uso de nosso nível de energia. Claro que existe frugalidade, simplicidade, inocência; e, acima de tudo, exige falta de *auto-reflexão*. Tudo isso a faz soar como um manual de vida monástica, mas não é.[8:213]

Segundo os *feiticeiros*, para comandar o *espírito*, ou seja, comandar o *movimento do ponto de aglutinação*, o indivíduo necessita de energia. A única coisa que armazena energia para nós é nossa *impecabilidade*.[8:219]

[A maximização do *movimento do ponto de aglutinação* pode ser conseguida com a inibição da *auto-reflexão*]. *Mover o ponto de aglutinação* ou quebrar a *continuidade* de um indivíduo não é a dificuldade real. O difícil é concentrar energia. Se o indivíduo tem energia, uma vez que o *ponto de aglutinação* se *move*, coisas inconcebíveis estão ali, bastando pedi-las.[8:219]

A situação do homem é que ele intui seus recursos ocultos, mas não ousa usá-los. É por isso que os *feiticeiro*s dizem que a luta do homem é o contraponto entre sua estupidez e sua ignorância. O homem necessita agora, mais do que nunca, que lhe ensinem novas idéias que tenham a ver exclusivamente com seu mundo interior – idéias de *feiticeiros*, idéias pertinentes ao homem encarando o *desconhecido*, encarando sua *morte* pessoal. Agora, mais do que qualquer outra coisa, ele necessita aprender os segredos do *ponto de aglutinação*.[8:219]

A posição do *conhecimento silencioso* é considerado o *terceiro ponto* porque para chegar a ele é preciso passar pelo segundo, o *lugar da não-piedade*.[8:227] O *ponto de aglutinação* adquire suficiente fluidez para que se duplique, o que lhe permite estar tanto no lugar do *conhecimento silencioso* quanto no da *razão*, seja alternadamente ou ao mesmo tempo.[8:228]

Cada ser humano tem uma capacidade para essa fluidez. Para a maioria de nós, entretanto, está guardada e nunca a usamos, exceto nas raras ocasiões provocadas pelos *feiticeiros*.[8:228]

A humanidade se encontra no primeiro ponto, a *razão*, mas nem todo *ponto de aglutinação* dos seres humanos fica exatamente na posição da *razão*. Aqueles que estão exatamente em seu próprio *ponto* são os verdadeiros líderes da humanidade. Na maior parte do tempo, pessoas desconhecidas cujo gênio é exercitar sua *razão*.[8:228]

Houve uma época em que a humanidade esteve no *terceiro ponto*, o qual, naturalmente, fora o primeiro ponto na época. Mas, depois disso, a humanidade *moveu*-se para o lugar da *razão*.[8:228]

Quando o *conhecimento silencioso* era o primeiro ponto, a mesma condição prevalecia. Nem todos os *pontos de aglutinação* dos seres humanos também estavam exatamente naquela posição. Isso significava que os verdadeiros líderes da humanidade sempre foram aqueles poucos humanos cujos *pontos de aglutinação* estavam ou no ponto exato da *razão* ou no do *conhecimento silencioso*. O resto da humanidade era meramente a audiência. Em nossa época são os *amantes da razão*. No passado foram *os amantes do conhecimento silencioso*, que admiraram e cantaram odes aos heróis de qualquer das outras posições.[8:228-229]

A humanidade passou a parte mais longa de sua história na posição do *conhecimento silencioso*, e isso explica nosso grande anseio por ele.[8:229]

Apenas um ser humano que seja um modelo da *razão* pode *mover* seu *ponto de aglutinação* com facilidade e ser um modelo do *conhecimento silencioso*. Apenas aqueles que estão exatamente em qualquer das posições podem *ver* a outra posição com clareza, e esta foi a maneira pela qual a idade da *razão* veio a existir. A posição da *razão* é *vista* claramente da posição do *conhecimento silencioso*.[8:229]

A ponte de mão única do *conhecimento silencioso* para a *razão* é chamada *concernência.* Isto é, a *concernência* que os verdadeiros *homens do conhecimento silencioso* têm acerca da fonte do que conhecem. E a outra ponte de mão única, da *razão* para o *conhecimento silencioso*, é chamada *entendimento puro*. Isto é, o reconhecimento que revelou ao homem da *razão* que a *razão* é apenas uma ilha num mar infinito de ilhas.[8:229]

Um ser humano que tenha as duas pontes de mão única funcionando é um *feiticeiro* em contato direto com o *espírito*, a força vital que faz ambas as posições possíveis. [8:229]

CAPÍTULO 5

A ARTE DE SONHAR

À medida que o tempo passava e os *novos videntes* estabeleciam suas práticas, perceberam que, sob as condições prevalecentes da vida, *espreitar deslocava* muito pouco os *pontos de aglutinação*. Para efeito máximo, a *espreita* necessitava de uma localização ideal; necessitava de *pequenos tiranos* em posições de grande autoridade e *poder*. Tornou-se cada vez mais difícil para os *novos videntes* se colocarem a si próprios em tais situações; a tarefa de improvisá-las ou procurá-las tornou-se uma carga insuportável.[7:166]

Os *novos videntes* julgaram imperativo *ver* as *emanações da Águia* para encontrar uma maneira mais adequada de *deslocar o ponto de aglutinação*. Quando tentaram *ver* as emanações, foram confrontados com um problema sério. Descobriram que não há maneira de *ver* as *emanações* sem correr um risco mortal, e no entanto tinham de *vê*-las. Essa foi a época em que usaram a técnica de *sonhar* dos *antigos videntes* como um escudo para proteger-se do golpe mortal das *emanações da Águia*. E, ao agir assim, perceberam que *sonhar* é na verdade o modo mais eficiente de *deslocar o ponto de aglutinação*.[7:166]

> Um dos princípios mais estritos dos *novos videntes* é o de que os *guerreiros* têm de aprender a *sonhar* enquanto estão em seu estado normal de *consciência*. Porque *sonhar* é muito perigoso, e os *sonhadores* muito vulneráveis. É perigoso porque tem um *poder* inconcebível; torna os *sonhadores* vulneráveis porque os deixa à mercê da força incompreensível do *alinhamento*.
>
> Os *novos videntes* perceberam que em nosso estado normal de *consciência* temos incontáveis defesas que podem resguardar-nos contra a força de *emanações inusuais*, que subitamente se *alinham* durante o *sonho*.[7:167]

Sonhar, assim como *espreitar*, começa com uma simples observação. Os *antigos videntes* tiveram consciência de que nos *sonhos* o *ponto de aglutinação* se *desloca* ligeiramente para a esquerda, de maneira natural. Com efeito, o *ponto de aglutinação* relaxa quando o homem dorme, e todos os tipos de *emanações inusuais* começam a brilhar.[7:167]

5.1 A arte de manejar o corpo sonhador

Os *antigos videntes* ficaram imediatamente intrigados com esta observação e começaram a trabalhar com esse *deslocamento* natural até se tornarem capazes de controlá-lo. Chamaram esse controle de *sonhar*, ou a *arte de manejar o corpo sonhador*.[7:167]

Não há maneira de descrever a imensidão do *conhecimento* dos *antigos videntes* sobre *sonhar*. Muito pouco deste, entretanto, teve qualquer utilidade para os *novos videntes*. Assim, quando chegou o tempo da reconstrução, os *novos videntes* conservaram apenas os elementos essenciais de *sonhar* para ajudá-los a *ver* as *emanações da Águia* e a *deslocar* seus *pontos de aglutinação*.[7:167]

Os *videntes*, antigos e novos, compreendem *sonhar* como o controle do *deslocamento* natural que o *ponto de aglutinação* sofre durante o sono. Controlar essa mudança não quer dizer de modo algum dirigi-la, mas manter o *ponto de aglutinação fixo* na posição para onde se *desloca* naturalmente durante o sono, manobra extremamente difícil que exigiu enorme esforço e concentração dos *antigos videntes*.[7:167-168]

Os *sonhadores* precisam atingir um equilíbrio muito sutil, pois os *sonhos* não podem sofrer interferência, assim como não podem ser comandados pelo esforço consciente do *sonhador*. Por outro lado, o *deslocamento* dos *pontos de aglutinação* deve obedecer ao comando do *sonhador* – uma contradição que não pode ser racionalizada mas que precisa ser resolvida na prática.[7:168]

Após observar os *sonhadores* enquanto dormiam, os *antigos videntes* encontraram a solução, deixando os *sonhos* seguirem seu curso natural. Tinham *visto* que, em alguns sonhos, o *ponto de aglutinação* do *sonhador* penetrava consideravelmente mais fundo no lado esquerdo do que em outros. Essa observação fê-los pensar se é o conteúdo do *sonho* que faz o *ponto de aglutinação deslocar*-se, ou se o próprio movimento do *ponto de aglutinação* produz o conteúdo do *sonho* ao ativar *emanações* não utilizadas.[7:168]

Logo perceberam que é o *deslocamento do ponto de aglutinação* para o lado esquerdo que produz os *sonhos*. Quanto mais amplo é o movimento, mais vívidos e bizarros eles são. Inevitavelmente, tentaram comandar seus *sonhos*, almejando fazer com que seus *pontos de aglutinação* se *deslocassem* mais profundamente para o lado esquerdo. Ao tentá-lo, descobriram que, quando os *sonhos* são manipulados consciente ou semiconscientemente, o *ponto de aglutinação* retorna imediatamente ao seu lugar usual. Como desejavam que esse *ponto* se *deslocasse*, chegaram à inevitável conclusão de que interferir com os *sonhos* era interferir com o *deslocamento natural* do *ponto de aglutinação*.[7:168]

Os *antigos videntes* continuaram desenvolvendo seu impressionante *conhecimento* sobre o assunto – um *conhecimento* que tinha um valor tremendo para o que os

novos videntes aspiravam fazer com o *sonho*, mas que lhes era de pouca utilidade em sua forma original.[7:168]

5.2 A posição de sonho

Os *novos videntes* são como pescadores equipados com uma linha que se agarra em qualquer parte; a única coisa que podem fazer é manter a linha ancorada no ponto em que afunda.[7:169]

> O lugar para onde o *ponto de aglutinação* se *desloca* nos *sonhos* é chamado de *posição de sonho*. Os *antigos videntes* ficaram tão especializados em manter sua *posição de sonho* que eram até mesmo capazes de acordar enquanto seus *pontos de aglutinação* estavam ancorados ali.
>
> Os *antigos videntes* chamavam a esse estado de *corpo sonhador*, porque controlavam-no ao extremo de criar um novo corpo temporário, a cada vez que acordassem em uma nova *posição de sonho*.[7:169]

> Devo esclarecer-lhe que *sonhar* tem um terrível obstáculo. Pertence aos *antigos videntes*. Está impregnado de seu espírito. Fui muito cuidadoso ao guiá-lo através disso, mas ainda assim não há maneira de estar seguro.[7:169]

> Estou prevenindo-o sobre as *ciladas de sonhar*, que são verdadeiramente estupendas. No *sonho* não há realmente qualquer maneira de dirigir o *deslocamento do ponto de aglutinação*: a única coisa que dita essa mudança é a força ou a fraqueza interior dos *sonhadores*. Exatamente aí temos a primeira armadilha[7:169]

5.3 A trilha do guerreiro

De início, os *novos videntes* hesitaram em usar o *sonho*. Acreditavam que *sonhar*, em lugar de fortalecer, tornava os *guerreiros* fracos, compulsivos, caprichosos. Os *antigos videntes* eram todos assim. Para contrabalançar o efeito nefasto de *sonhar*, como não tinham outra opção senão usá-lo, os *novos videntes* desenvolveram um rico e complexo sistema de comportamento chamado o *caminho do guerreiro*, ou a *trilha do guerreiro*.[7:169]

Com esse sistema, os *novos videntes* se fortaleceram e adquiriram *força interior* necessária para guiar o *deslocamento do ponto de aglutinação* nos *sonhos*. [Essa] força não é apenas convicção. Ninguém poderia ter convicções mais fortes do que os *antigos videntes*, e ainda assim eles eram fracos até o âmago.[7:169]

Força [interior] significa um sentido de eqüanimidade, quase de indiferença, uma sensação de estar à vontade, mas, acima de tudo, uma inclinação natural e profunda pelo exame, pela compreensão. Os *novos videntes* chamaram todos esses traços de *caráter de sobriedade*.[7:170]

> A convicção que os *novos videntes* têm é de que uma vida de *impecabilidade* leva inevitavelmente ao sentido de *sobriedade,* e este por sua vez leva ao *deslocamento do ponto de aglutinação*.[7:170]

Os *novos videntes* acreditavam que o *ponto de aglutinação* pode ser *deslocado* de dentro. Eles deram mais um passo e afirmaram que homens impecáveis não necessitam de ninguém para guiá-los, e sozinhos, através da economia de sua energia, podem fazer tudo que os *videntes* fazem. Tudo o que necessitam é de uma chance mínima, a de terem conhecimento das possibilidades que os *videntes* desvendaram.[7:170]

Tudo o que é necessário é a *impecabilidade*, energia, e isto se inicia com um ato singular, que deve ser deliberado, preciso e constante. Se esse ato é repetido por tempo suficiente, a pessoa adquire um sentido de *intenção inflexível*, que pode ser aplicado a qualquer outra coisa. Se isso é realizado, o caminho está aberto. Uma coisa levará a outra até que o *guerreiro* descubra seu potencial completo.

5.4 Condições de sonhar

> Você não pode explicar o *sonhar* através de coisas que sabe ou que suspeita saber.[9:56]

> Os *feiticeiros vêem* o *sonhar* como uma arte extremamente sofisticada. A arte de *deslocar* à vontade o *ponto de aglutinação* com o objetivo de ampliar o âmbito do que pode ser percebido.[9:34]

> *Sonhar* é perceber mais do que acreditamos que é possível perceber.[9:66]

O *sonhar* nos dá fluidez para entrar em outros universos, destruindo nossa sensação de conhecer este mundo. *Sonhar* é uma jornada de dimensões impensáveis, uma jornada que, depois de nos fazer perceber tudo que podemos perceber humanamente, faz com que o *ponto de aglutinação* salte para fora do domínio humano e perceba o inconcebível.[9:90]

Os *feiticeiros antigos* ancoraram a *arte de sonhar* em cinco condições que eles viram no fluxo de energia dos seres humanos:

1) apenas os filamentos de energia que passam diretamente através do *ponto de aglutinação* podem ser *aglutinados* em *percepções* coerentes;

2) se o *ponto de aglutinação* é *deslocado* para outro posicionamento – não importando que sejam *deslocamentos* minúsculos – filamentos de energia diferentes e estranhos começam a passar através dele, envolvendo a *consciência* e forçando a *aglutinação* desses campos de energia estranhos numa *percepção* fixa e coerente;

3) no decorrer de sonhos comuns, o *ponto de aglutinação* facilmente se *desloca* sozinho para outro posicionamento na superfície ou no interior do *ovo luminoso*;

4) o *ponto de aglutinação* pode ser *movimentado* para posicionamentos fora do *ovo luminoso*, para os filamentos de energia do universo exterior; e

5) através de disciplina, é possível cultivar e realizar, no decorrer do sono e dos sonhos comuns, um *deslocamento* sistemático do *ponto de aglutinação*.[9:34]

5.5 Atenção sonhadora

> A *explicação dos feiticeiros* para escolher um tema para *sonhar* é que o guerreiro escolhe o tema contendo propositadamente uma imagem na mente, enquanto ele desliga seu *diálogo interno*. Em outras palavras, se ele é capaz de não conversar consigo mesmo por um momento e depois manter a imagem ou o pensamento do que ele deseja ao *sonhar*, nem que seja apenas por um instante, então o tema desejado lhe virá. Estou certo de que você [já] fez isso, embora não tenha consciência do fato.[4:19]

> Vou ensinar a você o primeiro passo para o *poder*. Vou ensinar como estabelecer o *sonhar*.
>
> Significa ter um comando preciso sobre a situação geral de um *sonho*. Por exemplo, você pode *sonhar* que está em sua sala de aula. Estabelecer o *sonhar* significa que você não deixa o *sonho* virar outra coisa. Você não salta da sala de aula para as montanhas, por exemplo. Em outras palavras, você controla a visão da sala de aula, e não deixa que ela desapareça enquanto você quiser.
>
> Esse controle não é diferente do controle que temos sobre qualquer situação em nossas vidas cotidianas. Os *feiticeiros* estão acostumados com ele e conseguem-no sempre que desejem ou precisem. Para se acostumar com ele você deve começar a fazer uma coisa bastante simples. Esta noite, em seus *sonhos* você deve olhar para as mãos...[9:36]

[Ou para qualquer outra coisa]. O objetivo do exercício não é descobrir uma coisa específica, mas empenhar a *atenção sonhadora*.[9:37]

Pedir que um *sonhador* encontre um determinado *item* em seus *so-*

> *nhos* é um subterfúgio. A verdadeira questão é conscientizar-se de que está caindo no sono. E, por mais estranho que possa parecer, isso não acontece ordenando-se a ficar consciente de estar caindo no sono, e sim mantendo a visão da coisa que se está procurando no sono.[9:42]

Os *sonhadores* olham rápida e deliberadamente tudo o que está no *sonho*. Se concentram sua atenção em algo específico, é apenas como um ponto de partida. A partir dali, os *sonhadores* passam a olhar outros *itens* do conteúdo do *sonho*, voltando ao ponto de partida quantas vezes for possível.[9:42]

A *atenção sonhadora* é o controle que adquirimos sobre nossos *sonhos* depois de *fixar* o *ponto de aglutinação* em qualquer posicionamento novo para o qual ele tenha se *deslocado* durante os *sonhos*. Em termos mais gerais, a *atenção sonhadora* é uma faceta incompreensível da *consciência*, que existe por si, esperando o momento de atrai-la, um momento em que lhe daremos um objetivo, uma faculdade oculta que todos nós temos em reserva, mas que nunca temos a oportunidade de usar.[9:37]

> Seja tão pesado quanto quiser ao falarmos sobre *sonhar*. As explicações sempre pedem pensamentos profundos. Mas quando estiver *sonhando*, seja tão leve quanto uma pena. *Sonhar* tem de ser feito com integridade e seriedade, mas no meio de risos e com a confiança de quem não tem qualquer preocupação. Somente nessas condições nossos sonhos podem se transformar em *sonhar*.[9:36]

> *Sonhar* tem que ser uma coisa muito sóbria. Não é possível se dar ao luxo de qualquer movimento em falso. *Sonhar* é um processo de despertar, de obter controle. Nossa *atenção sonhadora* deve ser sistematicamente exercitada, porque ela é a porta para a *segunda atenção.*[9:44]

> A *segunda atenção* é como um oceano, e a *atenção sonhadora* é como um rio que desagua nele. A *segunda atenção* é estar consciente de mundos inteiros, tão totais quanto o nosso, ao passo que a *atenção sonhadora* é estar consciente dos *itens* de nossos *sonhos.*[9:44]

A *segunda atenção* está disponível a todos, mas o fato de nos agarrarmos à nossa racionalidade capenga – alguns com mais força do que outros – mantém a *segunda atenção* fora do alcance. A idéia é que o *sonhar* derruba os muros que rodeiam e isolam a *segunda atenção*.[9:68]

A *atenção sonhadora* é a chave para cada movimento no mundo dos *feiticeiros*. Entre a imensidão de itens de nossos *sonhos* existem interferências reais; coisas que foram postas em nossos *sonhos* por uma força estranha. Poder encontrá-las e segui-las é *feitiçaria*.[9:44]

5.6 O batedores dos sonhos

Os *sonhos* são, se não uma porta, um alçapão para outros mundos. Assim, os *sonhos* são vias de duas mãos. Por esse alçapão nossa *consciência* atravessa para outros reinos; e esses outros reinos mandam *batedores* para nossos *sonhos* – cargas de energia que se misturam aos *itens* de nossos *sonhos* normais. São *fluxos de energia estranha* que entram em nossos *sonhos*, e que nós interpretamos como *itens* familiares ou desconhecidos.[9:44]

Os *batedores* são mais numerosos quando nossos *sonhos* estão na média normal. Os *sonhos* dos *feiticeiros* são estranhamente livres de *batedores*. Quando aparecem, eles são identificáveis pela estranheza e pela incongruência.[9:101] A presença deles não faz nenhum sentido.[9:102]

Apenas nos sonhos comuns as coisas são absurdas. Eu diria que é assim porque mais *batedores* são injetados neles, devido ao fato de as pessoas comuns estarem sujeitas a um maior ataque por parte do *desconhecido*.[9:102]

Na minha opinião, o que acontece é um equilíbrio de forças. As pessoas comuns têm barreiras estupendamente fortes para proteger-se desses ataques. Barreiras como as preocupações quanto ao *eu*. Quanto mais barreiras, maior o ataque.

Os *sonhadore*s, por outro lado, têm menos barreiras e menos *batedores* em seus *sonhos*. Parece que as coisas absurdas desaparecem dos *sonhos* dos *sonhadores*, talvez para assegurar que eles captem a presença dos *batedores*.[9:102]

Pode apostar que existe uma ordem por trás de tudo isso. Alguns *itens* [de *sonhos*] são de importância vital porque se associam ao *espírito*. Outros são totalmente sem importância por estarem associados à nossa personalidade condescendente. [9:102]

[Você não consegue compreender] porque insiste em pensar nos *sonhos* em termos que você conhece: como aquilo que acontece conosco durante o sono. E eu estou insistindo em dar outra versão: o *sonho* é uma abertura para outras esferas de *percepção*. Através desse alçapão entram *correntes de energias estranhas*. A mente – ou o cérebro – capta essas correntes de energia e transforma em parte dos nossos *sonhos*.[9:45]

Os *feiticeiros* têm consciência dessas *correntes de energia estranha*. Eles percebem-nas e tentam isolá-las dos *itens* normais de seus *sonhos*. Porque elas vêm de outras esferas. Se as seguirmos até suas fontes, elas servirão como guias para áreas de um mistério tão grande que os *feiticeiros* estremecem à simples menção dessa possibilidade.[9:45]

> [Os *feiticeiros* isolam essas *correntes de energia estranha*] através do exercício e do controle de sua *atenção sonhadora*. Num momento, nossa *atenção sonhadora* os descobre entre os *itens* de um *sonho*, concentra-se neles e então todo o *sonho* de desmorona, deixando apenas a *energia estranha*.[9:45]

> O primeiro *batedor* que você isola estará sempre presente, sob qualquer forma, até mesmo do irídio [uma das substâncias mais duras do mundo].[9:102]

> Os *batedores* são espias mandados pelo *reino inorgânico*. Eles são muito rápidos, ou seja: não ficam por muito tempo.
>
> Eles vêm em busca de *consciência potencial*. Eles têm *consciência* e objetivo, ainda que incompreensíveis para nossas mentes; comparáveis talvez à *consciência* e ao objetivo das árvores. A velocidade interna das árvores e dos *seres inorgânicos* é incompreensível para nós porque é infinitamente mais lenta, em comparação com a nossa.[9:103]

> As árvores e os *seres inorgânicos* duram mais do que nós. São feitos para permanecer fixos. São imóveis, e no entanto fazem tudo se mover ao seu redor.[9:103]

> O que você *vê* nos *sonhos* como hastes brilhantes ou escuras são sua projeção. O que ouve como a *voz* do *emissário do sonho* é igualmente sua projeção. O mesmo ocorre com os seus *batedores*.[9:104]

Quanto maior a capacidade de observar os detalhes dos *sonhos*, maior a facilidade de isolar os *batedores*. Se a escolha for reconhecer os *batedores* como uma *energia estranha*, eles permanecem algum tempo no campo perceptivo. Se a escolha for transformar os *batedores* em objetos semiconhecidos, eles ficam ainda mais tempo, mudando erraticamente de forma. Mas se forem seguidos, revelando-se em voz alta o *intento de ir*, os *batedores* realmente transportam a *atenção sonhadora* para um mundo além do que se pode normalmente imaginar.[9:110]

Os *seres inorgânicos* estão sempre propensos a ensinar. Mas estão propensos apenas a ensinar sobre o *sonhar*. O *emissário do sonho*, por ter uma *voz*, é a ponte perfeita entre aquele mundo e o nosso.[9:110]

> Lembre-se, a *espreita* dos *seres inorgânicos* era o campo dos *feiticeiros antigos*. Para chegar lá eles fixaram com toda a tenacidade sua *atenção sonhadora* nos *itens* dos *sonhos*. Desse modo podiam isolar os *batedores*. E quando estavam com os *batedores* em foco, gritavam o *intento* de segui-los. No instante em que verbalizavam esse *intento*, eles iam, puxados pela *energia estranha*.[9:105]

5.6.1 Exploradores de energia e consciência

> Tenha em mente que nem todo *batedor* que você encontrar pertence ao mundo dos *seres inorgânicos*. Até agora, todo *batedor* que você encontrou, excetuando-se o *azul*, era daquele mundo, mas isso foi porque os *seres inorgânicos* o estavam seduzindo. Estavam comandando o espetáculo. Agora você está por conta própria. Alguns dos *batedores* que irá encontrar não serão do reino dos *seres inorgânicos*, mas de outros *níveis de consciência* ainda mais distantes.[9:197]

> [Os *batedores* são conscientes de si próprios e certamente fazem contato conosco quando estamos acordados]. Mas nosso grande azar é ter a *consciência* tão ocupada que não temos tempo de prestar atenção. No sono, entretanto, abre-se o alçapão: nós *sonhamos*. E nos *sonhos* fazemos contato.[9:197]

> [Existe um modo de dizer se os *batedores* são de outro nível além do mundo dos *seres inorgânicos*]. Quanto maior o *crepitar*, de mais longe eles vêm. Parece simplista, mas você precisa deixar seu *corpo energético* dizer o que é o quê. Posso assegurar que ele vai fazer excelentes distinções e julgamentos acertados quando encontrar *energia estranha*.[9:198]

[O *corpo energético*, de início, pode distinguir três tipos gerais de *energia alienígena*.] O primeiro são os *batedores* do mundo dos *seres inorgânicos*. Sua energia crepita medianamente. Não faz qualquer som, mas tem todas as aparências de uma efervescência, ou de água que começa a ferver. A energia do segundo tipo geral de *batedores* dá a impressão de um poder consideravelmente maior. Aqueles *batedores* parecem em vias de queimar. Vibram por dentro, como se estivessem cheios de gás pressurizado.[9:198] [Estes dois] são os mais fáceis de detectar. Seus disfarces em nossos *sonhos* são tão exóticos que imediatamente atraem nossa *atenção sonhadora*.[9:198]

Os *batedores* do terceiro tipo são os mais perigosos em termos de agressividade e *poder*, e porque se escondem sob disfarces sutis.[9:199]

> Uma das coisas mais estranhas que os *sonhadores* encontram, e que você mesmo descobrirá é esse terceiro tipo de *batedor*. Até agora você só descobriu exemplos dos dois primeiros tipos, mas isso foi porque não olhou para o lugar certo.[9:199]

> Mais uma vez você caiu vítima das palavras; desta vez a palavra culpada é *itens*, que você tomou apenas como coisas, objetos. Bem, os *batedores* mais ferozes se escondem atrás de pessoas, em nossos *sonhos*. Tive uma surpresa formidável quando concentrei o olhar na imagem de minha mãe num sonho. Depois de verbalizar meu *intento de ver*, ela se transformou numa bolha feroz e amedrontadora de *energia crepitante*.

Uma coisa desagradável é que eles sempre se associam à imagem de nossos pais ou de amigos íntimos. Talvez por que nos sintamos geralmente à vontade quando *sonhamos* com eles.

Uma regra prática para os *sonhadores* é presumir que o terceiro tipo de *batedor* está presente sempre que se sentem perturbados pelos pais ou por amigos num *sonho*. Um bom conselho é evitar essas imagens de *sonho*. São puro veneno.[9:199]

A não ser que você saiba exatamente o que está fazendo e o que quer da *energia alienígena*, deve se contentar com um olhar rápido. Qualquer coisa além disso é tão perigosa e estúpida quanto brincar com uma cascavel.[9:198]

Os *batedores* são sempre muito agressivos e extremamente ousados. Precisam ser assim, para sobreviver às suas explorações. Manter nossa *atenção sonhadora* neles é o mesmo que solicitar que concentrem em nós sua *consciência*. Assim que concentram sua *consciência* sobre nós, somos compelidos a ir com eles. E esse, claro, é o perigo. Podemos acabar em mundos além de nossas possibilidades energéticas.[9:198]

[Os *seres inorgânicos*] só se mostram no início [dos exercícios de *sonhar*]. Depois dos *batedores* nos levarem ao seu mundo, não existe necessidade das projeções dos *seres inorgânicos*. Se queremos *ver* os *seres inorgânicos*, um *batedor* nos leva até lá. Já que ninguém, e quero dizer realmente ninguém, pode *viajar* sozinho até o mundo deles.

O mundo deles é lacrado. Ninguém pode entrar ou sair sem o consentimento dos *seres inorgânicos*. A única coisa que você pode fazer sozinho quando está lá dentro é, claro, verbalizar seu *intento* de ficar. Dizê-lo em voz alta significa colocar em ação correntes irreversíveis de energia. Nos tempos antigos as palavras eram incrivelmente poderosas. Agora não são mais. No reino dos *seres inorgânicos*, por outro lado, elas não perderam o poder.[9:200]

Existe uma última questão relacionada com aquele mundo e que nós ainda não discutimos. Em última análise, minha aversão às atividades dos *feiticeiros antigos* é muito pessoal. Como um *[mestre-feiticeiro]*, detesto o que eles fizeram. Eles buscaram refúgio, covardemente, no mundo dos *seres inorgânicos*. Argumentaram que, num universo predatório, disposto a nos despedaçar, o único porto possível para nós é naquele lugar.

[Eles acreditaram nisso] porque é verdade. Como os *seres inorgânicos* não podem mentir, a conversa de vendedor do *emissário do sonho* é totalmente verdadeira. Aquele mundo pode nos dar abrigo e prolongar nossa *consciência* durante quase uma eternidade.[9:201]

5.6.2 A consciência combinada de batedores

> O *batedor* [*azul*] é um ser consciente, vindo de outra dimensão.[9:157] [É usado pela *consciência combinada* de *seres inorgânicos* numa manobra para raptar nosso *corpo energético*].

A *consciência combinada* de um grupo de *seres inorgânicos* [pode consumir o *corpo energético*] forçando-o a um jorro emocional: a vontade de libertar o *batedor azul*. Em seguida, a *consciência combinada* do mesmo grupo de *seres inorgânicos* [pode puxar a] massa inerte para seu mundo. Sem o *corpo energético*, somos apenas um bocado de matéria orgânica que pode ser facilmente manipulada pela *consciência*.[9:151]

> Os *seres inorgânicos* são colados entre si, como as células do corpo. Quando reúnem suas *consciências*, são imbatíveis. Para eles não é nada arrancar-nos de nossas amarras e fazer-nos mergulhar em seu mundo. Especialmente se nos tornarmos visíveis e disponíveis.[9:151]

> O motivo de você pensar que está doente é que os *seres inorgânicos* descarregaram sua energia e lhe deram a deles. Isso [pode ser] ser o bastante para matar qualquer um.[9:151]

> Os *seres inorgânicos* estão sempre em busca de *consciência* e energia. Se você lhes der a possibilidade das duas coisas, o que acha que eles farão? Jogar beijinhos do outro lado da rua?[9:158]

5.7 Os portões de sonhar

> Existem sete portões. E os *sonhadores* precisam abrir todos eles, um de cada vez. Você está diante do *primeiro portão* que precisa ser aberto caso deseje *sonhar*. Teria sido inútil falar sobre os *portões do sonhar* antes de você bater de cabeça contra o primeiro. Agora você sabe que há um obstáculo e que precisa superá-lo.[9:37]

> *Sonhar* exige toda a energia disponível. Se houver uma preocupação profunda em sua vida, não existe possibilidade de *sonhar*.[9:169]

Há entradas e saídas no fluxo de energia do universo, e no caso específico de *sonhar* há sete entradas experimentadas como obstáculos, que os *feiticeiros* chamam de sete *portões do sonhar*.[9:37]

5.7.1 Intentando o corpo sonhador

> O *primeiro portão* é o limiar que precisamos atravessar tornando-nos conscientes de uma sensação particular antes do sono profundo. Uma sensação como um peso agradável que não nos deixa abrir os olhos. Chegamos a esse portão no instante em que

nos conscientizamos de que estamos caindo no sono, suspensos na escuridão e na sensação de peso.

Não existem etapas a seguir. Só precisamos *intentar* que temos consciência de estar caindo no sono.[9:38]

Intentar o *primeiro portão do sonhar* é um dos meios descobertos pelos *feiticeiros* da antigüidade para chegar à *segunda atenção* e ao *corpo energético* [*sonhador*].[9:41]

É muito difícil se falar a respeito do *intento*. Eu, ou qualquer outra pessoa, pareceria idiota tentando explicar. Pense nisso quando ouvir o que tenho a dizer em seguida: simplesmente *intentando*, os *feiticeiros intentam* alguma coisa que os coloca no *intento*.

Preste muita atenção. Algum dia vai ser sua vez de explicar. A afirmação parece sem sentido porque você não a está colocando no contexto adequado. Como qualquer pessoa racional, você pensa que compreender está unicamente no âmbito da *razão*, de sua mente.

Para os *feiticeiros*, como a afirmação que fiz tem a ver com o *intento* e com *intenta*r, compreendê-la está no âmbito da energia. Os *feiticeiros* acreditam que, se *intentarmos* essa afirmação para o *corpo energético*, o *corpo energético* irá entendê-la em termos inteiramente diferentes dos termos da mente. O truque é buscar o *corpo energético*. Para isso você precisa de energia.[9:38]

[O *corpo energético* entenderia essa afirmação] em termos de um sentimento corporal, o que é difícil de descrever. Você precisa experimentar, para saber o que estou dizendo.[9:38]

Nesse ponto você ainda não pode compreender a importância disso tudo, não só porque não tem energia suficiente, mas também porque não está *intentando* nada. Se estivesse, seu *corpo energético* compreenderia de imediato que o único modo de *intentar* é concentrando seu *intento* naquilo que você deseja *intentar*. [9:40]

Pode-se colocar desse modo: [O objetivo do *sonhar* é *intentar* o *corpo energético*]. Nesse caso em especial, já que estamos falando sobre o *primeiro portão do sonhar*, o objetivo de *sonhar* é *intentar* que o seu *corpo energético* torna-se consciente de que você está caindo no sono. Deixe seu *corpo energético* fazê-lo. *Intentar* é desejar sem desejar, fazer sem fazer.[9:40]

[O *intento* ou] a *intenção* começa com uma ordem. Os *antigos videntes* costumavam dizer que se os *guerreiros* vão ter um *diálogo interno*, devem ter o diálogo apropriado. Para os *antigos videntes*, isso significava o diálogo sobre *feitiçaria* e o aguçamento de sua reflexão sobre si mesmos. Para os *novos videntes*, não se trata de diálogo, mas da manipulação desapaixonada da *intenção* por meio de ordens sóbrias.[7:277]

A *manipulação* [do *intento*] começa com uma ordem dada a si mesmo; a ordem é então repetida até tornar-se a *ordem da Águia*, e então o *ponto de aglutinação* se *desloca* da maneira desejada no momento em que os *guerreiros* atingem o *silêncio interior*.[7:277]

O fato de que tal manobra seja possível é algo da maior importância para os *videntes*, tanto os antigos quanto os novos, por motivos diametralmente opostos. Sabê-lo permitiu aos *antigos videntes deslocar* seus *pontos de aglutinação* a *posições de sonho* inconcebíveis no *desconhecido* imensurável; para os *novos videntes*, significa recusar-se a ser alimento, significa escapar da *Águia* através do *deslocamento* de seus *pontos de aglutinação* para a *posição de sonho* chamada *liberdade total*.

Aceite o desafio de *intentar*. Empenhe sua determinação silenciosa, sem qualquer pensamento, em convencer-se de que alcançou o *corpo energético* e de que é um *sonhador*. Isso irá automaticamente colocá-lo na posição de estar consciente de que está caindo no sono.[9:41]

Quando você ouve que precisa se convencer [de que é um *sonhador*], imediatamente se torna mais racional. Como pode se convencer de que é um *sonhador* quando sabe que não é? *Intentar* é as duas coisas: o ato de convencer a si próprio de que é de fato um *sonhador*, apesar de nunca ter *sonhado* antes, e o ato de ficar convencido.[9:41]

Intentar é muito mais simples e, ao mesmo tempo, infinitamente mais complexo do que [dizer a si próprio que é um *sonhador* e tentar o máximo possível acreditar nisso]. Exige imaginação, *disciplina*, objetivo. Neste caso, *intentar* significa que você obtém um *conhecimento* inquestionavelmente corporal de que é um *sonhador*. Você sente que é um *sonhador* com todas as células do corpo.[9:41]

5.7.1.1 O PONTO DE PARTIDA

Vou repetir o que você deve fazer em seu *sonho* para atravessar o *primeiro portão do sonhar*. Primeiro deve focalizar sua vista em qualquer coisa que você escolha como ponto de partida. Em seguida vire-se para outros *itens* e dê olhadas breves. Focalize seu olhar no máximo de coisas que puder. Lembre-se de que, se você olhar rapidamente, as imagens não mudam. Em seguida volte para o *item* original, o primeiro para o qual você olhou.[9:45]

Alcançamos o *primeiro portão de sonhar* ficando conscientes de que estamos caindo no sono ou tendo um *sonho* gigantescamente real. Depois de termos alcançado o portão, devemos atravessá-lo podendo manter a visão de qualquer *item* do *sonho*.[9:46]

[Os *itens* dos *sonhos* se dissipam muito rápido]. Para compensar a qualidade evanescente dos *sonhos*, os *feiticeiros* inventaram o uso do *item ponto de partida*. Toda vez que você o isola e olha para ele, recebe um jorro de energia, de modo que no princípio não olhe muitas coisas em seus sonhos. Quatro itens já bastam. Mais tarde você pode alargar o alcance até poder abarcar tudo o que quiser, mas assim que as imagens começarem a mudar e você *sentir* que está perdendo o controle, volte para o *item ponto de partida* e comece tudo de novo.[9:46]

A coisa mais espantosa que acontece com os *sonhadores* é que, ao chegar ao *primeiro portão*, também chegam ao *corpo energético* – uma contrapartida do corpo físico. Uma configuração fantasmagórica feita de pura energia, [como um corpo físico]. [9:46]

A diferença é que o *corpo energético* tem apenas aparência, não tem massa. Como é energia pura, ele pode realizar atos além das possibilidades do corpo físico, como se transportar num instante até os confins do universo. *Sonhar* é a arte de afinar o *corpo energético*, de torná-lo flexível e coerente através do exercício gradual[9:47]

Através do *sonhar* condensamos o *corpo energético* até que ele se torne uma unidade capaz de *perceber*. Sua *percepção*, apesar de afetada por nosso modo normal de perceber o mundo cotidiano, é independente. Tem sua própria esfera.

Essa esfera é a energia. O *corpo energético* lida com energia em termos de energia. Existem três modos através dos quais ele lida com a energia nos *sonhos*. Ele pode *perceber a energia enquanto ela flui*, pode usar a energia para lançar-se como um foguete até áreas inesperadas, ou pode perceber como percebemos comumente o mundo.[9:47]

[*Perceber a energia enquanto ela flui*] significa *ver*. Significa que o *corpo energético vê* a energia diretamente como uma luz, como uma espécie de corrente vibratória ou como uma perturbação. Ou então sente-a como um tranco ou uma sensação que pode ser até dolorosa.

Como a energia é a sua esfera, não há problema para o *corpo energético* usar *correntes de energia* que existem no universo para impulsioná-lo. Tudo o que precisa é isolar essas correntes, e lá se vai ele.[9:47]

Já disse antes que, em seus *sonhos*, os *feiticeiros* isolam *batedores* de outras esferas. Seu *corpo energético* faz isso. Reconhece a energia e vai atrás dela. Mas não é desejável que os *feiticeiros* fiquem procurando *batedores*. Eu estava relutando em dizer isso a você, por causa da facilidade com que podemos ficar envolvidos nessa busca.[9:47]

Alcançar, com controle deliberado, o *primeiro portão de sonhar* é um modo de chegar ao *corpo energético*. Mas manter esse ganho é uma questão que implica apenas energia. Os *feiticeiros* obtêm essa energia reestruturando de modo mais inteligente a energia que possuem e que usam para perceber o mundo cotidiano.[9:48]

5.7.1.2 O Caminho dos feiticeiros

Todos nós temos uma determinada quantidade de energia básica. Essa quantidade é toda a energia que possuímos, e usamos toda ela para perceber e lidar com nosso mundo envolvente. Em nenhum lugar existe mais energia para nós, já que nossa energia disponível está ocupada, e não sobra nem um pouquinho para qualquer *percepção* extraordinária como, por exemplo, *sonhar*.[9:48]

> Isto nos deixa tendo que arranjar energia por conta própria, onde quer que possamos encontrá-la.[9:48]

Os *feiticeiros* têm um método de arranjá-la. Eles *redistribuem* inteligentemente sua energia cortando tudo o que considerem supérfluo em suas vidas. Chama esse método de *caminho dos feiticeiros*. Em essência, o *caminho dos feiticeiros* é uma cadeia de escolhas de comportamento ao lidar com o mundo, escolhas muito mais inteligentes do que aquelas que nossos pais nos ensinaram. Essas escolhas dos *feiticeiros* destinam-se a recompor nossas vidas alterando nossas reações básicas com relação a estarmos vivos.[9:48]

> Existem dois meios de enfrentar o fato de estarmos vivos. Um é render-se a ele, seja concordando com suas exigências, seja lutando com elas. Outro é moldando nossa situação particular de vida para que ela se adapte a nossas próprias configurações.
>
> Nossa situação particular de vida pode ser moldada para se ajustar às nossas especificações. Os *sonhadores* fazem isso.[9:49]
>
> Quando os *feiticeiros* falam de *moldar* nossa situação de vida estão falando de *moldar a consciência de estar vivo*. *Moldando* essa consciência podemos conseguir energia suficiente para alcançar e manter o *corpo energético*, e com ele certamente podemos *moldar* a direção total e as conseqüências de nossas vidas.[9:49]

5.7.1.3 As barreiras da mente

Não pense meramente no que disse, mas transforme esses conceitos num modo factível de vida através de um processo de repetição. Tudo que é novo em nossas vidas, como os conceitos dos *feiticeiros*, deve ser repetido até a exaustão, antes que possamos nos abrir para eles. A repetição é o modo pelo qual nossos progenitores nos socializaram para funcionar no mundo cotidiano.[9:49]

Exercitar a *atenção sonhadora* é o ponto essencial no *sonhar*. Para a mente, entretanto, parece impossível podermos nos exercitar para ficar conscientes no nível dos *sonhos*. O elemento ativo desse treinamento é a persistência, e a mente e todas as suas defesas racionais não podem enfrentar a persistência. Cedo ou tarde, as barreiras da mente desmoronam sob seu impacto, e a *atenção sonhadora* floresce.

À medida que ganhamos maior controle sobre nossos *sonhos*, também aumentamos o controle sobre nossa *atenção sonhadora*. A *atenção sonhadora* entra em ação ao ser chamada, quando recebe um objetivo. Ela entrar em ação não é realmente um processo: um sistema contínuo de operações ou uma série de ações ou funções que produzem um resultado. É mais parecido com acordar. Uma coisa adormecida que se torna subitamente funcional.[9:50]

> É o fato de você estar entrando na *segunda atenção* que lhe dá a sensação de autoconfiança. Isso pede ainda mais sobriedade de sua parte. Vá devagar, mas não pare. E, acima de tudo, não fale a respeito. Apenas faça![9:52]

A parte mais difícil é romper a barreira inicial que nos impede de trazer o *sonho* à atenção consciente: uma barreira psicológica criada por nossa socialização, que valoriza o fato de desconsiderarmos os sonhos.[9:52]

> A barreira é mais que socialização. É o *primeiro portão do sonhar*. Tem a ver com o fluxo de energia no universo. É um obstáculo natural.[9:52]

> Nós não estamos sozinhos neste mundo. Digamos que existem outros mundos disponíveis para os *sonhadores*; mundos inteiros. Algumas vezes entidades energéticas vêm desses mundos até nós. Da próxima vez em que se ouvir resmungando consigo mesmo nos *sonhos*, fique com raiva e grite uma ordem. Diga: Para com isso![9:54]

5.7.2 Acordando em outro sonho

> Você alcança o *segundo portão do sonhar* quando acorda de um *sonho* em outro *sonho*. Você pode ter quantos *sonhos* queira ou quantos seja capaz de ter, mas deve exercer um controle adequado e não acordar no mundo que conhecemos.[9:57]

> [Não quis dizer que nunca se deve acordar nesse mundo, mas é] preciso dizer que é uma alternativa. Os *feiticeiros* da antigüidade costumavam fazer isso, nunca acordar no mundo que conhecemos; mas não recomendo. O que desejo é que você acorde naturalmente quando terminar de *sonhar*. Mas, enquanto está *sonhando*, quero que *sonhe* que acordou em outro *sonho*. Esse controle não é diferente do controle que temos sobre qualquer situação de nossas vidas cotidianas.[9:57]

Existe um problema com o *segundo portão*. É um problema que pode ser sério, dependendo da tendência do caráter de cada um. Se nossa tendência for para nos entregarmos às coisas ou às situações, poderemos levar um soco no queixo.

Pense por um instante. Você já experimentou a alegria exótica de examinar o conteúdo dos seus *sonhos*. Imagine-se indo de *sonho* em *sonho*, olhando tudo, examinando cada detalhe. É muito fácil perceber que podemos afundar em profundezas mortais. Especialmente se somos dados a nos entregar.

Se fosse uma situação de sono natural, ou seja, normal, [o corpo ou o cérebro poria um ponto final nisso]. Mas essa não é uma situação normal. Isso é o *sonhar*. Um *sonhador*, ao cruzar o *primeiro portão*, já chegou ao *corpo energético*. O que realmente atravessa o *segundo portão*, saltando de *sonho* em *sonho*, é o *corpo energético*.

A implicação [de tudo isso] é que, ao cruzar o *segundo portão*, você deve *intentar* um controle maior e mais sóbrio de sua *atenção sonhadora*: a única válvula de segurança para os *sonhadores*.

Você vai descobrir sozinho que o verdadeiro objetivo do *sonhar* é aperfeiçoar o *corpo energético*. Um *corpo energético* perfeito – entre outras coisas, claro – tem um controle tão grande sobre a *atenção sonhadora* a ponto de fazer com que o *sonho* pare quando for preciso. Essa é a válvula de segurança que os *sonhadores* têm. Não importa o quanto eles se entreguem num determinado momento, sua *atenção sonhadora* deve fazer com que possam emergir.[9:58]

5.7.2.1 Seguindo os batedores

Você chegou ao *segundo portão do sonhar*. Em seguida você deve atravessá-lo. Atravessar o *segundo portão* é uma coisa muito séria; requer um esforço extremamente disciplinado.[9:60]

Existem dois modos de cruzar o *segundo portão do sonhar*. Um é acordar em outro *sonho*, isto é, *sonhar* que está tendo um *sonho* e em seguida *sonhar* que está acordando dele. A outra alternativa é usar os *itens* de um *sonho* para disparar outro *sonho*.[9:60]

Você já compreende que os *portões do sonhar* são obstáculos específicos, mas ainda não compreendeu que o exercício para alcançar e atravessar um *portão* não é o que realmente diz respeito a esse portão.[9:125]

Quero dizer que não é verdadeiro falar, por exemplo, que o *segundo portão* é alcançado e atravessado quando um *sonhador* aprende a acordar em outro *sonho*, ou quando um *sonhador* aprende a

mudar de *sonhos* sem acordar no mundo da vida cotidiana. Porque o *segundo portão de sonhar* é alcançado e atravessado somente quando o *sonhador* aprende a isolar e a seguir os *batedores da energia estranha*.

Acordar em outro *sonho* ou mudar de *sonho* é o exercício imaginado pelos *feiticeiros antigos* para treinar a capacidade do *sonhador* isolar e seguir um *batedor*.[9:125]

Lembre-se, a *espreita* dos *seres inorgânicos* é o campo dos *feiticeiros antigos*. Para chegar lá eles fixaram com toda a tenacidade sua *atenção sonhadora* nos *itens* de seus *sonhos*. Desse modo podiam isolar os *batedores*. E quando estavam com os *batedores* em foco, gritavam o *intento* de segui-los. No instante em que verbalizavam esse *intento*, eles iam, puxados pela energia estranha.[9:105]

5.7.2.2 Entrando numa zona de guerra

A capacidade de seguir um *batedor* é uma grande realização, e quando os *sonhadores* conseguem fazê-lo, o *segundo portão* é escancarado e o universo que existe por trás dele torna-se acessível. Esse universo está lá o tempo todo, mas não podemos chegar a ele porque não temos habilidade energética e, em essência, o *segundo portão do sonhar* é a porta para o mundo dos *seres inorgânicos*, e o *sonhar* é a chave que abre essa porta.[9:125]

Os *feiticeiros antigos* haviam criado uma série de exercícios perfeitos para atravessar os *portões do sonhar* e ir até os mundos que existem atrás de cada um deles. O *sonhar*, sendo invenção dos *feiticeiros antigos*, deve ser jogado segundo suas regras.[9:126]

A regra do *segundo portão* [é descrita] em três etapas: primeiro, através do exercício de mudar os *sonhos* os *sonhadores* descobrem os *batedores*; segundo, ao seguir os *batedores*, eles entram em outro universo verídico; e terceiro, lá, através de seus atos, os *feiticeiros* descobrem sozinhos as leis e os regulamentos daquele universo.[9:126]

Você precisa continuar até chegar ao universo que há por trás do *segundo portão*. Quero dizer que você sozinho deve aceitar ou rejeitar o *chamariz dos seres inorgânicos*.[9:127]

Fui forçado a [ensinar sobre *sonhar*] somente porque esse é o padrão determinado pelos *feiticeiros antigos*. O caminho do *sonhar* é cheio de armadilhas, e evitar essas armadilhas ou cair nelas é o problema pessoal e individual de cada *sonhador*, e devo acrescentar que é um problema definitivo.[9:127]

O desafio é cada um de nós pegar apenas o que for necessário naquele mundo, e nada mais. Saber o que é necessário é a virtude dos *feiticeiros*; mas pegar apenas o necessário é sua maior realização. Deixar de compreender essa regra simples é o meio mais seguro de despencar numa armadilha.

Se você cair, você paga o preço, e o preço depende das circunstâncias e do tamanho da queda. Mas realmente não há meio de falar de uma eventualidade dessas, porque não estamos enfrentando um problema de punição. Aqui o que está em jogo são correntes energéticas; correntes energéticas que criam circunstâncias mais apavorantes do que a morte. Tudo no *caminho dos feiticeiros* é questão de vida ou morte, mas no caminho do *sonhar* essa questão é multiplicada por cem.[9:127-128]

Só sei que o universo por trás do *segundo portão* é o mais próximo do nosso; e o nosso próprio universo é bastante malicioso e desprovido de sentimentos. De modo que os dois não podem ser tão diferentes.[9:128]

O universo dos *seres inorgânicos* está sempre pronto a atacar. Mas o nosso também. Por isso você precisa chegar ao reino deles exatamente como se estivesse entrando numa zona de guerra.

Uma vez que o *sonhador* passar para o universo atrás do *segundo portão*, ou assim que se recusar a considerá-lo uma opção viável, não há mais dor de cabeça.[9:128]

Somente então os *sonhadores* ficam livres para prosseguir.[9:128] O universo atrás do *segundo portão* é tão agressivo que serve como filtro natural ou como um campo de provas onde a fraqueza dos *sonhadores* é testada. Se sobreviverem aos testes, eles podem ir para o *portão* seguinte; caso contrário, permanecem presos para sempre naquele universo.[9:129]

5.7.2.3 Os seres inorgânicos

A vida e a *consciência*, por serem exclusivamente questão de energia, não são propriedade única dos organismos. Os *feiticeiros vêem* que existem dois tipos de seres conscientes perambulando pela Terra, os *orgânicos* e os *inorgânicos*; e, ao comparar um com o outro, *vêem* que ambos são massas luminosas atravessadas, de todos os ângulos imagináveis, por milhões dos filamentos de energia do universo. São diferentes entre si na forma e no brilho. Os *seres inorgânicos* são longos, parecidos com velas, porém opacos, enquanto os *seres orgânicos* são redondos e muito mais brilhantes. Outra diferença digna de nota – que os *feiticeiros vêem* – é que a vida e a *consciência* dos *seres orgânicos* são curtas, porque eles são feitos para o movimento rápido

e a pressa, enquanto a vida dos *seres inorgânicos* é infinitamente mais longa, e sua *consciência* infinitamente mais calma e profunda.[9:61]

Os *feiticeiros* não tiveram qualquer problema em interagir com eles. Os *seres inorgânicos* possuem o ingrediente crucial para a interação: a *consciência*.[9:61]

Para os *feiticeiros*, ter vida significa ter *consciência*. Significa ter um *ponto de aglutinação* e o *brilho de consciência* ao redor. Essa condição mostra aos *feiticeiros* que o *ser* que está à sua frente, *orgânico* ou *inorgânico*, é totalmente capaz de perceber. A *percepção* é vista pelos *feiticeiros* como a precondição para estar vivo.[9:62]

Com [os *seres inorgânicos*], é muito difícil dizer o que é o quê. Digamos que esses seres são atraídos por nós, ou melhor, são compelidos a interagir conosco.[9:62]

A dificuldade com os *seres inorgânicos* é que sua *consciência* é muito lenta em comparação com a nossa. Leva anos até um *feiticeiro* ser percebido pelos *seres inorgânicos*. De modo que é aconselhável ter paciência e esperar. Cedo ou tarde eles aparecem. Mas não como você ou eu. Eles têm um jeito muito especial de se mostrar.[9:62]

Os *feiticeiros* os atraem nos *sonhos*. Eu disse que o que estava envolvido era mais do que atrai-los; através do ato de *sonhar* os *feiticeiros* obrigam esses *seres* a interagir com eles.[9:63]

Sonhar é manter o posicionamento para o qual o *ponto de aglutinação* mudou nos *sonhos*. Esse ato cria uma carga energética especial que atrai a atenção deles. É como isca para peixe; eles vão atrás. Os *feiticeiros*, ao atravessar os dois primeiros *portões do sonhar*, lançam a isca para esses *seres* e obrigam-nos a aparecer.[9:63]

Atravessando os dois *portões* você faz com que eles notem sua isca. Agora precisa esperar um sinal. Possivelmente o aparecimento de um deles. Sou de opinião que o sinal deles será simplesmente alguma interferência em seu *sonhar*. Acredito que os choques de medo que você está experimentando atualmente não sejam indigestão, e sim choques de energia mandados pelos *seres inorgânicos*.[9:63]

Algumas vezes eles se materializam no mundo cotidiano, bem na nossa frente. Na maioria das vezes, entretanto, sua presença invisível é marcada por um choque físico; uma espécie de tremor que vem do tutano dos ossos.

No *sonhar* temos o oposto total. Às vezes nós os *sentimos* como você está sentindo, como um *choque de medo*. Na maioria das vezes eles se materializam à nossa frente. Como no início do *sonhar* não temos qualquer experiência, eles podem nos provocar

um medo sem tamanho. Um verdadeiro perigo para nós. Através do canal do medo eles podem nos seguir até o mundo cotidiano, com resultados desastrosos.

O medo pode se estabelecer em nossas vidas e teríamos de nos desgarrar de tudo para poder lidar com ele. Os *seres inorgânicos* podem ser piores do que uma peste. Através do medo eles podem facilmente levar-nos à loucura total.[9:64]

Nossa expectativa normal, ao entrarmos em interação com os humanos ou com outros *seres orgânicos*, é receber uma resposta imediata à nossa solicitação. Os *seres inorgânicos*, entretanto, são separados de nós por uma barreira gigantesca: a energia que se move a diferentes velocidades. Os *feiticeiros* devem levar em conta essa diferença, medir suas expectativas e manter a *solicitação* pelo tempo necessário para que ela seja confirmada.[9:63]

[A *solicitação* é a mesma coisa que o treinamento do *sonhar*], mas para um resultado perfeito você deve acrescentar ao seu treino o *intento* de alcançar esses *seres inorgânicos*. Mandar para eles um *sentimento* de poder e de confiança, um *sentimento* de força, de desprendimento. Evitar a todo custo mandar um *sentimento* de medo ou de morbidez. Eles já são bastante mórbidos; é desnecessário acrescentar a sua morbidez, para dizer o mínimo.[9:64]

[Eis o que os *feiticeiros* fazem com os *seres inorgânicos*]: Unem-se a eles. Transformam-nos em *aliados*. Formam associações, criam amizades extraordinárias. Eu as chamo de *vastos empreendimentos*, onde a *percepção* representa o papel principal. Somos seres sociais. Buscamos inevitavelmente a companhia da *consciência*.[9:64]

O segredo, com os *seres inorgânicos*, é não ter medo. E isso deve ser feito desde o início. Temos de mandar para eles um *intento* de *poder* e desapego. Nesse *intento* podemos codificar a mensagem: 'Não tenho medo de você. Venha me ver. Se vier, dou as boas-vindas. Se não quiser vir, vou sentir sua falta'. Com uma mensagem assim, eles ficarão tão curiosos que certamente irão aparecer.[9:64]

Os *sonhadores*, querendo ou não, buscam em seus *sonhos* associações com outros seres. Isso pode ser um choque para você, mas os *sonhadores* automaticamente buscam grupos de seres; nexos de *seres inorgânicos*, neste caso. Os *sonhadores* procuram-nos avidamente.[9:65]

Para nós, a novidade são os *seres inorgânicos*. E a novidade para eles é a nossa maneira de cruzar as fronteiras até o seu reino. De agora em diante você deve ter em mente que os *seres inorgânicos,* com sua *consciência* soberba, exercem uma tremenda atração sobre os *sonhadores* e podem facilmente transportá-los para mundos além de qualquer descrição.

Os *feiticeiros* da antigüidade usavam-nos, e foram eles que cunharam seu nome: *aliados*. Seus *aliados* lhes ensinaram a *mover* o *ponto de aglutinação* para fora dos limites do *ovo*, para o universo não-humano. Quando transportam um *feiticeiro*, eles transportam-no para mundos além do domínio humano.[9:65]

Nas questões dos *seres inorgânicos* sou praticamente um principiante. Recusei essa parte do *conhecimento dos feiticeiros* porque é muito confusa e caprichosa. Não desejo ficar à mercê de qualquer entidade, orgânica ou inorgânica.[9:72]

A melhor coisa a fazer com os *seres inorgânicos* é o que você faz: negar sua existência, mas visitá-los com regularidade e afirmar que está *sonhando*, e que nos *sonhos* tudo é possível. Desse modo você não se compromete.[9:74]

Minha recomendação é que você expulse o medo dos *sonhos* e da vida, para salvaguardar sua unidade.[9:72]

5.7.2.4 Um aliado no caminho do conhecimento

Um *aliado* é um poder que um homem pode introduzir em sua vida para ajudá-lo, aconselhá-lo e dar-lhe a força necessária para executar atos, grande ou pequenos, certos ou errados. Este *aliado* é necessário para realçar a vida de um homem, orientar suas ações e aumentar seus conhecimentos.[1:58]

Um *aliado* o fará *ver* e compreender coisas a respeito das quais nenhum ser humano poderia esclarecê-lo. Não é guarda nem anjo. De fato, um *aliado* é o auxiliar indispensável do *conhecimento*.[1:58]

Um *aliado* é um poder capaz de transportar o homem além dos limites dele mesmo. É assim que um *aliado* pode revelar assuntos que nenhum ser humano poderia revelar. Um *aliado* [tira a pessoa dela mesma] para lhe dar *poder*.[1:59]

Os *aliados* não são nem bons nem maus, mas são utilizados pelos *feiticeiros* para qualquer fim que eles queiram.[2:42]

As pessoas reais parecem *ovos luminosos* quando você as *vê*. As não-pessoas sempre parecem pessoas. É isso que eu quero dizer quando digo que a gente não pode *ver* um *aliado*. Os *aliados* assumem formas diferentes. Parecem cães, coiotes, pássaros, até o amaranto, ou qualquer outra coisa. A única diferença é que quando você os *vê,* eles continuam a parecer exatamente o que fingem ser. Tudo tem o seu jeito de ser quando você *vê*. Assim como os homens parecem *ovos*, outras coisas parecem outras coisas, mas os *aliados* só podem ser vistos na forma que aparentam. Essa forma serve para tapear a vista; isto é, a nossa vista.

Tudo o que [os *aliados*] fazem tem um significado. Dos atos deles, às vezes, um *feiticeiro* pode extrair seu *poder*. Mesmo que um *feiticeiro* não tenha um *aliado* próprio, conquanto que saiba *ver*, pode manejar o *poder* observando os atos dos *aliados*.[2:44]

Em companhia dos homens, comportam-se como homens. Na companhia de animais, comportam-se como animais. Os animais geralmente têm medo deles; mas se estiverem habituados a *ver* os *aliados*, não os importunam. Nós mesmos fazemos coisa semelhante. Temos centenas de *aliados* entre nós, mas não os importunamos. Como os nossos olhos só podem olhar para as coisas, nem reparamos neles.[2:44]

Os *aliados* apenas tomam a aparência exterior do que estiver por perto e então pensamos que eles são o que não são. Não é culpa deles que tenhamos ensinado a nossos olhos a só olhar para as coisas.[2:42]

Um *aliado* é uma força, uma tensão. O único meio de saber o que é um *aliado* é experimentando-o. [4:78]

Felizmente não é a razão que junta o *aliado*. É o corpo. Você já percebeu o *aliado* em muitos graus e muitas ocasiões. Cada uma dessas percepções estava armazenada em seu corpo. A soma dessas partes é o *aliado*. Não conheço outro modo de descrevê-lo.[4:78]

Nossa *razão* é mesquinha e está sempre divergindo de nosso corpo. Isso, claro, é só maneira de dizer, mas o triunfo de um *homem de conhecimento* é ter unido os dois [corpo e *razão*]. Como você [ainda] não é um *homem de conhecimento*, seu corpo agora faz coisas que sua *razão* não compreende. O *aliado* é uma dessas coisas.[4:79]

O *aliado* está à sua espera, é certo, mas não [somente] na orla de uma planície. Está bem aqui, ou ali, ou em qualquer outro lugar. O *aliado* está à sua espera, assim como a morte está à sua espera, em toda parte e em lugar nenhum.[4:79]

[O *aliado* está à sua espera] pelo mesmo motivo que a *morte* o espera. Porque você nasceu. Não há possibilidade de explicar agora o que isso significa. Primeiro, você tem de experimentar o *aliado*. Tem de percebê-lo em toda a sua força, e aí a *explicação dos feiticeiros* poderá esclarecê-lo.[4:79]

A maneira de entender um *aliado* é uma coisa pessoal.[4:80]

Os *antigos videntes* ficaram mesmerizados [pela] devoção de seus *aliados*. As histórias dizem que os *antigos videntes* podiam fazer com que seus *aliados* atendessem a tudo que desejavam. Essa foi uma das razões para acreditarem em sua própria invulnerabilidade. Foram enganados por sua *vaidade*. Os *aliados* têm poder somente se o *vidente* que os *vê* for um *modelo de impecabilidade*, o que não era o caso desses *antigos videntes*.[7:157]

5.7.2.5 O EMISSÁRIO DO SONHO

Através dos contatos de *sonho* com os *seres inorgânicos*, os *feiticeiros antigos* tornaram-se enormemente versados na manipulação do *ponto de aglutinação*; um tema vasto e soturno.[9:72]

> Eu não queria discutir isso, mas acho que está na hora de dizer que a *voz* que você ouve, lembrando-o para fixar sua *atenção sonhadora* nos *itens* dos sonhos, é a *voz* de um *ser inorgânico*.[9:64]

> Digamos que o *emissário do sonho* é uma força que vem das esferas dos *seres inorgânicos*. É por isso que os *sonhadores* sempre o encontram.[9:82]
>
> Todos ouvem o *emissário*; muito poucos o *vêem* ou *sentem*-no.[9:82]

> Você deve entender de uma vez por todas que [as *vozes* nos *sonhos*] são coisas normais na vida de um *feiticeiro*. Você não está ficando louco; está simplesmente ouvindo a *voz* do *emissário do sonhar*. Depois de atravessar o *primeiro* ou o *segundo portão de sonhar*, os *feiticeiros* chegam a uma fronteira de energia e começam a *ver* coisas ou a ouvir *vozes*. Na verdade não são vozes, e sim uma única *voz*. Os *feiticeiros* chamam-na de *voz do emissário do sonho* – energia alienígena consciente. Energia alienígena que procura ajudar os *sonhadores* dizendo coisas. O problema com o *emissário do sonho* é que ele só pode dizer o que os *feiticeiros* já sabem ou deveriam saber.[9:80]

> É exatamente o que eu disse: *energia alienígena*. Uma força impessoal que transformamos em muito pessoal, porque tem uma *voz*. Alguns *feiticeiros* têm confiança absoluta nela. Até mesmo a *vêem*. Ou simplesmente ouvem-na como voz de homem ou de mulher. E a *voz* pode falar com eles sobre o estado das coisas, o que na maior parte das vezes é visto como um conselho sagrado.[9:81]

> [Mas] não pode ser um conselho. Ele só diz o que é o quê, e nós tiramos as conclusões.[9:81]

> O *emissário* não diz nada de novo. Sua afirmação é correta, mas só na aparência é uma coisa reveladora. O que o *emissário* faz é meramente repetir o que você já sabe.[9:81]

> Nós *vemos* ou ouvimos porque mantemos o *ponto de aglutinação fixo* num determinado posicionamento; quanto mais intensa a *fixação*, mais intensa nossa *percepção* do *emissário*.[9:81]

> Certamente [essa força é capaz de se materializar]. E tudo depende de como o *ponto de aglutinação* está *fixo*. Mas fique tranqüilo, se você for capaz de manter um grau de desapego, nada acontece. O *emissário* continua sendo o que é: uma força impessoal que age em nós por causa da *fixação* do *ponto de aglutinação*.[9:81]

Toda a esfera dos *seres inorgânicos* tem sempre uma postura de ensinar. Talvez porque tenham uma *consciência* mais profunda do que a nossa, os *seres inorgânicos* sentem-se compelidos a nos manter debaixo de suas asas.[9:83]

> Se um *feiticeiro* deseja viver na esfera dos *seres inorgânicos*, o *emissário* é a ponte perfeita; ele fala [sem mentiras], e sua tendência é ensinar, guiar.[9:84]
>
> [Eles ensinam] coisas pertinentes ao seu mundo. O mesmo que nós ensinaríamos se fôssemos capazes de ensinar-lhes: coisas pertinentes ao nosso mundo. O método deles, entretanto, é tomar nosso *eu* básico como um medidor para o que precisamos, e em seguida nos ensinar de acordo com isso. Uma coisa tremendamente perigosa!
>
> Se alguém vai usar seu *eu* básico como um medidor, com todos os seus medos, suas ganâncias e sua inveja etc. etc., e ensinar coisas que preencham esse estado de ser, qual você acha que seria o resultado?[9:83]
>
> O problema com os *feiticeiros antigos* é que eles aprenderam coisas maravilhosas, mas isso foi feito a partir de seu *eu* inferior não-adulterado. Os *seres inorgânicos* tornaram-se seus *aliados*, e através de exemplos intencionais ensinaram maravilhas aos *feiticeiros antigos*. Os *aliados* executavam as ações e os *feiticeiros* eram guiados passo a passo para copiar essas ações, sem mudar em nada com relação à sua natureza básica.
>
> Os envolvimentos dessa natureza interrompem nossa busca de liberdade ao consumir toda a nossa energia disponível. Com o objetivo de realmente seguir o exemplo de seus *aliados*, os *feiticeiros antigos* passaram suas vidas na região dos *seres inorgânicos*. É uma coisa assombrosa a quantidade de energia necessária para se realizar uma jornada ininterrupta como essa.[9:84]
>
> Só porque não nos ensinaram a enfatizar os *sonhos* como um genuíno campo de exploração não significa que eles não o sejam. Os *sonhos* são analisados em busca de seu sentido ou vistos como indicações de portentos, mas nunca são encarados como uma esfera onde ocorrem eventos reais. Que eu saiba, só os *feiticeiros antigos* fizeram isso. Mas no final eles estragaram tudo. Ficaram cheios de cobiça e, quando chegaram a uma encruzilhada crucial, pegaram o caminho errado. Puseram todos os ovos numa única cesta: a fixação do *ponto de aglutinação* nos milhares de posicionamentos que ele pode adotar.[9:85-86]

5.7.2.6 Labirinto de penumbra

> Você quer que eu diga se está certo viver num daqueles túneis [com os *seres inorgânicos*]; nem que seja só para saber o que a *voz do emissário* está falando.[9:113]

Eu próprio passei pelo mesmo problema. E ninguém pôde me ajudar, porque essa é uma decisão pessoal e definitiva, uma decisão definitiva tomada no momento em que você verbaliza o desejo de viver naquele mundo. Para conseguir que você verbalize esse desejo, os *seres inorgânicos* vão atender aos desejos mais secretos.[9:113]

[Isso é realmente diabólico.] Mas não somente com relação ao que está pensando. Para você, a parte diabólica é a tentação de ceder, especialmente quando existem tantas recompensas enormes em jogo. Para mim, a natureza diabólica do reino dos *seres inorgânicos* é que ele pode muito bem ser o único santuário que os *sonhadores* têm num universo hostil. Ele é definitivamente um porto seguro para alguns *sonhadores*. Não para mim. Não preciso de escoras nem de corrimãos. Sei quem sou. Estou sozinho num universo hostil e aprendi a dizer: que seja![9:114]

5.7.2.7 Expandindo a percepção

Sob a influência do *sonhar* a realidade sofre uma metamorfose. [Existem duas opções a serem enfrentadas pelos *sonhadores*:] ou remodelamos cuidadosamente nosso sistema de interpretação dos *dados sensoriais* ou o deixamos completamente de lado.[9:114]

Remodelar nosso sistema de interpretação significa *intentar* seu recondicionamento. Significa tentar deliberada e cuidadosamente alargar suas capacidades. Vivendo de acordo com o *caminho dos feiticeiros*, os *sonhadores* economizam e acumulam a energia necessária para suspender o julgamento e, assim, facilitar essa *remodelação* pretendida. Se escolhermos o recondicionamento de nossos sistemas de interpretação, a realidade se torna fluida, e o âmbito do que pode ser real é ampliado sem colocar em perigo a integridade da realidade. *Sonhar*, então, abre de fato as portas para outros aspectos do que é real.[9:115]

Se escolhermos deixar de lado nosso sistema, o âmbito do que pode ser percebido sem interpretação cresce imensuravelmente. A expansão de nossa *percepção* é tão gigantesca que ficamos com muito poucas ferramentas para a interpretação sensorial. Resta-nos, assim, uma sensação de infinita realidade, que é irreal, ou de infinita irrealidade que pode muito bem ser real, mas não é.

É a natureza daquele *reino* [*inorgânico*], estimular o segredo. Os *seres inorgânicos* se escondem em mistério, na escuridão. Pense naquele mundo: estacionário, com o objetivo fixo de atrair-nos como moscas em direção ao fogo.[9:117]

Há uma coisa que, até agora, o *emissário* não ousou lhe contar: que os *seres inorgânicos* estão atrás de nossa *consciência*, ou da *consciência* de qualquer ser que caia em suas redes. Eles dão *conhecimento*, mas cobram um preço: nosso *ser total*.[9:117]

> [Os *seres inorgânicos* são como pescadores]. Em algum momento o *emissário* vai lhe mostrar pessoas que ficaram presas lá, ou outros seres que não são humanos e que também ficaram presos.[9:117]

> Os *seres inorgânicos* não podem forçar ninguém a ficar com eles. Viver no mundo deles é uma questão voluntária. Mas eles são capazes de aprisionar qualquer um atendendo aos nossos desejos, mimando-nos e cedendo às nossas vontades. Cuidado com a *consciência*, que é imóvel. *Consciências* assim precisam buscar movimento, e fazem isso, como eu disse, criando projeções fantasmagóricas, às vezes.[9:117]

Os *seres inorgânicos* prendem-se aos *sentimentos* mais íntimos dos *sonhadores* e jogam impiedosamente com eles. Criam fantasmas para agradar ou apavorar os *sonhadores*. Os *seres inorgânicos* são soberbos projecionistas que se deliciam em se projetar como imagens na parede; projeções fantasmagóricas, às vezes.[9:117]

> Os *feiticeiros antigos* foram derrubados por sua confiança vazia naquelas projeções. Os *feiticeiros antigos* acreditavam que seus *aliados* tinham *poder*. Não percebiam que seus *aliados* eram energias tênues projetadas através de mundos, como num filme cósmico.
>
> Quero dizer que, em nosso mundo, os *seres inorgânicos* são como imagens de cinema projetadas numa tela; e posso até mesmo acrescentar que são como imagens móveis de energia rarefeita projetada através das fronteiras de dois mundos.[9:118]

5.7.2.8 Confrontações de vida ou morte

> Os *feiticeiros antigos* descreviam o mundo dos *seres inorgânicos* como uma bolha de cavernas e poros flutuando num espaço escuro. E descreviam os *seres inorgânicos* como tubos ocos colados juntos, como células de nosso corpo. Os *feiticeiros antigos* chamavam-no de *cacho imenso*, de *labirinto de penumbra*.[9:118]

Na opinião dos *feiticeiros*, o universo é predador, e os *feiticeiros*, melhores do que qualquer pessoa, precisam levar isso em conta em suas atividades diárias de *feitiçaria*. A *consciência* é intrinsecamente compelida a crescer, e o único modo de crescer é através de lutas, de confrontações de vida ou morte.[9:119]

> A *consciência* dos *feiticeiros* cresce enquanto eles sonham. E no momento em que ela cresce, alguma coisa lá fora reconhece o crescimento, reconhece e faz uma oferta. Os *seres inorgânicos* são os compradores dessa *consciência* nova e aumentada. Os *sonhadores* precisam estar em alerta o tempo todo. São a presa, no momento em que se aventuram naquele universo predador.[9:119]

Os *seres inorgânicos* fizeram com [os *feiticeiros antigos* o que podem estar fazendo] agora com você; criaram o *sentimento* de que eram especiais, exclusivos; e um *sentimento* ainda mais pernicioso: o *sentimento de poder*. O poder e a *sensação* de ser especial são forças corruptoras insuportáveis. Cuidado![9:118]

[Para se estar seguro, é preciso] estar alerta a cada segundo! Não deixar que nada nem ninguém decida por você. Só vá ao mundo dos *seres inorgânicos* quando quiser.[9:119]

Você deve considerar seriamente que os *seres inorgânicos* têm meios espantosos à disposição. Sua *consciência* é soberba. Em comparação, nós somos crianças; crianças com muita energia, que os *seres inorgânicos* cobiçam.[9:124]

5.7.3 A FUSÃO DE DUAS REALIDADES

O *terceiro portão de sonhar* é alcançado quando você se pega num *sonho* olhando para outra pessoa adormecida. E descobre que essa pessoa é você mesmo.[9:160]

Existem duas fases em cada *portão de sonhar*. A primeira, como você sabe, é chegar ao *portão*; a segunda é atravessá-lo. *Sonhando* o que *sonhou*, que se viu dormindo, você chegou ao *terceiro portão*. A segunda fase é movimentar-se assim que vir você mesmo dormindo.

No *terceiro portão de sonhar* você começa deliberadamente a fundir sua realidade de *sonho* com a realidade do mundo cotidiano. Esse é o exercício, e os *feiticeiros* chamam-no de *completar o corpo energético*. A fusão entre as duas realidades tem de ser tão absoluta que você precisa ser mais fluído do que nunca. Examine tudo no *terceiro portão* com grande cuidado e curiosidade.[9:161]

No *terceiro portão* nossa tendência é ficarmos perdidos nos detalhes. *Ver* as coisas com grande cuidado e curiosidade significa resistir à tentação quase irresistível de mergulhar no detalhe.

O exercício no *terceiro portão*, como eu disse, é consolidar o *corpo energético*. Os *sonhadores* começam a forjar o *corpo energético* fazendo os exercícios do *primeiro* e do *segundo portão*. Quando chegam ao *terceiro*, o *corpo energético* está pronto para sair, ou talvez seja melhor dizer que ele está pronto para agir. Infelizmente isso também significa que está pronto para ficar hipnotizados pelos detalhes.[9:161]

O *corpo energético* é como uma criança que ficou presa durante toda a vida. No momento em que se liberta ela chafurda em tudo o que pode encontrar, e estou falando de tudo, mesmo. Cada detalhe minúsculo e irrelevante absorve totalmente o *corpo energético*.[9:161]

O detalhe mais idiota torna-se um mundo para o *corpo energético*. É estonteante o esforço que os *sonhadores* precisam fazer para direcionar o *corpo energético*. Sei que parece esquisito dizer para você olhar as coisas com cuidado e curiosidade, mas é o melhor modo de descrever. No *terceiro portão* os *sonhadores* precisam evitar um impulso quase irresistível de mergulhar em tudo; e eles evitam-no sendo tão curiosos, tão desesperados para entrar em tudo que não deixam uma coisa em particular aprisioná-los.[9:162]

[Essas] recomendações [que podem parecer absurdas] visam diretamente o *corpo energético* [que] tem de juntar todos os seus recursos para agir.[9:162]

[Parte do *corpo energético* não está agindo o tempo inteiro, mas] parte dele, sim. De outra forma você não teria ido até o mundo dos *seres inorgânicos*. Agora todo o seu *corpo energético* precisa ser posto em atividade para realizar o exercício do *terceiro portão*. Portanto, para tornar as coisas mais fáceis ao seu *corpo energético*, você deve prender o seu cão-de-guarda racional.[9:162]

Os *sonhadores* precisam ser imaginativos [...] para movimentar o *corpo energético*.[9:173]

No *terceiro portão* a racionalidade é responsável pela insistência de nosso *corpo energético* em se obcecar com detalhes supérfluos. No *terceiro portão* precisamos de fluidez irracional, de abandono irracional para contrabalançar essa insistência.[9:162]

5.7.3.1 Aperfeiçoando o corpo energético

[Está é] a charada sobre como é impossível, e ao mesmo tempo fácil, mover o *corpo energético*. Você está tentando movê-lo como se estivesse no mundo cotidiano. Nós gastamos tanto tempo e esforço aprendendo a andar, que acreditamos que nosso *corpo energético* também deva andar. Não há motivo para isso, a não ser que andar vem em primeiro lugar na nossa mente.[9:173]

Os *feiticeiros* dizem que, no *terceiro portão*, todo o *corpo energético* pode se mover como a energia se move: rápida e diretamente. Seu *corpo energético* sabe exatamente como se movimentar. Ele pode se movimentar como no mundo dos *seres inorgânicos*.[9:173]

Os *feiticeiros* levam um tempo infinito para aprender a movimentar o *corpo energético*.[9:176] [Depois que aprender como mover sozinho seu *corpo energético*] continue se movimentando. Mover seu *corpo energético* abre uma nova área, uma área de explorações extraordinárias.[9:176]

Como você sabe, ser transportado por um *batedor* é a verdadeira tarefa de *sonho* do *segundo portão*. É uma coisa muito séria, mas não tão séria quanto forjar e movimentar o *corpo energético*. As-

> sim, você deve certificar-se, de algum modo pessoal, de que está realmente *vendo* você mesmo adormecido, ou se está meramente *sonhando* que está se *vendo* adormecido. Sua nova exploração extraordinária depende de realmente se *ver* dormindo.[9:176]

> Neste ponto você precisa fazer uma manobra drástica. O *emissário do sonho* não tem nada que interferir em seus exercícios. Ou melhor, você não deve, sob qualquer condição, permitir isso.
>
> Faça uma manobra simples, porém difícil. Depois de começar a *sonhar*, verbalize em voz alta seu desejo de não contar mais com o *emissário do sonho*. Você vai se livrar dele para sempre.[9:178]

> Essencialmente não há necessidade de você eliminar o *emissário*. O importante é obrigá-lo a propor um modo alternativo, conveniente para você.[9:179]

> Os *sonhadores* demoram muito para aperfeiçoar seus *corpos energéticos*. E é exatamente isso que está em jogo: aperfeiçoar seu *corpo energético*.[9:180]

O motivo do *corpo energético* ser compelido a examinar o detalhe e ficar inextrincavelmente preso a ele deve-se à sua inexperiência, sua incompletude. Os *feiticeiros* passam a vida inteira completando o *corpo energético*, deixando que ele absorva tudo que for possível, como uma esponja.[9:180]

> Até que o *corpo energético* esteja completo e maduro, ele é *auto-absorvido*. Ele não consegue se libertar da compulsão de ser absorvido por tudo. Mas se levarmos isso em consideração, em vez de lutar contra o *corpo energético*, podemos ajudá-lo. Direcionando o comportamento dele; isto é, *espreitando*-o.[9:180]

Como tudo que é relacionado ao *corpo energético* depende do posicionamento adequado do *ponto de aglutinação*, e como o *sonhar* nada mais é do que um meio de *deslocá*-lo, *espreitar* – conseqüentemente – é o meio de fazer o *ponto de aglutinação fixar*-se na posição ideal; neste caso, a posição onde o *corpo energético* pode ser consolidado, e da qual ele finalmente emerge.[9:181]

No momento em que o *corpo energético* consegue se movimentar sozinho, os *feiticeiros* presumem que foi encontrado o posicionamento ideal do *ponto de aglutinação*. O passo seguinte é *espreitá*-lo, isto é, *fixá*-lo naquela posição para completar o *corpo energético*. O procedimento é de uma simplicidade total. Basta *intentar espreitá*-lo.[9:181]

> Deixe seu corpo energético *intentar* a chegada ao melhor posicionamento de *sonhar*. Em seguida, deixe seu *corpo energético intentar* a permanência naquele posicionamento, e você estará *espreitando*.[9:181]

> *Intentar* é o segredo, mas você já sabe disso. Os *feiticeiros deslocam* seu *ponto de aglutinação* através do *intento*, e *fixam*-no, igualmente, através do *intento*. E não existe técnica para *intentar*. Aprendemos a *intentar* através da prática.[9:181]

> O posicionamento ideal e a *fixação do ponto de aglutinação* são metáforas. Não têm nada a ver com as palavras usadas para descrevê-las.[9:182]

5.7.3.2 Condição geradora de energia

O problema específico dos *feiticeiros* tem dois aspectos. Um é a impossibilidade de usar a *continuidade* estilhaçada; outro é a impossibilidade de usar a *continuidade* ditada pela nova posição de seus *pontos de aglutinação*, pois a nova *continuidade* é sempre tênue e instável demais, e não oferece aos *feiticeiros* a segurança que necessitam para funcionar como se estivessem no mundo da vida cotidiana.[8:218]

> [Sobre esse problema,] nenhum de nós resolve coisa alguma. O *espírito* ou o resolve por nós ou não o faz. Se o faz, o *feiticeiro* encontra-se agindo no mundo dos *feiticeiros*, mas sem saber como. Esta é a razão pela qual tenho insistido em que a *impecabilidade* é tudo o que conta. Um *feiticeiro* vive uma vida *impecável*, e isto parece atrair a solução. Por quê? Ninguém sabe.[8:218]

Existe uma diferença enorme entre os pensamentos e os feitos dos homens da antigüidade e os do homem moderno. Os homens dos tempos antigos tinham uma visão muito realista da *percepção* e da *consciência*, porque seus pontos de vista decorriam das observações do universo ao redor. Os homens modernos, por outro lado, têm uma visão absurdamente irreal da *percepção* e da *consciência*, porque seus pontos de vista decorrem de sua observação da ordem social, e de suas relações com ela.[9:193]

> [Estou dizendo isso] porque você é um homem moderno envolvido com os pontos de vista e as observações dos homens da antigüidade. E nem essas visões nem as observações são familiares para você. Agora mais do que nunca você precisa de *sobriedade* e autodomínio. Estou tentando fazer uma ponte sólida, uma ponte que você possa atravessar, entre as visões dos homens da antigüidade e os homens modernos.[9:193]

De todas as observações transcendentais dos homens da antigüidade, a única com a qual você está familiarizado, porque ela foi filtrada até nossos dias, é a idéia de *vender a alma ao diabo em troca da imortalidade*; uma idéia que soa como algo que vem direto do relacionamento dos *feiticeiros antigos* com os *seres inorgânicos* [que] tentam seduzir a ficar em seu reino ao oferecer a possibilidade de manter a individualidade e autoconsciência durante praticamente uma eternidade.[9:193]

Como você sabe, sucumbir ao fascínio dos *seres inorgânicos* não é simplesmente uma idéia, é real. Mas você ainda não percebeu totalmente a implicação dessa realidade. O *sonhar*, do mesmo modo, é uma coisa real; é uma *condição geradora de energia*. Você ouve minhas afirmações e certamente entende o que quero dizer, mas sua *consciência* ainda não captou toda a implicação disso.[9:193]

[Eu posso assegurar que você não está totalmente consciente do que significa uma *condição geradora de energia*]. Se estivesse, teria mais cuidado e deliberação no *sonhar*. Como você acredita que está simplesmente sonhando, se arrisca cegamente. Seu raciocínio falho diz que, não importa o que aconteça, seu *sonho* acabará num determinado momento e você acordará.[9:194]

Estou falando sobre os pontos de vista dos homens da antigüidade e dos pontos de vista dos homens modernos porque sua *consciência*, que é a *consciência* do homem moderno, prefere lidar com um conceito não-familiar como se fosse uma idéia vazia. Se eu deixasse por sua conta, você *veria* o *sonhar* como uma idéia. Claro que tenho certeza de que você leva o *sonhar* a sério, mas não acredita de fato na sua realidade.[9:194]

Estou dizendo isso tudo porque agora você está, pela primeira vez, na posição adequada para entender que o *sonhar* é uma *condição geradora de energia*. Pela primeira vez você pode entender que os sonhos comuns são os dispositivos usados para treinar o *ponto de aglutinação* a alcançar o posicionamento que cria essa *condição geradora de energia*, que chamamos de *o sonhar*.[9:194]

Como os *sonhadores* entram em mundos reais – para todos os efeitos inclusivos – eles devem ficar num estado de alerta contínuo e intenso; já que qualquer desvio do estado de alerta absoluto põe o *sonhador* em perigos mais do que apavorantes.[9:195]

Veja o *sonhar* como uma coisa extremamente perigosa! E comece isso agora! Não venha com nenhuma de suas manobras suspeitas.

O que está acontecendo é que você consegue *deslocar* o *ponto de aglutinação* rápida e facilmente. Mas essa facilidade tem a tendência de tornar o *deslocamento* errático. Controle sua facilidade. E não se permita nem mesmo um milímetro de folga.[9:195]

O brilho da luz interna

A energia de nosso mundo ondula. Cintila. Não somente os seres vivos, mas tudo em nosso mundo brilha com uma luz interna. A energia de nosso mundo consiste em camadas de diferentes matizes brilhantes. A camada de cima é esbranquiçada, outra imediatamente adjacente é verde-amarelada, e outra mais distante é âmbar.[9:196]

Vê-se o brilho deles sempre que os *itens* [encontrados] nos estados oníricos mudam de forma. Mas um brilho esbranquiçado é sempre o impacto inicial de *ver* qualquer coisa que gera energia.[9:196]

[Existe um número infinito de matizes diferentes. Mas para os objetivos de uma ordem inicial você deve se concentrar nesses três. Mais tarde pode ficar tão sofisticado quanto quiser e isolar dezenas de matizes, se puder.

A camada esbranquiçada é o matiz do posicionamento atual do *ponto de aglutinação* da humanidade. Digamos que é um matiz moderno. Os *feiticeiros* acreditam que tudo que o homem faz hoje em dia é pintado com esse matiz esbranquiçado. Em outra época o posicionamento do *ponto de aglutinação* da humanidade tornou verde-amarelado o matiz da energia dominante no mundo; e em outra época, ainda mais distante, tornou-se âmbar. A cor da energia dos *feitceiros* é âmbar, o que significa que são energeticamente associados aos homens que existiram num passado distante.[9:196]

[O atual matiz esbranquiçado irá mudar algum dia] se o homem for capaz de evoluir. A grande tarefa dos *feiticeiros* é trazer a idéia de que, para evoluir, o homem deve primeiro libertar sua *consciência* das amarras da ordem social. Uma vez que a *consciência* estiver livre, o *intento* irá redirecioná-la para um novo caminho evolucionário.[9:197]

5.7.3.3 Itens geradores de energia

O que vem em seguida para você é uma jóia dos *feiticeiros*. Vai exercitar *ver* a energia em seu *sonhar*. Você passou pela prova do *terceiro portão do sonhar*: movimentou sozinho o *corpo energético*. Agora vai realizar a verdadeira tarefa: *ver* a energia com seu *corpo energético*.

Você já *viu* energia antes. Muitas vezes, na verdade. Mas, em todas essas vezes, *ver* foi um acaso. Agora irá fazê-lo deliberadamente.

Os *sonhadores* têm um método empírico. Se o *corpo energético* estiver completo, eles *vêem* a energia toda vez que olham fixos para algum *item* no mundo cotidiano. Nos *sonhos*, se *vêem* a energia de um *item*, eles sabem que estão lidando com um mundo real, não importa o quanto esse mundo possa parecer distorcido para sua *atenção sonhadora*. Se não puderem *ver* a energia de um determinado *item*, eles estão num sonho comum, e não em um mundo real – um mundo que gera energia; o oposto de um mundo fantasmagórico de projeções, onde nada gera energia; como na maioria de nossos sonhos, onde nada tem efeito energético.[9:184]

Sonhar é um processo através do qual os *sonhadores* isolam condições de *sonho* em que podem encontrar elementos geradores de energia. É o processo através do qual *intentamos* encontrar posicionamentos adequados do *ponto de aglutinação*, posicionamentos que permitem que percebamos *itens geradores de energia* em estados de aparência onírica[9:184]

O *corpo energético* também é capaz de perceber energias muito diferentes da energia de nosso mundo. Como no caso dos *itens* do reino dos *seres inorgânicos*, que o *corpo energético* percebe como *energia crepitante*. Em nosso mundo nada *crepita*; aqui tudo ondula.

> De agora em diante a questão em seu *sonhar* será determinar se os *itens* nos quais você concentra sua *atenção sonhadora* são *geradores de energia* ou meras projeções fantasmagóricas, ou se são *geradores de energia alienígena*.[9:184]

5.7.3.4 Alinhando outros mundos

O *deslocamento do ponto de aglutinação* além da linha média do casulo do homem faz com que o mundo inteiro que conhecemos desapareça instantaneamente de nossas vistas, como se tivesse sido apagado – pois a estabilidade, a substancialidade que parece pertencer ao nosso mundo perceptível é apenas a *força de alinhamento*. Certas *emanações* são rotineiramente *alinhadas* devido à *fixação* do *ponto de aglutinação* em uma posição específica; e nosso mundo é apenas isso.[7:265]

> A única força que pode cancelar temporariamente o *alinhamento* é o *alinhamento*. Você terá de cancelar o *alinhamento* que o mantém percebendo o mundo das coisas diárias. *Intentando* uma nova posição para seu *ponto de aglutinação* e *intentando* mantê-lo *fixo* ali o tempo suficiente, você irá aglomerar um outro mundo e escapará deste.
>
> Os *antigos videntes* ainda estão desafiando a morte até hoje, fazendo exatamente isso, *intentando* que seus *pontos de aglutinação* permaneçam *fixos* em posições que os colocam em qualquer dos sete mundos.[7:270]

> Aglomerar outros mundos não é apenas uma questão de prática, mas uma questão de *intenção*. E não se trata meramente de um exercício de saltar para fora daqueles mundos como que puxado por um elástico. Um *vidente* deve ser ousado. Depois que você rompe a *barreira da percepção*, não precisa voltar ao mesmo lugar no mundo. Entende o que eu quero dizer?[7:274]

> A integridade do mundo não é a miragem; a miragem é a *fixação do ponto de aglutinação* em qualquer posição. Quando os *videntes deslocam* seus *pontos de aglutinação*, não se defrontam com uma

> ilusão; defrontam-se com outro mundo; esse novo mundo é tão real como o que estamos olhando agora, mas a nova *fixação* de seus *pontos de aglujtinação*, que produz esse novo mundo, é tanto uma miragem quanto a antiga *fixação*.
>
> [Se] você, por exemplo, agora encontra-se num estado de *consciência intensificada*, tudo o que você é capaz de fazer neste estado não é uma ilusão; é tão real quanto o mundo que irá encarar amanhã em sua vida diária. Entretanto, amanhã, o mundo que você está testemunhando agora não irá existir. Ele só existe quando o seu *ponto de aglutinação* se *desloca* até a posição onde você está agora.[7:265]

5.7.3.5 A percepção espreitadora

Dentre todas as coisas maravilhosas que os *feiticeiros antigos* aprenderam explorando esses milhares de posicionamentos, somente a *arte de sonhar* e a *arte da espreita* permanecem hoje em dia. A *arte de sonhar* tem a ver com o *deslocamento do ponto de aglutinação*; a *espreita* é uma arte que lida com a *fixação do ponto de aglutinação* em qualquer posicionamento para o qual foi deslocado.[9:86]

> Minha intenção é explicar que o posicionamento do *ponto de aglutinação* é como um cofre onde os *feiticeiros* mantêm seus registros. O *corpo energético* sabe uma imensidão de coisas.[9:162]

Os *feiticeiros* são capazes de deixar, no posicionamento do *ponto de aglutinação*, registros acurados sobre suas descobertas. Quando se trata de captar a essência de um registro escrito, precisamos usar nosso *sentido* de participação simpática ou imaginativa para ir além da mera página escrita e chegar à própria experiência. Mas no mundo dos *feiticeiros*, como não existem páginas escritas, são deixados registros – que podem ser revividos, em vez de lidos – no posicionamento do *ponto de aglutinação*.[9:165]

Os ensinamentos dos *feiticeiros* sobre a *segunda atenção* são dados quando o *ponto de aglutinação* do aprendiz está num lugar que não é o normal. Assim, o posicionamento do *ponto de aglutinação* torna-se o registro da lição. Para recuperar a lição o aprendiz precisa voltar o *ponto de aglutinação* ao posicionamento que ele ocupava quando a lição foi dada.[9:165]

É um feito da maior magnitude trazer o *ponto de aglutinação* de volta a todos os posicionamentos que ele ocupou durante as lições.[9:165]

> *Fixar o ponto de aglutinação* em qualquer novo posicionamento para o qual foi *deslocado* significa adquirir *coesão*.
>
> *Sonhar* faz isso forçando os *sonhadores* a *fixar o ponto de aglutinação*.

A *atenção sonhadora*, o *corpo energético*, a *segunda atenção*, o relacionamento com *seres inorgânicos*, o *emissário do sonho*, são apenas subprodutos do processo de adquirir *coesão*; em outras palavras, são todos subprodutos de *fixar o ponto de aglutinação* em várias posições do *sonhar* – qualquer novo posicionamento para onde o *ponto de aglutinação* tenha se *deslocado* durante o sono.[9:86]

[Nós *fixamos* o *ponto de aglutinação* numa *posição de sonhar*] sustentando a visão de qualquer *item* dos *sonhos*, ou mudando os *sonhos* à vontade. Através de seus exercícios de *sonhar* você na verdade está exercitando sua capacidade de manter uma nova forma energética, sustentando o *ponto de aglutinação* no posicionamento de qualquer *sonho* específico que esteja tendo.[9:86]

Os *deslocamentos* do *ponto de aglutinação* produzem mudanças minúsculas, que são praticamente imperceptíveis. O desafio dos *deslocamentos* é que eles são tão pequenos e tão numerosos que manter a *coesão* em todos eles é um triunfo.[9:87]

[O mundo do *sonhar*] existe no posicionamento preciso em que o *ponto de aglutinação* se encontrar [em dado momento]. Para percebê-lo você precisa de *coesão*, isto é, você precisa manter seu *ponto de aglutinação fixo* naquele posicionamento.[9:94]

[Mas outras pessoas perceberão esse mesmo mundo de *sonhar*] se tiverem *uniformidade* e *coesão*. *Uniformidade* é manter em uníssono o mesmo posicionamento do *ponto de aglutinação*. Os *feiticeiros antigos* chamavam de *percepção espreitadora* o ato de adquirir *uniformidade* e *coesão* fora do mundo normal.[9:94]

A *arte de espreitar*, como já disse, tem a ver com a *fixação do ponto de aglutinação*. Através da prática os *feiticeiros antigos* descobriram que ainda mais importante do que *deslocar* o *ponto de aglutinação* é fazer com que ele fique no novo posicionamento, onde quer que seja.[9:94]

5.7.3.6 Coerência e uniformidade

Se o *ponto de aglutinação* não ficar estacionário, não há possibilidade de percebermos coerentemente. O que perceberíamos seria um caleidoscópio de imagens desassociadas. Por isso os *feiticeiros antigos* punham tanta ênfase no *sonhar* quanto na *espreita*. Uma arte não pode existir sem a outra, especialmente para o tipo de atividade em que eles estão envolvidos.[9:94]

Os *feiticeiros antigos* chamavam-nas de *complexidades da segunda atenção* e de *grande aventura do desconhecido*.[9:94]

Essas atividades são resultantes dos *deslocamentos* do *ponto de aglutinação*. Os *feiticeiros antigos* aprenderam não somente a *deslocar* seu *ponto de aglutinação*

para milhares de posicionamentos na superfície ou no interior de sua *massa energética*, como também a *fixar* o *ponto de aglutinação* nessas posições, e assim manter indefinidamente a *coesão*.[9:94]

Quanto mais clara a *visão dos sonhos*, maior nossa *coesão*.[9:87]

A *coesão* dos *feiticeiros antigos* era tamanha a ponto de permitir que se tornasse perceptivo e fisicamente tudo que fosse ditado pelo posicionamento específico de seu *ponto de aglutinação*. Podiam transformar-se em qualquer coisa para a qual tivessem um *inventário* específico. Um *inventário* é a relação de todos os detalhes de *percepção* envolvidos em tornar-se, por exemplo, jaguares, pássaros, insetos etc. etc.[9:95]

Os *feiticeiros antigos* tinham uma fluidez soberba. Tudo o que precisavam era um *deslocamento* mínimo de seu *ponto de aglutinação*, uma minúscula pista perceptiva vinda do *sonhar*, e instantaneamente *espreitavam* aquela *percepção*; rearranjavam sua *coesividade* para se ajustar ao novo estado de *consciência* e tornar-se um animal, outra pessoa, um pássaro ou qualquer coisa.[9:95]

> Os doentes mentais imaginam uma realidade pessoal porque não têm nenhum objetivo preconcebido. Os loucos trazem o caos para dentro do caos. Os *feiticeiros*, ao contrário, trazem a ordem para o caos. Seu objetivo preconcebido e transcendental é libertar a *percepção*. Os *feiticeiros* não criam o mundo que estão percebendo; eles percebem a energia diretamente, e em seguida descobrem que o que estão percebendo é um mundo novo e *desconhecido*, que os pode engolir porque é tão real quanto qualquer coisa que sabemos ser real.[9:95]

Ao *ver* os *pontos de aglutinação* das crianças flutuando constantemente, como se movimentados por um tremor, mudando de lugar com facilidade, os *feiticeiros antigos* concluíram que o posicionamento habitual do *ponto de aglutinação* não é inato, e sim estabelecido a partir do hábito. *Vendo* que somente nos adultos eles eram *fixados* num posicionamento, deduziram que a localização específica do *ponto de aglutinação* permite um modo específico de perceber. Através do uso, esse modo específico de perceber torna-se um sistema para interpretar dados sensoriais.[9:92]

Por nascermos nesse sistema, desde o instante do nascimento lutamos imperativamente para ajustar nossa *percepção* às exigências dele; um sistema que nos governa durante toda a vida. Portanto, os *feiticeiros antigos* estavam totalmente certos em acreditar que o ato de contrariá-lo e perceber *a energia diretamente [enquanto ela flui]* é o que transforma uma pessoa num *feiticeiro*.[9:93]

A maior realização de nosso desenvolvimento humano é travar o *ponto de aglutinação* em seu posicionamento habitual. Já que, assim que ele se imobiliza ali,

nossa *percepção* pode ser ensinada e levada a interpretar o que percebemos. Em outras palavras, podemos ser levados a perceber mais em termos do nosso sistema do que em termos de nossos *sentidos*. A percepção humana é universalmente homogênea porque o *ponto de aglutinação* de toda a raça humana é *fixado* no mesmo local.[9:93]

Os *feiticeiros* provaram tudo isso a si próprios quando *viram* que, no momento em que o *ponto de aglutinação* é *deslocado* além de um certo limite, e novos filamentos de energia universal começam a ser captados, o que percebemos não faz *sentido*. A causa imediata é que os novos dados sensoriais tornaram nosso sistema inoperante, e ele não pode mais ser usado para interpretar o que estamos percebendo.[9:93]

> Perceber sem o nosso sistema, claro, é uma coisa caótica. Mas estranhamente, quando achamos que perdemos a cabeça, nosso velho sistema vem nos resgatar e transforma a *percepção* incompreensível num mundo novo totalmente compreensível.[9:93]

5.7.3.7 Mundos além da imaginação

Usar técnicas do *sonhar* no mundo da vida cotidiana é uma das ferramentas mais eficazes dos *feiticeiros antigos*. Ela torna a *percepção direta da energia* uma coisa onírica, em vez de totalmente caótica, até um momento em que alguma coisa rearranje a *percepção* e os *feiticeiros* se *vejam* diante de um mundo novo.[9:96]

> Sei como é difícil a mente permitir que possibilidades irracionais se tornem reais. Mas existem mundo novos! Estão envoltos uns sobre os outros como as camadas de uma cebola. O mundo onde existimos é apenas uma dessas camadas.[9:96]

> Só vamos até esses mundos como um exercício. Essas jornadas são os antecedentes dos *feiticeiros de hoje em dia*. Fazemos o mesmo tipo de *sonhar* que os *feiticeiros antigos* faziam, mas num determinado momento nos desviamos para um novo terreno. Os *feiticeiros antigos* preferiram os *deslocamentos* do *ponto de aglutinação*, de modo a estar sempre em terrenos mais ou menos previsíveis. Nós preferimos os *movimentos* do *ponto de aglutinação*. Os *feiticeiros* estavam atrás do *desconhecido humano*. Nós estamos atrás do *desconhecido não-humano*.[9:96]

> [O ser *não-humano* é] libertar-se do ser humano. Mundos inconcebíveis que estão fora do âmbito humano, mas que podem ser percebidos. É aí que os *feiticeiros [de hoje em dia]* pegam a outra estrada. Eles preferem o que está fora do domínio humano. E o que está fora do domínio humano são todos os mundos, não apenas a esfera dos pássaros, dos animais ou dos homens, ainda que seja de um homem desconhecido. Estou falando de mundos como esse em que vivemos; mundos totais com incontáveis esferas.[9:97]

[Esses mundos ficam] em posicionamentos diferentes do *ponto de aglutinação*, mas posicionamentos aos quais os *feiticeiros* chegam com um *movimento* do *ponto de aglutinação*, não com um *deslocamento*. Entrar nesses mundos é o tipo de *sonhar* que apenas os *feiticeiros de hoje em dia* fazem. Os *feiticeiros antigos* ficaram longe dele, porque é necessário um grande desprendimento e nenhuma autoimportância. Um preço que eles não podiam se dar ao luxo de pagar.

Para os *feiticeiros* que o praticam atualmente, o *sonhar* é a liberdade de perceber mundos além da imaginação.[9:97-98]

Liberdade é uma aventura sem fim, onde arriscamos nossas vidas e muito mais por alguns momentos e alguma coisa além dos mundos, além de pensamentos ou sentimentos.

A busca da liberdade é a única força que eu conheço. Liberdade de voar até aquele infinito lá fora. Liberdade para se dissolver; para decolar; para ser como a chama de uma vela que, mesmo diante da luz de um bilhão de estrelas, permanece intacta, porque jamais pretendeu ser mais do que é: uma simples vela.[9:98]

5.7.3.8 Uma nova área de exploração

Para *ver* durante o *sonhar* [precisa-se] do *intento de ver*, mas também de colocar o *intento* em palavras ditas em voz alta. Existem outros meios de se chegar ao mesmo resultado, mas verbalizar o *intento* é o modo mais simples e mais direto.[9:186]

Você precisa ter paciência. Está aprendendo a fazer uma coisa extraordinária. Você está aprendendo o *intento de ver* em seus *sonhos*. Um dia não vai precisar mais verbalizar o *intento*, bastará desejá-lo, em *silêncio*.[9:186]

[Quando nada acontece depois de *intentar* o *ver* é porque] até agora seus sonhos foram sonhos comuns; foram projeções fantasmagóricas; imagens que vivem apenas em sua *atenção sonhadora*.[9:187]

Algum dia você vai *ver* como tudo isso é engraçado. Enquanto isso, não desista nem se *sinta* desencorajado. Continue tentando. Cedo ou tarde você vai tocar a nota certa.[9:187]

Os *sonhos* podem acontecer na realidade consensual de nosso mundo cotidiano.[9:189] Nos *sonhos especiais*, nossa *atenção sonhadora* se concentra no mundo cotidiano, e ela se move instantaneamente de algum objeto real para outro objeto real do mundo. O que torna possível esse movimento é que o *ponto de aglutinação* está na *posição sonhadora* adequada. A partir desse posicionamento o *ponto de aglutinação* dá tamanha fluidez à *atenção sonhadora* que ela pode se mover num piscar de olhos

através de distâncias incríveis; e ao fazer isso produz uma *percepção* tão rápida, tão fugidia, que parece um sonho comum.[9:190]

Sei como isso é perturbador. Por algum motivo da mente, *ver* energia durante o *sonhar* é muito mais perturbador do que qualquer coisa em que possamos pensar.[9:190]

Agora seu *corpo energético* está completo e funcionando. Portanto a implicação de *ver* no *sonho* é que você está percebendo um mundo real, através do véu de um *sonho*. Essa é a importância [dessa] *viagem*. Ela é real. Envolve *itens geradores de energia*.[9:190]

A não ser que *vejamos* no *sonhar,* não podemos diferenciar uma coisa real, *geradora de energia*, de uma projeção fantasmagórica. Apesar de você ter lutado contra os *seres inorgânicos* e *visto* os *batedores* e os túneis, seu *corpo energético* não sabe com certeza se eles são reais, ou seja, *geradores de energia*. Você tem noventa e nove, mas não cem por cento de certeza.[9:191]

O mundo é como uma cebola. Tem muitas peles. O mundo que conhecemos é apenas uma delas. Algumas vezes atravessamos fronteiras e entramos em outra pele: outro mundo, muito parecido com este, mas não o mesmo. E você entrou em outro, sozinho.[9:191]

[Como é possível essa *viagem*?] é uma pergunta sem sentido, porque ninguém pode responder. Na visão dos *feiticeiros* o universo é construido em camadas que o *corpo energético* pode atravessar. Sabe onde os *feiticeiros da antigüidade* estão vivendo até hoje? Em outra camada, em outra pele de cebola.[9:191]

5.7.3.9 A espreita definitiva

[Você deve estar] pronto para uma última afirmação sobre [o mundo dos *seres inorgânicos*]. A afirmação mais aterrorizante que posso fazer.

A energia necessária para *mover* o *ponto de aglutinação* dos *feiticeiros* vem do mundo dos *seres inorgânicos*. Essa é a verdade e o legado dos *feiticeiros antigos* para nós. Eles nos mantêm presos até hoje. Este é o motivo pelo qual não gosto deles. Fico indignado por ter de mergulhar apenas numa fonte. Pessoalmente, me recuso a fazê-lo. E tentei afastá-lo disso. Mas não tive sucesso porque alguma coisa puxa-o para aquele mundo, como um ímã.[9:201]

Não podemos fazer negócios com eles, e mesmo assim não podemos ficar longe deles. Minha solução tem sido tomar a energia, mas não ceder à influência deles. Isso é conhecido como a *espreita definitiva*. É feita sustentando o firme *intento de liberdade*, ainda que nenhum *feiticeiro* saiba o que é realmente *liberdade*.[9:202]

> [Os *feiticeiros* precisam pegar energia do mundo dos *seres inorgânicos* porque] não existe outra energia viável para os *feiticeiros*. Para manobrar o *ponto de aglutinação* do jeito que fazem, os *feiticeiros* precisam de uma quantidade enorme de energia.[9:202]

Não existe modo de os *feiticeiros* terem acesso àquela quantidade de energia procurando-a apenas em si próprios. Não importa o quanto reestruturem sua energia básica e natural, ainda não basta.[9:202]

> Para começar a *sonhar* os *feiticeiros* precisam redefinir suas premissas e economizar a energia; mas essa redefinição só é válida para a energia destinada ao início do *sonhar*. Voar até outros mundos, *ver* energia, forjar o *corpo energético* etc. etc. é outra coisa. Para essas manobras os *feiticeiros* precisam de montes de *energia* escura, *alienígena*. [Energia escura que pode ser retirada do mundo dos *seres inorgânicos*] através do simples ato de ir àquele mundo. Todos os *feiticeiros* de nossa linha precisam fazer isso.[9:202]

5.7.3.10 Viagem energética para outros mundos

O uso da *consciência* como um elemento energético do universo é a essência da *feitiçaria*. Em termos práticos, a trajetória da *feitiçaria* é, primeiro, libertar a energia existente em nós seguindo implacavelmente o *caminho dos feiticeiros*; segundo, usar essa energia para desenvolver o *corpo energético* através do *sonhar*; e terceiro, usar a *consciência* como um elemento do ambiente para entrar com o *corpo energético* e toda a nossa fisicalidade em outros mundos.[9:206]

> Todo *feiticeiro* passa pela mesma agonia [de um tumulto interior]. A *consciência* é uma área infinita de exploração para os *feiticeiros* e para os homens em geral. Com o objetivo de aumentar a *consciência*, não existe risco que não devamos correr; nenhum meio que devamos recusar. Mas não se esqueça de que a *consciência* só pode ser aumentada com mente sã.[9:205]

> Vou propor uma linha de ação para você. É a última tarefa do *terceiro portão do sonhar*, e consiste em *espreitar* os *espreitadores*; uma manobra misteriosíssima. *Espreitar* os *espreitadores* significa que você deliberadamente retira energia do mundo dos *seres inorgânicos* com o objetivo de realizar um *ato de feitiçaria*.[9:205]
>
> Uma *viagem*; uma *viagem* que usa a *consciência* como um elemento do ambiente. No mundo da vida cotidiana a água é um elemento do ambiente que usamos para *viajar*. Imagine a *consciência* como um elemento semelhante, que pode ser usado para *viajar*. Através da *consciência batedores* de todo o universo vêm até nós. E através da *consciência* os *feiticeiros* vão aos confins do universo. [9:206]

> [A *consciência* não é um elemento físico mas] um elemento energético. Você precisa fazer essa distinção. Para os *feiticeiros* que *vêem*, a *consciência* é um *brilho*. Eles podem atrelar seu *corpo energético* àquele brilho e *viajar* com ele.[9:207]

> A diferença é que os elementos físicos são parte de nosso sistema de interpretação, mas os elementos energéticos não. Os elementos energéticos, como a *consciência*, existem em nosso universo. Mas nós, como pessoas comuns, só percebemos os elementos físicos porque nos ensinaram isso. Os *feiticeiros* percebem os elementos energéticos pelo mesmo motivo: porque lhes ensinaram a fazê-lo.[9:207]

> Existem dois tipos de *viagem energética* para outros mundos. Uma é quando a *consciência* pega o *corpo energético* e leva-o para onde quer; e a outra é quando o *feiticeiro* decide, com *consciência total*, usar a avenida da *consciência* com o objetivo de fazer uma *viagem*. Você já fez o primeiro tipo de *viagem*. O segundo exige uma *disciplina* enorme.[9:207]

Na vida dos *feiticeiros* existem questões que exigem um domínio de mestre, e lidar com a *consciência*, como um elemento de energia aberto ao *corpo energético*, é a questão mais importante, vital e perigosa.[9:207]

> Sozinho você não tem energia suficiente para realizar a última tarefa do *terceiro portão de sonhar*.[9:207]

> Quero que você rompa as fronteiras do mundo normal e, usando a *consciência* como um elemento energético, entre em outro. Essa quebra e essa entrada têm a ver com *espreitar* os *espreitadores*. O uso da *consciência* como *elemento do ambiente* passa ao largo da influência dos *seres inorgânicos*, mas mesmo assim utiliza sua energia.[9:207]

> A tarefa é surrupiar energia dos *seres inorgânicos*, e não ser comandado por eles.[9:218]

Para usar a *consciência* como um *elemento do ambiente* os *feiticeiros* precisam fazer primeiro uma *viagem* ao mundo dos *seres inorgânicos*. Em seguida precisam usar essa *viagem* como um trampolim e, enquanto estiverem de posse da *energia escura* necessária, devem *intentar* ser lançados, através do meio da *consciência*, até outro mundo.[9:219]

5.7.4 As ordens do espírito

> Seguindo as *ordens do espírito*, tenho de lhe dizer o que é o *quarto portão de sonhar*, apesar de não poder mais guiá-lo.[9:222]

> Se você pode ou não [atravessar sozinho o *quarto portão*], só quem sabe é o *espírito*.[9:222]

No quarto portão do *sonhar*, o corpo *viaja* a lugares concretos e específicos. Existem três modos de usar o *quarto portão*. Um é *viajar* a lugares concretos neste mundo; dois, *viajar* a lugares concretos fora deste mundo, e três, *viajar* a lugares que existem apenas no *intento* dos outros. Este último é o mais difícil e perigoso mas é, de longe, o preferido dos *feiticeiros da antigüidade*.[9:222]

> Só posso dizer que [agora] você vai ter uma lição no *sonhar*, do modo como costumam ser as lições no *sonhar*, mas você não vai receber de mim essa lição. Outra pessoa será seu professor e seu guia. Um visitante, que para você pode ser uma surpresa horrenda ou então surpresa nenhuma.[9:228]

> É uma lição sobre o *quarto portão do sonhar*. E é dada em duas partes. A primeira parte explicarei agora. A segunda, ninguém pode explicar, porque é uma coisa que diz respeito somente a você. Todos os *[mestres-feiticeiros]* de minha linha tiveram essa lição de duas partes, mas não houve duas iguais; elas foram criadas para atender às tendências pessoais do caráter desses *[mestres-feiticeiros].*[9:228]

> Como você já sabe, *perceber diretamente a energia*, para os *feiticeiros* [*de hoje em dia*], é uma realização pessoal. Nós manobramos o *ponto de aglutinação* através da *autodisciplina*. Para os *feiticeiros antigos,* o *deslocamento do ponto de aglutinação* era conseqüência de sua submissão a outros: seus professores, que realizavam esses *deslocamentos* através de operações obscuras e os ofereciam aos discípulos como *dons de poder*.
>
> Para alguém que tenha mais energia do que nós é possível fazer qualquer coisa conosco. Os *feiticeiros antigos* não eram tão impecáveis, e através dos esforços incessantes para obter controle sobre os outros eles criavam uma situação de escuridão e terror que passava de professor para discípulo.[9:228]

5.7.4.1 O desafiador da morte

> [O *desafiador do morte*, conhecido como *inquilino*] nos oferece *dons de poder* a cada geração. E foi a natureza específica desses *dons de poder* que mudou o curso de nossa linhagem.[9:229]

Sendo um *feiticeiro dos tempos antigos*, o *inquilino* aprendeu de seus professores todas as complexidades de mudar seu *ponto de aglutinação*. Como tem, talvez, milhares de anos de uma vida e uma *consciência estranha* – tempo suficiente para aperfeiçoar qualquer coisa – ele agora sabe como alcançar e manter centenas, se não milhares, de posicionamentos do *ponto de aglutinação*. Seus *dons* são como mapas para *deslocar o ponto de aglutinação* para locais específicos e como manuais sobre como imobilizá-los em qualquer desses posicionamentos, e com isso adquirir *coesão*.[9:230]

Nós estivemos discutindo as estranhas realizações dos *feiticeiros da antigüidade*. Mas é sempre difícil quando precisamos falar exclusivamente em idéias, sem o *conhecimento* em primeira mão. Posso repetir de hoje até o dia do juizo alguma coisa que para mim é clara como cristal, mas que para você é impossível de entender ou acreditar, porque você não tem o *conhecimento* prático sobre ela.[9:231]

[Para um feiticeiro *desafiador da morte*,] tão versado nos *deslocamentos* dos *pontos de aglutinação*, ser homem ou mulher é questão de escolha ou conveniência. Esta é a primeira parte da lição sobre o *sonhar*, que eu disse que você receberia. E o *desafiador da morte* é o visitante misterioso que vai guiá-lo através dele.

Não posso lhe dizer o que fazer. Só posso, como qualquer outro *[mestre-feiticeiro]*, colocá-lo diante de seu desafio depois de dizer, em termos bastante oblíquos, tudo que é pertinente. Esta é outra das manobras do *[mestre-feiticeiro]*: dizer tudo sem dizer, ou perguntar sem perguntar.[9:233]

A primeira parte desta lição do *sonhar* é que a masculinidade e a feminilidade não são estados definitivos, e sim o resultado de um ato específico de posicionamento do *ponto de aglutinação*. E esse ato de rearrumar o *ponto de aglutinação* é, naturalmente, questão de *vontade* e treinamento. Como era um tema caro aos *feiticeiros da antigüidade*, apenas eles podem lançar alguma luz sobre isso.[9:233]

[Tudo o que você pensa a respeito do masculino e do feminino] é verdade enquanto nosso *ponto de aglutinação* permanecer em seu posicionamento habitual. Mas no momento em que ele se *desloca* para além de certas fronteiras, e nosso mundo cotidiano não funciona mais, nenhum dos princípios que você nutre com carinho tem esse valor absoluto [no qual está pensando].

Seu erro é esquecer que o *desafiador da morte* transcendeu essas fronteiras milhares e milhares de vezes. Não é preciso ser gênio para perceber que o *inquilino* não está mais preso às mesmas forças que atualmente governam você.[9:234]

É preciso entender que somente você pode tomar a decisão de encontrar ou não encontrar o *inquilino*, e de aceitar ou rejeitar seus *dons de poder*. Mas sua decisão precisa ser verbalizada para [o *inquilino*], cara a cara e a sós; de outro modo não será válida.[9:236]

Antes de tomar sua verdadeira decisão você precisa conhecer todos os detalhes de nossas transações com aquele *feiticeiro*.[9:237]

Isso não é uma questão de se esconder até que o perigo passe. Este é o momento da verdade. Tudo o que você já fez e experimentou no mundo dos *feiticeiros* canalizou-o para este ponto. Eu não

queria dizer, porque sabia que seu *corpo energético* iria contar, mas não há como sair desse compromisso. Nem mesmo morrendo. Compreende? [9:237]

Você deve enfrentar o *desafiador da morte* a frio [sem mudar o *nível de consciência*], e com premeditação absoluta. E não pode fazer isso por procuração.[9:237]

O *desafiador da morte*, sendo definitivamente uma criatura de hábitos rituais, sempre encontra os *[mestres-feiticeiros]* de sua linha primeiro como homem, depois como mulher.[9:239]

[Os *dons* do *desafiador da morte* são *dons de poder*. São assim chamados] porque são produtos do *conhecimento especializado* dos *feiticeiros antigos*. O mistério sobre os *dons* é que ninguém na terra, com exceção do *desafiador da morte*, pode nos dar uma amostra desse *conhecimento*. E, claro, eu posso *deslocar* meu *ponto de aglutinação* para onde quiser, dentro ou fora da forma energética humana. Mas o que não consigo, e somente o *desafiador da morte* consegue, é saber o que fazer com meu *corpo energético* em cada um desses pontos, com o objetivo de obter uma *percepção total*, uma *coesão* total.[9:240]

Os *feiticeiros [de hoje em dia]* não conhecem os detalhes dos milhares e milhares de posicionamentos possíveis do *ponto de aglutinação*. [Detalhes são] maneiras particulares de tratar o *corpo energético* para manter o *ponto de aglutinação fixo* em posições específicas.[9:240]

A maioria dos *deslocamentos* experimentados pelos *feiticeiros [de hoje em dia]* são *deslocamentos* intermediários dentro de um feixe de filamentos de energia luminosa no interior do *ovo luminoso*, um feixe chamado de *faixa do homem*, ou o aspecto puramente humano da energia do universo. Para além dessa faixa, mas ainda dentro do *ovo luminoso*, está o âmbito dos grandes *deslocamentos*. Quando o *ponto de aglutinação* se *desloca* para qualquer ponto daquela área a *percepção* continua sendo compreensível para nós, mas são necessários procedimentos extremamente detalhados para que a *percepção* não seja apenas compreensível, mas total.[9:240]

Cada grande *deslocamento* tem um funcionamento interno diferente, que os *feiticeiros [de hoje em dia]* podem aprender se souberem como fixar o *ponto de aglutinação* por tempo suficiente em qualquer *deslocamento* grande. Somente os *feiticeiros da antigüidade* tinham o *conhecimento específico* necessário para fazer isso.[9:241]

Pense nisso: se você ainda não consegue lembrar de todas as coisas que eu lhe ensinei e fiz com você na *segunda atenção*, imagine o quanto mais difícil deve ser lembrar o que o *desafiador da morte*

lhe ensinou e fez com você. Eu só fiz mudar de *nível de consciência*. O *desafiador da morte* fez você mudar de universos.[9:282]

O *dom* concedido pelo *desafiador da morte* consiste em infinitas possibilidades de *sonhar*. O sentimento pendente é que você não apenas viverá essas possibilidades, mas um dia irá compreendê-las.[9:285]

CAPÍTULO 6

A RECAPITULAÇÃO

6.1 Recontar os eventos de sua vida

A premissa dos *feiticeiros* é que para se introduzir algo, precisa-se de espaço para colocá-lo. Se você estiver cheio até a borda com *itens* da vida cotidiana, não há espaço para nada novo. Esse espaço precisa ser construido. Percebe o que eu quero dizer? O *feiticeiros dos tempos antigos* acreditavam que a *recapitulação* da sua vida abria esse espaço. Ela fazia isso e muito mais, claro.[12:180]

A *recapitulação* liberta a energia aprisionada dentro de nós, e sem essa energia liberada o *sonhar* não é possível.[9:167]

Recapitular e *sonhar* andam lado a lado. À medida que regurgitamos nossas vidas nós ficamos mais e mais leves.[9:167]

A *recapitulação* consiste em reviver a totalidade das experiências de vida lembrando-se de cada detalhe possível. A *recapitulação* é fator essencial na redefinição e reestruturação da energia do *sonhador*.

A *recapitulação* de nossa vida nunca termina, não importa que tenhamos *recapitulado* direito. O motivo das pessoas comuns não terem vontade própria nos *sonhos* é nunca terem *recapitulado*, e suas vidas ficam cheias até a borda de emoções como lembranças, esperanças, medos etc. etc.

Os *feiticeiros*, por outro lado, são relativamente livres de emoções pesadas e opressivas, por causa da *recapitulação*. E se alguma coisa faz com que eles fiquem bloqueados, a suposição é que ainda existe alguma coisa neles que não está suficientemente clara.[9:167]

Recordar não é o mesmo que relembrar. Relembrar é ditado pelo tipo de pensamento cotidiano, enquanto *recordar* é ditado pelo movimento do *ponto de aglutinação*. Uma *recapitulação* de suas vidas, que os *feiticeiros* fazem, é a chave para movimentar seus *pontos de aglutinação*. Os *feiticeiros* começam sua *recapitulação* pensando, relembrando os atos mais importantes de suas vidas. Após apenas pensar a respeito deles, movem-se então para estar realmente no local do evento. Quando conseguem fazer isso, estar no local do evento, foi porque moveram com sucesso seu *ponto de aglutinação* ao lugar preciso onde estava quando o evento teve lugar. Trazer de volta o evento total por meio do *[deslocamento]*

> *do ponto de aglutinação* é conhecido como a *recordação dos feiticeiros.*[8:129]

> Nossos *pontos de aglutinação* estão constantemente se movendo, movimentos imperceptíveis. Os *feiticeiros* acreditam que, para fazer seus *pontos de aglutinação* se moverem a pontos precisos, devemos empenhar por *intento*. Uma vez que não há maneira de saber o que é o *intento*, os *feiticeiros* deixam que seus olhos o chamem. [8:130]

> Você precisa *recordar* a primeira vez em que seus olhos brilharam, porque aquela foi a primeira vez que seu *ponto de aglutinação* alcançou o *lugar da não-piedade*. A *implacabilidade* possuiu-o então. Ela faz os olhos dos *feiticeiros* brilharem, e este brilho convida o *intento*. Cada ponto para o qual seus *pontos de aglutinação* se movem é indicado por um brilho específico de seus olhos. Como seus olhos têm sua própria memória, podem convocar a *recordação* de qualquer lugar, convocando o brilho específico associado àquele ponto.[8:130]

A razão pela qual os *feiticeiros* colocam tanta ênfase no brilho de seus olhos e em seu olhar é porque os olhos são diretamente ligados ao *intento*. Contraditória como possa parecer, a verdade é que os olhos são *conectados* apenas superficialmente ao mundo da vida cotidiana. Sua *conexão* mais profunda é com o *abstrato*. As possibilidades do homem são tão vastas e misteriosas que os *feiticeiros*, antes de pensar a respeito, escolheram explorá-las, com nenhuma esperança de algum dia compreendê-las.[8:131]

> As únicas vantagens que os *feiticeiros* podem ter sobre os homens comuns é que armazenaram sua energia, o que significa uma *conexão* mais precisa, mais clara com o *intento*. Isso também significa que podem *recordar* a vontade, usando o brilho de seus olhos para *mover* o *ponto de aglutinação*.[8:131]

6.1.1 Ciclos da recapitulação

Existem dois ciclos básicos para a *recapitulação*: o primeiro é chamado de *formalidade* e *rigidez*, e o segundo de *fluidez*.[9:170]

A *recapitulação* de um evento começa com a mente arrumando tudo que tem a ver com o que está sendo *recapitulado*. Arrumar significa reconstruir o evento, peça por peça, começando pela lembrança dos detalhes físicos ao redor, e em seguida passando à pessoa com quem compartilhamos a interação, e em seguida para nós mesmos; para o exame de nossos sentimentos.[9:168]

> A maneira como os feiticeiros realizam a *recapitulação* é muito formal. Consiste em fazer uma lista de todas as pessoas que conhe-

> ceram, desde o presente até o início de suas vidas. Uma vez feita essa lista, pegam a primeira pessoa dela e lembram-se de tudo o que puderem sobre essa pessoa. E quero dizer tudo, cada detalhe. É melhor *recapitular* do presente para o passado, porque as memórias do presente estão frescas e dessa maneira a capacidade de lembrar é afiada. O que os praticantes fazem é lembrar e respirar. Inspiram lenta e deliberadamente, girando a cabeça da direita para a esquerda, num balanço quase imperceptível, e expiram da mesma forma.[12:180]

O inspirar e o expirar devem ser naturais; se forem rápidos demais, uma pessoa entraria no que se chama de *respiração cansativa*: respirações que depois precisam de respirações lentas a fim de acalmar os músculos.[12:180]

Os *feiticeiros* falam sobre esse ato como inalar todos os *sentimentos* que a pessoa teve no acontecimento sendo *recordado* e expelir todos os humores indesejáveis e os *sentimentos* irrelevantes que permaneceram nela. Os *feiticeiros* acreditam que o mistério da *recapitulação* reside no ato de inalar e exalar. Uma vez que a respiração é uma função de manutenção da vida, os *feiticeiros* têm certeza de que através dela a pessoa também pode entregar ao *mar escuro da consciência* [ou à *Águia*] o fac-símile das suas experiências de vida[10:116]

> Comece a fazer a sua lista hoje. Divida-a por anos, por ocupações, organize-a da maneira que quiser, porém faça-a em seqüência, com a pessoa mais recente primeiro e terminando com sua mãe e o seu pai. Depois, lembre-se de tudo sobre elas. Não há nada mais para se fazer além disso. À medida que você pratica, perceberá o que está fazendo.[12:180]

A *recapitulação* é uma manobra dos *feiticeiros* para induzir um *deslocamento* minúsculo, porém firme, do *ponto de aglutinação*. Sob o impacto de rever sentimentos e ações do passado, o *ponto de aglutinação* fica indo e vindo e voltando do posicionamento atual para o que ele ocupava quando aconteceu o evento que está sendo *recapitulado*.[9:168]

O raciocínio dos *feiticeiros antigos*, para explicar a *recapitulação*, era sua convicção de que existe uma inconcebível força de dissolução no universo, [a *Águia*,] que faz os organismos viverem emprestando-lhes *consciência*. A mesma forma também faz os organismos morrerem, para extrair deles a mesma *consciência* emprestada, que os organismos aprimoraram através de suas experiências de vida.[9:169]

Os *feiticeiros antigos* acreditavam que, como essa força estava atrás de nossa experiência de vida, era de suprema importância o fato de que ela poderia satisfazer com um fac-símile de nossa experiência de vida: a *recapitulação*. Ao receber o que deseja, a força de dissolução deixa os *feiticeiros* livres para expandir sua capacidade de *perceber* e de chegar com ela aos confins do tempo e do espaço.[9:169]

6.1.2 Recapitulando peças de um quebra-cabeça

O poder da *recapitulação* é que revolve todo o lixo das nossas vidas e o traz para a superfície.[12:183]

Os *feiticeiros* acreditam que à medida que *recapitulamos* as nossas vidas, todo o entulho chega à superfície. Percebemos as nossas inconsistências, nossas repetições, mas algo em nós coloca uma tremenda resistência para *recapitularmos*. Os *feiticeiros* dizem que o caminho fica livre somente depois de uma *revolução* gigantesca, depois de aparecer na nossa tela da memória um evento que mexe com as nossas bases com uma clareza de detalhes aterrorizadora. É o evento que nos arrasta para o momento exato em que o vivemos. Os *feiticeiros* chamam aquele evento de *condutor*, porque daí em diante cada evento que mencionamos é revivido, não meramente lembrado.[12:186]

Caminhar é sempre algo que precipita as memórias. Os *feiticeiros [dos tempos antigos]* acreditavam que tudo o que vivemos armazenamos como uma sensação na parte posterior de nossas pernas. Consideravam a parte posterior das nossas penas como o armazém da *história pessoal* do homem. Portanto, vamos agora caminhar nas montanhas.[12:186]

[Depois de uma boa caminhada você estará pronto] para começar essa manobra dos *feiticeiros* de encontrar um *condutor*: um evento na sua vida que você lembrará com tal clareza que servirá como holofote para iluminar todo o resto da sua *recapitulação* com a mesma clareza, ou com clareza comparável. Faça o que os *feiticeiros* chamam de *recapitulando peças de um quebra-cabeça*. Alguma coisa o levará a se lembrar do evento que servirá como o seu *condutor*. Dedique a isso o seu melhor. Faça o seu melhor.[12:196]

Contar minuciosamente eventos é mágico para os *feiticeiros*. Não é apenas *contar histórias*. É ver a trama por baixo dos eventos. Essa é a razão porque esse relato é tão importante e vasto.[12:197]

O único comentário que posso fazer é que os *guerreiros* se deixam levar. Vão aonde o impulso os leva. O *poder* dos *guerreiros* é estarem alertas, obter o máximo efeito com o menor impulso. E acima de tudo, o *poder* deles consiste em não interferir. Os eventos possuem uma força, uma gravidade própria, e *viajantes* são apenas viajantes. Tudo à sua volta é só para seus olhos. Dessa forma, os *viajantes* constroem o significado de cada situação, sem nunca perguntar porque ocorreu dessa ou daquela maneira.[12:198]

6.1.3 A voz do espírito

Há uma opção secreta para a *recapitulação*. Assim como lhe disse que há uma opção secreta para morrer, uma opção que somente

os *feiticeiros* fazem. No caso de morrer, uma opção secreta é que os seres humanos podem reter a sua força vital e renunciar somente à sua *consciência*, o produto de suas vidas. No caso da *recapitulação*, a opção secreta que somente os *feiticeiros* fazem é escolher intensificar as suas *mentes verdadeiras*.

A mente inquietante de suas recordações só poderia vir de sua *mente verdadeira*. A outra mente que todos temos e compartilhamos, eu diria, é um modelo barato: um poder econômico, o mesmo tamanho serve para todos. Porém, esse é um assunto [relacionado ao *predador alienígena*].[12:209]

O que está em jogo agora é o advento de uma *força desintegradora*. Mas não a força que o está desintegrando, não é isso o que quero dizer. Ela está desintegrando o que os *feiticeiros* chamam de *instalação forânea [alienígena],* que existe em você e em todo ser humano. O efeito da forma que está surgindo em você, que está desintegrando a *instalação forânea*, é que puxa os *feiticeiros* para fora da sintaxe dela.[12:209]

Sei como é difícil lidar com essa faceta da vida. Cada *feiticeiro* que conheci passou por isso. Os homens que passam por isso sofrem infinitamente mais danos do que as mulheres. Os *feiticeiros [da antiguidade]*, agindo em grupo, tentaram o melhor que puderam amortecer o impacto dessa *força desintegradora.* Em nossos dias, não temos meio de agir como um grupo, assim devemos nos apoiar em nós mesmos para enfrentar solitariamente essa força que vai nos levar para longe da linguagem, pois não há meios de descrever adequadamente o que está acontecendo.[12:209]

Os *feiticeiros* enfrentam o *desconhecido* nos incidentes mais comuns que se pode imaginar. Quando se confrontam com eles e não podem interpretar o que estão percebendo, devem confiar em uma fonte externa para saber a direção. [Essa fonte é] o *infinito* ou a *voz do espírito.* Se os *feiticeiros* não tentam ser racionais sobre o que não pode ser racionalizado, o *espírito* infalivelmente dirá a eles o que está ocorrendo.[12:209] [É preciso] aceitar a idéia de que o *infinito* é uma força que tem uma *voz* e é consciente de si.[12:210]

É inacreditável, mas não impossível. O universo não tem limites, e as possibilidades que existem no universo como um todo são realmente incomensuráveis. Portanto, não caia como uma presa no axioma: "Só acredito no que vejo", porque é a posição mais estúpida que alguém pode adotar.[12:225]

6.2 Um álbum de eventos memoráveis

Cada *guerreiro*, obrigatoriamente, coleciona material para um *álbum* especial, um *álbum* que revela a personalidade do *guerreiro*, um *álbum* que é o testemunho das circunstâncias de sua vida.[12:19]

É sobretudo como um *álbum* de retratos feito de recordações, retratos que surgem ao *recordar eventos memoráveis*.[12:19]

São *memoráveis* porque têm um significado especial para a vida de uma pessoa. O que lhe proponho é que faça o seu *álbum*, incluindo nele um relato completo dos eventos que tenham tido um significado profundo para você.[12:19]

Nem todos os eventos na sua vida tiveram um significado profundo. Há uns tantos, entretanto, que considero passíveis de terem mudado algo em você, de terem iluminado o seu caminho. Mas, no geral, os eventos que mudam o nosso curso são assuntos impessoais e, ao mesmo tempo, extremamente pessoais.[12:19]

Não pense nesse *álbum* em termos de banalidades, ou em termos de repassar as experiências de sua vida de modo trivial.[12:20]

Devo acrescentar que tal *álbum* é um exercício em *disciplina* e imparcialidade. Considere esse *álbum* como um *ato de guerra*.[12:20]

Tal *álbum*, sendo um *ato de guerra*, possui todo o significado do mundo para mim [por exemplo].[12:20]

Meu próprio *álbum*, sendo um *ato de guerra*, precisou ser uma seleção feita com muitíssimo cuidado. Agora ele é uma coleção precisa dos momentos inesquecíveis de minha vida, e de tudo o que me levou até eles. Concentrei nele tudo o que foi e o que será significativo para mim. A meu ver, o *álbum* de um *guerreiro* é algo muito concreto, algo tão preciso que acaba com tudo.[12:24]

[Aconselho-o] a sentar-se, sozinho, e deixar seus pensamentos, memórias e idéias brotarem livremente. Recomendo que faça um esforço para deixar a *voz* das suas profundezas falar e lhe dizer o que selecionar.[12:24]

Devo lhe dizer que a seleção do que colocar no seu *álbum* não é coisa fácil. Essa é a razão pela qual eu disse que fazer esse *álbum* é um *ato de guerra*. Você deve refazer a si mesmo mais de dez vezes a fim de saber o que selecionar.[12:25-26]

Os *eventos memoráveis* do *álbum* de um [*guerreiro*] são assuntos que sobreviverão à prova do tempo porque não têm nada a ver com ele, embora ele esteja no meio deles. E estará sempre no meio deles, durante toda a vida, talvez até além dela, mas não de maneira pessoal. As histórias do *álbum* de um *guerreiro* não são pessoais. [12:29]

Os eventos memoráveis que procuramos possuem o toque escuro do impessoal. Esse toque as permeia. Não sei de que outra maneira explicar isso.[12:30]

CAPÍTULO 7

NO CAMINHO DO CONHECIMENTO

7.1 O HOMEM DE CONHECIMENTO

Você está numa encruzilhada muito emocionante. Talvez seja a última, e também talvez a mais difícil de entender. Algumas das coisas que vou lhe mostrar hoje provavelmente nunca ficarão claras. Mas também não são para ser claras. Portanto, não fique constrangido nem desencorajado. Todos nós somos criaturas burras quando entramos para o mundo da *feitiçaria*, e ingressar nele não nos assegura, de forma alguma, que mudemos. Alguns de nós continuamos burros até o fim.

Não se apoquente se você não conseguir fazer sentido do que vou lhe dizer. Considerando seu temperamento, receio que você possa esgotar-se, tentando compreender. Não faça isso! O que vou dizer só pretende mostrar uma direção.[4:108]

Não terei tempo de ensinar tudo o que desejo. Só terei tempo de pô-lo no caminho e esperar que você procure da mesma maneira que eu.[2:108]

Tudo é um entre um milhão de caminhos. Portanto, você deve ter sempre em mente que um caminho não é mais do que um caminho; se achar que não deve segui-lo, não deve permanecer nele, sob nenhuma circunstância. Para ter uma clareza dessas, é preciso levar uma vida disciplinada. Só então você saberá que qualquer caminho não passa de um caminho, e não há afronta, para você nem para os outros, em largá-lo, se é isso o que seu coração lhe manda fazer. Mas sua decisão de continuar no caminho ou largá-lo deve ser isenta de medo e de ambição. Eu lhe aviso. Olhe bem para cada caminho, e com propósito. Experimente-o tantas vezes quanto achar necessário. Depois, pergunte-se, e só a si, uma coisa. Essa pergunta é uma que só os muito velhos fazem: *Esse caminho tem coração?*

Se tiver, o caminho é bom; se não tiver, não presta. Ambos os caminhos não conduzem a parte alguma; mas um tem coração e o outro não. Um torna a *viagem* alegre; enquanto você o seguir, será um com ele. O outro o fará maldizer sua vida. Um o torna forte; o outro o enfraquece.[1:114]

Já lhe disse uma vez que nosso destino como homem é aprender, para melhor ou pior. Aprendi *ver* e lhe digo que nada realmente importa. Agora é sua vez. Talvez algum dia você aprenda a *ver* e

então saberá se as coisas importam ou não. Para mim nada importa, mas para você tudo importará.

Um *homem de conhecimento* vive pelos atos, não por pensar nos atos, e não por pensar no que vai pensar depois que acabar de agir. Um *homem de conhecimento* escolhe um *caminho de coração* e o segue; e depois olha e se regozija e ri; e então ele *vê* e sabe. Sabe que sua vida terminará muito depressa; sabe que ele, como todos os outros, não vai a parte alguma; sabe, porque *vê,* que nada é mais importante do que qualquer outra coisa.

Em outras palavras, um *homem de conhecimento* não tem honra, nem dignidade, nem família, nem nome, nem prática, mas apenas a vida a ser vivida, e, nessas circunstâncias, sua única ligação com seus semelhantes é sua *loucura controlada*. Assim, o *homem de conhecimento* se esforça, transpira e bufa; e, se se olhar para ele, parece um homem comum, só que tem que a *loucura* de sua vida está *controlada*.

Como nada é mais importante do que outra coisa qualquer, um *homem de conhecimento* escolhe qualquer ato e age como se lhe importasse. Sua *loucura controlada* o leva a dizer que o que ele faz importa e o faz agir como se importasse, e no entanto ele sabe que não é assim; de modo que, quando pratica seus atos, ele se retira em paz, e quer seus atos sejam bons ou maus, dêem certo ou não, isso não o afeta de todo.

Um *homem de conhecimento* pode preferir, por outro lado, permanecer totalmente impassível e nunca agir, e comportar-se como se ser impassível realmente lhe importasse; ele também será sincero agindo assim, pois isso também seria sua *loucura controlada*.[2:82]

7.2. Atributos do homem de conhecimento

[Estes são, segundo os *novos videntes*, os quatro passos no *caminho do conhecimento*:] O primeiro passo é a decisão de tornar-se aprendiz. Depois que os aprendizes mudam sua visão sobre si mesmos e sobre o mundo dão o segundo passo e tornam-se *guerreiros*, ou seja, seres capazes de extrema *disciplina* e *autocontrole*. O terceiro passo, depois de adquirirem paciência e senso de oportunidade, é tornar-se um *homem de conhecimento*. Quando *homens de conhecimento* aprendem a *ver*, dão o quarto passo, tornando-se *videntes*.[7:34]

[Quem está no *caminho do conhecimento* pode] adquirir um mínimo dos dois primeiros atributos: *controle* e *disciplina*. Esses atributos referem-se a um estado interior. Um *guerreiro* é auto-orientado, não de um modo egoista, mas no sentido de um exame total e contínuo de si mesmo.[7:34]

> Os outros dois atributos: *paciência* e *oportunidade* não são realmente um estado interior. Estão no domínio do *homem de conhecimento*.[7:34]

A estratégia mais eficaz foi elaborada [por] mestres inquestionáveis da *espreita*. Consiste de seis elementos que interagem entre si. Cinco deles são chamados de atributos do guerreiro: *controle, disciplina, paciência, oportunidade* e *vontade*. Estes dizem respeito ao mundo do *guerreiro*, que está lutando para perder a *vaidade*. O sexto elemento, talvez o mais importante de todos, pertence ao mundo exterior, e é chamado de *pequeno tirano*.[7:27]

[É aconselhável] ser *impecável* e praticar meticulosamente tudo aquilo que aprender, e acima de tudo, a ser cuidadoso e deliberado nas ações a fim de não exaurir a força de vida em vão. O pré-requisito de entrada em qualquer dos estágios de *atenção* é a posse da força de vida, pois sem ela os *guerreiros* não podem ter direção ou objetivo.[6:197]

7.3 Os inimigos naturais do conhecimento

> Somos homens e nosso destino é aprender e sermos lançados em novos mundos inconcebíveis. [2:145]

> Nosso destino como homens é aprender e a gente procura o *conhecimento* como vai para a guerra. Vai-se ao *conhecimento* ou à guerra com medo, com respeito, sabendo que se vai à guerra, e com uma confiança absoluta em si mesmo. Deposite sua confiança em si, não em mim.[2:85]

> Um homem vai para o *conhecimento* como vai para a guerra, bem desperto, com medo, com respeito e com uma segurança absoluta. Ir para o *conhecimento* ou ir para a guerra de qualquer outra maneira é um erro, e quem o cometer há de se arrepender.[1:57]

Quando o homem preenche esses quatro requisitos, não há erros que ele tenha de explicar; nessas condições, seus atos perdem a qualidade desastrada dos atos de um tolo. Se um homem desses fracassar, ou sofrer uma derrota, terá perdido apenas uma batalha, e não haverá remorsos por isso.[1:58]

> Quando um homem começa a aprender, ele nunca sabe muito claramente quais são seus objetivos. Seu propósito é falho; sua intenção, vaga. Espera recompensas que nunca se materializarão, pois não conhece nada das dificuldades da aprendizagem.[1:90]

7.3.1 O medo

Devagar, ele começa a aprender... a princípio, pouco a pouco, e depois em porções grandes. E logo seus pensamentos entram em choque. O que aprende nunca é o que ele imaginava, de modo que começa a ter medo. Aprender nunca é o que se espera. Cada passo da aprendizagem é uma nova tarefa, e o medo que o homem sente começa a crescer impiedosamente, sem ceder. Seu propósito torna-se um campo de batalha.

E assim ele se depara com o primeiro de seus inimigos naturais: o *medo*! Um inimigo terrível, traiçoeiro, e difícil de vencer. Permanece oculto em todas as voltas do caminho, rondando, à espreita. E se o homem, apavorado com sua presença, foge, seu inimigo terá posto um fim à sua busca.[1:90]

Nada [mais] lhe acontece, a não ser que nunca aprenderá. Nunca se tornará um *homem de conhecimento*. Talvez se torne um tirano, ou um pobre homem apavorado e inofensivo; de qualquer forma, será um homem vencido. Seu primeiro inimigo terá posto fim a seus desejos.[1:90]

[O que ele deve fazer para vencer o *medo*] é muito simples. Não deve fugir. Deve desafiar o *medo*, e, a despeito dele, deve dar o passo seguinte na aprendizagem, e o seguinte, e o seguinte. Deve ter medo, plenamente, e no entanto não deve parar. É esta a regra! E o momento chegará em que seu primeiro inimigo recua. O homem começa a se sentir seguro de si. Seu propósito torna-se mais forte. Aprender não é mais uma tarefa aterradora. Quando chega esse momento feliz, o homem pode dizer sem hesitar que derrotou seu primeiro inimigo natural.[1:90]

Isso acontece aos poucos, e no entanto o *medo* é vencido de repente e depressa.[1:91]

Uma vez que o homem venceu o *medo*, fica livre dele para o resto da vida, porque, em vez do *medo*, ele adquiriu a *clareza*... uma clareza de espírito que apaga o *medo*. Então, o homem já conhece seus desejos; sabe como satisfazê-los. Pode antecipar os novos passos na aprendizagem e uma *clareza* viva cerca tudo. O homem sente que nada se lhe oculta.[1:91]

E assim ele encontra seu segundo inimigo: a *clareza*! Essa *clareza* de espírito, que é tão difícil de obter, elimina o *medo*, mas também cega.[1:91]

7.3.2 A clareza

[A *clareza*] obriga o homem a nunca duvidar de si. Dá-lhe a segurança de que ele pode fazer o que bem entender, pois ele *vê* tudo

claramente. E ele é corajoso, porque é claro; e não pára diante de nada porque é claro. Mas tudo isso é um engano; é como uma coisa incompleta. Se o homem sucumbir a esse poder de faz-de-conta, terá sucumbido a seu segundo inimigo e tateará com a aprendizagem. Vai precipitar-se quando devia ser paciente, ou vai ser paciente quando devia precipitar-se. E tateará com a aprendizagem até acabar incapaz de aprender qualquer coisa mais.

Seu inimigo acaba de impedi-lo de se tornar um *homem de conhecimento*; em vez disso, o homem pode tornar-se um *guerreiro* valente, ou um palhaço. No entanto, a *clareza*, pela qual ele pagou tão caro, nunca mais se transformará de novo em trevas ou *medo*. Será claro enquanto viver, mas não aprenderá nem desejará nada.[1:91]

[Para não ser vencido, o homem] tem de fazer o que fez com o *medo*: tem de desafiar sua *clareza* e usá-la só para *ver*, e esperar com paciência e medir com cuidado antes de dar novos passos; deve pensar, acima de tudo, que sua *clareza* é quase um erro. E virá um momento em que ele compreenderá que sua *clareza* era apenas um ponto diante de sua vista. E assim ele terá vencido seu segundo inimigo, e estará numa posição em que nada mais poderá prejudicá-lo. Isso não será um engano. Não será um ponto diante da vista. Será o verdadeiro *poder*.[1:91]

Ele saberá a essa altura que o *poder* que vem buscando há tanto tempo é seu, por fim. Pode fazer o que quiser com ele. Seu *aliado* está às suas ordens. Seu desejo é uma ordem. *Vê* tudo o que está em volta. Mas também encontra seu terceiro inimigo: o *poder*![1:92]

7.3.3 O PODER

O *poder* é o mais forte de todos os inimigos. E, naturalmente, a coisa mais fácil é ceder; afinal de contas, o homem é realmente invencível. Ele comanda; começa correndo riscos calculados e termina estabelecendo regras, porque é um senhor.

Um homem nesse estágio quase nem nota que seu terceiro inimigo se aproxima. E de repente, sem saber, certamente terá perdido a batalha. Seu inimigo o terá transformado num homem cruel e caprichoso.[1:92]

[Mesmo assim] ele nunca perderá sua *clareza* nem seu *poder*.[1:92]

Um homem que é derrotado pelo *poder* morre sem realmente saber manejá-lo. O *poder* é apenas uma carga em seu destino. Um homem desses não tem domínio sobre si, e não sabe quando ou como usar seu *poder*.[1:92]

[A derrota por alguns desses inimigos é uma derrota final, claro. Uma vez que esses inimigos dominem o homem, não há nada que ele

possa fazer. Uma vez que o homem cede, está liquidado. [Mas se ele estiver temporariamente cego pelo *poder* e depois o recusar] isso significa que a batalha continua. Isso significa que ele ainda está tentando ser um *homem de conhecimento*. O indivíduo é derrotado quando não tenta mais e se abandona.[1:92]

Se o homem ceder ao *medo* nunca o vencerá, porque se desviará do *conhecimento* e nunca mais tentará. Mas se procurar aprender durante anos no meio de seu *medo*, acabará dominando-o, porque nunca se entregou realmente a ele.[1:92]

[Para vencer seu terceiro inimigo, o homem] também tem de desafiá-lo, propositadamente. Tem de vir a compreender que o *poder* que parece ter adquirido na verdade nunca é seu. Deve controlar-se em todas as ocasiões, tratando com cuidado e lealdade tudo o que aprendeu. Se conseguir *ver* que a *clareza* e o *poder*, sem controle, são piores do que os erros, ele chegará a um ponto em que tudo está controlado. Então saberá quando e como usar seu *poder*. E assim terá derrotado seu terceiro inimigo.

O homem estará, então, no fim de sua jornada do saber, e quase sem perceber encontrará seu último inimigo: a *velhice*! Este inimigo é o mais cruel de todos, o único que ele não conseguirá derrotar completamente, mas apenas afastar.

7.3.4 A VELHICE

É o momento em que o homem não tem mais receios, não tem mais impaciências de *clareza* de espírito... um momento em que todo o seu *poder* está controlado, mas também o momento em que ele *sente* um desejo irresistível de descansar. Se ele ceder completamente a seu desejo de se deitar e esquecer, se ele se afundar na fadiga, terá perdido a última batalha, e seu inimigo o reduzirá a uma criatura velha e débil. Seu desejo de se retirar dominará toda a sua *clareza*, seu *poder* e sabedoria.

Mas se o homem sacode sua fadiga e vive seu destino completamente, então poderá ser chamado de um *homem de conhecimento*, nem que seja no breve momento em que ele consegue lutar contra seu último inimigo invencível. Esse momento de *clareza*, *poder* e *conhecimento* é o suficiente.[1:93]

Não existe vazio na vida de um *homem de conhecimento*. Tudo está cheio até a borda. E tudo é igual.[2:84]

A fim de se tornar um *homem de conhecimento*, a pessoa tem de ser um *guerreiro*. É preciso lutar sem desistir, sem reclamar, sem hesitar, até *ver*, só para compreender então que nada importa.[2:86]

Um *homem de conhecimento* é aquele que seguiu fielmente as provações do aprendizado. Um homem que, sem se precipitar nem se deter, foi tão longe quanto possível para decifrar os segredos do *poder pessoal*.[3:154]

7.4 O PODER PESSOAL

O que determina a maneira de se fazer qualquer coisa é o *poder pessoal*. O homem apenas é a soma de seu *poder pessoal*, e essa soma determina como ele vive e como morre.[3:153]

O *poder pessoal* é um sentimento. Uma coisa como ter sorte. Ou pode-se chamá-lo de um estado de espírito. O *poder pessoal* é uma coisa que a pessoa adquire sem considerações de sua origem. Um *guerreiro* é um *caçador* de *poder* [e estou lhe] ensinando a *caçá*-lo e armazená-lo. A dificuldade com você, que é a mesma de todos nós, é a de se convencer. Precisa acreditar que o *poder pessoal* pode ser usado e que é possível armazená-lo, mas até agora ainda não se convenceu. [3:153] Estar convencido significa que você pode agir sozinho.[3:154]

Caçar poder é um negócio muito esquisito. Não há possibilidade de se planejar com antecedência. É por isso que é tão emocionante. Porém, um *guerreiro* procede como se tivesse um plano, porque confia em seu *poder pessoal*. Sabe com certeza que esse *poder* o fará agir da maneira mais correta.[3:155]

O *poder* não pertence a ninguém. Alguns de nós podem juntá-lo e depois ele pode ser dado diretamente a outra pessoa. A chave para o *poder armazenado* é que ele só pode ser utilizado para ajudar outra pessoa a armazenar *poder*.[3:159]

Tudo o que o homem faz depende de seu *poder pessoal*. Portanto, para aqueles que não têm nenhum, os feitos de um homem poderoso são incríveis. É preciso *poder* para apenas conceber o que é o *poder*.[3:159]

Só há um meio de aprender... e este é fazendo as coisas. Só falar do *poder* não adianta. Se você quer saber o que é o *poder*, e se quer armazená-lo, tem de tratar de tudo você mesmo. O caminho para o *conhecimento* e o *poder* é muito difícil e muito longo.[3:169]

O *poder* é uma coisa com que o *guerreiro* lida. A princípio é uma coisa incrível e rebuscada; é difícil até pensar nele. É isto que lhe está acontecendo agora. Depois, o *poder* torna-se um assunto sério; a pessoa pode não o possuir; ou pode até nem perceber plenamente que ele existe e, no entanto, sabe que há algo ali, algo que antes não era observado. Em seguida, o *poder* se manifesta como uma coisa incontrolável que acontece à pessoa. Não me é possível dizer como acontece nem o que é, realmente. Não é nada e, contudo, faz com

que apareçam maravilhas diante de seus olhos. E, por fim, o *poder* é uma coisa na gente, uma coisa que controla os atos da gente e, contudo, obedece a nosso comando.[3:102]

O *poder* tem a peculiaridade de passar despercebido quando está sendo armazenado.[3:170]

Um *guerreiro* age como se soubesse o que está fazendo, quando, na verdade, não sabe nada.[3:161]

Confie em seu *poder pessoal*. É isso tudo o que temos neste mundo misterioso.[3:161]

A fim de possuir o *poder* é preciso conviver com ele.[3:132]

Um *guerreiro* é *impecável* quando confia em seu *poder pessoal*, sem considerar que ele seja pequeno ou grande.[3:162]

Para seguir a *trilha do conhecimento* é preciso ser muito imaginativo. Na *trilha do conhecimento*, nada é tão claro como gostaríamos que fosse.[7:26]

Nós somos criaturas de pensamento. Procuramos os esclarecimentos. [4:14]

Acumulando o *poder pessoal* [chega-se à *explicação dos feiticeiros*]. O *poder pessoal* o levará com toda a facilidade. A *explicação* não é o que você chamaria de explicação; não obstante, torna o mundo e seus mistérios, se não claros, pelo menos não assombrosos. Esta é a essência de uma *explicação*.[4:14]

7.5 A ENERGIA SEXUAL

A *consciência* se desenvolve desde o momento da concepção. Sempre afirmei que a *energia sexual* é algo de extrema importância, e que deve ser controlada.[7:64]

A única energia real que possuímos é a *energia sexual*, que confere vida. Esse *conhecimento* torna [os *guerreiros*] conscientes de sua responsabilidade.

Se os *guerreiros* desejam ter energia suficiente para *ver*, devem tornar-se ávaros com sua *energia sexual*.[7:67]

Fazer sexo é uma questão de energia.[7:65] O sexo é uma doação do *brilho da consciência*.[7:65]

Nossa *energia sexual* é o que governa *sonhar*. Você ou faz amor com sua *energia sexual* ou *sonha* com ela. Não há outra maneira. Esta é a regra para os *sonhadores*. Os *espreitadores* são o oposto.[8:53]

> A *Águia* ordena que a *energia sexual* seja usada para que haja vida. Através da *energia sexual*, a *Águia* confere *consciência*. Assim, quando seres conscientes estão engajados em relações sexuais, as *emanações* dentro de seus casulos fazem o possível para conferir *consciência* ao novo ser que estão criando.[7:66]

Durante o ato sexual, as *emanações* contidas dentro do casulo dos dois parceiros passam por uma profunda agitação, cujo ponto culminante é uma junção, uma fusão de duas partes do *brilho da consciência*, uma de cada parceiro, que se separam de seus casulos.[7:66]

> A relação sexual é sempre uma doação de *consciência*, mesmo quando a doação termine não sendo consolidada. As *emanações* do interior do casulo dos seres humanos não conhecem o sexo por prazer.[7:66]

Um erro do homem é agir com total desrespeito pelo mistério da existência, e acreditar que um ato tão sublime quanto conferir vida e *consciência* é meramente um impulso físico que a pessoa pode manipular à vontade.[7:66]

> O equilíbrio mental nada mais é que a fixação do *ponto de aglutinação* num lugar ao qual estamos acostumados. Se os *sonhos* fazem esse ponto mover-se e *sonhar* é usado para controlar esse movimento natural, e *energia sexual* é necessária para *sonhar*, o resultado é às vezes desastroso quando a *energia sexual* é dissipada em sexo em vez de *sonhar*. Então os *sonhadores* movem seus *pontos de aglutinação* erraticamente, porque sua *energia sexual* não está equilibrada.[8:53]

> Não há nada de errado com a sensualidade do homem. É a ignorância do homem e o desrespeito por sua natureza mágica que estão errados. É um engano desperdiçar à-toa a força do sexo que confere vida e não ter filhos, mas também é um engano não saber que, tendo filhos, a pessoa compromete o *brilho da consciência*.[7:67]

> [Os *videntes*] *vêem* que, ao terem um filho, o *brilho da consciência* dos pais diminui e o da criança aumenta. Em alguns pais supersensíveis e frágeis, o *brilho da consciência* quase desaparece. À medida que as crianças aumentam a *consciência*, uma grande mancha preta se desenvolve no casulo luminoso dos pais, no exato lugar do qual o *brilho* foi retirado. Isso ocorre geralmente na seção média do casulo. Às vezes, esses pontos podem mesmo ser vistos sobrepostos no próprio corpo.[7:67]

7.6 A IMPECABILIDADE

> A *impecabilidade* não é nada mais do que o uso apropriado da energia [*poder*]. As minhas afirmações não têm um pingo de moralidade.

Economizei energia, e isso me torna *impecável*. Para compreender isso, você mesmo tem de economizar energia suficiente.[7:26]

Os *guerreiros* elaboram *listas estratégicas*. Anotam tudo o que fazem. Depois decidem quais dessas coisas podem ser mudadas de modo a permitir que poupem parte da energia que dispendem.[7:27]

[Essa] *lista estratégica* cobre apenas padrões de comportamento que não são essenciais à nossa sobrevivência e bem-estar.[7:27]

Uma das principais preocupações dos *guerreiros* é libertar [essa energia] para poder encarar o *desconhecido* com ela. A ação de recanalizar a energia é a *impecabilidade*.[7:27]

7.6.1 O sentido de não se ter tempo

Não importa o que os outros façam ou digam. Você por si tem de ser um *homem impecável*. A luta trava-se bem aqui no peito.[5:178]

É preciso todo o tempo e toda a energia que tivermos para vencer a idiotice dentro de nós. E é isso o que importa. O resto não tem importância. Ser um *guerreiro impecável* lhe dará vigor e juventude e *poder*.[5:178]

As razões dos *guerreiros* são muito simples, mas sua finura é extrema. É uma oportunidade rara para um *guerreiro* ter uma genuína chance de ser *impecável* apesar de seus sentimentos básicos.[8:134]

A *impecablidade,* como afirmei tantas vezes, não é moralidade. Apenas se parece à moralidade. A *impecabilidade* é simplesmente o melhor uso de nosso nível de energia. Claro que exige frugalidade, simplicidade, inocência; e, acima de tudo, exige falta de *auto-reflexão. Tudo* isso a faz soar como um manual de vida monástica, mas não é.[8:218]

Segundo os *feiticeiros*, para comandar o *espírito*, ou seja, comandar o *movimento do ponto de aglutinação*, o indivíduo necessita de energia. A única coisa que armazena energia para nós é nossa *impecabilidade*.[8:219]

Um *guerreiro* não pode ser desamparado. Nem confuso nem assustado, em nenhuma circunstância. Para um *guerreiro* só há tempo para sua *impecabilidade*; tudo o mais esgota seu poder, a *impecabilidade* o renova.[4:174]

A *impecabilidade* é fazer o máximo em tudo que você empreender.[4:174]

A chave para todos esses assuntos de *impecabilidade* é o sentido de não ter tempo. Via de regra, quando você sente e age como um

ser imortal que tem todo o tempo do mundo, você não é *impecável*; nessas ocasiões, você deveria virar-se, olhar em volta e aí compreender que sua impressão de ter tempo é uma idiotice. Não há sobreviventes neste mundo![4:174]

Ver é para homens *impecáveis*. Tempere seu espírito agora, torne-se um *guerreiro*, aprenda a *ver*, e depois saberá que não há limite para os novos mundos, para nossa *visão*.[2:145]

7.7 A IMPORTÂNCIA PRÓPRIA

O mundo que nos cerca é muito misterioso. Não revela seus segredos tão facilmente.[3:36]

Enquanto se achar que é a coisa mais importante do mundo, não pode apreciar realmente o universo em volta de si. É como um cavalo com antolhos, só o que vê é você separado de tudo o mais.[3:36]

O mundo que nos cerca é um mistério. E os homens não são melhores do que as outras coisas.[3:39]

A sensação de *importância* faz a pessoa sentir-se pesada, desajeitada e vaidosa. Para ser um *homem de conhecimento*, ela tem de ser leve e fluida.[2:13]

A *importância própria* é outra coisa que tem de ser abandonada, assim como a *história pessoal*.[3:36]

7.8 O PROBLEMA DA VAIDADE

Os *videntes*, *antigos* e *novos*, são divididos em duas categorias. A primeira é composta por aqueles que se dispõem a exercitar o *autocontrole* e são capazes de canalizar suas atividades para metas pragmáticas, que iriam beneficiar outros *videntes* e o homem em geral. A outra categoria é formada pelos que não se interessam pelo *autocontrole* ou qualquer meta pragmática. É consenso entre os *videntes* que os últimos não conseguiram resolver o problema da *vaidade*.[7:25-26]

A *vaidade* não é algo simples e ingênuo. De um lado, é o núcleo de tudo que é bom em nós e, por outro, o núcleo de tudo que não presta. Livrar-se da *vaidade* que não presta requer prodígios de estratégia. Através dos tempos, os *videntes* renderam homenagens àqueles que conseguiram.[7:24]

[Disfarçando-se no meio dos quatro inimigos naturais: *medo*, *clareza*, *poder* e *velhice*] a *vaidade* é o nosso maior inimigo, pense sobre isso... o que nos enfraquece é nos *sentirmos* ofendidos pelos feitos e desfeitas de nossos semelhantes. Nossa *vaidade* faz com que passemos a maior parte de nossas vidas ofendidos por alguém.[7:24]

Os *novos videntes* recomendam que todo esforço deve ser feito para erradicar a *vaidade* da vida dos *guerreiros*.[7:24]

A *vaidade* não pode ser combatida com delicadeza.[7:25]

Os *guerreiros* combatem a *vaidade* por uma questão de estratégia, e não de princípio.[7:26]

7.9 O *NÃO FAZER*

Vou lhe dizer uma coisa que é muito simples, mas muito difícil de *fazer*; vou falar-lhe sobre *não fazer*, a despeito do fato de não haver meio de falar sobre isso, pois é o corpo que o *faz*.[3:178]

Não fazer é tão difícil e tão possante que você nem deve mencioná-lo. Só pode *fazê*-lo quando tiver *parado o mundo* [da *primeira atenção*]; só então é que você pode falar a respeito livremente, se é isso que você quer.[3:178]

Aquela pedra ali é uma pedra por causa de *fazer. Faze*r é o que torna aquela pedra uma pedra e um arbusto um arbusto. *Fazer* é o que torna você e eu eu.[3:178]

Tome aquela pedra, por exemplo. Olhar para ela é *fazer*, mas *vê*-la é *não fazer*. Aquela pedra é uma pedra por causa de todas as coisas que você sabe fazer em relação a ela. Chamo isso de *fazer*. Um *homem de conhecimento*, por exemplo, sabe que aquela pedra só é uma pedra por causa de *fazer*, de modo que, se não quiser que a pedra seja uma pedra, basta ele *não fazer*.[3:179]

O mundo é o mundo porque você conhece o *fazer* necessário para torná-lo o mundo. Se você não soubesse o seu *fazer*, o mundo seria diferente.[3:179]

Um *guerreiro* sempre tenta mudar a força de *fazer* transformando-a em *não fazer*.[3:180]

É aqui que o *guerreiro* leva vantagem sobre o homem comum. O homem comum se importa em saber se as coisas são verdadeiras ou falsas, mas um *guerreiro* não. Um homem comum procede de maneira específica com as coisas que ele sabe serem verdade e de maneira diversa com o que sabe não ser verdade. Se se supõe que as coisas são verdadeiras, ele age e acredita no que faz. Mas se as coisas são supostamente falsas, ele não quer agir, ou não crê no que faz. Um *guerreiro*, ao contrário, age em ambos os casos. Se se supõe que as coisas são verdadeiras, ele age a fim de estar *fazendo*. Se se supõe que as coisas são falsas, ele ainda assim age, a fim de *não fazer*. Entende o que digo?[3:181]

Não fazer é muito simples, mas muito difícil. Não é questão de entender, mas de dominar a coisa. *Ver*, naturalmente, é a realização

final de um *homem de conhecimento*, e *ver* só é conseguido quando a pessoa *parou o mundo* [conhecido] pela técnica de *não fazer*.[3:183]

Tudo isso é assunto da luta de um *guerreiro*; e você continuará a lutar, se não sob seu próprio *poder*, então talvez, sob o impacto de um *adversário valoroso*, ou com o auxílio de alguns *aliados*, como o que já o está seguindo.[3:187]

Tudo o que lhe ensinei até agora foi um aspecto de *não fazer*. Um *guerreiro* aplica *não fazer* a tudo no mundo e, no entanto, não lhe posso dizer mais a respeito do que já lhe falei. Deve deixar que seu próprio corpo descubra o *poder* e a sensação de *não fazer*.[3:187]

Quando cada um de nós nasce, traz consigo um *circulozinho de poder*. Esse pequeno *circulo* é posto em uso quase que imediatamente. Assim, cada um de nós já está preso desde que nasce e os nossos *círculos de poder* são ligados aos de todos os outros. Em outras palavras, os nossos *círculos de poder* são ligados ao *fazer* do mundo a fim de formar o mundo.[3:198]

Por exemplo, nossos *círculos de poder*, o seu e o meu, estão ligados neste momento ao *fazer* este [livro]. Estamos formando este [livro]. Nossos *círculos de poder* estão girando e formando este [livro] neste momento mesmo.[3:198] [O livro que estamos olhando é conservado assim por causa da força do nosso *círculo de poder*.][3:198]

Entenda, cada um de nós conhece o *fazer* de [livros] porque, de uma maneira ou de outra, já passamos grande parte de nossas vidas [com eles]. Um *homem de conhecimento*, por outro lado, desenvolve outro *círculo de poder*. Eu o chamaria o *círculo de não fazer*, pois é ligado a *não fazer*. Com esse círculo, portanto, ele pode fazer girar outro mundo.[3:198]

O problema com você é que ainda não desenvolveu seu *círculo de poder* extra e seu corpo não conhece o *não fazer*.[3:198]

Nós todos fomos ensinados a concordar sobre *fazer*. Você não tem idéia do *poder* que essa concordância acarreta. Mas, felizmente, *não fazer* é igualmente milagroso e poderoso.[3:199]

Seu mundo é [este]. Você é um homem [deste] mundo. E [aqui], neste mundo, é o lugar de você *caçar*. Não há meio de se escapar do *fazer* de nosso mundo, pois o que um *guerreiro* faz é transformar seu mundo em seu terreno de *caçada*. Como *caçador*, um *guerreiro* sabe que o mundo foi feito para ser usado. Portanto, usa cada pedacinho dele. Um *guerreiro* é como um pirata que não tem dúvidas em pegar e usar o que quiser, só que o *guerreiro* não se importa, nem se sente insultado, quando é utilizado e apanhado ele mesmo.[3:200]

CAPÍTULO 8

A ARTE DO CAÇADOR

Sou um *caçador*. Deixo muito pouco ao acaso. Talvez eu deva explicar-lhe que aprendi a ser *caçador*. Nem sempre vivi do jeito que vivo hoje. Num ponto de minha vida, tive de mudar. Agora estou-lhe apontando a direção. Estou guiando você. Sei do que estou falando; uma pessoa ensinou-me tudo isso. Não descobri tudo sozinho.[3:66]

Creio que antigamente caçar era um dos atos mais notáveis que o homem podia praticar. Todos os caçadores foram homens poderosos. De fato, o caçador tinha de ser poderoso de saída para poder suportar os rigores daquela vida.[3:66]

Em certa época, todo mundo sabia que o caçador era o melhor dos homens. Hoje, nem todos sabem disso, mas há bastante gente que sabe. Eu o sei, e um dia você o saberá.[3:66]

Ser *caçador* quer dizer que a pessoa sabe muita coisa. Significa que a pessoa vê o mundo de diversas maneiras. Para se ser *caçador*, é preciso estar em equilíbrio perfeito com tudo o mais, senão a *caça* se tornaria uma tarefa sem significado.[3:64]

Não precisa se interessar pela *caçada*, nem gostar dela. Creio que os melhores *caçadores* não gostam mesmo de *caçar*; *caçam* bem, só isso.[3:65]

Os *caçadores* devem ser indivíduos bem ajustados. Um *caçador* deixa muito pouca coisa ao acaso. [Você] deve aprender a viver de maneira diferente.[3:65]

8.1 Ser inacessível

Eis [aqui] o segredo dos grandes *caçadores*. Mostrar-se e esquivar-se no momento exato.[3:74]

Você deve aprender a tornar-se propositadamente *disponível* e *não disponível*.[3:74]

Não faz diferença esconder-se, se todos sabem que você se está escondendo. Seus problemas [de compreensão] vêm daí. Quando você se está escondendo, todos sabem que se está escondendo, e quando você não está, está *disponível* para todo mundo marretá-lo.[3:74]

Você deve levar-se embora. Deve retomar-se do meio de um caminho movimentado. Todo o seu ser está lá, de modo que não adianta você se esconder; só imaginaria que está escondido. Estar no meio do caminho significa que todo mundo que passa assiste a suas idas e vindas.[3:75]

Ser *inacessível* é a finalidade. A arte do *caçador* é tonar-se *inacessível*.

Ser *inacessível* significa que você toca o mundo que o cerca moderadamente. Não come cinco [porções de comida]; come uma. Não danifica as plantas só para fazer uma churrasqueira. Não se expõe ao vento, a não ser que seja imprescindível. Não utiliza e espreme as pessoas até elas mirrarem e sumirem, especialmente aquelas que você ama.[3:77]

Não estar disponível significa que você propositadamente evita esgotar-se a si e aos outros. Significa que você não está faminto nem desesperado, como o pobre filho da mãe que acha que nunca mais vai comer na vida e então devora toda a comida que pode.[3:77]

Um *caçador* sabe que atrairá a *caça* várias vezes para sua armadilha, de modo que não se preocupa. Preocupar-se é tornar-se *acessível*, *acessível* sem o saber. E depois que você se preocupa, agarra-se a qualquer coisa, em desespero; e uma vez que você se agarra, é provável que se esgote ou esgote a quem ou que você estiver agarrando.[3:78]

Ser *inacessível* não significa esconder-se, nem ser misterioso. Não significa tampouco que você não possa lidar com as pessoas. Um *caçador* usa seu mundo com parcimônia e ternura, sem considerar se o mundo é de coisas, plantas, animais, pessoas ou *poder*. Um *caçador* trata intimamente com seu mundo e, no entanto, é *inacessível* a esse mesmo mundo.

Ele está *inacessível* porque não está espremendo o mundo até este perder a forma. Ele o toca de leve, fica o tempo que precisa, e depois passa adiante rapidamente, quase sem deixar marca.[3:78]

8.2 As rotina da vida

Agora já sabe muita coisa sobre a *caça*. Será fácil para você compreender que um bom *caçador* sabe de uma coisa acima de todas as outras... conhece a *rotina* de sua presa. É isso que o torna um bom *caçador*.[3:82]

Ser um *caçador* não é apenas apanhar a *caça* na armadilha. Um *caçador* digno desse nome não apanha a *caça* porque prepara armadilhas, ou porque conhece a *rotina* de sua presa, e sim porque ele

mesmo não tem *rotina*. É esta a vantagem que ele leva. Não é em absoluto como os animais que persegue, fixado por *rotinas* pesadas e esquisitices fixas; é livre, fluido, imprevisível.[3:82]

A fim de ser um *caçador*, você tem de romper as *rotinas* de sua vida.

Estou falando de *caça*. Portanto, refiro-me às coisas que os animais fazem; os lugares onde comem; o lugar, o modo e o tempo que dormem; onde fazem seus ninhos; como caminham. São essas *rotinas* que lhe estou indicando, para você poder tomar ciência delas no seu próprio ser.[3:82]

Nós todos nos comportamos como a presa que perseguimos. Isso, naturalmente, nos torna presa para alguma outra coisa ou alguém. Ora, o cuidado do *caçador*, que sabe de tudo isso, é deixar de ser uma presa ele mesmo. Entenda o que quero dizer.[3:83]

8.3 A última batalha

Não basta saber construir e preparar armadilhas. Um *caçador* deve viver como *caçador* a fim de aproveitar ao máximo sua vida. Infelizmente, as modificações são difíceis e acontecem muito devagar; às vezes, leva anos para o homem convencer-se da necessidade de mudar.[3:86]

Um bom *caçador* muda sua maneira de ser tantas vezes quantas são necessárias.

Um *caçador* deve não só conhecer os hábitos de sua presa, como também saber que há forças neste mundo que dirigem os homens e os animais e tudo o que é vivo. [São] as forças que dirigem nossas vidas e nossas *mortes*.[3:87]

Os atos têm *poder*. Especialmente quando a pessoa que age sabe que aqueles atos são sua *última batalha*. Há uma estranha felicidade em se agir com o pleno conhecimento de que o que quer que se esteja fazendo pode bem ser o último ato sobre a terra. Recomendo que você reconsidere sua vida e veja seus atos sob essa luz.[3:90]

Você não tem tempo, meu amigo. É essa a desgraça dos seres humanos. Nenhum de nós tem tempo suficiente, e sua *continuidade* não tem significado neste mundo assombroso e misterioso.

Sua *continuidade* só o torna tímido. Seus atos não podem ter o discernimento, o *poder*, a força compulsiva que têm os atos de um homem que sabe que está travando sua *última batalha* na terra. Em outras palavras, sua *continuidade* não o torna feliz nem poderoso.[3:90-91]

Nossa *morte* está esperando e este mesmo ato que praticamos agora pode bem ser nossa *última batalha* na terra. Eu a chamo *batalha* porque é um conflito. A maioria das pessoas passa de um ato a outro sem qualquer conflito nem pensamento. Um *caçador*, ao contrário, avalia cada ato; e como tem um conhecimento íntimo de sua *morte*, procede sabiamente, como se cada ato fosse sua *última batalha*. Só um tolo deixaria de perceber a vantagem que um *caçador* leva sobre seus semelhantes. Um *caçador* dá à sua *última batalha* o devido respeito. É mais que natural que seu último ato na Terra seja o que há de melhor nele. É agradável, assim. Amortece seu medo.[3:92]

As forças que dirigem os homens são imprevisíveis, assombrosas; e, no entanto, o esplendor delas é uma coisa de se *ver*.[392]

Um *caçador* de poder vigia tudo. E tudo lhe conta algum segredo.[3:132]

Quando um homem toma os *caminhos da feitiçaria*, torna-se consciente, aos poucos, de que a vida comum ficou para trás para sempre; que o *conhecimento* é na verdade uma coisa assustadora; que os meios do mundo comum não são mais um escudo para ele; e que tem de adotar um novo modo de vida, para sobreviver. A primeira coisa que ele deve fazer, nesse ponto, é desejar tornar-se um *guerreiro*, um passo e decisão muito importantes. A natureza assustadora do *conhecimento* não nos deixa nenhuma alternativa senão tornar-nos um *guerreiro*.

Quando o *conhecimento* se torna uma coisa assustadora, o homem também compreende que a *morte* é a companheira insubstituível, que se senta ao lado dele na esteira. Cada pouquinho de *conhecimento* que se torna *poder* tem a *morte* como sua força central. A *morte* dá o último toque, e o que for tocado pela morte torna-se realmente *poder*.[2:142]

A *morte* é nossa eterna companheira. Está sempre à nossa esquerda, à distância de um braço. Ela sempre o *espreitou*. Sempre o fará, até o dia em que o tocar.[3:46]

Como é que alguém pode sentir-se tão importante quando sabe que a *morte* está no seu encalço?

O que se deve fazer quando se é impaciente é virar-se para a esquerda e pedir conselhos à sua *morte*. Você perderá uma quantidade enorme de mesquinhez se sua *morte* lhe fizer um gesto, ou se a vir de relance, ou se, ao menos tiver a *sensação* de que sua companheira está ali, vigiando-o.[3:46-47]

A *morte* é a única conselheira sábia que possuímos. Toda vez que *sentir*, como sente sempre, que está tudo errado e você está prestes a ser aniquilado, vire-se para sua *morte* e pergunte se é verdade. Ela lhe dirá que você está errado; que nada importa realmente, além do toque dela. Sua *morte* lhe dirá: *Ainda não o toquei*.[3:47]

[Você] sempre se sente forçado a explicar seus atos, como se fosse o único homem no mundo a errar. É seu sentimento de *importância*. Você tem isso em alto grau; também possui *história pessoal* demais. Por outro lado, não assume a *responsabilidade* de seus atos; não está usando sua *morte* como conselheira e, acima de tudo, é *acessível* demais.[3:88]

A gente deve assumir a *responsabilidade* por estar num mundo fantástico. Para você, o mundo é fantástico porque, se não está caceteado com ele, está com raiva dele. Para mim o mundo é fantástico porque é estupendo, assombroso, misterioso, insondável; meu interesse tem sido convencê-lo de que você deve assumir a *responsabilidade* de estar aqui, nesse mundo maravilhoso, neste [lugar] maravilhoso, nessa época maravilhosa. Queria convencê-lo de que deve fazer todos os atos contarem, já que só vai ficar aqui pouco tempo; na verdade, tempo de menos para presenciar todas as suas maravilhas.[3:88]

O que recomendo que você faça é notar que não temos nenhuma garantia de que nossas vidas continuem indefinidamente. A mudança vem de repente e inesperadamente, [assim] como a *morte*. O que pensa que podemos fazer a respeito?! [Viver o mais felizes possível.][3:90]

Há pessoas que têm muito cuidado com a natureza de seus atos. Sua felicidade é agir com plena consciência de que não tem tempo; portanto, seus atos têm um *poder* especial; tem um sentido de...[3:90]

Pense em sua *morte* agora. Ela está a um braço de distância. Pode tocá-lo a qualquer momento, de modo que você não tem realmente tempo para pensamentos nem estados de espírito bestas. Nenhum de nós tem tempo para isso.[3:51]

Quando um homem resolve fazer alguma coisa, tem de ir até o fim. Mas ele tem de assumir a *responsabilidade* daquilo que faz. Não importa o que fizer; primeiro, ele tem de saber por que faz, e depois tem de prosseguir com seus atos sem ter dúvidas ou remorsos a respeito.[3:52]

Num mundo em que a *morte* é a caçadora, meu amigo, não há tempo para remorsos ou dúvidas. Só há tempo para decisões.[3:52]

Assumir a *responsabilidade* de nossas decisões significa que estamos prontos a morrer por elas.[3:55]

Não importa qual seja a decisão. Nada poderia ser mais ou menos sério do que qualquer outra coisa. Não vê? Num mundo em que a *morte* é a *caçadora*, não há decisões pequenas ou grandes. Só há decisões que tomamos diante de nossa *morte* inevitável.[3:55]

8.5 A FORÇA DE UM GUERREIRO

O *caminho do conhecimento* é um caminho forçado. A fim de aprender, temos de ser empurrados. No *caminho do conhecimento*, estamos sempre lutando contra alguma coisa, evitando alguma coisa, preparados para alguma coisa; e essa coisa é sempre inexplicável, maior, mais poderosa do que nós. As forças inexplicáveis lhe chegarão.

O mundo está realmente cheio de coisas assustadoras e nós somos criaturas indefesas, rodeadas por forças que são inexplicáveis e inflexíveis. O homem comum, por ignorância, acredita que essas forças podem ser explicadas ou modificadas; não sabe como realmente fazer isso, mas espera que os atos da humanidade as expliquem ou modifiquem mais cedo ou mais tarde. O *feiticeiro*, ao contrário, não pensa em explicá-las ou modificá-las; ele aprende a utilizar essas *forças*, se redirigindo e adaptando ao curso delas. É esse o truque deles. Há muito pouco mistério na *feitiçaria*, uma vez que você descubra o truque. Um *feiticeiro* está só um pouco melhor do que o homem comum. A *feitiçaria* não o ajuda a viver uma vida melhor; de fato, eu diria que a *feitiçaria* o atrapalha; torna a vida dele complicada e precária. Abrindo-se para o *conhecimento*, o *feiticeiro* torna-se mais vulnerável do que o homem comum. Por um lado, seus semelhantes o detestam e temem e procurarão extinguir sua vida; por outro, as *forças* inexplicáveis e inflexíveis que cercam a cada um de nós são, para um *feiticeiro*, uma fonte de perigo maior ainda. Ser furado por um semelhante é realmente doloroso, mas nada que se compare a ser tocado por um *aliado*. Um *feiticeiro*, expondo-se ao *conhecimento*, fica à mercê dessas forças e só tem um meio de se equilibrar, a sua *vontade*; assim, tem de *sentir* e agir como um *guerreiro*. Só como *guerreiro* é que a pessoa pode sobreviver no *caminho do conhecimento*. O que ajuda um *feiticeiro* a viver uma vida melhor é a força de ser um *guerreiro*.[2:199]

Tenho compromisso de lhe ensinar a *ver*. Não porque eu pessoalmente queira fazê-lo, mas porque você foi escolhido; você me foi apontado. Contudo, sou levado, por meu desejo pessoal, a ensinar-lhe a *sentir* e agir como um *guerreiro*. Pessoalmente, acredito que ser um *guerreiro* é mais próprio do que qualquer outra coisa. Por isso, procuro mostrar-lhe essas *forças* como um *feiticeiro* as percebe, pois somente sob seu impacto aterrador é que a pessoa pode tornar-se um *guerreiro*. *Ver* sem ser primeiro um *guerreiro* o tornaria fraco; isso lhe daria uma falsa humildade, um desejo de recuar; seu corpo degeneraria porque você se tornaria indiferente. É meu compromisso pessoal torná-lo um *guerreiro*, para você não desmoronar.[2:200]

Um *guerreiro* só deve estar preparado para combater [não para morrer].[2:200]

O *espírito do guerreiro* não é dado a caprichos nem reclamações, nem a vencer ou perder. O *espírito do guerreiro* só é dado à luta, e cada embate é a *última batalha* de um *guerreiro* sobre a face da Terra. Assim, o resultado lhe importa muito pouco. Em sua *última batalha* na Terra, o *guerreiro* deixa seu espírito correr, livre e claro. E enquanto trava sua batalha, sabendo que sua *vontade* é *impecável*, o *guerreiro* ri-se à grande.[2:200]

Deve compreender que um *guerreiro* não é um tolo. Um *guerreiro* é um *caçador* imaculado que *caça* o *poder*; não é bêbado nem doido, e não tem tempo nem vontade de fingir, mentir a si mesmo ou dar um passo errado. O jogo é muito caro para isso. Está arriscando sua própria vida ordenada, que ele levou tanto tempo para ajustar e aperfeiçoar. Não vai jogar tudo isso fora por cometer um engano de cálculo tolo, tomando uma coisa por outra.[3:97]

Conforme já lhe disse, um *guerreiro* é um *caçador impecável* que *caça* o *poder*. Se ele tiver êxito em sua *caçada*, pode tornar-se um *homem de conhecimento*. Qualquer *guerreiro* pode tornar-se um *homem de conhecimento*.[3:110]

CAPÍTULO 9

A ARTE DO GUERREIRO

Vou ensinar-lhe a ser um *guerreiro* da mesma maneira que lhe ensinei a *caçar*. Mas devo avisar-lhe de que aprender a *caçar* não fez de você um *caçador*, nem aprender a ser *guerreiro* o transformará em *guerreiro*.[3:96]

O meio mais eficaz de se viver é como *guerreiro*. Preocupe-se e pense antes de tomar qualquer decisão, porém, uma vez tomada, siga seu caminho, livre de preocupações e pensamentos; haverá mil outras decisões ainda à sua espera. É assim a maneira do *guerreiro*.[2:49]

Agora, chegou o momento de tornar-se acessível ao *poder*, e você vai começar lidando com *sonhar*.[3:97]

Um *caçador* não se preocupa com a manipulação do *poder* e, portanto, seus sonhos são apenas sonhos. Podem ser pungentes, porém não são *sonhar*.

Um *guerreiro*, por outro lado, procura o *poder* e um dos caminhos para o *poder* é *sonhar*. Pode-se dizer que a diferença entre um *caçador* e um *guerreiro* é que este está a caminho do *poder*, enquanto aquele não sabe nada, ou muito pouco, a respeito do *poder*.

Não cabe a nós resolver quem pode ser um *guerreiro*, e quem só pode ser *caçador*. Essa decisão é do *reino dos poderes* que dirigem os homens.[3:97]

Torne-se acessível ao *pode*r; trate dos seus *sonhos*. Você os chama de sonhos porque não tem *poder*. Um *guerreiro*, sendo um homem que busca o *poder*, não os chama de sonhos, mas sim realidade.

Sonhar é real para um *guerreiro* porque nisso ele pode agir deliberadamente, pode escolher ou recusar, pode escolher dentro de uma variedade de *itens* aqueles que conduzem ao *poder* e depois pode manipulá-los e utilizá-los, enquanto que, num sonho comum, ele não pode agir deliberadamente.[3:98]

Se você quiser comparar as coisas, posso dizer que [*sonhar* é] mais real. No *sonhar* você tem *poder*; pode modificar as coisas; pode descobrir uma infinidade de fatos ocultos; pode controlar o que quiser.[3:98]

Sonhar também se realiza. Bem como *caçar*, caminhar, rir.[3:98]

9.1 A disposição de guerreiro

[Você é] um homem. E, como todo homem [você] merece tudo o que é destinado ao homem – alegria, dor, tristeza e luta. A natureza dos atos da pessoa não tem importância, enquanto ela agir como *guerreiro*.[3:112]

Se realmente acha que seu espírito está desviado, [você] simplesmente terá de endireitá-lo, purgá-lo, fazê-lo perfeito, pois não há nenhum outro trabalho em todas as nossas vidas que valha mais a pena. Não endireitar o espírito é procurar a *morte*, e isso é o mesmo que não procurar nada, desde que a *morte* nos alcançará, não importa o que acontecer.[3:112]

Procurar a perfeição do *espírito do guerreiro* é o único empreendimento digno de nossa virilidade.[3:112]

A coisa mais difícil deste mundo é adquirir a disposição de um *guerreiro*. Não adianta ficar triste, queixar-se e achar justificativa para isso [ou aquilo], acreditando que alguém está sempre nos fazendo alguma coisa. Ninguém faz nada a ninguém, muito menos a um *guerreiro*.[3:113]

A autocomiseração não condiz com o *poder*. A disposição de um *guerreiro* exige *controle* sobre si e, ao mesmo tempo, exige que ele se entregue.[3:114]

Você pode forçar-se além de seus limites, se estiver com disposição para isso. Um *guerreiro* faz a sua própria *disposição*.[3:121]

Precisamos da *disposição de guerreiro* para todos os atos. Senão, ficamos fracos e feios. Não existe *poder* numa vida que não tenha essa *disposição*.[3:121]

Um *guerreiro* é um *caçador*. Calcula tudo. Isso é *controle*. Mas, uma vez terminados seus cálculos, ele age. Entrega-se. Isso é abandono. Um *guerreiro* não é uma folha à mercê do vento. Ninguém pode empurrá-lo; ninguém pode obrigá-lo a fazer coisas contra si ou contra o que ele acha certo. Um *guerreiro* é preparado para sobreviver e ele sobrevive da melhor maneira possível.[3:121]

Um *guerreiro* pode ser ferido, mas não ofendido. Para um *guerreiro*, não há nada ofensivo nos atos de seus semelhantes, enquanto ele estiver agindo dentro da *disposição* correta.[3:121]

Conseguir a *disposição de um guerreiro* não é coisa fácil. É uma revolução. Considerar [os animais] e nossos semelhantes como iguais é um ato magnífico do *espírito do guerreiro*. É preciso *poder* para fazer isso.[3:122]

Todo mundo que quer seguir os passos de *guerreiro*, o caminho do *feiticeiro*, tem de se livrar de sua *fixação*.[6:23]

9.2 Experiência das experiências

A recomendação para os *guerreiros* é não ter nenhuma coisa material na qual focalizar seu *poder*, mas focalizá-lo no *espírito*, no verdadeiro vôo ao *desconhecido*, e não em campos triviais.[3:23]

É seu dever tranqüilizar sua mente. Os *guerreiros* não conquistaram suas vitórias batendo com a cabeça de encontro aos muros e sim conquistando os muros. Os *guerreiros* saltam por cima dos muros; não os destroem.[4:52]

Existem três tipos de maus hábitos que usamos repetidamente quando nos defrontamos com situações desconhecidas na vida. Primeiro, podemos não levar em consideração o que está acontecendo ou já aconteceu, e *sentir* que nunca aconteceu. Isso é o método do fanático. Segundo, podemos aceitar tudo pelas aparências e *sentir* que sabemos o que está se passando. Esse é o método do devoto. Terceiro, podemos ficar presos a um fato porque não conseguimos desprezá-lo, nem conseguimos aceitá-lo totalmente. Esse é o método do tolo.

Existe um quarto, o correto, o *método do guerreiro*. Um *guerreiro* não age como se nada tivesse acontecido, jamais, porque não acredita em nada e no entanto aceita tudo pelas aparências. Aceita sem aceitar e despreza sem desprezar. Nunca acha que sabe, nem sente que nada aconteceu. Age como se estivesse controlado, mesmo que esteja tremendo por dentro. Agir desse modo desfaz a obsessão.[4:52]

Você deve cultivar a idéia de que um *guerreiro* não precisa de nada. Você tem tudo o que é preciso para a *viagem* extravagante que é a sua vida. A verdadeira experiência é ser um homem e o que conta é estar vivo; a vida é um desviozinho que estamos seguindo agora. A vida em si é suficiente, auto-explicativa e completa. Um *guerreiro* compreende isso e vive de acordo; portanto, pode-se dizer, sem presunção, que a experiência das experiências é ser um *guerreiro*.[4:53]

[Não] é questão de escolha pessoal saber quem é escolhido para aprender o *conhecimento* do *feiticeiro*, que leva [ao domínio da] *consciência*. Você já se perguntou, por que você, em especial?

Eu não estou dizendo que você deva perguntar isso como coisa que exije resposta, e sim no sentido de o *guerreiro* meditar sobre a sua grande boa sorte, a sorte de ter encontrado um desafio. Fazer disso uma pergunta comum é coisa de um homem presunçoso, que deseja ser ou admirado ou deplorado. Não me interessa tal tipo de pergunta, pois não há meio de responder a ela. A

resolução de escolher você foi um *desígnio do poder*; ninguém pode distinguir os *desígnios do poder*. Agora que você foi escolhido, não há nada que possa fazer para deter a realização desse *desígnio*.[4:252]

9.2.1 Uma luta interminável

[A gente sempre pode fracassar] é verdade. Mas creio que você se refere a outra coisa. Você quer encontrar uma saída. Quer ter a liberdade de fracassar e desistir nos seus próprios termos. É tarde para isso. Um *guerreiro* está nas mãos do *poder* e sua única liberdade é escolher uma vida *impecável*. Não há meio de forjar um triunfo ou uma derrota. Sua *razão* pode querer que você fracasse completamente, a fim de apagar a totalidade de seu ser. Mas existe uma contramedida que não permitirá que você declare uma vitória ou derrota falsa. Se você acha que pode fugir para o abrigo do fracasso, está maluco. O seu corpo montará guarda e não o deixará seguir tais caminhos.[4:55]

Você está numa situação terrível. É tarde para recuar, mas é cedo para agir. Só o que pode fazer é presenciar. Está na situação triste de uma criança que não pode voltar para o ventre da mãe, e nem pode andar e agir. O bebê só pode é presenciar e escutar as tremendas histórias de ação que lhe contam. Você está agora exatamente nesse ponto. Não pode voltar para o ventre do seu velho mundo, mas também não pode agir com *poder*. Para você, só existe presenciar atos de *poder* e escutar histórias, *contos de poder*.[4:56]

O *sósia* [o *corpo sonhador*, o *corpo energético*] é um desses *contos*. Você sabe disso, e é por isso que sua *razão* está tão impressionada com isso. Estará batendo a cabeça contra uma parede se fingir que entende. Só o que posso dizer sobre isso, como explicação, é que o *sósia*, embora seja atingido por meio do *sonho*, é bem real.[4:56]

Não há sentido hipotético quando falamos do mundo dos *homens de conhecimento*. Um *homem de conhecimento* não pode agir para com seus semelhantes em termos injuriosos, hipoteticamente ou não.[4:57]

Ninguém pode tramar contra a segurança e bem-estar de um *homem de conhecimento*. Ele *vê*, de modo que tomaria providências para evitar qualquer coisa nesse gênero. Um *homem de conhecimento* [entretanto,] tem o controle sem nada controlar.[4:57]

Um *guerreiro* está sempre preparado. Ser *guerreiro* não é apenas querer sê-lo. É, antes, uma luta interminável que continua até ao último momento de nossas vidas. Ninguém nasce *guerreiro*, assim como ninguém nasce um ser racional. Nós é que nos tornamos um ou outro.[4:58]

9.3 Agir em vez de falar

A *explicação dos feiticeiros*, que não parece ser uma explicação, de todo, é letal. Parece inofensiva e encantadora, mas assim que o *guerreiro* se expõe a ela, dá um golpe que ninguém pode revidar. Portanto, prepare-se para o pior, mas não se apresse nem entre em pânico. Você não tem tempo, e no entanto está cercado pela eternidade. Que paradoxo para a sua *razão*![4:206]

O *conhecimento* e o *poder*. Os *homens de conhecimento* possuem ambos. No entanto, nenhum deles poderia dizer como os adquirira, a não ser que continuou a agir como *guerreiro* e, num dado momento, tudo se modificou.[4:29]

Eis os defeitos das palavras. Sempre nos obrigam a sentir-nos esclarecidos, mas, quando nos viramos para enfrentar o mundo, elas sempre nos falham e terminamos enfrentando o mundo como sempre o fizemos, sem esclarecimento. Por este motivo, o *feiticeiro* procura agir em vez de falar e para isso ele consegue uma nova descrição em que falar não é assim tão importante, e em que novos atos têm novos reflexos.[4:29]

Depois que o *guerreiro* conquista os *sonhos* e *viu* e cria [seu *corpo sonhador]*, também deve ter conseguido apagar a *história pessoal*, a *auto-importância* e as *rotinas*. Todas técnicas ensinadas, são, em essência, meios de possibilitar ter um *[corpo energético]* no mundo comum, tornando-se o ser e o mundo fluidos, e colocando-os fora dos limites das previsões.[4:47]

Um *guerreiro* fluido não pode mais tornar o mundo cronológico. E, quanto a ele, o mundo e ele não são mais objetos. Ele é um *ser luminoso* existindo num mundo luminoso.[4:49]

Pense assim. O mundo não cede a nós diretamente, a descrição do mundo se interpõe. Assim, a bem dizer, estamos sempre um passo afastados e nossa experiência do mundo é sempre uma recordação da experiência. Estamos constantemente recordando o instante que passou, que aconteceu. Recordamos, recordamos, recordamos.

Se toda a nossa experiência do mundo é a recordação, então não é assim tão absurdo concluir que um *feiticeiro* possa estar em dois lugares ao mesmo tempo. Não é o caso do ponto de vista da *percepção* dele, pois, para experimentar o mundo, o *feiticeiro*, como qualquer outro tem de recordar o ato que acaba de praticar, o acontecimento que acaba de presenciar, a experiência que acaba de viver. Em sua *consciência*, só há uma recordação. Mas para um estranho, olhando para o *feiticeiro*, pode parecer que o *feiticeiro* está representando dois episódios diferentes ao mesmo tempo. O *feiticeiro*, porém, recorda-se de dois instantes únicos e isolados, porque a cola da descrição do tempo não o prende mais.[4:48]

9.4 Escudos protetores

O *guerreiro* escolhe as coisas que fazem seu mundo. Escolhe propositadamente, pois cada coisa que prefere é um *escudo* que o protege dos assaltos das forças que ele está procurando utilizar. Um *guerreiro* usaria seus escudos para se proteger contra seu *aliado*, por exemplo. Um homem comum, que é igualmente cercado daquelas forças inexplicáveis, se esquece delas, porque tem outros tipos de *escudos especiais* para se proteger.[2:201]

[Esses *escudos* são] aquilo que as pessoas fazem. As pessoas estão ocupadas fazendo o que sempre fazem. São esses seus *escudos*. Sempre que um *feiticeiro* tem um encontro com alguma dessas *forças* inexplicáveis e inflexíveis de que falamos, sua *brecha* se abre, deixando-o mais suscetível à sua *morte* do que ele normalmente é; já lhe disse que morremos por aquela *brecha*; portanto, se ela estiver aberta, a gente deve estar com a *vontade* preparada para tapá-la; isto é, se a pessoa for um *guerreiro*. Em caso contrário, como você, então não se tem outro recurso senão utilizar as atividades da vida diária para desviar o espírito do susto do encontro e assim permitir que a *brecha* se feche.

Mas nesse momento de sua vida, não pode mais usar esses *escudos* com tanta eficácia quanto um homem comum. Você já conhece demais a respeito das *forças* e agora está finalmente no limiar de *sentir* e agir como um *guerreiro*. Seus *escudos* não são mais seguros.[2:202]

[O que deve fazer é] agir como um *guerreiro* e escolher as coisas de seu mundo. Você não pode mais se cercar de todo tipo de coisas. Digo-lhe isso muito seriamente. Agora, pela primeira vez, você não está mais seguro em seu antigo modo de vida.[2:202]

Um *guerreiro* encontra aquelas *forças* inexplicáveis e inflexíveis porque ele as está procurando propositadamente, e assim está sempre preparado para o encontro.

Se alguma dessas *forças* o tocar e abrir sua *brecha*, deve tentar propositadamente fechá-la você mesmo. Para isso, precisa ter um certo número de coisas escolhidas que lhe dêem muita paz e prazer, coisas que você possa usar propositadamente para desviar seus pensamentos de seu medo e fechar sua *brecha* e torná-lo sólido.[2:202]

9.4.1 O caminho do coração

Em sua vida diária, o *guerreiro* escolhe seguir o *caminho com o coração*. É a escolha constante do *caminho do coração* que torna o *guerreiro* diferente dos homens comuns. Ele sabe que um caminho tem coração quando é um com ele, quando sente muita paz e prazer percorrendo sua extensão. As coisas que o *guerreiro* escolhe para fazer seus *escudos* são os *itens* do *caminho com coração*.[2:202]

Esta é a sua encruzilhada. Digamos que, antes, você não precisava realmente viver como *guerreiro*. Agora é diferente. Você tem de se cercar das coisas de um *caminho com coração* e deve recusar o resto, senão morrerá no próximo encontro. Posso acrescentar que você não precisa mais pedir um encontro. Agora, um *aliado* pode vir a você durante seu sono; enquanto está conversando com amigos; enquanto está escrevendo.[2:202]

9.4.2 Consciência das modificações

Algo no *guerreiro* sempre tem *consciência* de todas as modificações. É precisamente o objetivo do *guerreiro* incentivar e manter essa *consciência*. O *guerreiro* a limpa, lustra e conserva em funcionamento.[4:62]

É muito importante você reparar. Você repara nas coisas quando acha que deve; a condição de um *guerreiro*, porém, é reparar em tudo sempre.[4:107]

Cuidado! Um *guerreiro* nunca se descuida de suas defesas. Se você continuar assim tão feliz [ou infeliz], vai esgotar o pouco *poder* que lhe resta. Seja você mesmo. Duvide de tudo. Seja desconfiado.

O que importa é o que você pode usar como *escudo*. Um *guerreiro* tem de usar tudo o que puder para fechar sua *brecha* mortal, quando ela se abre. Portanto, não importa que você goste de ser desconfiado ou de fazer perguntas. Agora isso é seu único *escudo*.[4:71]

Um *guerreiro* morre com dificuldade. Sua morte tem de lutar para levá-lo. Um *guerreiro* não se entrega.[4:71]

Não há defeito no modo do *guerreiro*. Siga-o e seus atos não poderão ser criticados por ninguém.[4:71]

9.5 A conversa interna

Vou dizer-lhe a respeito de que conversamos conosco. Conversamos sobre o nosso mundo. Na verdade, conservamos nosso mundo com nossas conversas internas. Sempre que terminamos de *falar* conosco, o mundo está sempre como devia ser. Nós o renovamos, o animamos com vida, o mantemos com nossa conversa interna. Não só isso, mas nós também escolhemos nossos caminhos, ao conversarmos conosco. Assim, repetimos as mesmas escolhas várias vezes até o dia de nossa morte, pois ficamos repetindo a mesma conversa interna toda a vida, até morrermos. Um *guerreiro* sabe disso e procura parar de *falar*. Esse é o último item que você tem de aprender, se quiser viver como *guerreiro*.[2:203]

Um *guerreiro* sabe que o mundo se modifica assim que ele pára de conversar consigo, e deve estar preparado para esse abalo monumental.[2:203]

O mundo é assim e assado, e tal e tal, só porque nos dizemos que é dessa maneira. Se pararmos de nos dizer que o mundo é tal e tal, o mundo deixará de ser tal e tal. Neste momento, não creio que você esteja pronto para esse golpe monumental, e, portanto, deve começar lentamente a desfazer o mundo.[2:203]

Seu problema é que confunde o mundo com o que as pessoas fazem. Ainda nisso, não é o único. Todos nós fazemos isso. As coisas que as pessoas fazem são os *escudos* contra as forças que nos cercam; o que fazem como pessoas nos dá conforto e nos faz sentir seguros; o que as pessoas fazem é muito importante em si, mas apenas como *escudo*. Nunca aprendemos que as coisas que fazemos como pessoas são apenas *escudos* e deixamos que elas dominem e transtornem nossas vidas. Na verdade, eu diria que, para a humanidade, aquilo que as pessoas fazem é maior e mais importante do que o próprio mundo.[2:204]

O mundo é tudo o que está encerrado aqui... a vida, a morte, pessoas, *aliados*, e tudo o mais que nos cerca. O mundo é incompreensível. Nunca o compreenderemos; nunca desvendaremos seus segredos. Assim, temos de tratá-lo como ele é, um simples mistério!

Mas o homem comum não faz isso. O mundo nunca é mistério para ele e, quando ele chega à velhice, está convencido de que não tem mais nada por que viver. Um velho não esgotou o mundo. Só esgotou o que as pessoas *fazem*. Mas, em sua estúpida confusão, acredita que o mundo não tem mais mistérios para ele. Que preço triste para pagar por nossos *escudos*!

Um *guerreiro* sabe dessa confusão e aprende a tratar as coisas direito. As coisas que as pessoas fazem não podem, de jeito nenhum, ser mais importantes do que o mundo. E assim o *guerreiro* trata o mundo como um mistério infindável e o que as pessoas fazem como uma imensa *loucura*.[2:204]

Os *novos videntes* pretendem ser livres. E a liberdade tem as implicações mais devastadoras. Entre elas, está a implicação de que os *guerreiros* devem procurar deliberadamente a mudança.[7:115]

9.6 Encontro com o aliado

O *aliado* virá ter com você, não importa o que sinta. Quero dizer, você não precisa fazer nada para atraí-lo. Pode estar sentado, remexendo os dedos, ou pensando nas mulheres e, de repente, um tapa no ombro, você se vira e o *aliado* está ali a seu lado. O que pode um *guerreiro* fazer?[2:231]

O *medo* é uma coisa que a gente nunca consegue vencer [totalmente]. Quando um *guerreiro* é apanhado numa situação muito difícil, simplesmente dá as costas ao *aliado*, sem pensar duas vezes. Um *guerreiro* não pode ter caprichos, e assim não pode morrer

de susto. Um *guerreiro* só permite que o *aliado* venha quando está bem preparado. Quando está suficientemente forte para lutar com o *aliado*, abre sua *brecha* e avança, agarra o *aliado*, mantém-no imóvel e conserva o olhar nele pelo tempo exato; depois, desvia o olhar, solta o *aliado* e o deixa partir. Um *guerreiro*, meu amiguinho, é o senhor em todas as decisões.[2:232]

Só pode sobreviver no mundo de um *feiticeiro*, se for um *guerreiro*. Este trata tudo com respeito e não espezinha nada, a não ser que seja obrigado. Um *guerreiro* não se entrega a nada, nem mesmo à sua *morte*. Um *guerreiro* não é um parceiro dócil; um *guerreiro* não está disponível, e se ele se envolve com alguma coisa, pode ter certeza de que sabe o que está fazendo.[2:169]

9.7 A IDÉIA DA MORTE

A vida para um *guerreiro* é um exercício de estratégia. Mas você quer descobrir o significado da vida. Um *guerreiro* não se importa com significados.[2:170]

Só o que posso lhe dizer é que um *guerreiro* nunca está disponível; nunca fica esperando na estrada, aguardando para ser massacrado. Assim, ele reduz ao mínimo suas probalidades de imprevisto. O que você chama de acidentes são, na maioria das vezes, muito fáceis de se evitar, a não ser no caso de tolos que vivem de qualquer maneira.[2:171]

O que nos torna infelizes é desejar. E, no entanto, se aprendermos a reduzir nossos desejos a zero, a menor coisa que recebermos será um presente verdadeiro. [2:135]

Ser pobre ou necessitado é apenas uma idéia; assim também é o ódio, ou a fome, ou a dor. O *poder* de fazer isso é só o que temos, preste bem atenção, para opor às forças de nossas vidas; sem esse *poder* somos lixo, poeira no vento.[2:135]

Cabe a nós, como indivíduos isolados, opor-nos às forças de nossas vidas. Já lhe disse isso algumas vezes: só o *guerreiro* pode sobreviver. Um *guerreiro* sabe que está esperando e o que está esperando; e, enquanto espera, não precisa de nada, e assim qualquer coisinha que ele receba é mais do que pode tomar. Se ele precisa comer, dá um jeito, pois não tem fome; se alguma coisa lhe machuca o corpo, ele dá um jeito de parar aquilo, pois não sente dor. Ter fome ou sentir dor significam que o homem se largou e não é mais um *guerreiro*; e as forças de sua fome e de sua dor o destruirão.[2:135]

Um *guerreiro* pensa em sua *morte* quando as coisas se turvam. Porque a *idéia da morte* é a única coisa que modera nossos espíritos.[2:49]

O desprendimento [do *guerreiro*] não quer dizer automaticamente sabedoria, mas é uma vantagem, pois permite-lhe parar momentaneamente para reavaliar situações, reconsiderar posições. Para usar esse momento extra com *consciência* e correção, entretanto, é necessário que um *guerreiro* lute sem cessar durante toda a vida.[6:94]

Um *guerreiro* nunca fica assediado. Ficar assediado implica que se tenha posses pessoais que possam ser bloqueadas. Um *guerreiro* não tem nada no mundo a não ser sua *impecabilidade*, e a *impecabilidade* não pode ser ameaçada. Entretanto, numa batalha pela vida, um *guerreiro* deve usar estrategicamente todos os meios disponíveis.[6:174]

> Um *guerreiro* é apenas um homem. Um homem humilde. Ele não pode modificar os desígnios de sua *morte.* Mas seu espírito impecável, que armazenou o *poder* depois de privações tremendas, certamente pode deter sua *morte* por um momento, um momento suficientemente longo para deixá-lo regozijar-se pela última vez ao recordar seu *poder*. Podemos dizer que é um gesto que a *morte* tem para com aqueles que possuem um espírito impecável.[3:150]

> Um dos atos de um *guerreiro* é nunca deixar que coisa alguma o afete. Assim, um *guerreiro* pode estar vendo o próprio diabo, mas não permite que ninguém o saiba. O *controle* do *guerreiro* tem de ser *impecável*.[4:129]

9.8 Os pequenos tiranos

> Um *pequeno tirano* é um atormentador. Alguém que ou mantém poder de vida e morte sobre *guerreiros* ou simplesmente os perturba, levando-os à distração.[7:28]

Os *novos videntes* desenvolveram sua própria classificação de *pequenos tiranos*; embora o conceito seja uma de suas descobertas mais sérias e importantes, os *novos videntes* têm senso de humor a esse respeito. Há uma isca de malícia, em cada uma de suas classificações, pois o humor é o único meio de fazer frente à compulsão da *consciência* humana de elaborar listas e classificações incômodas.[7:28]

Os *novos videntes*, de acordo com sua prática, acharam oportuno encabeçar sua classificação com a fonte primária de energia, o único e absoluto governante do universo, e chamaram-no de *tirano*. O restante dos déspotas e autoritários foi considerado, naturalmente, infinitamente abaixo da categoria de *tirano*. Comparados à fonte de tudo, os homens mais assustadores e tirânicos são bufões; em conseqüência disso, foram classificados de *pequenos tiranos*.[7:28]

Há duas subclasses de *tiranos* inferiores. A primeira subclasse reune os *pequenos tiranos* que perseguem e infligem miséria, mas sem chegar a causar a morte de

ninguém. Esses são chamados de *pequenos tiraninhos*. A segunda consiste dos *pequenos tiranos* que são apenas desesperantes e aborrecidos ao extremo. Estes são chamados de *minúsculos tiraninhos*, ou *minúsculos pequenos tiraninhos*.[7:28]

Os *pequenos tiraninhos* são ainda divididos em quatro categorias. Uma que atormenta com brutalidade e violência. Outra que o faz criando uma ansiedade intolerável através da desonestidade. Outra que oprime com a tristeza. E a última, que atormenta fazendo os *guerreiros* se enraivecerem.[7:29]

> Você ainda não reuniu todos os ingredientes da estratégia dos *novos videntes*. Quando o fizer, irá saber como é eficiente e engenhoso o artifício de usar um *pequeno tirano*. Eu certamente diria que a estratégia não apenas elimina a *vaidade*, como também prepara os *guerreiros* para a compreensão final de que a *impecabilidade* é a única coisa que conta no *caminho do conhecimento*.[7:29]

> A idéia de usar um *pequeno tirano* não serve apenas para aperfeiçoar o espírito do *guerreiro*, mas também para diversão e felicidade.[7:35]

9.8.1 Interação dos atributos do guerreiro

[Os *antigos videntes*] provaram que mesmo os piores *tiranos* podem trazer encanto, naturalmente desde que a pessoa seja um *guerreiro*.[7:35]

Os *novos videntes* conceberam uma manobra mortal, na qual o *pequeno tirano* é como um pico montanhoso e os *atributos do guerreiro* são como alpinistas que se encontram no topo.[7:29]

> Normalmente, apenas quatro *atributos* são usados. O quinto, a *vontade*, é sempre reservado para uma confrontação extrema, quando os *guerreiros* estão diante do esquadrão de fuzilamento, por assim dizer.
>
> [Isso é feito desse modo] porque a *vontade* pertence a outra esfera, o *desconhecido*. Os outros quatro pertencem ao *conhecido*, exatamente onde estão alojados os *pequenos tiranos*. Na verdade, o que transforma os seres humanos em *pequenos tiranos* é precisamente a manipulação obsessiva do *conhecido*.[7:29]

A interação de todos os cinco *atributos do guerreiro* é feita apenas por *videntes*, que são também *guerreiros* impecáveis e têm domínio da *vontade*. Esta interação é uma manobra suprema, que não pode ser executada no estágio cotidiano dos homens.[7:29]

> Quatro *atributos* são tudo o que é necessário para lidar com os piores dos *pequenos tiranos*. Desde que, naturalmente, um *pequeno tirano* tenha sido encontrado. Como eu disse, o *pequeno tirano* é

o elemento externo, aquele que não podemos controlar, o que é talvez o mais importante de todos eles. O *guerreiro* que tropeça num *pequeno tirano* é um *guerreiro* afortunado. [Isso quer dizer] que você será afortunado se topar com um em seu caminho, porque, caso contrário, terá de sair a procurar por um.[7:30]

9.8.2 Exercício de estratégia

Uma das maiores realizações dos *videntes* é um conceito de progressão de três fases. Compreendendo a natureza do homem, eles foram capazes de chegar à incontestável conclusão de que, se os *videntes* conseguem manter-se inteiros ao defrontar-se com *pequenos tiranos*, podem certamente encarar o *desconhecido* com impunidade, e então podem suportar até mesmo a presença do *incognoscível*.[7:30]

A reação do homem médio é pensar que a ordem dessa afirmação deveria ser invertida. O *vidente* que pode permanecer inteiro em face do *desconhecido* pode certamente encarar *pequenos tiranos.* Mas não é assim. O que destruiu *videntes* soberbos dos tempos antigos foi essa presunção. Agora, já sabemos. Sabemos que nada pode temperar tanto o espírito de um *guerreiro* quanto o desafio de lidar com pessoas intoleráveis em posições de *poder*. Apenas sob essas condições podem os *guerreiros* adquirir *sobriedade* e serenidade para suportar a pressão do *incognoscível*.[7:30]

O ingrediente perfeito para forjar um *vidente* soberbo é um *pequeno tirano* com privilégios ilimitados.[7:31]

O engano que os homens comuns cometem ao se defrontarem com *pequenos tiranos* é não possuírem uma estratégia que os apóie; a falha fatal é que os homens comuns levam-se por demais a sério; suas ações e *sentimentos*, assim como as ações e *sentimentos* dos *pequenos tiranos*, são de suma importância. Os *guerreiros*, por outro lado, não apenas têm uma estratégia bem elaborada, como estão livres da *vaidade*. O que restringe sua *vaidade* é que eles compreenderam que a realidade é uma interpretação que fazemos. Esse *conhecimento* é a vantagem definitiva que os *videntes* têm sobre os simplórios.[7:35]

Os *pequenos tiranos* levam-se mortalmente a sério, ao contrário dos *guerreiros*.[7:35]

O que nos exaure em uma situação [com um *pequeno tirano*] é o desgaste em nossa *vaidade*. Qualquer homem que tenha um pingo de orgulho dilacera-se quando o fazem sentir-se desvalorizado.[7:36]

Dominar o espírito quando alguém está pisando em você chama-se *controle*.[7:36]

A estratégia requer que, em vez de *sentir* pena de si mesmo, [o *guerreiro* deve anotar] os pontos fortes do [*pequeno tirano*], suas fraquezas, as características de seu comportamento.[7:36]

> Juntar toda essa informação, enquanto estão batendo em você, chama-se *disciplina.* Segundo os *novos videntes*, um *pequeno tirano* perfeito não tem qualquer aspecto positivo.[7:37]

Os outros *atributos do guerreiro*, *paciência* e *sentido de oportunidade*, [devem] estar incluídos na estratégia. *Paciência* é esperar calmamente – sem pressa, sem ansiedade. Trata-se de um simples e alegre adiamento do que é devido.[7:37]

> *Paciência* significa reter com o espírito algo que o *guerreiro* sabe que, por justiça, deve *fazer*. Isto não significa que um *guerreiro* saia por aí planejando causar prejuízos a alguém ou acertar contas passadas. A *paciência* é algo independente. Desde que o *guerreiro* tenha *controle*, *disciplina* e *sentido de oportunidade*, a *paciência* assegura dar o que se deve a quem quer que o mereça.[7:39]

O *sentido de oportunidade* é a qualidade que governa a liberação de tudo o que está contido. *Controle*, *disciplina* e *paciência* são como um dique por trás do qual tudo é represado. O *sentido de oportunidade* é a abertura do dique.[7:38]

A estratégia recomenda que se esteja alerta para um momento [especial de confronto] e o use para virar a mesa sobre o *pequeno tirano*. Coisas inesperadas sempre acontecem desse modo.[7:38]

> Os *novos videntes* usam *pequenos tiranos* não apenas para livrar-se de sua *vaidade*, mas também para realizar a manobra muito sofisticada de se *deslocar* para fora deste mundo. Você irá entender essa manobra [se voltar ao *conhecimento* do *domínio da consciência*].[7:39]
>
> Ser derrotado por um *minúsculo pequeno tiraninho* não é mortal, mas devastador. O grau de mortalidade, no sentido figurado, é quase tão alto. Quero dizer com isso que os *guerreiros* que sucumbem a um *minúsculo pequeno tiraninho* são eliminados pelo próprio senso de fracasso e inutilidade. Isto para mim significa alta mortalidade.[7:40]
>
> Todos os que se juntam ao *pequeno tirano* são derrotados. Agir com raiva, sem *controle* e *disciplina*, não ter *paciência*, é ser derrotado.[7:40]
>
> [Depois que os *guerreiros* são derrotados] eles ou se reagrupam ou abandonam a busca de *conhecimento* e juntam-se às fileiras dos *pequenos tiranos* por toda a vida.[7:29]

Mudar o *ponto de aglutinação* é a razão pela qual os *novos videntes* atribuem um valor tão alto à interação com os *pequenos tiranos*. Os *pequenos tiranos* forçam os

videntes a usar os princípios da *espreita* e, ao fazê-lo, ajudam-nos a *deslocar* seus *pontos de aglutinação*.[7:164]

9.8.3 Um adversário valoroso

Quando um *guerreiro* encontra seu *adversário* e este não é um ser humano comum, ele tem de tomar posição. É essa a única coisa que o torna invulnerável.[3:210]

No momento em que a pessoa começa a viver como *guerreiro*, deixa de ser comum. Além disso, um *adversário valoroso* pode empurrá-lo para a frente; sob a influência de um *adversário* [de valor], você terá de utilizar tudo o que lhe ensinei. Não tem outra alternativa.[3:210]

O importante, daqui por diante, é a estratégia de sua vida.[3:211]

Pode ir a qualquer lugar que queira, mas, se for, tem de assumir plena *responsabilidade* por esse ato. Um *guerreiro* vive sua vida estrategicamente. Ele só iria [a algum lugar] se sua estratégia o exigisse. Isso significa, é claro, que ele estaria num controle total e praticaria todos os atos que achasse necessários.[3:211]

Quando tem de agir com seus semelhantes, um *guerreiro* segue o *fazer* da estratégia, e nesse *fazer* não há vitórias nem derrotas. Nesse *fazer* só existem atos.[3:211]

9.9 O constrangimento do *tonal*

Um guerreiro nunca deixa a ilha do *tonal*. Ele a utiliza.

Este é o seu mundo. Não pode renunciar a ele. Não adianta ficar zangado e desapontado consigo mesmo. Isso só prova que nosso *tonal* está empenhado numa luta interna; uma luta dentro do *tonal* da gente é uma das contendas mais inúteis que posso imaginar. A vida apertada de um *guerreiro* destina-se a terminar essa luta. Desde o princípio eu lhe ensinei como evitar o desgaste. Agora, não há mais uma *guerra* dentro de você, não como antes, porque o *caminho do guerreiro* é a harmonia entre os atos e as decisões, primeiro, e depois a harmonia entre o *tonal* e o *nagual*.

Durante todo o tempo [venho falando] tanto a seu *tonal* como a seu *nagual*. É assim que a instrução deve ser conduzida. No princípio a gente tem de *falar* com o *tonal*. É o *tonal* que tem de largar o controle. Mas isso deve ser feito de boa vontade. Em outras palavras, o *tonal* é obrigado a ceder coisas desnecessárias, como a *auto-importância* e o entregar-se, que só levam ao tédio. O problema todo é que o *tonal* se agarra a tais coisas, quando devia ficar feliz por se ver livre de besteiras. O trabalho então é convencer o *tonal* a tornar-se fluido e livre. É disso que o *feiticeiro* preci-

sa, acima de tudo, um *tonal* forte e livre. Quanto mais forte ele fica, menos se agarra a seus feitos, e mais fácil se torna reduzi-lo.

O *tonal* se encolhe, em dados momentos, especialmente quando fica constrangido. De fato, uma das características do *tonal* é a timidez. Há certos casos em que o *tonal* é tomado de surpresa, e sua timidez inevitavelmente o faz encolher-se.[4:140-141]

Um ser imortal tem todo o tempo do mundo para dúvidas e confusão e medos. Um *guerreiro*, por outro lado, não se pode agarrar aos significados obtidos sob a *ordem do tonal*, pois ele sabe que a totalidade dele só tem pouco tempo neste terra.[4:174]

9.9.1 A hora de poder

Para um *tonal* conveniente, tudo na ilha do *tonal* é um desafio. Outro meio de dizer isso é que para um *guerreiro*, tudo nesse mundo é um desafio. O maior desafio de todos, naturalmente, é sua pretensão ao *poder*. Mas o *poder* vem do *nagual* e quando um *guerreiro* se encontra [em seu augúrio], isso significa que a hora do *nagual* se aproxima, a hora de *poder* do *guerreiro*.[4:131]

9.10 O conhecimento assustador

Não fique nervoso. Nada há nesse mundo que um *guerreiro* não possa enfrentar. Entenda: um *guerreiro* já se considera *morto*, de modo que nada tem a perder. O pior já lhe aconteceu, e portanto ele está lúcido e calmo; a julgar por seus atos ou suas palavras, nunca se suspeitaria de que ele tenha presenciado tudo.[4:32]

Lá fora está o *conhecimento*. O *conhecimento* é assustador, é verdade, mas, se um *guerreiro* aceita a natureza assustadora do *conhecimento*, cancela o pavor que ele possa inspirar.[4:32]

O *conhecimento* é uma coisa muito curiosa. Especialmente para um *guerreiro*. O *conhecimento* para um *guerreiro* é uma coisa que vem de repente, envolvendo-o, e que continua adiante.[4:33]

Fique assustado sem ficar aterrorizado.[7:109]

Quando o *medo* desaparece, todos os laços que nos atam dissolvem-se.[7:232]

O *medo* deixa de existir assim que o *brilho da consciência* se *move* além de certo umbral, dentro do casulo humano.[7:109]

9.11 Em harmonia com o mundo

Seja como for, os *guerreiros* estão no mundo a fim de se treinarem para ser testemunhas imparciais; assim compreenderão o mistério de nós

mesmos e desfrutarão a alegria de descobrir o que realmente somos. Esta é a mais elevada das metas dos *novos videntes*.[7:145]

Uma regra básica de um *guerreiro* é que ele toma suas decisões com tanto cuidado que nada que possa acontecer em conseqüência delas pode surpreendê-lo, e muito menos esgotar seu *poder*. Ser um *guerreiro* significa ser humilde e alerta.[4:139]

Somente como *guerreiro* é que podemos suportar *o caminho do conhecimento*. Um *guerreiro* não pode reclamar nem lamentar nada. Sua vida é um desafio interminável, e os desafios não podem ser bons ou maus. Os desafios são simplesmente desafios.[4:98]

Um *guerreiro* deve ficar calmo e *controlado* e nunca perder o pulso.[4:29]

Como é sempre o caso nos feitos e não feitos dos *guerreiros*, o *poder pessoal* é a única coisa que importa.[4:98]

A diferença básica entre um homem comum e um *guerreiro* é que um *guerreiro* aceita tudo como um desafio, enquanto que um homem comum aceita tudo ou como uma bênção ou uma praga. O fato de que você está aqui [agora] indica que você fez pender o braço da balança para o lado do *guerreiro*.[4:98]

Um *guerreiro* tem de ser fluido e mudar em harmonia com o mundo que o rodeia, seja o mundo da *razão* ou o mundo da *vontade*. O aspecto mais perigoso dessa mudança se manifesta cada vez que o *guerreiro* descobre que o mundo não é uma coisa nem outra. Disseram-me que o único meio de vencer nessa mudança é proceder em seus atos como se a gente acreditasse. Em outras palavras, o segredo de um *guerreiro* é que ele *acredita sem acreditar*. Mas, obviamente, um *guerreiro* não pode simplesmente dizer que acredita e deixar as coisas por isso mesmo. Isso seria fácil demais. Simplesmente acreditar o desobrigaria de examinar sua situação. Um *guerreiro*, sempre que tem de se envolver em *acreditar*, faz isso conscientemente, como expressão de sua escolha íntima. Um *guerreiro* não acredita, simplesmente: um *guerreiro* tem de *acreditar*.[4:99]

Acreditar é fácil. *Ter de acreditar* é outra coisa. Se você *tem de acreditar,* tem de utilizar o fato todo. Significa que você também tem de explicar o outro [lado]; que você tem de considerar tudo. [4:102]

Ter de acreditar que o mundo é misterioso e insondável é a expressão da preferência íntima do *guerreiro*. Sem isso ele nada tem.[4:1060.]

9.12 Centímetro cúbico de oportunidade

Há uma coisa que você já deve conhecer, a essa altura. Eu a chamo de *centímetro cúbico de oportunidade*. Todos nós, sejamos *guerreiros* ou não, temos um c*entímetro cúbico de oportunidade*, que

aparece diante de nossos olhos de vez em quando. A diferença entre um homem comum e um *guerreiro* é que o *guerreiro* sabe disso e uma de suas tarefas é estar alerta, esperando propositadamente, de modo que, quando seu *centímetro cúbico* aparece, ele tem a velocidade necessária e a habilidade de apanhá-lo.

Oportunidade, *boa sorte*, *poder pessoal*, ou como quiser chamá-lo, é um estado de coisas especial. É como um pauzinho pequenino que aparece na nossa frente e nos convida a pegá-lo. Geralmente, estamos por demais ocupados, ou preocupados, ou apenas muito burros e preguiçosos para compreender que aquele é o nosso *centímetro cúbico de sorte*. Um *guerreiro*, ao contrário, está sempre alerta e ajustado, e tem o impulso, a *fibra* necessária para pegá-lo.[3:219]

9.13 A marca de um guerreiro

A mente para um *vidente*, não é nada mais que o reflexo do *inventário* do homem. Se você perde esse reflexo, mas não perde seus alicerces, vive realmente uma vida infinitamente mais forte do que se o conservasse.[7:121]

Os g*uerreiros* são incapazes de *sentir* compaixão porque não mais *sentem* pena de si mesmos. Sem a força propulsora da autopiedade, a compaixão não tem significado.[8:49]

Para um *guerreiro* tudo começa e termina consigo mesmo. Entretanto o seu contato com o *abstrato* faz com que supere seu sentimento de *auto-importância*. Então o *eu* torna-se abstrato e impessoal.[8:50]

Um *guerreiro* está em guarda permanente contra a aspereza do comportamento humano. Um *guerreiro* é mágico e implacável, um dissidente com o gosto e as maneiras mais refinados, cuja tarefa mundana é *falar*, mas com disfarce, de suas bordas cortantes, de modo que ninguém seja capaz de suspeitar de sua *implacabilidade*.[8:113]

Quanto mais sofisticado o *guerreiro*, maior sua fineza e elaboração de seus *choques* [ou impactos].[8:91]

A idéia de a pessoa se tornar *acessível ao poder* tem sérios reflexos. O *poder* é uma *força* devastadora, que pode facilmente conduzir as pessoa à sua morte e tem de ser tratado com muito cuidado. Ser *acessível ao poder* é coisa que tem de ser feita sistematicamente, mas sempre com muito cuidado.[3:108]

Implica em tornar a presença da pessoa evidente por uma demonstração controlada de conversas altas ou qualquer outro tipo de atividade ruidosa, e depois é obrigatório observar um silêncio prolongado e total. Um rompante controlado e uma quietude controlada são a marca de um *guerreiro*. Em direção ao *desconhecido.*

A *guerra*, para um *guerreiro*, não significa atos de estupidez individual ou coletiva ou de violência sangrenta. A *guerra*, para um *guerreiro*, é a luta total contra aquele *eu* individual que privou o homem de seu *poder*.[8:151]

Há duas opções abertas aos *guerreiros* cujo *ponto de aglutinação* se *desloca*. Uma é considerar que estão doentes e proceder de maneira incongruente, reagindo emocionalmente aos mundos estranhos que suas mudanças forçam-nos a testemunhar; a outra é permanecer impassíveis, intocados, sabendo que o *ponto de aglutinação* sempre volta à sua posição original.[7:120]

[Se o *ponto de aglutinação* não retornar] essas pessoas estão perdidas. Ou ficam incuravelmente loucas, porque seus *pontos de aglutinação* jamais poderiam aglutinar o mundo como o conhecemos, ou se tornam videntes *impecáveis* que começaram seu movimento em direção ao *desconhecido*.[7:121]

[O que determina um caso ou outro é] energia! *Impecabilidade*. *Guerreiros impecáveis* não perdem a linha. Permanecem intocáveis. Os *guerreiros impecáveis* podem *ver* mundos aterrorizantes e, entretanto, no momento seguinte contar uma piada, rindo com amigos ou estranhos.[7:121]

O *toque dos guerreiros* é muito suave, apesar de ser cultivado. A mão de um *guerreiro* começa como uma mão de ferro pesada, e apertada, mas se torna como a mão de um fantasma, uma mão de teia de aranha. Os *guerreiros* não deixam marcas nem pistas. Esse é o *desafio dos guerreiros*.[12:183]

9.14 A HUMILDADE DO GUERREIRO

O curso do destino de um *guerreiro* é inalterável. O desafio é quão longe ele pode ir dentro desses limites rígidos, o quão *impecável* ele pode ser dentro desses limites rígidos. Se há obstáculos no seu caminho, o *guerreiro* luta *impecavelmente* para ultrapassá-los. Se acha dificuldades e dores insuportáveis no seu caminho ele chora, mas todas as suas lágrimas juntas não movem a linha do destino nem um milímetro.[6:90]

Um *guerreiro* aceita seu destino, seja qual for, e o aceita na mais total *humildade*. Aceita com *humildade* aquilo que ele é, não como fonte de pesar, mas como um desafio vivo. É preciso tempo para cada um de nós compreender esse ponto e vivê-lo plenamente. Hoje sei que a *humildade* de um *guerreiro* não é a humildade de um mendigo. O *guerreiro* não curva a cabeça para ninguém, mas ao mesmo tempo, não permite que pessoa alguma curve a cabeça para ele. O mendigo, ao contrário, prosta-se de joelhos por qualquer coisa e lambe as botas de quem quer que ele considere seu

superior; mas ao mesmo tempo, exige que alguém que lhe seja inferior lhe lamba as botas.[4:25]

A *autoconfiança* do *guerreiro* não é a mesma que a do homem comum. Este busca a certeza aos olhos do espectador e chama a isso autoconfiança. O *guerreiro* busca a *impecabilidade* a seus próprios olhos e chama a isso *humildade*. O homem comum está agarrado a seus semelhantes, enquanto o *guerreiro* só se agarra a si mesmo. Talvez você esteja perseguindo uma quimera. Busca a autoconfiança do homem comum, enquanto devia estar por trás da *humildade do guerreiro*. A diferença entre os dois é notável. A confiança em si significa saber algo com certeza; a *humildade* significa ser *impecável* em suas ações e sentimentos.[4:14]

[Todos temos de agir dentro de certos limites.] O *poder* é que estabelece esses limites e um *guerreiro* é, digamos, *prisioneiro do poder*; um *prisioneiro* tem uma escolha livre: a escolha de agir como um *guerreiro impecável*, ou como um asno. Em última análise, talvez o *guerreiro* não seja um *prisioneiro*, e sim um *escravo do poder*, pois essa escolha não é mais uma escolha para ele. Agir como um asno o esgotaria e provocaria sua *morte*.[4:173]

Entregar-se às suas maniazinhas é não só estupidez, mas um desperdício [de *poder*] e um malefício. Um *guerreiro* que se esgota não pode viver. O corpo não é uma coisa indestrutível.[4:73]

Um *guerreiro* começa com a certeza de que seu espírito está desequilibrado; aí, vivendo num *controle* e *consciência* completos mas sem pressa nem compulsão, ele faz o máximo para conseguir o equilíbrio.[4:31]

Os *guerreiros* não têm vida própria. No momento em que compreendem a natureza da conscientização, deixam de ser pessoas e a condição humana não mais lhes interessa.[6:243]

O que importa é o *guerreiro* ser *impecável*. Mas isso é apenas uma maneira de dizer, de falar por rodeios. Você já realizou algumas tarefas da *feitiçaria* e acredito que seja este o momento de mencionar a fonte de tudo o que importa. Assim, vou dizer que o importante para um *guerreiro* é alcançar a totalidade de seu ser.[4:13]

9.15 A grande aventura do desconhecido

Para ser um *[mestre-feiticeiro]* imaculado, a pessoa precisa amar a liberdade, e deve ter um desprendimento supremo. O que torna o *caminho do guerreiro* tão perigoso é que ele é o oposto da situação de vida do homem moderno. O homem moderno abandonou o reino do *desconhecido* e do misterioso, instalando-se no reino do funcional. Voltou as costas para o mundo do proibitivo e da exultação e deu boas-vindas ao mundo do enfado.[7:145]

> Receber a oportunidade de voltar novamente ao mistério do mundo é às vezes demais para os *guerreiros*, e eles sucumbem; são desviados pelo que chamei de *grande aventura do desconhecido*. Esquecem da busca da liberdade; esquecem de ser testemunhas imparciais. Afundam-se no *desconhecido* e o amam.[7:145]

> Para tornarmo-nos *testemunhas imparciais*, começamos por compreender que a *fixação* ou o *deslocamento do ponto de aglutinação* é tudo o que existe para nós e para o mundo que testemunhamos, seja qual for esse mundo.[7:145]

9.16 A ansiedade mortífera

> Qualquer *movimento do ponto de aglutinação* é como morrer. Tudo em nós fica desconectado, depois reconectado outra vez a uma fonte de *poder* muito maior. Essa amplificação de energia é sentida como uma *ansiedade mortífera*. [8:150]

[Quando isso acontece não há nada a fazer]. Apenas espere. A explosão de energia irá passar. O perigo é você não saber o que lhe está acontecendo. Como você sabe, não há perigo real. [8:150]

9.17 Uma melancolia sem razão

Na vida dos *guerreiros* é extremamente natural ficar triste sem razão clara. Os *videntes* dizem que o *ovo luminoso*, como campo de energia, sente seu destino final todas as vezes que os limites do *conhecido* são quebrados. Um mero vislumbre da eternidade fora do casulo é suficiente para romper o aconchego de nossos *inventários*. A *melancolia* resultante é, às vezes, tão intensa que pode até provocar a morte.[7:100]

A melhor maneira de se livrar da *melancolia* é rir-se dela. A *primeira atenção* faz tudo para restaurar a ordem rompida pelo contato com o [*desconhecido*]. Uma vez que não há maneira de restaurá-la por meios racionais, a *primeira atenção* focaliza todo o seu *poder* na tristeza.[7:100]

> Não existe nada mais solitário do que a eternidade. E nada é mais aconchegante para nós do que ser um ser humano. Com efeito, essa é outra contradição: como o homem pode manter os laços de sua condição de humanidade e ainda aventurar-se alegre e voluntariamente na absoluta solidão da eternidade? Quando você resolver esse enigma, estará pronto para a *viagem definitiva*.[7:100]

> É verdade que nada somos [diante da imensidão do *desconhecido*], mas é justamente isso que cria o *desafio supremo*: nós, que somos nada, podermos realmente encarar a solidão da eternidade.[7:101]

Os *guerreiros* preparam-se para ser conscientes, e a *consciência plena* só chega quando não há mais *vaidade* neles. Apenas quando são nada tornam-se tudo.[7:128]

A *vaidade* é a força motivadora de todos os ataques de *melancolia*. Os *guerreiros* podem ter profundos estados de tristeza, mas a tristeza está presente apenas para fazê-los rir.[7:128]

9.18 Uma pontada da tristeza universal

Contei-lhe repetidamente que os *guerreiros* são pragmáticos. Não se envolvem com sentimentalismo, nostalgia, nem *melancolia*. Para os *guerreiros*, só há luta, e é uma luta sem fim. Se você acha que [abriu esta *compilação*] para encontrar paz, ou que [ela] é um intervalo em sua vida, está enganado.[12:162]

Tristeza, para os *feiticeiros*, não é pessoal. Não é bem tristeza. É uma onda de energia que vem das profundezas do cosmo e atinge os *feiticeiros* quando eles estão receptivos, quando são como rádios, capazes de captar suas ondas.[12:128]

Os *feiticeiros de antigamente*, que nos deram o formato inteiro da *feitiçaria*, acreditavam que há *tristeza* no universo, como uma força, uma condição, uma luz, como *intento*, e que essa *força perene* age especialmente nos *feiticeiros* porque eles não possuem mais qualquer *escudo* protetor. Não podem se esconder atrás do amor, do ódio, da felicidade ou da miséria. Não podem se esconder atrás de nada.[12:129]

A condição dos *feiticeiros* é que a *tristeza* para eles é abstrata. Não vem de cobiçar algo ou pela falta de algo, ou de *auto-importância*. Não vem do *eu*. Vem do *infinito*. [12:129]

9.19 Reclamações e julgamentos

Os *guerreiros* não reclamam. Eles pegam tudo o que o *infinito* lhes dá como um desafio. Um desafio é um desafio. Não é pessoal. Não pode ser tomado como uma maldição ou uma bênção. Um *guerreiro* ou vence o desafio ou o desafio o destrói. É mais excitante vencer, portanto, vença![12:256]

Não são as pessoas à sua volta que estão erradas. Elas não têm culpa. A falha é sua, porque você pode fazer algo para si mesmo, mas está pronto para julgá-los, em um nível profundo de silêncio. Qualquer idiota pode julgar. Se você os julga, receberá somente a pior parte deles. Todos nós, seres humanos, somos prisioneiros, e é essa prisão que nos faz agir dessa maneira miserável. Seu desafio é aceitar as pessoas como elas são! Deixe as pessoas em paz.[12:256]

> Você sabe do que estou falando. Se você não está consciente de seu desejo de julgá-los, está pior do que eu pensava. Essa é a falha dos *guerreiros-viajantes* quando começam a prosseguir suas *viagens*. Tornam-se arrogantes, indisciplinados.[12:256]

9.20 As mulheres guerreiras

> [As mulheres podem ter um *tonal conveniente*] e estão ainda mais bem preparadas para o *caminho do conhecimento* do que os homens. Mas, também, os homens são mais elásticos. Eu diria que, em conjunto, as mulheres levam uma ligeira vantagem.[4:130]

[Existem duas categorias] nas quais todas as mulheres *guerreiras* são necessariamente divididas: as *sonhadoras* e as *espreitadoras*. Todos os membros do [nosso grupo] *sonhavam* e *espreitavam* como ações habituais de suas vidas diárias, mas as mulheres que formavam o planeta das *sonhadoras* e o planeta das *espreitadoras* eram as grandes autoridades nas suas respectivas atividades.[6:169]

As *espreitadoras* eram as que recebiam o impacto do mundo diário; as gerentes de negócios, as que lidavam com as pessoas. Tudo que se relacionava ao mundo de assuntos comuns passava por elas. As *espreitadoras* eram praticantes da *loucura controlada*, assim como as *sonhadoras* eram praticantes do *sonho*.[6:169]

A razão da *Águia* exigir duas vezes mais *guerreiras* que *guerreiros* é precisamente pelo fato das mulheres terem um equilíbrio inerente a elas e os homens não. No momento crucial é o homem que fica histérico e comete suicídio quando julga que está tudo perdido. A mulher pode se matar por falta de direção e objetivo, mas não por derrota de um sistema ao qual pertença.[6:179]

9.20.1 A liberação do útero

Um dos interesses mais específicos [dos *feiticeiros antigos*] era o que eles chamavam de *a liberação do útero.* A *liberação do útero* acarreta o despertar das suas funções secundárias, já que a função primária do útero, sob circunstâncias normais, é a reprodução. [Os *feiticeiros* estão] interessados unicamente [na] sua função secundária: a *evolução*. No caso do útero, a evolução é o despertar e a plena utilização da capacidade do útero de processar o *conhecimento direto*, isto é a possibilidade de aprender dados sensoriais e interpretá-los diretamente, sem a ajuda de processos de interpretação com os quais estamos familiarizados.[10:81]

Para os *feiticeiros*, o momento em que os praticantes são transformados de seres que estão socializados para reproduzir em seres capazes de evoluir é o momento

em que eles se tornam conscientes da energia *visível* como ela flui no universo. As fêmeas podem ver a energia diretamente com mais facilidade que os machos devido ao efeito dos seus úteros. Sob condições normais, independentemente da facilidade que as mulheres têm, é quase impossível para as mulheres ou para os homens se tornarem deliberadamente conscientes de que podem *ver* a energia diretamente. A razão para essa incapacidade é algo que os *feiticeiros* consideram ser uma caricatura: o fato de não existir ninguém para ressaltar aos seres humanos que é natural eles *verem* a energia diretamente.[10:81]

As mulheres, porque têm útero, são tão versáteis, tão individualistas em sua capacidade de *ver* a energia diretamente que essa realização, que deveria ser um triunfo do espírito humano, não é reconhecida. As mulheres nunca estão conscientes de suas capacidades. A esse respeito os homens são mais competentes. Já que para eles é mais difícil ver a energia diretamente, quando realizam essa façanha dão valor a ela. Conseqüentemente, os *feiticeiros* do sexo masculino foram os que estabeleceram os parâmetros de perceber a energia diretamente e os que tentaram descrever o fenômeno.[10:81-82]

> [Como se sabe] a premissa básica da *feitiçaria* é a de que *nós somos percebedores*. A *totalidade [do ser]* é um instrumento de *percepção*. Entretanto, a predominância em nós do visual dá à *percepção* a disposição global dos olhos. De acordo com os *antigos feiticeiros*, essa disposição é simplesmente a herança de um estado puramente predatório.
>
> O esforço dos antigos *feiticeiros*, que permanece até os nossos dias, era engendrado no sentido de se colocarem além do domínio do *olho predador.* Eles concebiam o *olho predador* como sendo o domínio da *percepção pura*, que não é visualmente orientada.[10:82]

O ponto de discórdia para os *[feiticeiros antigos]* era o fato de as mulheres, que têm estrutura orgânica, o útero, que poderia facilitar a entrada delas no domínio da *percepção pura*, não terem nenhum interesse em utilizá-lo. Tais *feiticeiros viam* isso como o paradoxo da mulher: ter poder infinito à sua disposição e nenhum interesse em obter acesso a ele. Essa falta de desejo em fazer alguma coisa não era natural; era aprendida.[10:82]

9.20.2 A CAIXA DA PERCEPÇÃO

O útero e os ovários, [conjunto denominado de *caixa de percepção*], se forem afastados do ciclo reprodutivo, podem se tornar ferramentas de *percepção* e, na verdade, o epicentro da *evolução*. O primeiro passo da *evolução* é a aceitação da premissa de que os seres humanos são percebedores.[10:82]

A *percepção* só desempenha uma função mínima em nossas vidas e, no entanto, a única coisa que somos de fato é percebedores. Os seres humanos apreendem livremente a energia e a transformam em dados sensoriais. Depois interpretam esses dados sensoriais no mundo da vida cotidiana. É a essa interpretação que chamamos de *percepção*.[10:83]

Como você já sabe, os *[feiticeiros antigos]* estavam convencidos de que a interpretação ocorria em um ponto de luminosidade intensa, o *ponto de aglutinação*, que eles descobriram quando *viram* o corpo humano como um conglomerado de campos de energia que se assemelhava a uma esfera de luminosidade. A vantagem das mulheres é a sua capacidade de transferirem a função interpretativa do *ponto de aglutinação* para o útero. O resultado dessa transferência de função é algo que não pode ser comentado, não porque seja proibido, mas porque é indescritível.[10:83]

O útero fica verdadeiramente em um estado caótico de alvoroço devido a essa capacidade velada que existe, em remissão, desde o momento do nascimento até à morte, mas que nunca é utilizada. Essa função de interpretação nunca cessa de agir e, no entanto, nunca tem sido elevada ao nível da *consciência plena*.[10:83]

9.20.3 A evolução

A *evolução* é o produto de *intentar* a um nível muito profundo. No caso dos *feiticeiros*, esse nível profundo é indicado pelo que [se] denomina de *silêncio interior*.[10:84]

Por exemplo, os *feiticeiros* têm certeza de que os dinossauros voavam porque *intentaram* voar. Porém, o que é muito difícil de entender, e mais ainda de aceitar, é que as asas sejam a única solução para voar. Nesse caso, a solução dos dinossauros. Contudo essa não é a única solução possível. É a única que está disponível a nós por imitação. Os nossos aviões estão voando com asas imitando os dinossauros, talvez porque voar nunca mais tenha sido *intentado* novamente desde a época dos dinossauros. Talvez as asas tenham sido adotadas porque eram a solução mais fácil.[10:84]

Se fôssemos *intentar* isso agora, não haveria nenhuma maneira de saber que outras opções para voar estariam disponíveis além das asas. Porque o *intento* é *infinito*, não há nenhuma maneira lógica pela qual a mente, seguindo processos de dedução e indução, possa calcular ou determinar quais podem ser essas opções.[10:84]

9.21 A alegria de um guerreiro

Um *guerreiro* reconhece sua dor, mas não se entrega a ela. Assim, o estado de espírito do *guerreiro* que penetra no *desconhecido* não

é de tristeza; pelo contrário, ele está alegre porque se sente humilhado diante de sua grande boa sorte, confiante que seu espírito é *impecável* e, acima de tudo, plenamente consciente de sua eficiência. A alegria de um *guerreiro* vem de ter aceitado seu destino, e de ter avaliado lealmente o que espera.[4:254]

Um *guerreiro* sabe que está esperando e sabe também o que está esperando, e enquanto espera regozija seus olhos com o mundo. A extrema realização de um *guerreiro* é a alegria.[6:73]

A vida de um *guerreiro* não pode ser fria e solitária e sem *sentimentos* porque é baseada sobre a afeição, a sua dedicação, sua lealdade a seus queridos.[4:255]

Esta é a predileção [dos] *guerreiros*. Esta Terra, este mundo. Para um *guerreiro*, não pode haver amor maior.

Somente se a pessoa ama esta Terra com uma paixão constante é que pode deixar sua tristeza. Um *guerreiro* é sempre alegre porque seu amor é inalterável e sua amada, a Terra, o abraça e lhe concede dádivas inconcebíveis. A tristeza pertence apenas àqueles que detestam aquilo mesmo que abriga seus seres.

Este lindo ser, que é vivo até suas profundezas e compreende todos os *sentimentos*, aliviou-me, curou-me de minhas dores e por fim, quando finalmente compreendi o meu amor por ela, ensinou-me a *liberdade*.[4:257]

A *explicação dos feiticeiros* não pode de todo libertar o espírito. Você, por exemplo, alcançou a *explicação dos feiticeiros*, mas não faz diferença que você a conheça. Está mais sozinho do que nunca, porque sem um amor constante pelo ser que lhes dá abrigo, estar sozinho é a solidão. Somente o amor por este ser esplendoroso pode dar a *liberdade* ao espírito do *guerreiro*; e a *liberdade* é a alegria, eficiência, e a renúncia diante de qualquer dificuldade. Esta é a última lição. Fica sempre para o último momento, o momento de solidão final em que o homem enfrenta sua *morte* e sua solidão. Só então é que faz sentido.[4:258]

CAPÍTULO 10

MANOBRAS, TÉCNICAS E TRUQUES

10.1 O DIÁLOGO INTERNO

> Toda a raça humana mantém um determinado nível de função e eficácia através do *diálogo interno*. O *diálogo interno* é a chave para manter o *ponto de aglutinação* estacionário na posição compartilhada por toda a raça humana: na altura das omoplatas, a um braço de distância.
>
> Realizando o oposto do *diálogo interno*, isto é, o *silêncio interior*, o praticante pode romper a *fixação* do seu *ponto de aglutinação* adquirindo assim uma extraordinária fluidez de *percepção*.[10:32]

A passagem para o mundo dos *feiticeiros* se abre depois que o *guerreiro* aprende a parar o *diálogo interno*.[4:20]

> Modificar nossa concepção do mundo é o ponto nevrálgico da *feitiçaria*. E parar o *diálogo interno* é o único meio de conseguir isso. O resto é só enchimento. Agora você está em condição de saber que nada do que você *viu* ou fez, com a exceção de ter parado o *diálogo interno*, poderia por si só ter modificado alguma coisa em você, ou em sua concepção do mundo. A condição, naturalmente, é que essa modificação não seja perturbada.[4:20]
>
> Desligar o *diálogo interno* é a chave do mundo dos *feiticeiros*. As outras atividades são meros auxílios; só o que fazem é acelerar o efeito de desligar o *diálogo interno*.[4:210]
>
> O *diálogo interno* é o que nos prende à Terra. O mundo é isso e aquilo somente porque falamos conosco dizendo que ele é isso e aquilo.[4:20]

[A suspensão do *diálogo interno* – o eterno companheiro dos pensamentos – significa] um estado de profunda quietude. Um estado especial de ser, em que pensamentos são cancelados e pode-se funcionar a partir de outro nível que não o da *consciência* cotidiana.[12:129]

> Os *antigos feiticeiros* chamavam [esse estado] de *silêncio interior*, porque é o estado em que a *percepção* não depende dos sentidos. O que está funcionando durante o *silêncio interior* é outra faculdade que o homem tem, a faculdade que o torna um ser mágico, a mesma faculdade que foi restringida não pelo homem propriamente dito, mas pela [*instalação forânea*].[12:131]

> *Silêncio interior* é a postura, na qual tudo deriva, na *feitiçaria*. Em outras palavras, tudo o que fazemos conduz a essa postura, que como todo o resto no mundo dos *feiticeiros* não se revela até que algo gigantesco nos aconteça.[12:132]

Os [*antigos*] *feiticeiros* conceberam maneiras intermináveis para sacudi-los ou aos outros praticantes de *feitiçaria* até suas bases, a fim de alcançar esse cobiçado estado de *silêncio interior*. Consideravam os atos mais disparatados, que podem não parecer relacionados com a busca do *silêncio interior*, tais como, por exemplo, pular em cachoeiras ou passar noites dependurado de cabeça para baixo de um galho do alto de uma árvore, como sendo os pontos-chave para o seu aparecimento.[12:132]

O *silêncio interior* se acumula, aumenta. [É necessário] construir um núcleo de *silêncio interior* e depois adicionar a ele, segundo por segundo, em cada ocasião que o praticar.[12:132]

Cada indivíduo tem um limiar diferente de *silêncio interior* em termos de tempo, o que significa que o *silêncio interior* deve ser mantido individualmente, durante o tempo de nosso limiar específico, antes de poder funcionar.[12:132]

> O *silêncio interior* funciona a partir do momento que você começa a acumulá-lo. O que os *feiticeiros antigos* pretendiam era o dramático resultado final de atingir aquele limiar individual de *silêncio*. Alguns praticantes muito talentosos precisam somente de alguns minutos de *silêncio* para atingir a cobiçada meta. Outros, menos talentosos, precisam de longos períodos de *silêncio*, talvez mais de uma hora de completa quietude, antes de atingirem o objetivo desejado. O resultado desejado é o que os velhos *feiticeiros* chamavam de *parar o mundo*, o momento em que tudo à nossa volta cessa de ser o que sempre foi.[12:132-133]
>
> Este é o momento em que os *feiticeiros* voltam para a verdadeira natureza do homem. Os *feiticeiros antigos* também chamavam-no de *liberdade total*. É o momento em que o homem escravo torna-se um ser livre, capaz de feitos de *percepção* que desafiam a nossa imaginação linear.[12:133]

O *silêncio interior* é o caminho que leva a uma verdadeira suspensão do julgamento – a um momento em que a informação sensorial que emana do universo em liberdade deixa de ser interpretada pelos *sentidos*; o momento em que a cognição cessa de ser a força que, através do uso e da repetição, decide a natureza do mundo.[12:133]

10.1.1 O PONTO DE RUPTURA

> Os *feiticeiros* precisam do *ponto de ruptura* para que o funcionamento do *silêncio interior* comece. O *ponto de ruptura* é como a argamassa

que um pedreiro coloca entre os tijolos. Só quando a argamassa endurece é que os tijolos soltos se tornam uma estrutura.[12:133]

Como já lhe contei antes, todos os *feiticeiros* que conheço, homens ou mulheres, mais cedo ou mais tarde chegam ao *ponto de ruptura* em suas vidas.[12:134]

O que eu quero dizer é que em um dado momento a *continuidade* de suas vidas tem de se quebrar para que o *silêncio interior* comece e se torne uma parte ativa de suas estruturas.[12:134]

É muito, muito, importante que você mesmo deliberadamente chegue a esse *ponto de ruptura*, ou que você o crie artificial e inteligentemente.[12:134]

O seu *ponto de ruptura* é interromper a sua vida como você a conhece.[12:134] Não é possível para você continuar no *caminho dos guerreiros* levando sua *história pessoal* com você, e a não ser que você interrompa seu modo de viver, [impiedosamente, você não será capaz de continuar seguindo estas instruções].[12:135]

[Deve quebrar os seus *pontos de referência*], deixá-los. Os *feiticeiros* só tem um ponto de referência: o *infinito*.[12:135]

Minha recomendação é que alugue um quarto num daqueles hotéis baratos que conhece. Quanto mais feio o lugar, melhor. Se o quarto tiver carpete verde desbotado, cortinas verdes desbotadas e paredes verdes desbotadas, melhor ainda.[12:135]

[Tal hotel] é para mim a verdadeira representação da vida na Terra para a pessoa comum. Se você tiver sorte, ou for insensível, vai conseguir um quarto com vista para a rua, onde verá essa procissão interminável da miséria humana. Se você não tiver tanta sorte nem tanta insensibilidade, terá um quarto interno, com janelas para a parede do prédio vizinho. Pense em passar a vida toda dividido entre essas duas vistas, invejando a vista da rua se estiver no quarto interno e invejando a vista da parede se estiver no quarto que dá para a rua, cansado de olhar para fora.[12:136]

Um *feiticeiro* usa um lugar como esse para *morrer*. Você nunca esteve só em sua vida. Chegou a hora de ficar só. Você ficará naquele quarto até *morrer*.[12:136]

Não quero que seu corpo morra fisicamente. Quero que a sua pessoa *morra*. As duas coisas são muito diferentes. Na essência, a sua pessoa tem muito pouco a ver com o seu corpo. Sua pessoa é a mente, e, acredite-me, a sua mente não é sua [mas da *instalação forânea*].[12:137]

O critério que indica que um *feiticeiro* está morto é quando não faz diferença para ele se tem companhia ou está só. O dia em que você não almejar a companhia dos seus amigos, que você utiliza como *escudo*, nesse dia a sua pessoa morre. O que me diz? [12:137]

10.1.2 Projeção do infinito

Um dos resultados mais almejados do *silêncio interior* é a interação específica de energia, que sempre se anuncia através de uma forte emoção. Tal interação se manifesta em termos de tonalidades que são projetadas em qualquer horizonte no mundo da vida cotidiana, seja uma montanha, o céu, uma parede ou simplesmente as palmas das mãos. Essa interação de tonalidades começa com a aparição de uma tênue pincelada lavanda no horizonte. Com o tempo, essa pincelada lavanda começa a se expandir até cobrir o horizonte visível, como as nuvens de uma tempestade que se aproxima.[12:215]

Saindo das nuvens de cor lavanda, surge um ponto de um vermelho cor de romã, peculiar, rico. À medida que os *feiticeiros* se tornam mais disciplinados e experientes, o ponto cor de romã se expande e finalmente explode em pensamentos ou *visões* [velozes], ou no caso do homem letrado, em palavras escritas; os *feiticeiros* têm *visões* engendradas por energia, ouvem pensamentos sendo enunciados por palavras, ou lêem palavras escritas.[12:216]

> Em relação à velocidade das *visões*, você mesmo vai precisar aprender a se ajustar a elas. Para alguns *feiticeiros*, isso é um trabalho para a vida toda. Mas de agora em diante, a energia vai aparecer para você como se estivesse sendo projetada numa tela de cinema.[12:217]

> Se você entender ou não a projeção, é outro assunto. Para se fazer uma interpretação exata, você precisa de experiência. Minha recomendação é que você não seja tímido, e deve começar agora. Leia energia na parede! Sua mente verdadeira está emergindo, e não tem nada a ver com a mente que é a *instalação forânea*. Deixe a sua mente verdadeira ajustar a velocidade. Fique em silêncio, não se atormente, aconteça o que acontecer.[12:217]

10.1.3 Viajando no mar escuro da consciência

O que se faz a partir do *silêncio interior* [é muito parecido com] o que é feito no *sonhar* quando se dorme. Entretanto, quando se *viaja* através do *mar escuro da consciência* [ou em meio às *emanações da Águia*], não há interrupção de qualquer tipo causada pelo adormecer, nem há qualquer tentativa de controlar a *atenção* enquanto se está sonhando. A *viagem* através do *mar escuro da consciência* implica uma resposta imediata. Há uma sensação predominante do aqui e agora. [É de se lamentar] que alguns feiticeiros idiotas dão o nome de *sonhar acordado* a este ato de atingir o *mar escuro da consciência* diretamente, tornando o termo *sonhar* ainda mais ridículo.[12:224]

> Você deve deliberadamente *viajar* através do *mar escuro da consciência*, mas você nunca saberá como isso é feito. Digamos que o

silêncio interior faz isso, seguindo maneiras inexplicáveis, maneiras que não podem ser compreendidas, somente praticadas.[12:226]

[Quebrar] a *continuidade* do tempo. Isso é o que o *silêncio interior* faz.[12:230]

A interrupção do fluxo de *continuidade* que torna o mundo compreensível para nós é *feitiçaria*.[12:230]

10.1.4 Ver a partir do silêncio interior

Gostaria de propor uma idéia estranha a você. Devo enfatizar que é uma idéia estranha que encontrará uma enorme resistência em você. Vou lhe dizer antes de mais nada que você não a aceitará facilmente. Porém, o fato de ser estranha não deve ser um impedimento.[12:280]

A idéia estranha é que cada ser humano nesta Terra parece ter exatamente as mesmas reações, os mesmos pensamentos, os mesmos sentimentos. Parecem responder mais ou menos da mesma forma aos mesmos estímulos. Essas reações parecem ser um pouco obscurecidas pela linguagem que eles falam, mas se eliminarmos isso, são exatamente as mesmas reações que assediam todos os seres humanos na Terra. Gostaria que você se interessasse por isso, como um cientista, claro, e veja se consegue formalmente explicar tal homogeneidade.[12:282]

A tarefa do dia para você é uma das coisas mais misteriosas da *feitiçaria*, alguma coisa que vai além da linguagem. O mistério da *feitiçaria* deve ser amortecido no mundano [caminhar, conversar etc.] Deve provir do nada e voltar novamente para o nada. Essa é a parte do *guerreiro*: passar através do buraco de uma agulha despercebido.[12:283]

Prepare-se, apoiando as costas contra a parede. Quero que você cruze as pernas e entre no *silêncio interior*. Digamos que você queira descobrir quais artigos poderia procurar para refutar ou provar o que lhe pedi para fazer. Entre no *silêncio interior*, mas não adormeça. Essa não é uma jornada através do *mar escuro da consciência*. Mas sim *ver a partir do silêncio interior*.

10.1.5 Encontrar um lugar benéfico

Você deve aprender a encontrar por si um lugar para acampar ou descansar.[3:60]

Às vezes, é preciso encontrar depressa um lugar benéfico ao ar livre. Ou talvez seja necessário saber depressa se o lugar onde se vai descansar é mau.[3:60]

Para encontrar um bom lugar para repousar basta envesgar os olhos. A técnica leva anos para ser aperfeiçoada e consiste em se forçar gradativamente os olhos a verem separadamente a mesma imagem. A falta de conversão redunda em uma imagem dupla do mundo; essa dupla *percepção* dá à pessoa a oportunidade de avaliar as modificações nos ambientes, que os olhos normalmente não conseguem perceber.[3:61]

Comece olhando aos pouquinhos, quase com os cantos dos olhos. [Em seguida,] comece a separar as imagens percebidas por cada um de seus olhos. Olhar aos pouquinhos permite que os olhos destaquem vistas incomuns.[3:61]

> Não são propriamente vistas. São como impressões. Se você olhar para um arbusto ou uma árvore ou uma rocha, onde possa querer descansar, seus olhos podem fazê-lo *sentir* se aquele é ou não o melhor local de repouso.[3:61]
>
> Não importa o que você *vê*. O que você *sente* é o importante.[3:62]
>
> A sensação que você tem é o que conta. Cada homem é diferente do outro.[3:63]
>
> A questão é *sentir* com seus olhos. Ninguém lhe pode dizer o que deve *sentir*. Não é calor, nem luz, nem clarão, nem cor. É outra coisa.[3:63]
>
> Uma vez que você aprenda a separar as imagens e comece a ver cada coisa em dobro, deve focalizar sua *atenção* na área entre as duas imagens. Qualquer modificação digna de nota deve processar-se ali, naquela área.[3:63]

Um ponto significa um lugar em que a pessoa se sinta naturalmente feliz e forte. A gente pode *sentir* com os olhos, quando estes não estão olhando diretamente dentro das coisas.[1:35]

Nem todos os lugares são bons de se sentar ou estar. A idéia geral é que você terá de *sentir* todos os pontos possíveis que forem acessíveis, até poder estabelecer, sem dúvida, qual o certo.[1:35]

[O ponto] bom é chamado *sítio* [benéfico] e o mau *inimigo*. Os dois lugares são a chave do bem-estar do homem. O simples fato de sentar no ponto da gente cria uma força superior; por outro lado, o [ponto] *inimigo* enfraquece a pessoa e pode até provocar a sua *morte*.[1:40]

Todos os animais podem detectar, em seus arredores, áreas com níveis especiais de energia. A maior parte dos animais se assusta com esses lugares e evita-os, mas os *feiticeiros* procuram deliberadamente tais lugares por seus efeitos.[8:158]

[Esses lugares] emitem imperceptíveis cargas de energia revigorante. Os homens comuns vivendo em lugares naturais podem encontrar tais [*sítios*], mesmo se não estiverem conscientes de tê-los encontrado nem conscientes de seus efeitos.[8:158]

> *Feiticeiros* observando homens viajando em trilhas de pedestre logo percebem que os homens ficam cansados e descansam exatamente no ponto com um nível positivo de energia. Se, por outro lado, estão passando por uma área com um fluxo injurioso de energia, ficam nervosos e correm. Se você lhes perguntar a respeito, responderão que correram através daquela área porque se sentiam bem dispostos. Mas é o oposto. O único lugar que os energiza é o lugar onde se sentem cansados.[8:158]

Os *feiticeiros* são capazes de encontrar tais lugares percebendo com seus corpos inteiros pequenos impulsos de energia em seus arredores. A energia aumentada dos *feiticeiros*, derivada da amputação de sua *auto-reflexão*, permite a seus sentidos uma faixa maior de *percepção*.[8:158]

10.1.6 Afastando moscas e mosquitos

> [Não se deve prestar atenção aos zumbidos.] Não tente espantá-los com sua mão. *Intente* que se afastem. Construa uma barreira de energia em volta de você. Fique em *silêncio*, e do seu *silêncio* a barreira será construída. Ninguém sabe como isso é feito. É uma dessas coisas que os *antigos feiticeiros* chamaram de *fatos energéticos*. Pare seu *diálogo interno*. Isso é tudo de que se precisa.[12:279]

10.1.7 Janelas do ser

> Quando se lida com o *nagual*, nunca se deve olhar para ele diretamente. O único meio de olhar para o *nagual* é como se fosse uma coisa normal. É preciso piscar para poder romper a *fixação*. Nossos olhos são os olhos do *tonal*, ou talvez fosse mais próprio dizer que nossos olhos foram treinados pelo *tonal*, e portanto o *tonal* os reivindica. Um dos motivos de sua perplexidade e desconforto é o fato de seu *tonal* não largar seus olhos. No dia em que fizer isso, seu *nagual* terá tido uma grande vitória. A obsessão das pessoas é arrumar o mundo de acordo com as regras do *tonal*; portanto, cada vez que nos defrontamos com o *nagual*, fazemos o possível para tornar nossos olhos rígidos e intransigentes. Tenho de apelar para a parte do seu *tonal* que compreende esse dilema e você deve fazer um esforço para libertar seus olhos. O problema é convencer o *tonal* de que existem outros mundos que podem passar diante das mesmas janelas. Assim, deixe seus olhos serem livres; que sejam janelas de verdade. Os olhos podem ser as janelas para espiar para dentro do tédio ou para espiar para aquele *infinito*.[4:155]

[Fazer isso] é uma coisa muito simples. Basta organizar sua *intenção* como se fosse uma alfândega. Sempre que você estiver no mundo do *tonal*, deve ser um *tonal impecável*; não gaste tempo com besteiras irracionais. Mas, sempre que estiver no mundo do *nagual*, também deve ser *impecável*; não há tempo para besteiras racionais. Para o *guerreiro*, a *intenção* é o portão do meio. Fecha-se completamente atrás dele, quando ele se dirige para qualquer das duas direções.

Outra coisa que se deve fazer ao enfrentar o *nagual* é mudar a *linha de visão* de vez em quando, para quebrar o encanto do *nagual*. Mudar a posição dos olhos sempre alivia o fardo do *tonal*. Se você estiver num apuro desses, você mesmo deve ser capaz de mudar de posição sozinho. Mas essa mudança só deve ser feita como um alívio, e não como mais um meio de se entrincheirar para salvaguardar a ordem do *tonal*. Meu palpite é que você procuraria utilizar essa técnica para esconder a racionalidade de seu *tonal* por trás dela, acreditando assim o estar salvando da extinção. A falha nesse raciocínio é que ninguém deseja nem procura a extinção da racionalidade do *tonal*.[4:155]

10.1.7.1 Movimento dos olhos

Os *novos videntes* recomendam um ato muito simples quando a impaciência, o desespero, a raiva ou a tristeza cruzam seu caminho. Recomendam que os *guerreiros* girem os olhos. Qualquer direção serve. Eu prefiro girar os meus na direção dos ponteiros do relógio.

O movimento dos olhos faz o *ponto de aglutinação deslocar*-se por um momento. Nesse movimento, você encontrará alívio. Isso substitui o verdadeiro domínio da *intenção*.[7:245]

10.1.7.2 O olhar do guerreiro

O olhar do *guerreiro* é lançado ao olho direito da outra pessoa. E o que faz é calar o *diálogo interno*, e depois o *nagual* toma conta; daí o perigo dessa manobra. Sempre que o *nagual* prevalece, mesmo que seja apenas por um instante, não há meio de descrever a sensação que o corpo experimenta.[4:207]

O olhar no olho direito não é fixo. É, antes, apoderar-se à força por meio do olho da outra pessoa. Em outras palavras, a gente agarra alguma coisa que está atrás do olho. Tem-se a sensação física real de que se está segurando alguma coisa coma *vontade*.[4:208]

Não há meio de descrever exatamente o que se faz. Alguma coisa estala de algum lugar abaixo do estômago; essa coisa tem direção e pode ser focalizada sobre qualquer ponto.[4:208]

Só funciona quando o *guerreiro* aprende a focalizar sua *vontade*. Não há meio de praticar isso, e portanto não recomendo nem encorajo a sua utilização. Num dado momento na vida de um *guerreiro*, simplesmente acontece. Ninguém sabe como.[4:208]

O segredo está no olho esquerdo. À medida que o *guerreiro* progride no *caminho do conhecimento*, seu olho esquerdo pode agarrar qualquer coisa. Geralmente, o olho esquerdo do *guerreiro* tem um aspecto estranho; às vezes, fica permanentemente vesgo, ou menor do que o outro, ou maior, diferente, de algum modo.[4:208]

Sempre olhe para [a pessoa] que está envolvida com você numa disputa, cada um puxando a corda por uma ponta. Não puxe a corda simplesmente; olhe para cima e olhe nos seus olhos. Você saberá então que [ela é uma pessoa], assim como você. Não importa o que [ela] disser, não importa o que fizer, estará tremendo nas bases, assim como você. Uma olhada dessas leva o oponente a ficar indefeso, mesmo que por um instante; aí você dá o golpe. [12:152]

10.1.8 A MANEIRA CERTA DE ANDAR

A fim de *parar a visão do mundo* [mantida pelo *diálogo interno*], que a pessoa tem desde o berço, não basta apenas desejar, ou tomar uma resolução. É preciso haver uma tarefa prática: essa tarefa prática chama-se o *modo certo de andar*. Parece inofensivo e uma tolice. Como todas as coisas que possuem *poder* em si e por si, a *maneira certa de andar* não chama a atenção. [4:209]

A *maneira certa de andar* é um subterfúgio. O *guerreiro*, primeiro curvando os dedos, chama a atenção para seus braços; e depois, olhando sem focalizar os olhos para algum ponto diretamente em frente dele, no arco que começa nas pontas de seus pés e termina acima do horizonte, ele praticamente inunda o seu *tonal* de informações. O *tonal*, sem seu relacionamento de um-a-um com os elementos de sua descrição, é incapaz de falar consigo mesmo, e assim a pessoa se cala.[4:209]

A posição dos dedos não importa de todo. A única consideração é chamar a atenção para os braços colocando os dedos de vários modos fora do comum. O importante é a maneira como os olhos, ficando fora de foco, percebem uma porção de características do mundo, sem estarem muito claros quanto a elas. Os olhos nesse estado são capazes de perceber os detalhes, passageiros demais para a visão normal.[4:209]

Se a pessoa conserva os olhos não focalizados num ponto logo acima do horizonte, é possível observar, de uma só vez, tudo no campo de visão de quase 180 graus diante dos olhos. Este exercício é o único meio de impedir o *diálogo interno*.[4:20]

10.1.8.1 Caminhar no escuro

> O *passo do poder* é para correr de noite [– uma maneira especial de *caminhar no escuro*].[3:162]

[O tronco deve estar ligeiramente inclinado para a frente] mas a espinha deve permanecer reta. Os joelhos, também, [devem postar-se] ligeiramente dobrados.[4:163]

Você deve primeiro enroscar os dedos contra as palmas das mãos, esticando o polegar e o indicador de cada mão.[3:164] [Enquanto caminha, deve] levantar os joelhos até o peito cada vez que dá um passo. O *passo do poder* é inteiramente seguro.[3:163]

De noite, o mundo é diferente, e a capacidade de correr no escuro nada tem a ver com o conhecimento [do trecho]. A chave para isso é deixar o *poder pessoal* correr livremente, para poder fundir-se com o *poder* da noite, e uma vez que o *poder* tome conta, não há hipótese de deslize.[3:163]

Você sabe muito bem que se pode sempre *ver* razoavelmente, por mais escura que seja a noite, se não focalizar os olhos em nada e ficar examinando o chão bem de fronte. O *passo do poder* é semelhante a procurar um lugar para descansar. Ambos exigem um sentido de abandono e de confiança.[4:164]

O *passo do poder* exige que a pessoa fique com os olhos grudados no chão, diretamente em frente, pois o menor olhar para o lado acarreta uma alteração no fluxo do movimento. Inclinar o tronco para a frente é necessário a fim de baixar a vista, e o motivo para levantar os joelhos até o peito é que os *passos* têm de ser muito curtos e seguros. [A princípio, haverá tropeços, mas] com a prática você poderá correr tão depressa e em segurança quanto de dia.[3:164]

O grau de concentração necessário para ficar examinando a área defronte tem de ser total. Qualquer olhar para o lado ou muito para a frente altera o fluxo.[3:165]

10.1.9 Poemas na espreita de si mesmo

> A *idéia da morte* é a única coisa que pode dar coragem aos *feiticeiros*. Estranho, não é? Dá aos *feiticeiros* a coragem de serem atenciosos sem serem vaidosos, e acima de tudo dá-lhes a coragem de serem implacáveis sem serem convencidos.[8:116]
>
> Os *feiticeiros espreitam* a si mesmos para quebrar o *poder* de suas objeções. Há muitas maneiras de *espreitar* a si mesmo. Se não deseja usar a *idéia da morte*, use os poemas.
>
> [Provoque] um *choque* em si mesmo com eles. [Leia ou escute enquanto] cala seu *diálogo interno* e deixa o *silêncio interior* ganhar

impulso. Assim a combinação do poema e do *silêncio* desfecha o *choque*.[8:116] Esse impuxo, esse choque de beleza, é *espreitar*.[3:118]

Um poema tem de ser compacto, de preferência curto. E tem de ser criado [ou composto] de imagens precisas e pungentes, de grande simplicidade.[6:37]

Os poetas inconscientemente anseiam pelo mundo dos *feiticeiros*. Por não serem *feiticeiros* no *caminho do conhecimento*, os anseios são tudo o que têm.[8:116]

10.1.10 O impulso da Terra

Tenho falado sobre as grandes descobertas que os *antigos videntes* fizeram. Assim como descobriram que a vida orgânica não é a única vida presente na Terra, também descobriram que a própria Terra é um ser vivo.[7:193]

Os *antigos videntes viram* que a Terra tem um casulo. *Viram* que existe uma bola circundando a Terra, um casulo luminoso que contém as *emanações da Águia*. A Terra é um gigantesco ser consciente, sujeito às mesmas forças que nós.[7:193]

Os *antigos videntes*, ao descobrirem isso, ficaram imediatamente interessados no uso prático que poderiam fazer desses *conhecimentos*. O resultado do seu interesse foi que as categorias mais elaboradas de suas *feitiçarias* tinham a ver com a Terra. Consideravam a Terra como fonte última de tudo que somos.[7:193] [E] os *antigos vidente*s não estavam enganados a esse respeito, porque a Terra é com efeito nossa fonte última.[7:194]

Foram os *antigos videntes* que, ao descobrirem que a *percepção* é *alinhamento*, tropeçaram em algo monumental. A parte triste é que suas aberrações impediram novamente que soubessem o que haviam realizado.[7:194]

A chave mágica que abre as portas da Terra é feita de *silêncio interno* e mais qualquer coisa que brilhe. [O que se deve fazer é] simplesmente cortar o *diálogo interno*.[7:194]

A chave de tudo é o *conhecimento* em primeira mão de que a Terra é um ser consciente e, como tal, pode dar aos *guerreiros* um grande *impulso*, um empurrão que vem da *consciência* da própria Terra no instante em que as *emanaçõe*s do interior dos casulos dos *guerreiros* alinham-se com as *emanações* apropriadas do interior do casulo da Terra. Uma vez que tanto ela quanto o homem são seres conscientes, suas *emanações* coincidem, ou melhor, a Terra possui todas *emanações* presentes no homem e, além disso, todas as *emanações* presentes em todos os seres conscientes, *orgânicos* e *inorgânicos*. Quando ocorre o *alinhamento*, os seres conscientes usam este *alinhamento* de um modo limitado e percebem seu mundo. Os *guerreiros* podem usar esse

alinhamento para perceber, como todos os demais, ou usá-lo como um *impulso* que lhes permita entrar em mundos inimagináveis.[7:195]

> O *desconhecido* não está realmente dentro do casulo do homem nas *emanações* intocadas pela *consciência* e, no entanto, de certo modo, está lá. Esse é o ponto que você não compreendeu. Quando lhe disse que podemos *aglutinar sete mundos* além do que conhecemos, você entendeu que isto é algo interno, porque tende a acreditar que está apenas imaginando tudo o que faz. [7:196]

As *emanações* presentes dentro do casulo do homem só estão ali para a *consciência*, e a *consciência* combina aquelas *emanações* com uma quantidade igual de *emanações livres*. Estas se chamam *emanações livres* porque são imensas; e dizer que dentro do casulo da Terra está o *desconhecido*, é dizer que dentro do casulo do homem está o *incognoscível*. Entretanto, no interior do casulo da Terra também está o *desconhecido*, e dentro do casulo do homem o *desconhecido* são as *emanações* intocadas pela *consciência*. Quando o *brilho da consciência* as toca, tornam-se ativas e podem ser *alinhadas* com as *emanações livres* correspondentes. Quando isso acontece, o *desconhecido* é percebido e torna-se *conhecido*.[7:196]

> Quando o *ponto de aglutinação* do homem se *desloca* além de um limite crucial, os resultados são sempre os mesmos para qualquer homem. As técnicas para fazê-lo *deslocar*-se podem ser muito diferentes, mas os resultados são sempre os mesmos, ou seja: o *ponto de aglutinação* aglomera outros mundos, auxiliado pelo *impulso da Terra*.[7:202]
>
> A dificuldade para o homem médio é o *diálogo interno*. A pessoa só pode usar o *impulso* quando atinge um estado de *silêncio total*.[7:202]
>
> A rapidez do *impulso* irá dissolver tudo em você. Sob seu impacto, tornamo-nos nada. Velocidade e *sentido* de existência individual não combinam.[7:202]
>
> Há uma coisa que você ainda não compreendeu sobre a Terra ser um ser consciente.[7:202] Nós, seres vivos, somos percebedores. E percebemos porque algumas *emanações* do interior do casulo do homem se alinham com algumas *emanações* de fora. O *alinhamento*, portanto, é a passagem secreta, e o *impulso da Terra* é a chave.[7:203]
>
> O *alinhamento* deve ser um ato muito pacífico, imperceptível. Nada de sair voando, nada de espetacular.[7:204]
>
> Quando o *ponto de aglutinação* aglomera um mundo, esse mundo é total. Esta é a maravilha em que os *antigos videntes* tropeçaram sem nunca perceber o que fosse: a *consciência da Terra* pode dar-nos um *impulso* para alinhar outras grandes faixas de *emanações*, e a força desse novo *alinhamento* faz o mundo desaparecer.

> Todas as vezes que os *antigos videntes* realizavam um novo *alinhamento*, acreditavam ter descido às profundezas abaixo ou subido céus acima. Nunca souberam que o mundo desaparece no ar quando um novo *alinhamento total* nos faz perceber outro mundo total.[7:205]

10.2 Uma forma de luta

A *posição de luta* é na verdade uma precaução. É uma posição do corpo específica a ser mantida enquanto [o *guerreiro* permanecer no seu *sítio* benéfico]. Consiste em bater com a mão na barriga da perna e coxa direitas, e bater o pé esquerdo, numa espécie de dança [que deve ser] executada enquanto se olha para o atacante.[1:188]

A posição só deve ser adotada nos momentos de crise extrema, mas enquanto não houver perigo à vista, você deve simplesmente ficar sentado em seu ponto. Mas, em circunstâncias de grande perigo pode recorrer a último meio de defesa – atirar um *objeto [de poder]* sobre o inimigo.[1:1889]

10.2.1 O brado de guerra

[Em geral, a pessoa atira um *objeto de poder* que caiba na palma da mão direita e possa ser segurado com o polegar.] Esta técnica só deve ser usada se a pessoa estiver indubitavelmente em perigo de perder a vida. O lançamento do objeto tem de ser acompanhado por um *brado de guerra*, um grito que tem a propriedade de dirigir o objeto a seu alvo. Tenha cuidado e propósito no grito e não o use à-toa, mas somente sob *graves condições de seriedade*.[1:1889]

O grito ou *brado de guerra* é uma coisa que fica com a pessoa por toda a vida; e, assim, tem de ser bom desde o princípio. E o único meio de o aprender corretamente é conter o *medo* inicial e a pressa, até a pessoa estar cheia do *poder*, e então o grito estourará com direção e *poder*. São essas as *condições de seriedade* para dar o grito.[1:1889]

[O *poder* que deve encher a gente antes do grito] é uma coisa que percorre o corpo, vinda da terra onde a pessoa estiver; é uma espécie de *poder* que emana do ponto benéfico, para ser preciso. É uma força que impulsiona o grito. Se essa força for bem tratada, o *brado de guerra* será perfeito.[1:188]

10.2.2 Uma postura de poder

> É o lugar de sua última posição [a sua última *dança*]. Você morrerá lá, não importa onde esteja. Todos os *guerreiros* têm um lugar onde morrer. Um lugar de sua predileção, encharcado de recordações ines-

quecíveis, onde acontecimentos poderosos deixaram sua marca, um lugar em que ele presenciou maravilhas, onde os segredos lhe foram revelados, um lugar em que ele armazenou seu *poder pessoal*.

Um *guerreiro* tem a obrigação de voltar àquele lugar de sua predileção cada vez que toca o *poder*, a fim de armazená-lo lá. Ou ele vai lá caminhando ou *sonhando*.

E, por fim, no dia em que termina seu prazo de estada na Terra e ele sente o *toque da morte* em seu ombro esquerdo, seu espírito, que está sempre pronto, voa para o lugar de sua predileção e lá o *guerreiro dança* até à sua *morte*.

Cada *guerreiro* tem uma forma específica, uma *postura de poder* específica, que ele desenvolve durante sua vida. É um tipo de *dança*. Um movimento que ele executa sob a influência de seu *poder pessoal*.

Se um *guerreiro* agonizante tem um *poder* limitado, sua *dança* é curta; se seu *poder* for grandioso, sua *dança* é magnífica. Mas, quer seu *poder* seja pequeno ou imenso, a *morte* tem de parar para assistir à sua *última posição na terra*. A *morte* não pode alcançar o *guerreiro*, que está contando a luta de sua vida pela última vez, até ele terminar a *dança*.[3:150]

10.2.3 Forçar a barriga para baixo

É uma técnica para ser usada em momentos de grande perigo, medo ou tensão. Consiste em empurrar o diafragma para baixo enquanto se aspira quatro vezes depressa pela boca, seguindo-se quatro inspirações e expirações profundas pelo nariz.[4:149]

As inspirações rápidas têm de ser sentidas como *choques* no meio do corpo e, se se conservar as mãos bem apertadas, cobrindo o umbigo, dará força à parte do meio do corpo, ajudando a controlar as inspirações rápidas e as profundas, que têm de ser presas enquanto se conta até oito, enquanto se empurra o diafragma para baixo. As expirações são feitas duas vezes pelo nariz e duas vezes pela boca, de modo lento ou acelerado, dependendo da preferência de cada um.[4:149]

10.3 A destreza física e o bem-estar mental

Os [*feiticeiros*] não são espirituais. São seres muito práticos. Mas é verdade que em geral são considerados excêntricos e até mesmo insanos. Talvez seja por isso que você pense que eles são espirituais. Parecem insanos porque estão sempre tentando explicar coisas que não podem ser explicadas. Na vã tentativa de dar explicações satisfatórias, que não podem ser satisfeitas sob qualquer circunstância, perdem toda a *coerência* e dizem insanidades.[10:14]

> Se você quer *destreza física* e *sensatez*, precisa de um corpo flexível. Esses são os dois aspectos mais importantes na vida dos [*feiticeiros*], porque trazem *sobriedade* e *pragmatismo*: os únicos requisitos indispensáveis para entrar em outros domínios de *percepção*. Navegar de uma maneira genuína no *desconhecido*, requer uma atitude de ousadia, mas não de imprudência. Para estabelecer um equilíbrio entre a audácia e a imprudência, um *feiticeiro* precisa ser extremamente *sóbrio*, cauteloso, habilidoso e estar em excelente condição física.[10:14]

> [Numa vida medíocre, o desejo ou a *vontade* de *viajar* no *desconhecido* não é suficiente.] Só a idéia de enfrentar o *desconhecido*, que dirá entrar nele, requer vísceras de aço e um corpo capaz de abrigar essas vísceras. Que adiantaria ser dotado dessas vísceras se você não tiver agilidade mental, destreza física e músculos adequados?[10:14]

A excelente condição física é, ao que tudo indica, o primeiro passo para a *redistribuição* da nossa *energia inerente*. Essa *redistribuição de energia* é o aspecto mais importante na vida dos [*feiticeiros*], bem como na vida de qualquer indivíduo. A *redistribuição de energia* é um processo que consiste em transportar, de um lugar para outro, a energia que já existe dentro de nós. Essa energia foi deslocada dos *centros de vitalidade* do corpo, que dela precisam para produzir equilíbrio entre a agilidade mental e a destreza física.[10:14]

> Um ser humano percebido como um conglomerado de *campos de energia*, é uma unidade completa e lacrada na qual nenhuma energia pode ser injetada e da qual nenhuma energia pode escapar. A *sensação* de perder energia, que todos nós experimentamos de vez em quando, é o resultado da energia sendo afugentada, dispersada dos cinco enormes *centros* naturais de vida e vitalidade. Qualquer *sensação* de obtenção de energia é devida à *redistribuição da energia* previamente dispersada daqueles *centros*, isto é, a energia é recolocada naqueles cinco *centros de vida e vitalidade*.[10:103]

Conseqüentemente, a energia que existe dentro do conglomerado é tudo com que cada indivíduo humano pode contar.[10:24]

10.3.1 Os passes mágicos

> Eles foram descobertos pelos [*antigos feiticeiros*]. Tudo isso começou com a extraordinária sensação de bem-estar que os [*feiticeiros*] experimentavam quando em estados de *consciência intensificada*. Eles sentiam um vigor tão extraordinário e fascinante que lutavam para repeti-lo nas horas de vigília.
>
> A princípio, os [*feiticeiros antigos*] acreditavam que isso era uma disposição de bem-estar que a *consciência intensificada* criava.

> Logo descobriram que nem todos os estados de *consciência intensificada* produziam a mesma *sensação* de bem-estar. Um exame mais cuidadoso revelou-lhes que, sempre que a *sensação* de bem-estar ocorria, eles tinham estado envolvidos em algum tipo específico de movimento corporal. Perceberam que, enquanto estavam em estados de *consciência intensificada*, seus corpos se movimentavam involuntariamente de determinadas maneiras e que isso era de fato a causa da *sensação* incomum de plenitude física e mental.[10:20-21]

Os movimentos que os corpos dos [*feiticeiros antigos*] executavam automaticamente em *consciência intensificada* eram uma espécie de herança oculta da humanidade, algo que tinha sido profundamente armazenado para ser revelado apenas àqueles que estivessem procurando por ele. Os *feiticeiros* [*antigos* eram como] mergulhadores de águas profundas que, sem o saberem, recuperaram aquela herança.[10:21]

Os *feiticeiros* começaram arduamente a reunir os movimentos de que se lembravam. Seus esforços valeram a pena. Foram capazes de recriar movimentos que lhes tinham parecido reações automáticas do corpo num estado de *consciência intensificada*. Encorajados pelo sucesso, foram capazes de recriar centenas de movimentos sem no entanto alojá-los num esquema compreensível. A idéia deles era que, em *consciência intensificada*, os movimentos aconteciam espontaneamente e que havia uma força que guiava o efeito dos movimentos sem a intervenção da *vontade* deles.[10:21]

> [Esses movimentos] não eram apenas chamados de *passes mágicos*; eles eram mágicos! Produziam um efeito que não pode ser descrito através de explicações comuns. Esses movimentos não são exercícios físicos ou meras posturas do corpo; são tentativas reais de alcançar um estado mais favorável de ser.
>
> A *magia* dos movimentos é uma mudança sutil que o praticante experimenta ao executá-los. É uma qualidade efêmera que o movimento traz para os seus estados físico e mental, uma espécie de brilho, uma luz nos olhos. Essa mudança sutil é um *toque do espírito*, como se através dos movimentos o praticante restabelecesse uma ligação não utilizada com a força vital que os sustenta.[10:22]

Outra razão para os movimentos serem chamados de *passes mágicos* é que, praticando-os, os [*feiticeiros*] são transportados, em termos de *percepção*, para outros estados em que podem *sentir* o mundo de uma maneira indescritível.[10:22]

> Devido a essa qualidade, a essa magia, os *passes* devem ser praticados não como exercícios, mas como uma maneira de *chamar o poder com um gesto*.[10:22]

Você pode praticá-los da maneira que desejar.* Os *passes mágicos* intensificam a *consciência*, independentemente da idéia que você faça deles. O mais inteligente seria apenas aceitar que a prática dos *passes mágicos* leva o praticante a deixar cair a *máscara da socialização* – o verniz que todos nós defendemos e pelo qual morremos. O verniz que adquirimos no mundo. O que nos impede de alcançar todo o nosso potencial. O que nos faz acreditar que somos imortais.

A *intenção* de milhares de *feiticeiros* permeia esses movimentos. Executá-los, mesmo de uma maneira casual, faz a mente *chegar a uma pausa*.[10:22]

10.3.2 Chegar a uma pausa

Tudo o que fazemos no mundo reconhecemos e identificamos convertendo em linhas de semelhança, linha de coisas que estão associadas de propósito. Por exemplo, se eu lhe digo *garfo*, isso imediatamente traz à sua mente a idéia de colher, faca, toalha de mesa, guardanapo, prato, xícara e pires, copo de vinho, carne, banquete, aniversário, festa. Você poderia continuar nomeando tais coisas indefinidamente. Tudo o que fazemos está assim associado. Para os *feiticeiros*, o estranho é que eles *vêem* que todas essas *linhas de afinidade*, todas estas linhas de coisas associadas de propósito, ligam-se à idéia do homem de que as coisas são imutáveis e eternas, como a *palavra de Deus*.[10:23]

Parece que em nossas mentes todo o universo é como a *palavra de Deus*: absoluta e imutável. Essa é a maneira como nos conduzimos. No mais profundo de nossas mentes existe um *dispositivo restritivo* que não nos permite parar para examinar que a *palavra de Deus*, como a aceitamos e acreditamos que ela seja, diz respeito a um mundo morto. Por outro lado, um mundo vivo está em constante fluxo. Ele se movimenta. Ele se altera completamente.[10:23]

A razão mais abstrata pela qual os *passes mágicos* dos *feiticeiros* da minha linhagem são *mágicos* é que, praticando-os, o corpo do praticante compreende que tudo, em vez de ser uma série contínua de objetos que tem afinidade entre si, é uma corrente, um fluxo. E se tudo no universo é um fluxo, uma corrente, aquela corrente pode ser detida. Pode-se represá-la e, assim, o seu fluxo pode ser detido ou desviado.[10:23]

---

* Nota do *compilador*: Existem alguns grupos especiais de *passes mágicos* que devem ser praticados regularmente por aqueles que ingressaram no mundo dos *videntes-feiticeiros*, guerreiros ou caçadores do poder. Eles estão descritos no livro *Passes Mágicos*, de Carlos Castañeda (Rio de Janeiro: Ed. Record, Nova Era, 1998): *A Série do Aquecimento* (para despertar, combinar e movimentar a energia dos corpos esquerdo e direito); *A Série da Masculinidade* (para harmonizar e estabilizar a *energia do tendão),* que também pode ser praticada por mulheres; e *A Série para o Útero* (para despertar as funções secundárias do útero e dos ovários na *percepção*), só para mulheres, como regra geral.

Os *feiticeiros* de minha linhagem ficaram chocados quase até a morte ao compreenderem que a prática dos seus *passes mágicos* ocasionavam a parada do, de outra maneira, ininterrupto *fluxo das coisas*. Construíram uma série de metáforas para descrever essa parada e, no esforço para explicar isso ou para reconsiderá-lo, fizeram confusão. Escorregaram para o ritual e a cerimônia. Começaram a encenar o *ato da parada do fluxo das coisas*. Acreditavam que, se determinadas cerimônias e rituais estivessem concentrados em um aspecto definido dos seus *passes mágicos*, os próprios *passes mágicos* poderiam atrair o resultado específico. Rapidamente, a quantidade e a complexidade dos seus rituais e cerimônias se tornaram mais complicados do que a quantidade dos seus *passes mágicos*.[10:23-24]

É muito importante concentrar a *atenção* em algum aspecto definido dos *passes mágicos*. Entretanto, essa fixação deve ser leve, divertida, destituída de morbidez e severidade. Deve ser feita por ela própria, sem realmente esperar retornos.[10:24]

10.3.3 A energia dispersada

A tendência natural dos seres humanos é afastar a energia dos *centros de vitalidade*.[10:25]

[Os seres humanos afastam essa energia] preocupando-se. Sucumbindo à tensão da vida cotidiana. A coação das ações diárias cobra o seu preço ao corpo.[10:25]

[Essa energia] se junta na periferia da *bola luminosa* [ou *ovo luminoso*]*, às vezes ao ponto de formar um sedimento grosso como uma casca. Os *passes mágicos* estão relacionados com o *ser total*, como um corpo físico e como um conglomerado de *campos de energia*. Eles agitam a energia acumulada na *bola luminosa* e a devolvem para o próprio corpo físico. Os *passes mágicos* envolvem tanto o próprio corpo como entidade física que sofre a dispersão de energia quanto o corpo como uma entidade energética que é capaz de *redistribuir* aquela energia dispersada.

Ter energia na periferia da *bola luminosa*, energia que não está sendo *redistribuída*, é tão inútil quanto não ter absolutamente

* Para um vidente o universo é composto por uma quantidade infinita de *campos de energia*. Estes aparecem como filamentos luminosos que se projetam em todas as direções possíveis. Os filamentos atravessam em linhas cruzadas as *bolas luminosas* que os seres humanos são, e é razoável assegurar que, se os seres humanos foram um dia formas oblongas como *ovos*, eles eram muito mais altos do que uma *bola*. Conseqüentemente, os campos de energia que tocavam os seres humanos no topo do *ovo luminoso* não os estão tocando mais, agora que são *bolas luminosas*. Isso significa uma perda de *massa energética*, algo crucial quando se trata de reinvidicar [um] tesouro escondido: os *passes mágicos*.[10:22]

nenhuma energia. É realmente uma situação apavorante ter um excesso de energia estagnada, inacessível para qualquer propósito prático. É como estar em um deserto morrendo de desidratação enquanto você carrega um tanque de água que não pode abrir porque não tem nenhuma ferramenta. Naquele deserto, você não consegue nem sequer encontrar uma rocha para bater nele.[10:25]

Todas as vezes que executamos um *passe mágico* estamos de fato alterando as estruturas básicas dos nossos seres. A energia, que normalmente se transformou em casca, é liberada e começa a entrar nos *vórtices de vitalidade* do corpo. Só através daquela energia recuperada podemos erguer uma *represa*, uma barreira para conter um fluxo que de outro modo não pode ser contido e é sempre nocivo. [10:26]

10.3.4 A energia do tendão

Os [*feiticeiros antigos*] punham uma ênfase especial em uma força que eles chamavam de *energia do tendão.* Eles asseguravam que a energia vital se move ao longo do corpo através de um caminho exclusivo formado pelos tendões.[10:227]

Não tenho palavras para explicar a *energia do tendão*. Estou seguindo o caminho fácil da utilização. Ensinaram-me que isso é chamado de *energia do tendão*. Se eu não precisar ser específico em relação a isso, você entende o que é a *energia do tendão*, não é?[10:227]

Os *antigos feiticeiros* deram o nome de *energia do tendão* a uma corrente de energia que se movimenta ao longo de músculos profundos do pescoço para o peito, para os braços e para a espinha. Ela atravessa o abdômen superior e inferior da borda da caixa toráxica até a virilha e de lá vai para os dedos dos pés.[10:227]

[A *energia do tendão*] não inclui a cabeça. O que vem da cabeça é um tipo diferente de corrente energética; não é do que estou falando. Uma das formidáveis realizações dos *feiticeiros* é que no final eles empurram para fora o que quer que exista no *centro de energia no topo da cabeça* e depois ancoram ali a *energia do tendão* do resto do seu corpo. Mas isso é um modelo de sucesso. No momento, o que temos à disposição, como no seu caso, é a situação comum da *energia do tendão* começando no pescoço, no local onde ele se une com a cabeça. Em alguns casos, a *energia do tendão* sobe até um ponto abaixo dos malares, mas nunca acima daquele ponto.[10:227-228]

Essa energia, que chamo de *energia do tendão* por falta de um nome melhor, é uma terrível necessidade nas vidas daquelas pessoas que *viajam* no *infinito* ou desejam *viajar* nele.[10:228]

10.4 Organizar-se para sonhar

10.4.1 Escolher um tema para sonhar

Cada *guerreiro* tem seu modo próprio de *sonhar*. Cada modo é diferente. A única coisa que todos temos em comum é que fazemos truques para nos obrigar a abandonar a busca. O antídoto é insistir, apesar de todos os obstáculos e desapontamentos.[4:19]

A *explicação dos feiticeiros* para escolher um tema para *sonhar* é que o *guerreiro* escolhe o tema contendo propositadamente uma imagem na mente, enquanto ele desliga seu *diálogo interno*. Em outras palavras, se ele é capaz de não conversar consigo mesmo por um momento e depois manter a imagem ou pensamento no que ele deseja ao *sonhar*, nem que seja apenas por um instante, então o tema desejado lhe virá. Estou certo de que você [já] fez isso, embora não tenha consciência do fato.[4:19]

10.4.2 Encontrar as mãos no sonho

Os propósitos de *sonhar* são o *controle* e o *poder*. Vou lembrar-lhe todas técnicas que deve treinar.

Primeiro, deve focalizar seu olhar sobre suas mãos, como ponto de partida. Depois, desvie o olhar para outras coisas e olhe para elas de relance. Focalize o olhar sobre o máximo de coisas que puder. Lembre-se de que, se olhar só rapidamente, as imagens não mudam. Depois, volte a suas mãos.

Cada vez que olhar para suas mãos, estará renovando o *poder* necessário para *sonhar*, de modo que, no princípio, não olhe para coisas demais. Quatro coisas bastam de cada vez. Mais tarde, poderá aumentar o número até abranger tudo o que quiser, mas, assim que as imagens começarem a mudar e você *sentir* que está perdendo o *controle*, volte para suas mãos.

Quando achar que pode olhar para as coisas indefinidamente, estará pronto para uma nova técnica. Vou-lhe ensinar essa nova técnica agora, mas espero que só a utilize quando estiver preparado.[3:115]

10.4.3 Aprender a viajar

O passo seguinte em organizar-se para *sonhar* é aprender a *viajar*. Da mesma forma que aprendeu a olhar para suas mãos, pode obrigar-se a mover-se, a ir aos lugares. Primeiro, tem de estabelecer um lugar aonde queira ir. Escolha um lugar bem seu conhecido... depois, obrigue-se a ir lá.

Essa técnica é muito difícil. Precisa desempenhar duas tarefas: tem de obrigar-se a ir ao local determinado; e depois, quando já

tiver dominado essa técnica, tem de aprender a controlar o tempo exato de sua *viagem*.[3:115]

[Você] pode tentar *sonhar* enquanto cochila durante o dia, verificando se você consegue visualizar o lugar escolhido como é na hora em que estiver sonhando. O que a pessoa experimenta *sonhando* tem de ser congruente com a hora do dia em que o *sonhar* se realiza; senão as visões que se podem ter não são *sonhar* e sim sonhos comuns. Se estiver *sonhando* de noite, as visões do local devem ser da noite.[3:149]

Para se ajudar, deve escolher um objeto específico que pertence ao lugar aonde você quer ir e focalizar sua *atenção* nele, até ele ter um lugar em sua memória. É mais fácil *viajar sonhando* quando se pode focalizar num *lugar de poder*. Focalize sua atenção em qualquer objeto e depois encontre-o *sonhando*.

Do objeto específico que você recordar, deve voltar para as suas mãos e depois para outro objeto, e assim por diante.[3:149]

10.5 Apagar a história pessoal

É melhor apagar toda a *história pessoal* porque isso nos deixaria livres dos pensamentos estorvantes dos outros.[3:29]

[Apagar a *história pessoal* é] acabar com ela. Primeiro, é preciso ter o desejo de largá-la. E depois é preciso passar a harmoniosamente cortá-la, pouco a pouco.[3:27]

Você tem de renovar sua *história pessoal* contando a seus pais, seus parentes e amigos tudo o que faz. Por outro lado, se não tiver *história pessoal*, não há necessidade de explicações; ninguém fica zangado nem desiludido com seus atos. E, acima de tudo, ninguém o prende com seus pensamentos.[3:28]

Pouco a pouco, deve criar uma névoa em torno de si; deve apagar tudo em volta de si até que nada possa ser considerado coisa sabida, até não haver nada de certo nem de real. Precisa começar a se apagar.[3:29]

Comece com coisas simples, assim como não revelar o que você realmente faz. Depois, deve abandonar todas as pessoas que o conheçam realmente bem. Assim, você construirá uma névoa em torno de si.[3:30]

Uma vez que o conheçam, você é coisa em que eles se fiam e, desse momento em diante, não poderá romper o fio dos pensamentos deles. Pessoalmente, gosto da *liberdade total* de ser *desconhecido*. Ninguém me conhece com certeza absoluta, como as pessoas o conhecem, por exemplo.[3:30]

A circunstância de eu saber se sou ou não um índio yaqui [por exemplo] não torna isso história pessoal. Só quando outra pessoa sabe disso é que tal fato se torna *história pessoal*.[3:27]

As mentiras só são mentiras se você tem uma *história pessoal*.[3:30]

Quando a gente não tem *história pessoal*, nada do que se diga pode ser considerado uma mentira. O problema com você é que tem de explicar tudo a todo mundo, obrigatoriamente, e ao mesmo tempo você quer conservar a frescura, a novidade daquilo que faz. Bem, como não pode entusiasmar-se depois de explicar tudo o que faz, você mente para poder continuar.[3:31]

De agora em diante você deve simplesmente mostrar às pessoas o que quiser mostrar-lhes, porém sem nunca dizer exatamente como o fez.[3:31]

Como vê, nós só temos duas alternativas: ou consideramos tudo certo e real, ou não. Se adotarmos a primeira, acabamos caceteados mortalmente conosco e com o mundo. Se adotarmos a segunda e apagarmos a *história pessoal*, criamos uma névoa em volta de nós, um estado muito emocionante e misterioso, em que ninguém sabe de onde sairá o coelhinho, nem mesmo nós.[3:31]

Quando nada é certo, permanecemos alertas, sempre atentos. É mais emocionante não saber por trás de qual arbusto o coelhinho está escondido do que se comportar como se a gente soubesse de tudo.[3:210]

10.6 A liberdade total

Os *antigos videntes* descobriram que é possível *deslocar o ponto de aglutinação* ao limite do *conhecido* e mantê-lo *fixado* ali num estado fundamental de *consciência intensificada*. Dessa posição, *viram* a possibilidade de lentamente *deslocar* seus *pontos de aglutinação* para outras posições permanentes além daquele limite – um feito estupendo, repleto de ousadia, mas desprovido de sobriedade, pois nunca conseguiram refazer em sentido inverso o movimento de seus *pontos de aglutinação*, ou talvez nunca o tenham desejado.[7:278]

Os homens ousados, ante a escolha entre morrer no mundo cotidiano, e morrer em mundos desconhecidos, irão inevitavelmente optar pela segunda hipótese, que os *novos videntes*, compreendendo que seus predecessores haviam meramente escolhido mudar o local de sua morte, chegaram à compreensão da futilidade de tudo aquilo; a futilidade de lutar para controlar seus semelhantes, a futilidade de *aglomerar* outros mundos e, acima de tudo, a futilidade da *vaidade*.[7:278]

Uma das decisões mais felizes que os *novos videntes* tomaram foi nunca permitir que seus *pontos de aglutinação* se *deslocassem* permanentemente para qualquer posição que não fosse a da *consciência intensificada*. A partir dessa decisão, resolveram realmente seu dilema de futilidade e descobriram que a solução não está simplesmente em escolher um mundo alternativo no qual morrer, mas escolher a *consciência* total, a *liberdade total*.[7:278]

Ao escolher a *liberdade total*, os *novos videntes* involuntariamente continuaram a tradição de seus predecessores e tornaram-se a quintessência dos *desafiantes da morte*.[7:279]

Os *novos videntes* descobriram que, se o *ponto de aglutinação* é levado a *deslocar*-se constantemente para os confins do *desconhecido*, mas trazido de volta a uma posição no limite do *conhecido*, quando é subitamente liberado ele se *desloca* como um relâmpago através de todo o casulo do homem, *alinhando* todas as *emanações* do interior do casulo de uma só vez.[7:279]

> Os *novos videntes* ardem com a força do *alinhamento*, com a força da *vontade*, que transformam na força da *intenção* através de uma vida de *impecabilidade*. A *intenção* é o *alinhamento* de todas as *emanações* ambarinas da *consciência*, de modo que é correto dizer que a *liberdade total* significa *consciência total*.[7:279]

> A *liberdade* é o presente da *Águia* para o homem. Infelizmente, são muito poucos os homens que compreendem que tudo de que necessitamos para aceitar um presente tão magnífico é dispor de energia suficiente. Se é tudo de que necessitamos, então é evidente que devemos tornar-nos avaros de energia.[7:279]

O presente de *liberdade* da *Águia* não é uma concessão, mas uma chance de ter chance.[6:148]

10.7 Uma cambalhota para o inconcebível

> Vou lhe contar algo fundamental sobre os *feiticeiros* e seus atos de *feitiçaria*. Algo sobre a *cambalhota* de seu pensamento *para o inconcebível*. [8:120]

Alguns *feiticeiros* são *contadores de histórias*. *Contar histórias* para eles não é apenas o *batedor* avançado que testa seus limites perceptíveis mas o seu caminho para a perfeição, para o *poder*, para o *espírito*. [8:120]

Mudar o relato factual [da história de um herói ou personagem, por exemplo, pode ser] um instrumento psicológico, uma espécie de pensamento desejoso por par-

te do *feiticeiro contador de histórias*. Ou talvez seja uma maneira pessoal, idiossincrática, de aliviar a frustração. [8:121]

Mas não é a questão de um *feiticeiro contador de histórias*. Todos eles o fazem. [8:121]

O *feiticeiro contador de histórias* que muda o final do relato factual o faz sob a direção e sob os auspícios do *espírito*. Por conseguir manipular sua *conexão* alusiva com o *intento*, pode efetivamente mudar as coisas. Sob os auspícios do *espírito*, este simples ato mergulha-o no próprio *espírito*. Ele deixa seu pensamento dar uma *cambalhota para o inconcebível*. [8:122]

Por ser o seu entendimento puro um *batedor avançado* testando a imensidade lá fora, o *feiticeiro contador de histórias* sabe, sem sombra de dúvida, que em algum lugar, de algum modo, naquele *infinito*, neste exato momento o *espírito* desceu. [O ideal do herói] transcendeu sua pessoa. [8:122]

10.8 Espreitar a si mesmo

Os seres humanos são infinitamente mais complexos e misteriosos que as nossas mais loucas fantasias.[8:166]

A experiência dos *feiticeiros* é tão bizarra que os *feiticeiros* a consideram um exercício intelectual, e usam-na para *espreitar*-se. Seu trunfo como *espreitadores*, entretanto, é que permanecem agudamente conscientes de que são os perceptores de que a *percepção* tem mais possibilidades do que a mente pode conceber.[8:232]

Para proteger-se daquela imensidade, os *feiticeiros* aprendem a manter uma mistura perfeita de *implacabilidade*, *astúcia*, *paciência* e *doçura*. Essas quatro bases estão inexplicavelmente interligadas. Os *feiticeiros* cultivam-nas *intentando*-as. Essas bases são, naturalmente, posições do *ponto de aglutinação*.[8:232]

Qualquer ato executado por qualquer *feiticeiro* é por definição governado por esses quatro princípios. Assim falando propriamente, cada ação de cada *feiticeiro* é deliberada em pensamento e realização, e tem a mistura específica dos quatro fundamentos da *espreita*.[8:232]

Os *feiticeiros* usam as quatro disposições da *espreita* como guias. Trata-se de quatro estruturas mentais diferentes, quatro mesclas distintas de *intensidade* que os *feiticeiros* podem usar para induzir seus *pontos de aglutinação* a se *moverem* a posições específicas.[8:232]

Pense sobre os *cernes* [*abstratos*] básicos das histórias de *feitiçaria*. Ou melhor, não pense a respeito deles, mas faça seu *ponto de*

> *aglutinação* se *mover* na direção do lugar do *conhecimento silencioso*. *Mover o ponto de aglutinação* é tudo, mas não significa nada se não for um movimento *sóbrio* e controlado. Portanto, feche a porta da *auto-reflexão*. Seja *impecável* e terá a energia para atingir o lugar do *conhecimento silencioso*.[8:251]

> Os *cernes abstratos* se revelam extremamente devagar, avançando e recuando de modo errático.[8:237]

10.9 Acordando o intento

O som e o significado das palavras são de suprema importância para os *espreitadores*. As palavras são usadas por eles como chaves para abrir tudo que estiver fechado. Os *espreitadores*, portanto, têm de afirmar seu objetivo antes de tentar alcançar [o entendimento]. Mas não podem revelar seu alvo verdadeiro no início, de modo que devem verbalizar as palavras com cuidado para esconder a *intenção* principal.[8:227]

10.10 *Ver* o molde do homem sozinho

[Comumente se *vê* o *molde do homem* como masculino] porque o *ponto de aglutinação* não tem a estabilidade para permanecer completamente colado à sua nova posição, e desliza lateralmente na faixa do homem. É o mesmo caso de *ver* a *barreira da percepção* como uma *parede de névoa*. O que faz o *ponto de aglutinação deslocar-*se lateralmente é um desejo ou necessidade quase inevitável de traduzir o incompreensível em termos familiares: uma barreira é uma parede, e o *molde do homem* só pode ser um homem. [7:251]

> Há duas maneiras de *ver* o *molde do homem*. Você pode *vê*-lo como homem, ou pode *vê*-lo como uma luz. Isso depende do *deslocamento do ponto de aglutinação*. Se o *deslocamento* é lateral, o *molde* é um ser humano; se ocorre na seção central da faixa do homem, o *molde* é uma luz. [7:252]

A posição em que se *vê* o *molde do homem* é muito próxima àquela em que aparecem o *corpo sonhador* e a *barreira da percepção*. É por essa razão que os *novos videntes* recomendam que o *molde do homem* seja *visto* e compreendido.

> [*Ver* o *molde do homem*] sozinho, sem ajuda de ninguém, é um passo importante, porque todos temos certas idéias que devem ser quebradas para que sejamos livres; o *vidente* que *viaja* para o *desconhecido* a fim de *ver* o *incognoscível* deve encontrar-se em um estado *impecável* de ser.[7:245]

Encontrar-se em um *estado impecável de ser* é estar livre de suposições irracionais e medos racionais.[7:245]

[É preciso] ir além do *molde*. O *molde* deve ser meramente um estágio, uma parada que traz paz e serenidade temporárias para quem *viaja* rumo ao *desconhecido*, mas é estéril, estático. Como se fosse ao mesmo tempo uma imagem plana refletida num espelho e o próprio espelho. E a imagem seria a imagem do homem.[7:248]

O rompimento da *barreira da percepção* é a combinação de tudo o que os *videntes* fazem. No momento em que essa *barreira* é rompida, o homem e seu destino assumem um sentido diferente para os *guerreiros*. Devido a importância transcendental de romper essa barreira, os *novos videntes* usam o ato de rompê-la como um teste final. O teste consiste em saltar do topo de uma montanha para um abismo, em estado de *consciência* normal. Se o *guerreiro* que salta para o abismo não apagar o mundo cotidiano e aglomerar outro antes de atingir o fundo, ele morre.[7:275]

> O que você irá fazer será provocar o desaparecimento deste mundo, mas de alguma forma irá permanecer você mesmo. Este é o último bastião da *consciência*, aquele em que os *novos videntes* se apóiam. Eles sabem que, depois de arderem com a *consciência*, de certa maneira ainda retêm o sentido de ser eles mesmos.[7:275]

> Romper a *barreira da percepção* é a última tarefa do *domínio da consciência*. Para *deslocar* seu *ponto de aglutinação* a essa posição você precisa reunir energia suficiente. Faça uma *viagem* de recuperação. Lembre-se do que fez![7:244]

> Passará muito tempo antes que você possa aplicar o princípio de que sua ordem é a *ordem* da *Águia*. Essa é a essência do *domínio da intenção* [ou do *intento*]. Enquanto isso, dê agora a ordem de não se impacientar, nem mesmo nos piores momentos de dúvida. Será um processo lento até que essa ordem seja ouvida e obedecida como se fosse uma *ordem da Águia*.[7:244]

Existe uma área incomensurável de *consciência* entre a posição costumeira do *ponto de aglutinação* e a posição onde não há mais dúvidas, que é quase o lugar onde a *barreira da percepção* aparece. Nessa área incomensurável, os *guerreiros* caem presa de todos os erros concebíveis. [A prevenção é] ficar atento e não perder a confiança, pois será inevitavelmente atingido a qualquer momento por um opressivo sentimento de derrota.[7:244]

> Isso tudo voltará a você algum dia. Uma coisa desencadeará a outra. Uma palavra-chave, e tudo sairá de você como se a porta de um depósito superabarrotado cedesse.[7:245]

10.11 Cortar a atitude cínica

> O cinismo não permite que façamos mudanças drásticas na compreensão que temos do mundo. Ele também nos força a sentir que estamos sempre certos.[9:192]

Proponho que você faça uma coisa absurda que pode mudar tudo. Repita incessantemente para você mesmo que o ponto crucial da *feitiçaria* é o mistério do *ponto de aglutinação*. Se repetir isso para você mesmo por tempo suficiente, uma força invisível assume o comando e faz mudanças apropriadas em você.[9:186]

Corte sua atitude cínica. Repita isso de boa vontade. O mistério do *ponto de aglutinação* é tudo na *feitiçaria*. Ou melhor, tudo na *feitiçaria* depende da manipulação do *ponto de aglutinação*. Você sabe disso, mas precisa repetir.[9:192]

10.12 Romper os parâmetros da percepção normal

A nossa incapacidade para romper [os *parâmetros da percepção normal*] é induzida pela cultura e o meio ambiente social. Ambos os fatores transferem cada partícula de nossa *energia inerente* para o cumprimento de padrões comportamentais estabelecidos, que não nos permitem romper [esses *parâmetros*].

Romper esses *parâmetros* é a questão inevitável da humanidade. Rompê-los significa a entrada em mundos inconcebíveis de um valor pragmático de modo algum diferente do valor do nosso mundo da vida cotidiana. Independentemente de aceitarmos ou não essa premissa, somos obcecados por romper esses *parâmetros*, mas temos fracassado miseravelmente. Daí a profusão de drogas, estimulantes, rituais e cerimônias religiosas entre os homens modernos.[10:13]

Fracassamos em satisfazer nosso desejo subliminar porque atacamos o problema atabalhoadamente. Nossas ferramentas são grosseiras. Agimos como se quiséssemos derrubar uma parede batendo com a cabeça. O homem nunca considera esse rompimento em termos de energia. Para os *feiticeiros*, o sucesso é determinado unicamente pela acessibilidade ou inacessibilidade da energia.[10:13]

Uma vez que é impossível aumentar a nossa *energia inerente*, a única avenida aberta para os feiticeiros é a *redistribuição de energia*.[10:13]

10.13 Interpretação benevolente de aquiescência

Os [*feiticeiros* antigos] acreditavam que a *escolha*, como os seres humanos a compreendem, é a condição prévia do mundo cognitivo do homem, mas isso é apenas uma interpretação benevolente de algo que é encontrado quando a *consciência* se arrisca além do conforto do nosso mundo, uma *interpretação benevolente de aquiescência*. Os seres humanos estão mergulhados no torvelinho de forças que os arrastam daqui para ali de todas as maneiras possíveis. A arte dos *feiticeiros* não é realmente *escolher*, mas ter suficiente sutileza para *aquiescer*.

> Embora pareçam não fazer outra coisa senão tomar decisões, a rigor os *feiticeiros* não tomam decisões. [Por exemplo,] não resolvi escolher você nem que você seria do jeito que é. Já que eu não podia escolher quem compartilharia o meu *conhecimento*, precisava aceitar quem quer que o *espírito* estivesse me oferecendo.[10:17]

A escolha, para os *guerreiros*, não é um ato de escolha, mas antes um ato de *aquiescer* elegantemente às solicitações do *infinito*.[12:225]

> O *infinito* escolhe. A *arte do guerreiro* é ter a habilidade de mover-se com a mais tênue insinuação, a arte de *aquiescer* a cada comando do *infinito*. Para isso, o *guerreiro-viajante* precisa de destreza, força e, sobretudo, *sobriedade*. Todas essas coisas juntas trazem como resultado a elegância![12:225]

> O que nos reuniu, a você e a mim, foi o *intento do infinito*. É impossível determinar o que é esse *intento do infinito*, entretanto está aí, tão palpável quanto você e eu. Os *feiticeiros* dizem que é um *tremor no ar*. A vantagem dos *feiticeiros* é saber que o *tremor no ar* existe e *aquiescer* a ele sem mais delongas. Para os *feiticeiros* não há ponderação, espanto ou especulação. Sabem que tudo o que têm é a possibilidade unir-se com o *intento do infinito* e eles fazem exatamente isso.[12:96]

10.14 Armazenando informação

> Se você pensa a respeito da vida em termos de horas em vez de anos, sua vida é imensamente longa. Mesmo se pensasse em termos de dias, ainda assim a vida seria interminável.[8:230]

Os *feiticeiros* contam suas vidas em horas, e em uma hora é possível ao *feiticeiro* viver o equivalente em *intensidade* a uma vida normal. Essa *intensidade* é uma vantagem quando se trata de *armazenar informação* num movimento do *ponto de aglutinação*. [8:230]

> O *ponto de aglutinação*, mesmo com o *deslocamento* mais diminuto, cria ilhas totalmente isoladas de *percepção*. A informação na forma de experiências na complexidade da *consciência* pode ser *armazenada* ali.[8:231]

> A informação é *armazenada* na própria experiência. Mais tarde, quando um *feiticeiro move* seu *ponto de aglutinação* ao local exato onde estava, revive a experiência total. Essa *recordação* dos *feiticeiros* é a maneira de recuperar toda a informação *armazenada* no *movimento* do *ponto de aglutinação*.
>
> *Intensidade* é um resultado automático do *movimento do ponto*

de aglutinação. Por exemplo, você está vivendo esses momentos com mais *intensidade* do que o faria ordinariamente; assim, propriamente falando, você está *armazenando intensidade*. Algum dia você irá reviver esse momento fazendo seu *ponto de aglutinação* retornar ao local preciso onde está agora. Essa é a maneira dos feiticeiros *armazenarem* informação.

A *intensidade*, sendo um aspecto do *intento*, está conectada naturalmente ao brilho dos olhos dos *feiticeiros*. Para relembrar essas ilhas isoladas de *percepção*, os *feiticeiros* necessitam apenas *intentar* o brilho particular de seus olhos associado com a localização à qual desejem regressar.[8:231]

Tudo o que posso dizer é que os olhos o fazem. Não sei como, mas o fazem. Convocam o *intento* com algo indefinível que possuem, algo em seu brilho. Segundo os *feiticeiros*, o *intento* é experimentado com os olhos, não com a *razão*.[8:166]

Porque sua taxa de *intensidade* é maior do que o normal, em poucas horas um *feiticeiro* pode viver o equivalente a uma vida normal inteira. Seu *ponto de aglutinação*, mudando para uma posição não familiar, absorve mais energia do que o normal. Esse fluxo extra de energia é chamado *intensidade*.[8:232]

10.15 A DISCIPLINA CONTRA A INSTALAÇÃO FORÂNEA

A única alternativa para a humanidade é a *disciplina*. *Disciplina* é o único meio de [deter a *instalação forânea*]. Mas por *disciplina* não quero dizer rotinas severas. Não quero dizer acordar cedo, às cinco e meia da manhã e ficar jogando água fria no rosto até se tornar azul. Os *feiticeiros* entendem por *disciplina* a capacidade de enfrentar com serenidade obstáculos que não estão incluídos nas nossas expectativas. Para eles, *disciplina* é uma arte: a arte de enfrentar o *infinito* sem titubear, não porque são fortes e resistentes, mas porque estão cheios de respeito e assombro.[12:273]

Os *feiticeiros* dizem que a *disciplina* torna a *capa brilhante de consciência* não palatável ao *voador*. O resultado é que os *predadores* ficam desnorteados. Suponho que a *capa brilhante de consciência*, que não é comestível, não faça parte de sua cognição. Depois de ficarem desnorteados, eles não têm alternativa a não ser deixar a sua tarefa abominável.[12:273]

Se os *predadores* não comerem nossa *capa brilhante de consciência* durante um período, ela continua crescendo. Simplificando essa questão ao extremo, posso dizer que os *feiticeiros*, por meio de sua *disciplina*, afastam os *predadores* o tempo suficiente para permitir que sua *capa brilhante de consciência* cresça além do nível dos seus dedos dos pés. Uma vez ultrapassado esse nível, ela cresce de novo até seu tamanho natural. Os *feiticeiros [anti-*

gos] costumavam dizer que a *capa brilhante de consciência* é como uma árvore. Se não for podada, cresce até o seu tamanho e volume naturais. À medida que a *consciência* atinge níveis mais altos do que os dedos dos pés, as manobras tremendas de *percepção* se tornam um fato natural.[12:274]

O grande truque daqueles *feiticeiros dos tempos antigos* era carregar a *mente dos voadores* com *disciplina*. Descobriram que se sobrecarregassem a *mente dos voadores* com *silêncio interior*, a *instalação forânea* fugiria, dando ao praticante envolvido nessa manobra a certeza total da origem estrangeira da mente.[12:274]

A *disciplina* sobrecarrega continuamente a mente estrangeira. Portanto, através de sua *disciplina*, os *feiticeiros* subjugam a *instalação forânea*.[12:275]

O perigo real é que a *mente dos voadores* pode vencer [a batalha] ao fazê-lo se cansar e forçá-lo a desistir, brincando com a contradição entre o que ela diz e o que eu digo.[12:280]

Veja, a mente dos *voadores* não tem concorrentes. Quando propõe algo, concorda com a própria proposta, e faz você acreditar que fez algo de valor. A mente dos *voadores* lhe dirá que o que Juan Matus lhe diz é pura bobagem, e a mesma mente concordará com a própria proposta. Essa é a forma pela qual nos sobrepujam.[12:280]

A *instalação forânea* volta, eu lhe asseguro, mas não tão forte, e começa um processo no qual a fuga da mente dos *voadores* se torna rotina, até que um dia fogem para sempre. Com certeza um dia triste! Esse é o dia em que você deve confiar nos seus próprios recursos, que são quase zero. Não há ninguém para lhe dizer o que fazer. Não há nenhuma mente de origem estrangeira para ditar as imbecilidades a que você está acostumado.[12:274-275]

Esse é o dia mais duro na vida de um *feiticeiro*, pois a mente real que nos pertence, a soma total de nossas experiências, [o *tonal*], depois de toda uma vida de dominação, tornou-se tímida, insegura, evasiva. Pessoalmente, diria que a batalha verdadeira dos *feiticeiros* começa nesse momento. O resto é mera preparação.[12:275]

10.15.1 A fuga dos voadores

Vou revelar-lhe um dos segredos mais extraordinários da feitiçaria. Vou descrever para você uma descoberta que levou milhares de anos para os *feiticeiros* verificarem e consolidarem.[12:276]

A mente dos *voadores* foge para sempre quando um *feiticeiro* consegue se agarrar à força vibratória que nos mantém *coesos* como um *conglomerado de campos de energia*. Se um *feiticeiro* mantém essa pressão por tempo suficiente, a mente dos *voadores*

foge, derrotada. E é exatamente isso o que você vai fazer: agarrar-se à energia que o mantém *coeso*.[12:276]

Não se preocupe [com seu medo ou temor]. Fique tranqüilo, isso não é seu medo. É o medo dos *voadores*, porque sabem que você irá fazer exatamente o que estou lhe dizendo. Estou certo de que ataques como esses passam rapidamente. A mente dos *voadores* não tem a menor concentração.[12:277]

Você [pode estar] sendo dilacerado por uma luta interna. Bem no fundo de você, você sabe que é incapaz de recusar o acordo em que uma parte sua indispensável, sua *capa brilhante de consciência*, vai servir como fonte nutritiva incompreensível para, naturalmente, entidades incompreensíveis. E outra parte sua irá contra essa situação com toda a sua força.[12:277]

A revolução dos *feiticeiros* é que eles se recusam a honrar os acordos dos quais não participaram. Ninguém nunca me perguntou se eu consentiria em ser devorado por seres com um tipo diferente de *consciência*. Meus pais simplesmente me trouxeram para esse mundo para ser alimento, como eles mesmo, e esse é o fim da história.[12:277]

Os *voadores* são uma parte essencial do universo e devem ser tomados pelo que realmente são: assombrosos, monstruosos. São os meios pelos quais o universo nos testa.[12:280]

Somos sondas energéticas criadas pelo universo e é porque somos possuidores de energia que possui *consciência* que somos os meios pelo qual o universo se torna consciente de si mesmo. Os *voadores* são os desafiantes implacáveis. Não podem ser tomados como outra coisa. Se formos bem-sucedidos nisso, o universo nos permitirá continuar.[12:280]

10.15.2 Um exercício de disciplina

Não faz qualquer diferença se você lê muito ou quantos livros maravilhosos pode ler. O importante é que você tenha *disciplina* para ler o que você não quer ler. O ponto crucial do exercício dos *feiticeiros* de ir à escola está no que você rejeita, não no que você aceita.[12:249]

10.16 As manobras da feitiçaria

A tarefa dos *feiticeiros* é enfrentar o *infinito* [e submergir] nele diariamente, tal como um pescador submerge no mar. É uma tarefa tão dominante que um *feiticeiro* tem de pronunciar o seu próprio nome antes de entrar nele. [Afirma-se assim], a sua individualidade perante o *infinito*.[12:92]

O que faz os seres humanos se converterem em *feiticeiros* é a capacidade deles de *perceber a energia tal como ela flui no universo*. Quando os *feiticeiros* percebem um ser humano desta maneira, *vêem* uma *bola luminosa*, ou uma figura luminosa em forma de *ovo*. Os seres humanos não só são capazes de *ver a energia diretamente como ela flui no universo*, mas realmente a *vêem*, embora não estejam deliberadamente conscientes de *vê*-la.[12:93]

> A questão que é da maior importância não é saber que você sempre percebeu a energia diretamente, ou sua *viagem* a partir do *silêncio interior*, mas, mais precisamente, uma questão dupla.
>
> Primeiro, você experimentou algo que os *feiticeiros [antigos]* chamavam de *visão clara*, ou *perdendo a forma humana:* a ocasião em que a mesquinhez humana desaparece, como se tivesse sido um pedaço de névoa surgindo sobre nós, uma névoa que lentamente aclara e se dissipa. Mas sob nenhuma circunstância você deve acreditar que esse é um fato consumado. O mundo dos *feiticeiros* não é um mundo imutável, como o mundo da vida cotidiana, onde eles lhe dizem que uma vez que você atinja uma meta, permanecerá vencedor para sempre. No mundo dos *feiticeiros*, chegar a certas metas significa que você simplesmente adquiriu as ferramentas mais eficientes para continuar a sua luta, que, a propósito, nunca cessará.
>
> A segunda parte desse assunto duplo é que você [pode experimentar] a questão mais enlouquecedora para o coração dos seres humanos. Você mesmo [a expressará] quando se perguntar: *Como, no mundo, isso pôde ser possível sem que eu soubesse que durante toda a minha vida eu havia percebido a energia diretamente? O que me impedia de ter aceso a essa faceta de meu ser?*[12:261]

CAPÍTULO 11

ENCONTRO COM O *INFINITO*

11.1 A ETERNA CAÇADORA

Um homem que segue os *caminhos da feitiçaria* se defronta com uma aniquilação iminente a cada passo do caminho, e é inevitável que tome fortemente consciência de sua *morte*. Sem a *consciência da morte*, ele seria apenas um homem comum, praticando atos comuns. Não teria a necessária potência, a necessária concentração que transforma o tempo comum da pessoa na terra num *poder mágico*.

Assim, para ser um *guerreiro* o homem tem de estar antes de tudo, e propriamente, muito consciente de sua própria *morte*. Mas a preocupação com a *morte* levaria qualquer de nós a focalizar a *atenção* em si e isso seria debilitante. Portanto, a segunda coisa que se precisa para ser um *guerreiro* é o *desprendimento*. A *idéia da morte iminente*, em vez de tornar-se uma obsessão, torna-se uma indiferença.[2:142]

Somente a *idéia da morte* torna o homem suficientemente desprendido para ser capaz de se entregar a qualquer coisa. Um homem assim, porém, não tem anseios, pois adquiriu um amor calado pela vida e por todas as coisas da vida. Sabe que a *morte* o acompanha e não lhe dá tempo de se agarrar a nada, de modo que ele experimenta, sem ansiar, tudo de todas as coisas.

Um homem desprendido, que sabe que não tem possibilidade de evitar sua *morte*, só tem uma coisa em que se apoiar: o *poder* de suas decisões. Deve compreender plenamente que sua opção é sua *responsabilidade* e, uma vez feita, não há mais tempo para remorsos ou recriminações. Suas decisões são finais, simplesmente porque sua *morte* não lhe permite tempo para se agarrar a nada.

E é assim, com a consciência de sua *morte*, com seu desprendimento, e com o *poder* de suas decisões, um *guerreiro* organiza sua vida de maneira estratégica. O *conhecimento* de sua *morte* o orienta e o torna desprendido e secretamente sensual; o *poder* de suas decisões finais o torna capaz de escolher sem remorsos, e o que ele escolhe é sempre estrategicamente o melhor; e assim ele executa tudo o que precisa com *vontade* e uma eficiência sensual. Quando um homem procede dessa maneira, pode-se dizer com segurança que ele é um *guerreiro* e adquiriu a *paciência*.[2:143]

Quando um *guerreiro* consegue a *paciência*, está a caminho da *vontade*. Sabe esperar. Sua *morte* senta com ele em sua esteira, eles são amigos. Sua *morte* o aconselha, de maneiras misteriosas, a optar, a viver estrategicamente. E o *guerreiro* espera! Eu diria que o *guerreiro* aprende sem pressa alguma porque ele sabe que está esperando sua *vontade*; e um dia consegue realizar coisas impossíveis, ou coisas impossíveis lhe forem acontecendo, ele percebe que uma espécie de *poder* está surgindo. Um *poder* que emana de seu corpo enquanto ele progride no *caminho do conhecimento*. A princípio parece um comichão na barriga, ou um ponto quente que não consegue ser aliviado; depois, torna-se uma dor, um incômodo muito grande. Às vezes, a dor e o incômodo são tão fortes que o *guerreiro* passa meses tendo convulsões, e quanto mais graves são elas, melhor para ele. Um bom *poder* sempre é prenunciado por muita dor.

Quando as convulsões cessam, o *guerreiro* repara que tem sensações estranhas com relação às coisas. Nota que pode tocar qualquer coisa que queira com uma sensação que sai de seu corpo de um lugar baixo ou bem acima de seu umbigo. Essa sensação é a *vontade*, e quando ele consegue pegar as coisas com ela, pode-se dizer que o *guerreiro* é um *feiticeiro* e que adquiriu uma *vontade*.[2:144]

11.1.1 A MORTE PESSOAL

A *morte* é um turbilhão. A *morte* é o rosto de um *aliado*; a *morte* é uma nuvem brilhante no horizonte; a *morte* é o sussurro de *Mescalito* em seus ouvidos; a *morte* é a boca desdentada do guarda [dos umbrais]; a *morte* é Genaro sentado na cabeça; a *morte* sou eu falando; a *morte* é você [realizando este *conhecimento*]; a morte é nada. Nada! Está aqui e, no entanto, não está nada aqui.[2:183]

Não lhe posso dizer o que é que é a *morte*. Mas talvez pudesse falar-lhe sobre sua própria morte. Não há meio de saber como será, ao certo; mas posso dizer-lhe como poderá ser.

Só posso falar da *morte* em termos pessoais. Então não tenha medo de ouvir a respeito de sua própria morte.[2:183]

A *morte* tem dois estágios. O primeiro é o desmaio. É um estágio sem significado, muito semelhante ao primeiro efeito de *Mescalito*, em que a gente experimenta uma leveza que nos faz sentir felizes, completos e que tudo no mundo está bem. Mas esse é apenas um estado superficial; logo desaparece e a gente entra num novo reino, um reino de dureza e *poder*. Esse segundo estágio é o verdadeiro encontro com o [*aliado*]. A *morte* é muito com isso. O primeiro estágio é um desmaio superficial. O segundo, porém, é o verdadeiro onde a pessoa encontra a *morte*; é um breve momento, depois do primeiro desmaio, em que descobrimos que, de al-

> gum modo, somos nós mesmos de novo. É então que a *morte* se choca contra nós numa fúria muda, até dissolver nossas vidas no nada.[2:183-184]

> O tempo todo a *morte* não é nada. É um pontinho, e, no entanto, entraria dentro de você com um força incontrolável e faria você expandir-se; achatá-lo-ia e o estenderia sobre o céu e a terra e além. E você seria como uma névoa de cristaizinhos se movendo, e sumindo.[2:185]

> A *morte* é dolorosa apenas quando acontece na cama, numa doença. Numa luta por sua vida, você não sente dor. A única coisa quer pode sentir exultação.[8:200]

Uma das diferenças mais dramáticas entre o homem civilizado e os *feiticeiros* é a maneira pela qual a *morte* chega para eles. Apenas com *feiticeiros guerreiros* a *morte* é gentil e doce. Eles podem estar mortalmente feridos e ainda assim não sentirem dor. E o mais extraordinário ainda é que a *morte* aguarda por tanto tempo quanto os *feiticeiros* necessitem.[8:200]

> A maior diferença entre o homem médio e um *feiticeiro* é que o *feiticeiro* comanda sua *morte* com sua velocidade.[8:200]

No mundo da vida cotidiana nossa palavra ou nossas decisões podem ser revertidas com muita facilidade. A única coisa irrevogável em nosso mundo é a *morte*. No mundo dos *feiticeiros*, por outro lado, a morte normal pode ser revogada, mas não a palavra do *feiticeiro*. No mundo dos *feiticeiros*, as decisões não podem ser mudadas ou revistas. Uma vez que são tomadas, valem para sempre.[8:201]

Para um *vidente* os seres humanos são massas luminosas, longas ou esféricas, de incontáveis, estáticos, e no entanto vibrantes *campos de energia*, e apenas os *feiticeiros* são capazes de injetar movimento nessas esferas de luminosidade estática. Num milessegundo podem *mover* seus *pontos de aglutinação* a qualquer lugar em sua massa luminosa. Esse movimento e a velocidade com o qual é realizado envolvem um *deslocamento* instantâneo para a *percepção* de outro universo totalmente diferente. Ou podem *mover* seus *pontos de aglutinação*, sem parar, através de seus campos inteiros de energia luminosa. A força criada por tal movimento é tão intensa que consome instantaneamente sua massa luminosa inteira.[8:201]

> A *morte* entra pela barriga. Bem pela *brecha da vontade*. Aquela zona é a parte mais importante e sensível do homem. É a zona da *vontade* e também a área pela qual todos nós morremos. Um *feiticeiro* sintoniza sua *vontade* deixando que sua *morte* o alcance, e quando ele está [achatado] e começa a se expandir, sua *vontade impecável* toma conta e reúne a neblina [em que se transforma] numa pessoa de novo.[2:185]

> É a *vontade* que junta um *feiticeiro*, mas como a *velhice* o enfraquece, sua *vontade* murcha e chega inevitavelmente um momento em que ele não é mais capaz de dominar sua *vontade*. Então, ele não tem nada que se opor à força muda de sua *morte*, e sua vida se torna igual à de todos os seus semelhantes, uma névoa se expandindo além de seus limites.[2:185]

> Ser *feiticeiro* é um fardo tremendo. Já lhe disse que é muito melhor aprender a *ver*. Um homem que *vê* é tudo; em comparação, o *feiticeiro* é uma criatura triste.[2:186]

> A *feitiçaria* é aplicar a *vontade* a uma chave-mestra. A *feitiçaria* é a interferência. Um *feiticeiro* procura e encontra a chave-mestra de tudo o que ele quer afetar e depois aplica sua *vontade* a isso. Um *feiticeiro* não tem de *ver* para ser *feiticeiro*, só precisa saber usar sua *vontade*.[2:186]

11.2 Aspectos da força rolante

> A *força rolante* é o meio através do qual a *Águia* distribui vida e *consciência*. Mas é também a *força* que, por assim dizer, cobra o tributo. É o que faz morrer todos os seres vivos.[7:211]

> A *força rolante*, [todavia,] não é tão má assim. Na verdade, é adorável. Os *novos videntes* recomendam que nos abramos para ela. Os *antigos videntes* também se abriram para ela, mas por motivos e propósitos ditados principalmente pela *vaidade* e pela obsessão. Os *novos videntes*, por outro lado, tornaram-se amigos dela. Familiarizaram-se com essa *força*, manipulando-a sem qualquer *vaidade*. As conseqüências são impressionantes.[7:212]

A mesma *força* pode produzir dois efeitos diametralmente opostos. Os *antigos videntes* foram aprisionados pela *força rolante*, e os *novos videntes* são recompensados por seus esforços com o *presente da liberdade*. Familiarizados com a *força rolante* através do domínio [do *intento*], os *novos videntes*, em dado momento, abrem seus próprios casulos e a *força o*s inunda em lugar de fazê-los enrolar-se como um tatuzinho encolhido. O resultado final é sua desintegração total e instantânea.[7:214]

A obsessão dos *antigos videntes* com o *derrubador* cegou-os para o outro lado daquela *força*. Os *novos videntes*, com o seu cuidado usual em recusar a tradição, foram ao outro extremo. No início eram totalmente contrários a focalizar sua *visão* sobre o *derrubador*; argumentavam que precisavam compreender a *força* das *emanações livres* em seu aspecto doador de vida e enriquecedor de *consciência*.[7:214]

> Perceberam que é infinitamente mais fácil destruir alguma coisa do que construir e conservar. Tomar a vida é nada, em comparação com dar e preservar a vida. Naturalmente, os *novos videntes* es-

tavam errados a esse respeito, mas na hora oportuna corrigiram seu engano.[7:214-215]

É um erro isolar qualquer coisa para *ver*. No início, os *novos videntes* fizeram exatamente o oposto de seus predecessores. Focalizaram com igual atenção o outro lado do *derrubador*. O que lhes aconteceu foi tão terrível quanto o que aconteceu aos *antigos videntes*, se não pior. Tiveram mortes estúpidas, exatamente como o homem médio. Não possuíam o mistério ou a malignidade dos *antigos videntes*, assim como não possuíam a busca da liberdade dos *videntes de hoje*.[7:215]

Aqueles primeiros *novos videntes* serviam a todos. Por focalizarem sua *visão* sobre o lado doador de vida das *emanações*, estavam repletos de amor e ternura. Mas isso não impediu que fossem *derrubados*. Eram tão vulneráveis quanto os *antigos videntes* cheios de morbidez.[7:215]

Para os *novos videntes dos dias atuais*, não dar em nada depois de uma vida de *disciplina* e trabalho, exatamente como os homens que nunca tiveram um momento significativo em suas vidas, é intolerável. Estes *novos videntes* perceberam, depois de haverem readotado sua tradição, que o *conhecimento* dos *antigos videntes* sobre a *força rolante* fora completo; em dado momento, os *antigos videntes* concluíram que havia realmente dois aspectos diferentes da mesma *força*. O *aspecto derrubador* está relacionado exclusivamente com a destruição e morte. O *aspecto circular*, por outro lado, é o que mantém a vida e a *consciência*, a realização e o propósito. Escolheram, entretanto, lidar exclusivamente com o *aspecto derrubador*.[7:215]

Os *videntes* [descrevem o *derrubador*] como uma linha eterna de anéis iridescentes ou bolas de fogo, que rolam incessantemente na direção dos seres vivos.[7:211] Os *seres orgânicos* luminosos recebem a *força rolante* de frente, até o dia em que a *força* mostra-se excessiva para eles e as criaturas finalmente entram em colapso. Os *antigos videntes* ficaram fascinados quando *viram* como o *derrubador* então os derruba e os faz rolar para o bico da *Águia*, para serem devorados. Foi essa a razão de lhe darem o nome de *derrubador*.[7:211]

Olhando em grupos, os *novos videntes* foram capazes de *ver* a separação entre os aspectos *derrubador* e *circular*. Viram que as duas *forças* estão fundidas, mas não são a mesma. A *força circular* chega a nós um pouco antes da *força derrubadora*; estão tão próximas entre si que parecem a mesma.

[A *força circular*] é uma *força* das *emanações da Águia*. Uma *força* incessante, que nos atinge a cada instante de nossas vidas. É letal quando vista, mas de outro modo não a percebemos em nossa existência ordinária, porque temos *escudos* prote-

tores. Temos interesses absorventes, que ocupam toda a nossa *consciência*. Estamos permanentemente preocupados com nosso *status* e nossas propriedades. Esses *escudos*, entretanto, não mantêm o *derrubador* afastado, simplesmente nos impedem de *vê*-lo diretamente, protegendo-nos assim de sermos feridos pelo pavor de *ver* as bolas de fogo atingindo-nos. Os *escudos* são uma grande ajuda e um grande obstáculo para nós. Acalmam-nos e ao mesmo tempo nos enganam. Dão-nos uma falsa sensação de segurança.[7:210]

As bolas de fogo são de crucial importância para os seres humanos, porque são a expressão de uma *força* que diz respeito a todos os detalhes da vida e da *morte*, algo que os *novos videntes* chamam de *força rolante*.[7:211] [Dessas bolas de fogo] sai um aro iridescente exatamente do tamanho dos seres vivos, sejam homens, árvores, micróbios ou *aliados*.[7:216]

> A razão porque é chamada *força circular* é porque chega em anéis, aros filiformes de iridescência. São realmente muito delicados. E, exatamente como a *força derrubadora*, atinge sem cessar todos os seres vivos, mas com um propósito diferente. Atinge-os para lhes dar força, direção e *consciência*; para lhes dar vida.[7:216]
>
> Não me interprete ao pé da letra. Não existem exatamente círculos, apenas uma *força circular* que dá aos *videntes* que *sonham* com ela a sensação de anéis. E também não há tamanhos diferentes. É uma *força* indivisível que se ajusta a todos os seres vivos, tanto orgânicos como inorgânicos.[7:216]
>
> O que os *novos videntes* descobriram é que o equilíbrio entre as duas *forças* em todo ser vivo é muito delicado. Se em qualquer momento um indivíduo sente que a *força derrubadora* o atinge com mais força do que a *circular*, isto significa que o equilíbrio foi afetado; daí em diante, a *força derrubadora* o atinge com o impacto cada vez maior, até romper a *fenda* do ser vivo e fazê-lo morrer.[7:215-216]
>
> [Os *antigos videntes* se concentraram no *aspecto derrubador*] porque acreditavam que suas vidas dependiam de *vê*-lo. Estavam certos de que sua *visão* iria dar-lhes respostas a questões antiqüíssimas. Calcularam que, se desvendassem o segredo da *força rolante*, tornar-se-iam invulneráveis e imortais. A parte triste é que, de algum modo, desvendaram os segredos, mas ainda assim não se tornaram invulneráveis nem imortais.
>
> Os *novos videntes* mudaram tudo ao perceber que o homem não pode aspirar à imortalidade por possuir um casulo.[7:216]

Os *antigos videntes* aparentemente jamais perceberam que o casulo humano é um receptáculo e não pode suportar indefinidamente o assalto da *força rolante*. Ape-

sar de todo o *conhecimento* que haviam acumulado, ao final não se encontravam em posição melhor, e talvez mesmo até muito pior, do que o homem comum.[7:216]

> Seu intenso *conhecimento* forçou-os a presumir que suas escolhas eram infalíveis. Assim, escolheram viver a qualquer custo.[7:217]
>
> Escolheram viver. Assim como escolheram tornar-se árvores para poderem aglomerar mundos com as grandes faixas inatingíveis.
>
> Quero dizer que usaram a *força rolante* para *deslocar* seus *pontos de aglutinação* a posições de *sonhar* inimagináveis, em vez de se deixarem rolar para o bico da *Águia* a fim de ser devorados.[7:217]

Basta o *deslocamento do ponto de aglutinação* para abrir-se para a *força rolante*. Se a *força* é vista deliberadamente, o perigo é mínimo. Uma situação que é extremamente perigosa, entretanto, é um *deslocamento* involuntário do *ponto de aglutinação*, devido à fadiga física, à exaustão emocional, à doença, ou simplesmente a uma crise emocional ou física menor, como o pânico ou a embriaguez.[7:213]

> Quando o *ponto de aglutinação* se *desloca* involuntariamente, a *força rolante* fende o casulo. Falei sobre uma *fenda [brecha]* que o homem tem abaixo do umbigo. Não exatamente abaixo do próprio umbigo, mas no casulo, na altura do umbigo. A *fenda* é mais como uma depressão, uma falha natural no casulo, cujo resto da superfície é liso. É lá que o *derrubador* nos golpeia incessantemente, e é nesse ponto que o casulo se fende.[7:213]

Quando se trata de um pequeno *deslocamento* do *ponto de aglutinação*, a *fenda* é muito pequena, e o casulo se restaura rapidamente. As pessoas sentem o que todos experimentam em alguma ocasião: *vêem* manchas de cor e formas contorcidas que persistem até com os olhos fechados.[7:213]

Se o *deslocamento* é considerável, a *fenda* também é extensa, e leva tempo para o casulo reparar-se. É o caso de *guerreiros* que usam propositadamente *plantas de poder* para provocar o *deslocamento*, ou de gente que toma drogas e inadvertidamente faz a mesma coisa. Nesses casos, as pessoas sentem-se entorpecidas e frias; têm dificuldade de falar ou mesmo pensar; é como se tivessem sido congeladas de dentro para fora.[7:213]

Nos casos em que o *ponto de aglutinação* se *desloca* drasticamente por efeito de um trauma ou de uma doença mortal, a *força rolante* produz uma rachadura no comprimento do casulo; o casulo desaba e se enrola sobre si mesmo, e o indivíduo morre.[7:213]

> À medida que o *derrubador* nos atinge repetidamente, a *morte* vai chegando através da *fenda*. A *morte* é a *força rolante*. Quando encontra fraqueza na *fenda* de um ser luminoso, automaticamente faz com esta se abra, e o ser entra em colapso.[7:213]

> [Todo ser vivo tem uma *fenda*, claro.] Se não tivesse, não morreria. Entretanto, as *fendas* são diferentes em tamanho e configuração. A *fenda* do homem é uma depressão circular do tamanho de um punho, uma configuraçao muito frágil e vulnerável. As *fendas* de outras criaturas orgânicas são muito semelhantes à do homem; algumas são mais fortes que a nossa e outras mais fracas. Mas a *fenda* dos *seres inorgânicos* é realmente diferente. É mais como um fio alongado, um cabelo de luminosidade; conseqüentemente, os *seres inorgânicos* são infinitamente mais duráveis do que nós.
>
> Há alguma coisa infinitamente atraente na longa vida dessas criaturas, e os *antigos videntes* não puderam resistir a se deixarem levar por esse apelo.[7:214]

11.2.1 Viver a qualquer custo

> Você vai descobrir alguns fatos horríveis que os *antigos videntes* reuniram sobre a *força rolante*; e você irá *ver* o que eu quis dizer quando lhe contei que os *antigos videntes* escolheram viver a qualquer custo.[7:218]
>
> Havia uma coisa que tentaram evitar a qualquer custo; não desejavam morrer. Você pode dizer que o homem comum também não deseja morrer, mas a vantagem que os *antigos videntes* tinham sobre o homem comum era possuírem a concentração e a *disciplina* para evitar as coisas por força da *intenção*; e com efeito *intentaram* afastar a *morte*.[7:219]
>
> Observavam seus *aliados*, e ao *ver* que eles eram seres vivos com uma resistência muito maior à *força rolante*, copiaram o modelo deles.[7:220]

Os *antigos videntes* perceberam que apenas os *seres orgânicos* possuem uma *fenda* em forma de tijela. Seu tamanho, sua forma e sua fragilidade fazem dela a configuração ideal para apressar a quebra e o colapso da concha luminosa sob o assalto da *força derrubadora*. Os *aliados*, por outro lado, têm apenas uma linha por *fenda*, apresentando uma superfície tão pequena à *força rolante* que os torna praticamente imortais. Seus casulos podem suportar indefinidamente os assaltos do *derrubador*, porque *fendas* em forma de linha não lhes oferecem uma configuração ideal.[7:220]

> Os *antigos videntes* desenvolveram as técnicas mais bizarras para fechar suas *fendas*. Estavam essencialmente corretos ao julgar que uma *fenda* linear é mais durável do que uma *fenda* em forma de tijela.[7:220]

Os *novos videntes* se haviam rebelado contra as práticas bizarras dos *antigos videntes* e as declararam não apenas inúteis, mas ofensivas a nosso ser total. Chegaram até mesmo ao ponto de banir essas técnicas do que era ensinado aos novos *guerreiros*; e durante gerações não houve qualquer menção àquelas práticas.[7:221]

A preocupação dos *antigos videntes* com a *morte* fê-los examinar as mais bizarras possibilidades. Os que optaram pelo modelo dos *aliados* tinham em mente, sem dúvida, o desejo de um refúgio. E encontraram-no, em uma posição fixa de uma das sete faixas de *consciência inorgânica*. Os *videntes* sentiram que estavam relativamente a salvo ali. Afinal, encontravam-se separados do mundo cotidiano por uma barreira quase intransponível, a *barreira da percepção* estabelecida pelo *ponto de aglutinação*.[7:233]

11.2.2 O IMPULSO DA FORÇA DERRUBADORA

Os *antigos videntes* haviam descoberto uma maneira de utilizar a *força rolante* e serem impelidos por ela. Em vez de sucumbirem aos assaltos do *derrubador*, *viajavam* com ele e deixavam-no *deslocar* seus *pontos de aglutinação* aos últimos limites das possibilidades humanas. Não havia nada que pudesse dar ao *ponto de aglutinação* o impulso que o *derrubador* dá.[7:234]

A diferença entre o *impulso da Terra* e do *derrubador* é que o *impulso da Terra* é *força de alinhamento* apenas das *emanações* de cor âmbar. É um impulso que eleva a *consciência* a graus impensados. Para os *novos videntes*, é uma explosão de *consciência* ilimitada, que chamam de *liberdade total*. O *impulso do derrubador*, por outro lado, é a força da *morte*. Sob o impacto do *derrubador*, o *ponto de aglutinação* se *desloca* para posições novas, imprevisíveis. Assim, os *antigos videntes* encontraram-se sempre sozinhos em suas *viagens*, embora o empreendimento em que estavam envolvidos fosse sempre comunitário. A companhia de outros *videntes* em suas *viagens* era casual, e geralmente significava um conflito pela supremacia.[7:234]

> Devo admitir, por mais que se sinta enojado, que aqueles demônios eram muito ousados. Jamais gostei deles pessoalmente, como sabe, mas não posso deixar de admirá-los. Seu amor pela vida está realmente além de mim.[7:235]

> Para aventurar-se por aquela solidão aterrorizante é preciso ter algo mais do que ganância. Amor – a pessoa necessita de amor pela vida, pela intriga, pelo mistério. É preciso ter uma curiosidade insaciável e muita coragem.[7:235]

Durante o sono normal, o *deslocamento do ponto de aglutinação* se dá ao longo de qualquer das margens da faixa do homem. Esses *deslocamentos* estão sempre combinados com o sono. Os *deslocamentos* que são induzidos pela prática [de *sonhar*] correm ao longo da seção central da faixa do homem e não estão combinados com o sono, embora o *sonhador* esteja adormecido.[7:236]

> Foi exatamente nessa junção que os *antigos* e os *novos videntes* fizeram suas tentativas diferentes de obter *poder*. Os *antigos videntes* queriam obter uma réplica do corpo, mas com maior força física, e assim faziam deslizar seus *pontos de aglutinação* ao longo da margem direita da faixa do homem. Quanto mais profundamente se deslocavam ao longo da faixa direita, mais bizarro se tornava seu *corpo sonhador*.[7:236]

Os *novos videntes* são completamente diferentes. Mantêm seus *pontos de aglutinação* ao longo da seção central da faixa do homem. Se o *deslocamento* é pequeno, como a mudança para a *consciência intensificada*, o *sonhador* é quase como qualquer outra pessoa na rua, exceto por uma ligeira vulnerabilidade às emoções, tais como medo ou dúvida. Mas, a certo grau de profundidade, o *sonhador* que está *deslocando* ao longo da seção central torna-se uma *bolha de luz*. Uma *bolha de luz* é o *corpo do sonhador* dos *novos videntes*.[7:236]

Um *corpo sonhador* tão impessoal é mais receptivo à compreensão e ao exame, que são a base de tudo que os *novos videntes* fazem. O *corpo sonhador* intensamente humanizado dos *antigos videntes* levou-os a procurar respostas que eram igualmente pessoais, humanizadas.[7:236]

A energia aprisionada dentro de nós, nas *emanações* dormentes, tem uma força imensa e um alcance incalculável. Podemos estimar apenas vagamente o alcance dessa tremenda força, considerando que a energia envolvida em perceber e agir no mundo da vida cotidiana é produto do *alinhamento* de cerca de apenas um décimo das *emanações* contidas no casulo do homem.[7:239]

> O que acontece no momento da *morte* é que toda essa energia é liberada de uma só vez. Nesse momento, os seres vivos *vêem*-se inundados pela força mais inconcebível. Não é a *força rolante* que quebrou as suas *fendas*, porque essa *força* nunca penetra no interior do casulo. Apenas faz com que entre em colapso. O que os inunda é a força de todas as *emanações* que são subitamente *alinhadas* depois de estarem dormentes por toda uma vida. Não existe outra saída para uma força tão gigantesca senão escapar através da *fenda*.[7:239]

11.3 Entre a vida e a morte

> A idéia da *morte* é de importância monumental na vida de um *feiticeiro*. Mostrei-lhe coisas inumeráveis a respeito da *morte* para convencê-lo de que o *conhecimento* de nosso fim pendente e inevitável é o que nos dá *sobriedade*. Nosso engano mais caro como homens comuns é não se importar com o senso de imortalidade. É como se acreditássemos que, se não pensássemos a respeito da *morte*, nos pudéssemos proteger dela.[8:116]

Sem uma *visão* clara da *morte*, não há ordem, nem *sobriedade*, nem beleza. Os *feiticeiros* lutam para ganhar essa *percepção* crucial de modo a ajudá-lo a perceber no nível mais profundo possível que não têm segurança sequer de que suas vidas continuarão além do momento. Essa *percepção* dá aos *feiticeiros* a coragem de serem pacientes e no entanto entrarem em ação, coragem de *aquiescer* sem serem estúpidos.[8:116]

A *morte* não é um inimigo, embora cause essa sensação. A *morte* não é nosso destruidor, embora pensemos que seja.[8:118]

Os *feiticeiros* consideram a *morte* como o único oponente valoroso que temos. A *morte* é nosso desafiante. Nascemos para aceitar este desafio, homens comuns ou *feiticeiros*. Os *feiticeiros* sabem a respeito; os homens comuns não.[8:118]

A vida é o processo pelo qual a *morte* nos desafia. A *morte* é a força ativa. A vida é a arena. E nessa arena há apenas dois contendores em qualquer época: o próprio indivíduo e a *morte*.[8:118]

Somos passivos. Pense a respeito. Se nos movemos, é apenas quando sentimos a pressão da *morte*. A *morte* estabelece o ritmo de nossas ações e sentimentos e empurra-nos incansavelmente até que nos quebra e ganha o prêmio, ou então nos elevamos acima de todas as possibilidades e derrotamos a *morte*.

Os *feiticeiros* derrotam a *morte* e a *morte* reconhece a derrota, deixando que os *feiticeiros* partam livres, para nunca mais serem desafiados.[8:118]

[Isso] significa que o pensamento deu uma *cambalhota para o inconcebível*. É a *descida do espírito*; o ato de quebrar nossas barreiras perceptíveis. É o momento no qual a *percepção* do homem atinge seus limites. Os *feiticeiros* praticam a arte de enviar escoteiros; *batedores* avançados, para testar nossos limites perceptíveis.[8:119]

11.4 Opção oculta para a morte

A morte dos seres humanos tem uma opção oculta. É algo como uma cláusula num documento legal, uma cláusula que é escrita em letras muito pequenas que mal se consegue enxergar. Você precisa usar uma lente de aumento para ler, porém é a claúsula mais importante do documento.[12:236]

A *opção oculta para a morte* é exclusiva dos *feiticeiros*. Eles são os únicos, que eu saiba, que leram as letrinhas. Para eles, a opção é pertinente e funcional. Para os seres humanos comuns, morte significa o fim de sua *consciência*, o fim de seu organismo. Para os *seres inorgânicos*, morte significa o mesmo: o fim de sua *consci-*

ência. Em ambos os casos, o *impacto da morte* é o ato de ser sugado para o *mar escuro da consciência* [para o bico da *Águia*]. As suas *consciências* individuais, carregadas com as experiências de vida, quebram as suas fronteiras, e a *consciência* enquanto energia se perde no *mar escuro da consciência.*[12:236]

No momento de morrer os *feiticeiros* não são aniquilados pela *morte*, mas transformados em *seres inorgânicos*: seres que têm *consciência*, mas não um organismo. Para eles, serem transformados em um *ser inorgânico* é evolução e isso significa que um novo tipo indescritível de *consciência* lhes é emprestado, uma *consciência* que permanecerá por verdadeiramente milhões de anos, mas que algum dia também precisará ser devolvida ao doador: o *mar escuro da consciência* (ou a *Águia*].[10:114]

Minha *sobriedade* como um *feiticeiro* me diz que a *consciência* deles terminará da maneira como a *consciência* dos *seres inorgânicos* termina, mas eu não vi isso acontecer. Não tenho um conhecimento de primeira mão sobre isso. Os *feiticeiros antigos* acreditavam que a *consciência* desse tipo de *ser inorgânico* duraria o tempo que a Terra estiver viva. A Terra é a matriz deles. Enquanto ela prevalecer, sua *consciência* continua. Para mim, essa é uma afirmação bem razoável.[12:237]

Para um *feiticeiro*, a *morte* é um fator unificador. Em vez de desintegrar o organismo, como comumente acontece, a morte o unifica.[12:236]

A *morte* para um *feiticeiro* termina o reino dos temperamentos individuais no corpo. Os *feiticeiros antigos* acreditavam que era o domínio de diferentes partes do corpo que regiam os temperamentos e as ações do corpo total; partes que se tornaram disfuncionais arrastavam o resto do corpo para o caos, como, por exemplo, quando você fica doente por comer porcaria. Nesse caso, o estado do seu estômago afeta todo o resto. A *morte* erradica o domínio dessas partes individuais. Ela unifica a sua *consciência* em uma única unidade.[12:236]

Para os *feiticeiros*, a *morte* é um ato de unificação que emprega cada parte da energia deles. Você está pensando na *morte* como um cadáver à sua frente, um corpo que começa a se decompor. Para os *feiticeiros*, quando o ato de unificação ocorre, não há cadáver. Não há decomposição. Seus corpos, na sua totalidade, se transformaram em energia, e a energia que possui *consciência* não é fragmentada. Os limites que são causados pelo organismo são interrompidos pela *morte* e ainda estão funcionando no caso dos *feiticeiros*, apesar de não serem mais visíveis a olho nu.[12:237]

Os *seres inorgânicos* do nosso *mundo gêmeo* têm sido intrinsecamente inorgânicos desde o início, do mesmo modo como temos sido sempre intrinsecamente *seres orgânicos*, também desde o início. Eles são seres cuja *consciência* pode evoluir exatamente

como a nossa, e sem dúvida o faz, mas não tenho nenhum conhecimento direto de como isso acontece. Entretanto o que sei é que um ser humano cuja *consciência* evoluiu é um *ser inorgânico brilhante*, luminescente e arredondado de um tipo especial.[10:115]

Sei que você está morrendo de vontade de me perguntar se o que estou descrevendo é a alma que vai para o céu ou para o inferno. Não, não é a alma. O que acontece com os *feiticeiros*, quando eles escolhem essa *opção oculta da morte*, é que eles se tornam *seres inorgânicos*, muito especializados, *seres inorgânicos* de alta velocidade, seres capazes de manobras estupendas de *percepção* [como, por exemplo, o acompanhamento desta *compilação*]. Os *feiticeiros* entram então no que os [*feiticeiros dos tempos antigos*] chamavam de sua *viagem definitiva*. O *infinito* se torna seu reino de ação.[12:237]

CAPÍTULO 12

A ÚLTIMA TAREFA

O *infinito* está reivindicando você. Qualquer meio que ele utilizar para lhe apontar isso não pode ter outra razão, outra causa, outro valor senão esse. O que você deve fazer, entretanto, é se preparar para o *ataque do infinito*. Você deve estar num estado de preparação contínua para receber esse golpe de enorme magnitude. Essa é a maneira sã, *sóbria*, na qual os *feiticeiros* enfrentam o *infinito*.[12:214]

Uma vez que você entre no *infinito*, não pode depender de [ninguém] para trazê-lo de volta. Sua decisão é necessária então. Somente você pode decidir se volta ou não. Também devo preveni-lo de que poucos *guerreiros* sobrevivem a esse tipo de encontro com o *infinito*. O *infinito* é incrivelmente sedutor. Um *guerreiro* descobre que voltar ao mundo da desordem, da compulsão, do barulho e da dor é um assunto nada atraente. Você deve saber que a sua decisão de permanecer ou voltar não é uma questão de escolha racional, mas uma questão de *intentá*-la.[12:291]

Se você escolher não voltar, desaparecerá como se a terra o tivesse engolido. Mas se escolher retornar, deve apertar os cintos e esperar como um verdadeiro *guerreiro-viajante* até que sua tarefa, seja ela qual for, esteja terminada, com sucesso ou com fracasso.[12:291]

O acordo é você permanecer na *consciência* do mundo cotidiano. [É tempo de] você realizar uma tarefa concreta, o último elo de uma longa cadeia; e deve fazê-lo no seu melhor espírito racional.[12:292]

O suporte principal do *guerreiro* é a humildade e a eficiência, agindo sem esperar nada e agüentando tudo o que se colocar à sua frente.[12:292]

Nós estamos sós. Essa é a nossa condição, mas *morrer* só não é morrer em solidão.[12:293] Esqueça o *eu*, e você não terá medo de nada, qualquer que seja o *nível de consciência* em que se encontre.[12:318]

A grande questão para nós, homens, é a nossa fragilidade. Quando nossa *consciência* começa a crescer, ela cresce como uma coluna, bem no meio de nosso ser luminoso, vindo da terra para cima. Essa coluna deve atingir uma altura considerável antes de podermos confiar nela. Nesse ponto de sua vida, como *feiticeiro*, você facilmente perde o domínio da sua *nova consciência*. Quando você faz isso, esquece tudo o que fez e *viu* no *caminho do guerreiro-viajante*, porque sua *consciência* retorna à *consciência* da sua vida cotidiana. Expliquei a você que a tarefa de todo *feiticeiro* homem é reivindicar tudo

que fez e *viu* no *caminho do guerreiro-viajante,* enquanto estava em outros novos *níveis de consciência*. O problema de cada *feiticeiro* homem é que ele facilmente se esquece, porque sua *consciência* perde o novo nível e cai por terra prontamente.[12:293]

[Um axioma de *feiticeiros* diz que] os *guerreiros* pagam elegantemente, generosamente e com inigualável facilidade cada favor, cada serviço prestado a eles. Dessa maneira, livram-se do peso de estar endividados.[12:294]

Digamos o seguinte. Para que eu possa deixar esse mundo e enfrentar o *desconhecido*, preciso de toda a minha força, toda a minha paciência, toda a minha sorte; porém, acima de tudo, preciso de cada pedaço dos nervos de aço de um *guerreiro*. Para permanecer aqui e *viajar* como um *guerreiro-viajante*, você precisa de tudo o que eu mesmo preciso. Aventurar-se aí fora, como vamos fazer, não é brincadeira, como também não é brincadeira permanecer aqui.[12:317]

Nunca vamos estar juntos de novo. Você não precisa mais de minha ajuda; e eu não quero oferecê-la a você, porque se você vale o pão que come como um *guerreiro*, [me desdenhará] por oferecer-lhe isso. Depois de um certo ponto, a única alegria de um *guerreiro* é estar só. Não gostaria tampouco que você me ajudasse. Uma vez que eu partir, terei ido embora. Não pense em mim, pois eu não pensarei em você. Se for um *guerreiro* digno, seja impecável! Cuide de seu mundo. Honre-o; guarde-o com a sua vida![12:318]

Tudo que [fizer] deverá ser um *ato de feitiçaria*. Um ato livre de expectativas invasoras, de medo de falhar, de esperanças de sucesso. Livre do culto do *eu*; tudo o que [fizer] deverá ser improvisado, um trabalho de magia onde [estará aberto] livremente para os *impulsos do infinito.*[12:215]

Chegou a hora de você acertar certas dívidas que fez durante a vida. Não que você vá pagar tudo por inteiro, não, mas deve fazer um gesto. Deve fazer um pagamento simbólico para reparar, para apaziguar o *infinito*.[12:161]

Essa tarefa de pagar as suas dívidas não é guiada por nenhum *sentimento* que você conheça. É guiada pelo *sentimento* mais puro, o *sentimento* do *guerreiro-viajante* que está prestes a mergulhar no *infinito*, e um pouco antes ele se volta e agradece àqueles que lhe fizeram favores.[12:162]

Você deve enfrentar essa tarefa com toda a seriedade que ela merece. É a sua última parada antes de o *infinito* engoli-lo. Na realidade, a não ser que um *guerreiro* esteja em um sublime estado de ser, o *infinito* não o tocará por nada nesse mundo. Portanto, não se poupe e não poupe nenhum esforço. Continue impiedosamente, mas com elegância, todo o caminho até o final.[12:162]

12.1 A ENCRUZILHADA FINAL

Agora preciso de sua *atenção total*. *Atenção* no sentido em que os *guerreiros* entendem a *atenção*: uma pausa verdadeira, a fim de permitir que a *explicação dos feiticeiros* [para o *domínio da consciência*] o inunde plenamente. Estamos no fim de nosso trabalho; toda a instrução necessária já lhe foi ministrada e agora você tem de parar, olhar para trás e reconsiderar seus passos. Dizem os *feiticeiros* que este é o único meio de consolidar os lucros.[4:204]

Já lhe disse inúmeras vezes que é necessária uma mudança muito drástica se você quiser ter sucessos no *caminho do conhecimento*. Essa mudança não é uma mudança de estado de espírito, nem de atitude, nem de ponto de vista; essa mudança implica a transformação da *ilha* do *tonal.*[4:204]

Precisamente neste ponto, um mestre geralmente diria ao discípulo que chegaram a uma encruzilhada final. Mas dizer uma coisa dessas é enganador. Em minha opinião, não existe encruzilhada final, nem passo final para nada. E como não há passo final para nada, não devia haver segredo algum sobre qualquer parte de nosso destino como *seres luminosos*. O *poder pessoal* resolve quem pode ou não pode lucrar com uma revelação; minhas experiências com meus semelhantes me provaram que muito poucos entre eles estariam dispostos a escutar; e dentre esses poucos que escutam, um número menor ainda estaria disposto a agir segundo o que escutou; e dentre os que estão dispostos a agir, menos ainda têm suficiente *poder pessoal* para aproveitar seus atos. Assim, o assunto de segredo sobre a *explicação dos feiticeiros* resume-se numa rotina, talvez uma rotina tão vazia quanto qualquer outra. De qualquer forma, você agora sabe a respeito do *tonal* e do *nagual*, que são a essência da *explicação dos feiticeiros*. Saber a respeito deles parece ser bastante inócuo.[4:205]

[Este é o momento de abrir a porta do *infinito.*] Mas antes de nos aventurarmos além deste ponto, é necessária uma advertência justa; um mestre deve falar em termos sérios e avisar o discípulo de que a inocência e placidez deste momento são uma miragem, que há um abismo sem fundo diante dele, e que, uma vez aberta a porta, não há jeito de tornar a fechá-la.[4:205]

O que acontecerá [de hoje em diante] depende de se você tem ou não suficiente *poder pessoal* para focalizar a sua *atenção total* sobre as *asas* de sua *percepção*.[4:206]

O *poder* age de acordo com a sua *impecabilidade*. Se você usar seriamente aquelas quatro técnicas [apagar a história pessoal, perder a importância própria, assumir a responsabilidade pelos atos e usar a morte como conselheira], terá armazenado suficiente *poder pessoal* para encontrar um *benfeitor*. Você terá sido impecável e o *[espírito]* terá aberto todas as avenidas necessárias. Essa é a regra.[4:214]

OUTRAS EXPLICAÇÕES
APÊNDICE

A - OS GUERREIROS DA HISTÓRIA

Por GENARO FLORES

Vou contar-lhes a história de um bando de *guerreiros* que viveu em tempos idos nas montanhas, em algum lugar para lá.

Sempre que achavam que um membro daquele bando de *guerreiros* cometia um ato que contrariava os regulamentos, o destino dele era levado à decisão de todos. O culpado tinha de explicar os motivos que o levaram a fazer o que fizera. Os camaradas tinham de escutá-lo; e depois, ou eles debandavam, por terem achado seus motivos convincentes, ou se enfileiravam com suas armas na orla de uma montanha plana... prontos para executar a sentença de morte, por terem julgado os motivos inaceitáveis. Nesse caso, o *guerreiro condenado* tinha de despedir-se de seus velhos camaradas e iniciava-se sua execução.[4:250]

Na montanha da história, havia uma fileira de árvores. Além [dela] localizava-se uma floresta cerrada. Depois de se despedir de seus camaradas, o *guerreiro condenado* devia começar a descer a encosta em direção às árvores. Seus camaradas então engatilhavam as armas e as apontavam para ele. Se ninguém atirasse, ou se o espírito do *guerreiro* sobrevivesse aos ferimentos e alcançasse a orla das árvores, estaria livre.[4:251]

Dizem que houve homens que conseguiram sair ilesos. Digamos que seu *poder pessoal* afetou seus camaradas. Uma onde percorreu-os enquanto faziam mira sobre ele e ninguém ousou usar a arma. Ou talvez estivessem assombrados com a bravura dele e não conseguiram fazer-lhe mal.[4:251]

Havia uma condição estabelecida para aquela caminhada até a orla das árvores. O *guerreiro* tinha de andar calmamente, sem se alterar. Seus passos tinham de ser seguros e firmes, seu olhar devia estar fixo em frente, em paz. Ele tinha de descer sem tropeçar, sem virar para trás e sobretudo sem correr.[4:251]

Se você resolver voltar a esta terra terá de esperar como verdadeiro *guerreiro* ate que suas tarefas estejam cumpridas. Essa espera parece muito com a caminhada do *guerreiro* da história. Entenda: o *guerreiro* tinha acabado o tempo humano, e você também. A única diferença é quem esta mirando sobre você. Aqueles que estavam mirando o *guerreiro* eram seus camaradas *guerreiros*. Mas o que está mirando você é o *desconhecido*. [4:252]

A única chance de você é a sua *impecabilidade*. Deve esperar sem olhar para trás. Deve esperar sem contar com recompensas. E deve dedicar todo o seu *poder pessoal* a cumprir suas tarefas. Se você não agir *impecavelmente*, se começar a se afligir e ficar impaciente e desesperado, será arrasado impiedosamente pelos *atiradores do desconhecido*. Se, por outro lado, sua *impecabilidade* e seu *poder pessoal* forem tais que você seja capaz de cumprir suas tarefas, então conseguirá a *promessa do poder*. É uma *promessa* que o *poder* faz aos homens como *seres luminosos*. Cada *guerreiro* tem um destino diferente, de modo que não há meio de dizer qual será essa *promessa*.[4:252]

Você aprendeu que a espinha dorsal de um *guerreiro* é ser humilde e eficiente. Aprendeu a agir sem nada esperar por recompensa. Agora eu lhes digo que, a fim de suportar o que tem pela frente, além deste dia, você precisará de toda a *paciência* possível.[4:252]

B - VIVENDO COM OS SERES INORGÂNICOS

Pelo EMISSÁRIO DO SONHO DE CASTAÑEDA

Você está dentro de um *ser inorgânico*. Escolha um túnel e poderá até mesmo viver nele. Isto é, se você quiser.[9:107]

Existem vantagens infinitas para você. Pode viver em quantos túneis quiser. E cada um deles irá ensinar uma coisa diferente. Os feiticeiros da antigüidade viveram assim e aprenderam coisas maravilhosas.[9:107]

Você é apenas uma *bolha de energia*. E está flutuando dentro de um *ser inorgânico*. É assim que o *batedor* deseja que você se movimente neste mundo. Quando o tocou, ele mudou-o para sempre. Agora você é praticamente um de nós. Se quiser ficar aqui, basta verbalizar seu *intento*. [9:107]

Os *feiticeiros antigos* aprenderam tudo que podiam sobre *sonhar* ficando aqui conosco. Eles aprenderam tudo apenas vivendo dentro dos *seres inorgânicos*. Para viver dentro deles, tudo que os *feiticeiros antigos* precisavam era dizer isso; do mesmo modo que para chegar aqui bastou você verbalizar o seu *intento*, alto e claro.[9:108]

Acho que você vai se *sentir* mais confortável se engatinhar, em vez de voar. Você também pode mover-se como uma aranha ou uma mosca, para cima, para baixo, ou de cabeça para baixo.[9:108]

Nesse mundo você não precisa ficar preso pela gravidade. Também não precisa respirar. E, só para sua conveniência, pode manter a *visão* e *ver* como *vê* em seu mundo. A *visão* nunca é prejudicada, de modo que o *sonhador* sempre fala sobre o *sonhar* em termos do que *vê*.[9:108-109]

Somos a unidade móvel de nosso mundo. Não tenha medo. Somos energia, e certamente não pretendemos tocá-lo. De qualquer modo seria impossível. Estamos separados por fronteiras reais.[9:130]

Queremos que você se junte a nós. Venha até onde estamos. E não fique tão constrangido. Você não fica constrangido com os *batedores* nem comigo. Os *batedores* e eu somos exatamente como os outros. Eu tenho forma de sino, e os *batedores* são como chamas de velas. [9:130]

Este é o *mundo das sombras*. Mas apesar de sermos sombras, espalhamos luz. Não somos apenas móveis, mas somos a luz nos túneis. Somos outro tipo de *ser inorgânico* que existe aqui. Existem três tipos: um é como um *túnel imóvel*, o outro como uma *sombra móvel*. Nós somos as *sombras móveis*. Os túneis nos dão sua energia, e nós cumprimos as ordens deles. O terceiro tipo só é revelado aos nossos visitantes quando eles decidem ficar conosco. Porque é necessária uma grande quantidade de energia para *vê*-los. E nós teríamos de dar essa energia.[9:132]

O *sonhar* é o veículo que traz os *sonhadores* até este mundo. E tudo que os *feiticeiros* sabem sobre o *sonhar* foi ensinado por nós. Nosso mundo é conectado ao seu por uma porta chamada *sonho*. Nós sabemos como atravessar essa porta, mas os homens não. Eles precisam aprender.[9:135]

C - Princípios básicos da arte de espreitar

Por Florinda Matus

Só um mestre em *espreita* pode ser um mestre em *loucura controlada*. A *loucura controlada* não significa o estudo das pessoas. Significa que os *guerreiros* aplicam os sete princípios básicos da arte de *espreitar* a tudo o que fazem, desde os atos mais simples até situações sérias de vida e de morte. A aplicação desses princípios redunda em três resultados. O primeiro é que os *espreitadores* aprendem a nunca se levarem a sério; aprendem a rir de si próprios. Se não se importam de parecer bobos, podem enganar a qualquer um. O segundo é que aprendem a ter uma paciência sem fim. Nunca estão com pressa, nunca se desesperam. E o terceiro é que aprendem a desenvolver uma capacidade infinita de improvisação.[6:231]

Os *guerreiros* não têm o mundo para os amortizar, portanto necessitam do regulamento. No entanto, o regulamento dos *espreitadores* se aplica a todos. O primeiro preceito do regulamento é que tudo que nos rodeia é de um mistério insondável. O segundo preceito é que devemos tentar desvendar esses mistérios, mas sem esperar jamais conseguir isso. O terceiro, é que um *guerreiro*, ciente dos mistérios insondáveis que o cercam e ciente do seu dever de tentar desvendá-los ocupa seu lugar certo entre os mistérios e *vê* a si mesmo como um deles. Conseqüentemente, para um *guerreiro*, o mistério de ser não tem fim, seja ser uma pedra, uma formiga ou ele próprio. Essa é a humildade de um *guerreiro*. Uma pessoa é igual a tudo.[6:222]

O primeiro princípio da arte de *espreitar* é que os *guerreiros* escolhem seu campo de batalha. Um *guerreiro* nunca entra na batalha sem saber o que o cerca. Descartar tudo o que for necessário é o princípio da arte de *espreitar*.[6:221]

Não complique as coisas. Tente ser simples. Use toda a concentração de que é capaz para decidir se entra ou não na batalha, pois toda batalha é uma batalha pela vida. [É o segundo princípio][6:223]

Este é o terceiro princípio da arte de espreitar: o *guerreiro* tem de estar disposto e pronto a tomar sua última posição a um certo momento. Mas não de um modo atabalhoado.[6:223]

Relaxe, solte-se, não tenha medo de nada. Só então os *poderes* que nos guiam abrem o caminho e nos ajudam. Só então. [Este é o quarto princípio.]

Quando confrontados com coisas com que não conseguem lidar, os *guerreiros* se retraem por um instante. Deixam a cabeça se soltar, usando o tempo para outra coisa. Qualquer coisa serve. [Este é o quinto princípio.][6:223]

O sexto princípio: os *guerreiros* condensam o tempo; até mesmo um instante é preciso. Numa batalha pela vida, um segundo é uma eternidade, eternidade essa que pode decidir o resultado final. Os *guerreiros* esperam ter êxito, portanto condensam o tempo. Não desperdiçam nenhum minuto.[6:223]

O sétimo é: um *espreitador* nunca se põe à frente das coisas. Para aplicar o sétimo princípio da arte de *espreitar*, tem-se de aplicar os outros seis.[6:230-231]

D - Intentar na segunda atenção

Pelo Desafiador da Morte

> A *segunda atenção* tem tesouros infinitos para ser descobertos. O posicionamento inicial em que o *sonhador* coloca seu corpo é de importância vital. E exatamente nisso está o segredo dos *feiticeiros antigos*, que já eram antigos na minha época. Pense nisso.[9:253]

Os dons proporcionados aos [mestres-feiticeiros] desta linhagem têm a ver com o que os *feiticeiros antigos* chamavam de *posições gêmeas*. Isto é, a posição inicial em que o *sonhador* coloca o corpo para começar a *sonhar* é espelhada pela posição em que ele coloca o *corpo energético*, nos *sonhos*, para *fixar* seu *ponto de aglutinação* em qualquer local de sua escolha. As duas posições formam uma unidade. Os *feiticeiros antigos* levaram milhares de anos para descobrir o relacionamento perfeito entre duas posições quaisquer. Os *feiticeiros de hoje em dia* nunca terão tempo nem disposição para fazer todo esse trabalho. Os homens e mulheres desta linha são felizardos por [me] terem para dar esses dons.[9:253]

> Não existe lá fora. Isto é um *sonho* [...] no *quarto portão de sonhar*, *sonhando* meu *sonho*.[9:255]

> [Minha arte é] ser capaz de projetar o *intento*. Esse é um dos mistérios de *intentar* na *segunda atenção* as *posições gêmeas do sonhar.* Pode ser feito, mas não pode ser explicado ou compreendido.[9:256]

[Venho] de uma linha de *feiticeiros* que sabem como se movimentar na *segunda atenção* projetando seu *intento*. Os *feiticeiros* de [minha] linha praticam a arte de projetar seus pensamentos no *sonhar*, com o objetivo de realizar a reprodução fiel de qualquer objeto, estrutura, paisagem ou cenário de sua escolha. Os *feiticeiros* de [minha linha] costumam começar olhando para um objeto simples, memorizando cada detalhe. Em seguida fecham os olhos, visualizam o objeto e corrigem sua visualização comparando com o objeto real, até que possam *vê*-lo em sua totalidade, com os olhos fechados.[9:256]

A etapa seguinte [nesse] esquema de desenvolvimento é *sonhar* com o objeto e criar no *sonho*, do ponto de vista de sua percepção, uma materialização total do objeto. Esse ato é chamado de *primeiro passo para a percepção total.* A partir de um objeto simples, [os] *feiticeiros* passam a usar itens cada vez mais complexos. Seu objetivo final é todos juntos visualizarem um mundo inteiro; em seguida *sonhar* esse mundo e, assim, recriar um lugar totalmente verídico onde podem existir.[9:256]

> Quando algum dos *feiticeiros* de minha linha consegue fazer isso, ele pode colocar qualquer pessoa em seu *intento*, em seu *sonho*. É isso que estou fazendo agora com você, e o que fiz com todos os [mestres-feiticeiros desta] linha.[9:256]

É perigoso atravessar o *quarto portão [de sonhar*] e *viajar* para lugares que só existem no *intento* de outra pessoa, já que cada item de um *sonho* desses é um item absolutamente pessoal. O único meio de ter controle absoluto sobre os *sonhos* é usando a técnica das *posições gêmeas*. Simplesmente é assim. Como tudo.[9:257]

> Juan Matus não gosta dos *feiticeiros antigos* em geral, e de mim em particular. Tudo que precisamos fazer, para *ver* nos *sonhos*, é apontar o dedo mindinho para o item que desejamos ver. Fazer você gritar assim em meu *sonho* é o modo dele mandar sua mensagem. Claro que gritar feito um idiota também funciona.[9:258]

> [Estamos *sonhando*]. Mas este *sonhar* é mais real do que o outro, porque você está me ajudando. Não é possível explicar como isso acontece. Lembre-se sempre do que eu disse: este é o mistério de *intentar* na *segunda atenção*.[9:262]

E - Os ventos são mulheres

Por Dona Soledade

Uma mulher é muito mais flexível do que um homem. A mulher se modifica muito facilmente, com o poder de um *feiticeiro*. Um aprendiz homem é extremamente difícil. A mulher é mais delicada e mais mole, e acima de tudo a mulher é como uma cabaça, ela recebe. Mas, não sei porque, o homem consegue maior *poder* [ainda que] as mulheres sejam inigualáveis, o máximo.[5:36]

[A mulher saltar no abismo é inútil porque] as *guerreiras* têm de fazer coisas mais dolorosas e mais difíceis do que isso.[5:37]

As mulheres são melhores do que os homens, nesse sentido. Não têm de saltar num abismo. As mulheres têm suas coisas próprias. Tem o seu próprio abismo. As mulheres têm menstruação. Esta é a porta para elas. Durante a menstruação, elas se tornam outra coisa.[5:39]

[As mulheres devem prestar atenção] a tudo quanto lhes acontece naquele período. Nesses dias, [pode-se *ver* e abrir] a *fresta entre os mundos*. Existe uma fresta nas mulheres, uma fresta que elas disfarçam muito bem. Durante a menstruação, por melhor que seja o disfarce, ele cai e as mulheres ficam despidas.[5:40]

Todos nós em nossas vidas, criamos uma direção na qual olhamos. Essa se torna a direção dos *olhos do espírito*. Com os anos, essa direção torna-se gasta com o uso, fraca e desagradável e, como estamos presos àquela determinada direção, também nos tornamos fracos e desagradáveis.[5:32]

Cada uma de nós, mulheres, tem uma direção especial, um *vento especial*. Os homens não. Uma *guerreira* pode usar seu *vento especial* para o que bem entender.[5:28]

[O *vento* nos diz o que fazer.] O *vento* move-se dentro do corpo de uma mulher. É assim porque as mulheres têm útero. Uma vez dentro do útero, o *vento* nos pega e diz para fazermos as coisas. Quanto mais sossegada e descontraída a mulher, melhores os resultados. Pode-se dizer que de repente a mulher começa a fazer coisas que não sabia absolutamente fazer.[5:34]

Os quatro ventos

Há quatro *ventos*, assim como há quatro direções. Isso, claro, é para os *feiticeiros* e o que fazem os *feiticeiros*. Quatro para eles é um número de *poder*.

O primeiro *vento* é a *brisa*, a manhã. Traz a esperança e a luz: é o arauto do dia. Vem e vai e entra em tudo. Às vezes é suave e passa despercebido; outras vezes é insistente e aborrecido.

Outro *vento* é o *vento duro*, ou quente ou frio, ou ambos. Um *vento* do meio-dia. Soprando cheio de energia mas também cheio de cegueira. Passa através das portas e derruba paredes. Um *feiticeiro* tem de ser muito forte para lidar com o *vento duro*.

Depois temos o *vento frio da tarde*. Triste e difícil. Um *vento* que nunca quer nos deixar em paz. Esfria a pessoa e a faz chorar. Ele tem tal profundidade e vale a pena procurá-lo.

E por fim há o *vento quente*. Aquece e protege e envolve tudo. É um *vento da noite* para os *feiticeiros*. O *poder* dele anda junto com as trevas.

São esses os quatro *ventos*. Também estão ligados aos quatro pontos cardeais. A *brisa* é o leste. O *vento frio* é o oeste. O *vento duro* é o norte. O *quente* é o sul.

Os quatro ventos também têm personalidades. A *brisa* é alegre, insinuante, astuta. O *vento frio* é temperamental, melancólico e sempre pensativo. O *vento quente* é feliz, largado e saltitante. O *vento duro* é enérgico, dominador e impaciente.[5:35]

Os *ventos* são mulheres. É por isso que as *guerreiras* os procuram. Os *ventos* e as mulheres são iguais. É por isso também que as mulheres são melhores do que os homens. Eu diria que as mulheres aprendem mais depressa quando se agarram a seu *vento* específico.

Se a mulher sossega e não fica falando consigo, o *vento* dela a apanhará.[5:35]

F - A RODA DO TEMPO

Por **FLORINDA MATUS**

[Quando falamos em *tempo* não nos referimos] ao tempo medido pelo movimento do relógio. O *tempo* é a essência da *atenção*, as *emanações da Águia* são feitas de *tempo*; e, provavelmente, quando se entra em qualquer aspecto do outro *eu*, trava-se conhecimento com [a *roda do tempo*].

A *roda do tempo* é como um estado de elevada conscientização, parte do outro *eu* da vida diária, e pode ser descrita fisicamente como um túnel de comprimento e largura infinitos, com sulcos de reflexão. Cada sulco é infinito, e há um número infinito deles. As criaturas vivas são necessariamente feitas, por força da vida, para olhar para dentro de um sulco. Olhar para dentro dele significa ficar preso a ele, viver nele.[6:242]

O que os *guerreiros* chamam de *vontade* pertence à *roda do tempo*. É como o caule de uma parreira, ou um tentáculo intangível que todos nós temos. O objetivo final de um *guerreiro* é aprender a focalizar [sua *vontade*] na *roda do tempo* a fim de fazê-la girar. Os *guerreiros* que conseguem girar a *roda do tempo* podem olhar para dentro do sulco e tirar dele tudo o que desejarem.[6:242]

> Ficar preso obrigatoriamente num sulco de tempo implica *ver* imagens daquele sulco só quando elas retrocedem. Estar livre da *força feiticeira* desses sulcos significa poder-se olhar nas duas direções, na das imagens que retrocedem e das imagens que se aproximam.[6:242]

Vista dessa maneira, a *roda do tempo* é uma influência poderosa que atinge a vida do *guerreiro* – e além dela, como é o caso [desta *compilação*]. [As citações parecem ligadas por uma conexão semelhante a uma mola que tem vida própria.] Essa conexão é a *roda do tempo*.[11:16]

G - A FORMA HUMANA

Por MARIA HELENA "LA GORDA"

Um *feiticeiro* é um *tolteca* quando recebeu os mistérios de *espreitar* e *sonhar*.[5:180]

O mundo dos homens sobe e desce e as pessoas sobem e descem com seu mundo; como *feiticeiros*, não temos nada de acompanhá-los em suas subidas e descidas. A *arte dos feiticeiros* é estar por fora de tudo e passar despercebido. E mais que tudo, a *arte dos feiticeiros* é nunca desperdiçar seu *poder*. [5:180]

Seguramos as imagens do mundo com a nossa *atenção*. Um *feiticeiro* homem é muito difícil de treinar porque a *atenção* dele está sempre fechada, focalizada sobre alguma coisa. A mulher, ao contrário, está sempre aberta porque a maior parte do tempo ela não focaliza sua *atenção* sobre nada. Especialmente durante a menstruação. Durante aquele período [pode-se] libertar a *atenção* das imagens do mundo. Se não focalizar a *atenção* sobre o mundo, o mundo desmorona.[5:181]

Um *guerreiro* deve largar a *forma humana* a fim de se modificar, modificar-se de verdade. Se não, só fala em modificar. É inútil pensar ou esperar que se possa mudar os hábitos. Não podemos mudar nada, enquanto nos agarrarmos à *forma humana*. Um *guerreiro* sabe que não pode mudar, e no entanto trata de mudar, mesmo que saiba que não o poderá fazer. É essa a única vantagem que um *guerreiro* tem sobre o homem comum. O *guerreiro* nunca se decepciona quando não consegue mudar.[5:118]

Os *guerreiros*, tanto homens como mulheres, devem ser impecáveis em seus esforços para mudar, a fim de assustar a *forma humana* e expulsá-la. Depois de anos de impecablidade chega um momento em que a *forma humana* não pode suportar mais e parte. Ao fazer isso, claro, prejudica o corpo e pode até fazê-lo morrer, mas um *guerreiro* impecável sempre sobrevive.[5:129]

Perder a *forma humana* traz liberdade. A liberdade de lembrar-se de si próprio. Perder a *forma humana* é como que uma espiral. Dá a você a liberdade de lembrar, e isso por sua vez o faz ainda mais livre.[6:54]

[A propósito, a *forma humana,* que não é o *molde humano* ou *divino* que nos aglomera, é] uma coisa gomosa, uma força gomosa que nos torna as pessoas que somos. A *forma humana* não tem forma. Como os *aliados*, é qualquer coisa, mas a despeito de não ter forma, ela nos possui durante as nossas vidas e não nos larga até a morte.[5:117]

A forma humana é uma força. E o molde humano é... bem... um molde. Tudo tem um molde especial. As plantas têm moldes, os animais têm moldes, os vermes têm moldes.[6:115]

Tudo tem de ser peneirado através de nossa *forma humana*. Quando não tivermos forma, então nada tem forma e no entanto tudo está presente.[5:119]

Tudo no mundo é uma força, um puxão ou um empurrão. A fim de sermos puxados ou empurrados temos de ser como uma vela, como um papagaio ao vento. Mas se tivermos um buraco no meio de nossa luminosidade [porque não percebemos o *molde humano*], a força sai por ele e nunca age sobre nós.[5:116]

Nossa tarefa é a tarefa de lembrar, não com a cabeça, mas com o corpo. Temos de esperar. Temos de dar a nossos corpos uma chance de encontrar uma solução. Este é o silêncio dos *guerreiros*.[5:53-54]

Um *caçador* apenas *caça*. Um *espreitador espreita* qualquer coisa, inclusive a si mesmo. Um *espreitador* impecável pode transformar qualquer coisa em presa. Podemos *espreitar* até mesmo nossas próprias fraquezas.[5:167]

[Podemos *espreitá*-las] do mesmo modo que você *espreita* a *caça*. Você estuda seus hábitos até conhecer todos os atos de suas fraquezas e depois salta sobre elas e as pega como coelhos dentro de uma gaiola.[5:167]

Mas *espreitar* as suas fraquezas não é suficiente para perdê-las. Você pode *espreitá*-las até o dia do juizo e não vai alterar nada. O que um *guerreiro* precisa mesmo a fim de ser um *espreitador* impecável é ter um propósito.[5:169]

Um *guerreiro* não tem compaixão por ninguém. Ter compaixão significa que você deseja que o outro seja como você, que esteja em seu lugar, e você o ajuda só por isso. A coisa mais difícil do mundo é um *guerreiro* deixar os outros em paz.[5:226]

A impecabilidade do *guerreiro* é deixar os outros como são e apoiá-los no que forem. Isso significa, naturalmente, que você confia que também eles sejam *guerreiros* impecáveis. Então é seu dever ser impecável e não dar uma palavra. Somente um *feiticeiro* que *veja* e não tenha *forma* [*humana*] pode auxiliar alguém. [5:226]

Tudo no mundo de um *guerreiro* depende do *poder pessoal* e o *poder pessoal* depende da *impecabilidade*. Os *guerreiros* sempre têm uma possibilidade, por menor que seja.[5:128]

Um *guerreiro* é alguém que procura a liberdade. Tristeza não é liberdade. Devemos nos libertar dela [com um senso de desprendimento numa pausa momentânea para reavaliar situações].[6:103]

A OBRA DE CARLOS CASTAÑEDA

1 - **A erva do diabo** (The teaching of Dom Juan, 1968). Trad. Luzia Machado da Costa. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1974.

2 - **Uma estranha realidade** (A separate reality, 1971). Trad. Luzia Machado da Costa. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1974.

3 - **Viagem a Ixtlan** (Journey to Ixtlan, 1972). Trad. Luzia Machado da Costa. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1974.

4 - **Porta para o infinito** (Tales of power, 1974). Trad. Luzia Machado da Costa. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1975.

5 - **O segundo círculo do poder** (The second ring of power, 1977). Trad. Luzia Machado da Costa. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1978.

6 - **O presente da Águia** (The eagle's gift, 1981). Trad. Vera Maria Whately. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1981.

7 - **O fogo interior** (The fire from within, 1984). Trad. Antônio Trânsito. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1985.

8 - **O poder do silêncio** (The power of silence, 1987). Trad. Antônio Trânsito. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1989.

9 - **A arte de sonhar** (The art of dreaming, 1993). Trad. Alves Calado. Rio de Janeiro: Ed. Record, Nova Era, 1993.

10 - **Passes mágicos.** *A sabedoria prática dos xamãs do antigo México* (Magical passes, 1998). Trad. Beatriz Penna. Rio de Janeiro: Ed. Record, Nova Era, 1998.

11 - **A roda do tempo.** *Os xamãs do México antigo, seus pensamentos sobre a Vida, a Morte e o Universo.* (The wheel of time, 1998). Trad. Luiz Carlos Maciel. Rio de Janeiro: Ed. Record, Nova Era, 2000.

12 - **O lado ativo do infinito.** *Ensinamentos de dom Juan para enfrentarmos a viagem definitiva* (The active side of infinity, 1998). Trad. Helena Soares Hungria. Rio de Janeiro: Ed. Record, Nova Era, 2001.